



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS –
IFCHS - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA (PPGSCA)



ANTÔNIO LIMA PINTO

A ARTE MARCIAL KARATÊ: para além da luta em Manaus/AM

MANAUS-AM

2018

ANTÔNIO LIMA PINTO

A ARTE MARCIAL KARATÊ: para além da luta em Manaus/AM

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, do Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Amazonas (PPGSCA/IFCHS/UFAM), como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia.

Área de concentração: Processos socioculturais na Amazônia. Linha de pesquisa 2: Redes, Processos e Formas de Conhecimentos.

Orientadora: Professora Doutora Artemis de Araújo Soares

MANAUS-AM
2018

]

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo (a) autor(a).

P659a Pinto, Antônio Lima
A ARTE MARCIAL KARATÊ: para além da luta em Manaus/AM /
Antônio Lima Pinto. 2018
203 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Artemis de Araújo Soares
Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. Karatê. 2. Processo Civilizador. 3. Violência. 4. Corporeidade.
5. Disciplinamento . I. Soares, Artemis de Araújo II. Universidade
Federal do Amazonas III. Título

ANTÔNIO LIMA PINTO

A ARTE MARCIAL KARATÊ: PARA ALÉM DA LUTA EM MANAUS/AM

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, do Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Amazonas (PPGSCA/IFCHS/UFAM), como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia.

Área de concentração: Processos socioculturais na Amazônia. Linha de pesquisa 2: Redes, Processos e Formas de Conhecimentos.

Aprovado em 19 de julho de 2018

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Artemis de Araújo Soares (Presidente)

Universidade Federal do Amazonas

Prof. Dr. Afonso Celso Brandão Nina (Membro)

Universidade Federal do Amazonas

Prof.^a Dra. Heloisa Helena Corrêa da Silva (Membro)

Universidade Federal do Amazonas

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus por me capacitar e me proporcionar a oportunidade de conquistar a esse sonho – a realização do Mestrado no Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia - Universidade Federal do Amazonas (PPGSCA/UFAM);

Agradeço à minha família, em especial às minhas filhas Déborah, Bárbarah e Natasha, que de forma direta e indireta, me deram forças com incentivo e confiança;

Agradeço aos meus alunos de Karatê (faixas pretas Senseis, e dangaes); aos alunos menores de idade e seus respectivos pais ou responsáveis; aos Senseis de outras associações; ao presidente da Federação Amazonense de Karatê (FAK) pela importante contribuição na pesquisa de campo, por suas disponibilidades em me conceder as entrevistas. Nesse mesmo contexto, agradecimento especial aos precursores do Karatê de Manaus, os irmãos faixas pretas Eduardo Monteiro de Paula, Edgar Monteiro de Paula e Doutor Estêvão Monteiro de Paula, por suas espontaneidades em também contribuir com conhecimentos para o resgate da historicidade do Karatê manauara.

Agradeço aos meus chefes imediato e Superintendente, pela oportunidade e incentivo a mim concedidos, como servidor público federal estudante, e pela compreensão por minhas ausências ao trabalho nos dias de aula;

Agradeço aos meus colegas de aula, que sempre estiveram ao meu lado nos momentos do dilema da incompreensão, nas dúvidas sobre as temáticas mais complexas, os quais, espontaneamente ajudaram a encontrar as respostas aos impasses que se apresentavam. Nesse contexto, agradecimentos especiais para as colegas Josiani Oliveira e Thatiana Daou por seu apoio técnico; e minha gratidão à Adriana Uchôa, que sempre esteve disponível em me prestar sua importante e imprescindível colaboração técnica.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas (PPGSCA/UFAM), nas pessoas de suas diretoras, respectivamente Professora Doutora Marilene Corrêa da Silva, ex-diretora e Professora Doutora Iraildes Caldas Torres, atual diretora, pela oportunidade que o referido Programa me proporcionou como aluno para apresentar minha Dissertação, ancorado na teoria do Processo Civilizador, em diálogo com as temáticas sociedade e cultura na Amazônia;

Agradeço a todas e a todos os professores do PPGSCA, que não mediram esforços no sentido de socializar conhecimentos inerentes a ementa do referido Programa, em particular à

Professora Doutora Yoshiko Sasaki pelos ensinamentos sobre a teoria da cotidianidade; ao professor Doutor Odenei de Souza Ribeiro pelos ensinamentos sobre a Amazônia e por sua valiosa contribuição na disseminação de conhecimentos sobre a Amazônia; à Professora Doutora Heloisa Helena Correa da Silva, pelos incentivos para minha inserção no EPPPAC, evento que me oportunizou a defender trabalhos orais (artigos) e ampliar conhecimentos, bem como por sua importante e honrosa contribuição como membro titular em minha banca examinadora;

Agradeço ao Professor Doutor Gláucio Campos Gomes de Matos, por sua disponibilidade e ensinamentos, por ter sido e por continuar sendo meu principal incentivador nesse processo de educação continuada, nos conhecimentos sobre a teoria do Processo Civilizador, desde os momentos da formação dos grupos de estudos, depois como seu aluno especial e posteriormente como aluno regular do Mestrado, e por sua honrosa participação e contribuição como membro titular de minha banca;

Agradeço, também, à Professora Doutora Artemis de Araújo Soares, pelos ensinamentos, por sua disponibilidade em ter me recebido, primeiramente como seu aluno regular dos módulos que estudam a corporeidade, por ela ministrados, posteriormente para fazer parte de seu grupo de estudos e, especialmente, por ter me recebido como seu orientando nessa empreitada intelectual do Mestrado, a qual, por conseguinte, é a presidente de minha banca examinadora.

“O Bambu é firme sem ser rígido. Ele é flexível e se curva durante o vendaval, mas depois que o vendaval passa, ele volta à sua posição original, sem ter sofrido danos. Isso nos mostra que a flexibilidade é a capacidade de se adaptar às circunstâncias da vida, de não ter posturas rígidas, ser maleável, adaptável e aberto a novas possibilidades. Aceitar a não-resistência. Uma árvore rígida quebra-se facilmente com o vento. Somente uma planta flexível consegue se curvar!”

(Clady Sonda)

RESUMO

Este estudo buscou compreender as transformações sociais dos praticantes da arte marcial Karatê, por meio de sua prática, suas normas, princípios e ideais filosóficos e, como estas influenciam no comportamento de seus praticantes. Buscou-se compreender de que maneira a prática dessa disciplina, com seus princípios poderia contribuir no enfrentamento para diminuir a violência, com a construção de uma cultura de controle das emoções, de não-violência, melhorando as interações sociais entre os praticantes e a sociedade em geral, tendo em vista o cenário amazônico, precisamente na cidade de Manaus, onde há alto índice de violência urbana, conforme destaca a mídia. Assim, buscou-se em seus objetivos, geral: investigar a amplitude da influência da arte marcial Karatê na vida dos praticantes federados em Manaus/AM; e específicos: compreender a relação existente entre a prática da arte marcial Karatê e a construção da cultura da não violência em Manaus/AM; verificar como a arte marcial Karatê pode proporcionar melhorias nas interações sociais dos praticantes federados de Manaus; e classificar as motivações que levam à prática do Karatê. Para materializar o que nos propomos a realizar, após embasamento teórico, partimos para pesquisa empírica com a coleta de dados em campo junto aos atores diretamente envolvidos, os praticantes de Karatê federados à Federação Amazonense de Karatê (FAK), enquanto objeto de estudo desta pesquisa, os quais contribuíram com suas experiências e, a partir dessas realizamos as respectivas análises, ancorado com as teorias, notadamente a do processo civilizador, de Norbert Elias. Portanto, trata-se de um estudo multidisciplinar embasado nos saberes da Psicologia, da Sociologia, da Antropologia e outras áreas das Ciências Humanas. Quanto aos benefícios, os teóricos em diálogos com os praticantes dessa disciplina elencam a psicomotricidade com o desenvolvimento das habilidades visomotora, equilíbrio físico e emocional, resistência, longevidade e melhoria geral da saúde, além das transformações sociais dos seus praticantes, com a disciplina e o autocontrole das pulsões, com a consciência do que é socialmente entendido como correto, para uma boa interação e convivência social. Ainda nesse contexto, visualizamos os principais motivos que levam a uma pessoa a treinar Karatê, ficando evidenciado que se trata da busca pela qualidade de vida, expressada na saúde corporal, na defesa pessoal, na prática socioesportiva, sociabilidade além de ser adotado como um estilo de vida.

Palavras-chave: Karatê; Processo Civilizador; Violência; Corporeidade; Disciplinamento; Qualidade de vida.

ABSTRACT

This study sought to understand the social transformations of practitioners of Karate martial art, through their practice, philosophical norms, principles and ideals, and how these influence the behavior of their practitioners. It was sought to understand how the practice of this discipline, with its principles could contribute to coping to reduce violence, building a culture of control of emotions, non-violence, improving social interactions between practitioners and society in general, considering the Amazonian scenario, precisely in the city of Manaus, where there is a high rate of urban violence, according to media reports. Thus, its objectives were: to investigate the extent of the influence of Karate martial art on the life of the federated practitioners in Manaus / AM; and specific: to understand the relationship between the practice of Karate martial art and the construction of a culture of non-violence in Manaus / AM; to verify how the Karate martial art can provide improvements in the social interactions of the Manaus federated practitioners; and classify the motivations that lead to the practice of Karate. In order to materialize what we propose to accomplish, after theoretical basis, we set out for empirical research with the data collection in the field with the actors directly involved, Karate practitioners federated to the Amazon Karate Federation (FAK), as object of study of this research, who contributed with their experiences and, from these we carried out the respective analyzes, anchored with Norbert Elias's theories, notably that of the civilizing process. Therefore, it is a multidisciplinary study based on the knowledges of Psychology, Sociology, Anthropology and other areas of Human Sciences. As for the benefits, the theorists in dialogues with the practitioners of this discipline list the psychomotricity with the development of visomotor skills, physical and emotional balance, endurance, longevity and general improvement of health, besides the social transformations of its practitioners, with discipline and self-control of the drives, with the awareness of what is socially understood as correct, for a good interaction and social coexistence. Still in this context, we visualize the main reasons that lead a person to Karate training, being evidenced that it is the search for the quality of life, expressed in the corporal health, in the personal defense, in the socio-sport practice, sociability besides being adopted as a style of life.

Keywords: Karate; Civilizing Process; Violence; Corporeidade; Discipline; Quality of life.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Demonstração uramawashi-gueri.....	85
Figura 2: Demonstração de defesa dupla e simultânea.....	87
Figura 3: Demonstração de Kata com a técnica coordenação global dissociação de movimento	87
Figura 4: Demonstração uramawashi-gueri.....	146
Figura 5: Demonstração de defesa dupla e simultânea com funções diferentes.....	147
Figura 6: Demonstração de uramawashi-gueri técnica que exige equilíbrio e flexibilidade..	166
Figura 7: Preparação de técnica de flexibilidade.....	167
Figura 8: Demonstração de defesa dupla e simultânea com funções diferentes.....	168

LISTA DE GRAFICOS

Gráfico 1: Karatekas destaques da FAK.....	180
Gráfico 2: Karatekas adultos.....	181

LISTA DE TABELAS

Tabela -1 Principais motivos que levaram os entrevistados a praticar o Karatê.....	180
--	-----

LISTA DE SIGLAS

AHKS	Associação Hienkan de Karatê-Do Shotokan
AMKSRK	Associação Manauara de Karatê-Do Shorin-Ryu e de Kobu-Do
ATKK	Associação Trindade de Karatê-Do Shorin-Ryu e Kobu-Do
CBK	Confederação Brasileira de Karatê
COB	Comitê Olímpico Brasileiro
COI	Comitê Olímpico Internacional
CREF-8	Conselho Regional de Educação Física (8ª Região)
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
FAK	Federação Amazonense de Karatê
IUSRKF	International Union Shorin-Ryu Karate-Do Federation
WKF	World Karate Federation

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 DA ARTE À LUTA	21
1.1 O KARATÊ ENQUANTO INSTRUMENTO BÉLICO, MARCIAL, E SUAS ORIGENS	22
1.2 A PARADOXAL TRANSFORMAÇÃO DA ARTE MARCIAL KARATÊ OFICIALMENTE EM ESPORTE INSTITUCIONALIZADO, ABERTO AO PÚBLICO	29
1.3 O KARATÊ NO BRASIL – A ARTE COMO PRESENTE TRAZIDA PELOS IMIGRANTES JAPONESES/OKINAWANOS	42
1.4 O KARATÊ NO AMAZONAS – A ARTE CABOCLA E SUA EVOLUÇÃO NO AMBIENTE AMAZÔNICO	51
1.5 EVOLUÇÃO E OS FATOS INÉDITOS DOS “GUERREIROS DA PAZ”	55
2 A PRÁTICA DO KARATÊ COMO MODO DE VIDA EM MANAUS	59
2.1 CONCEITUAÇÃO DE TÉCNICA	59
2.2 A CONSTRUÇÃO DE UMA SAÚDE CORPORAL COMO A ARTE QUE TRANSFORMA	82
2.3 A SOCIALIZAÇÃO DOS KARATEKAS FEDERADOS EM MANAUS	99
3 REFLEXÕES SOBRE OS EFEITOS DA PRÁTICA DO KARATÊ EM SEUS PRATICANTES FEDERADOS DE MANAUS/AM	110
3.1 AS CONTRIBUIÇÕES E OS DISCURSOS DOS FAIXAS PRETAS PRECURSORES DO KARATÊ EM MANAUS NAS DÉCADAS DE 1960/1970.....	110
3.2 AS PRINCIPAIS REFLEXÕES DOS KARATEKAS DESTAQUES FILIADOS À FEDERAÇÃO AMAZONENSE DE KARATÊ (FAK)	127
3.3 AS PRINCIPAIS REFLEXÕES DOS KARATEKAS MAIORES DE 18 ANOS FILIADOS À FEDERAÇÃO AMAZONENSE DE KARATÊ (FAK).....	149
3.4 AS PRINCIPAIS REFLEXÕES DOS KARATEKAS MENORES DE 18 ANOS FILIADOS À FEDERAÇÃO AMAZONENSE DE KARATÊ (FAK)	169
3.5 AS PRINCIPAIS REFLEXÕES DOS PAIS DOS KARATEKAS MENORES DE 18 ANOS FILIADOS À FEDERAÇÃO AMAZONENSE DE KARATÊ (FAK).....	179
CONSIDERAÇÕES FINAIS	182
REFERÊNCIAS	184
GLOSSÁRIO	191
APÊNDICES	192
ANEXOS	203

INTRODUÇÃO

Ao abordar a gênese da cidade de Manaus, situada ao Norte do país, capital do Estado do Amazonas, Soares et. al. (2011, p. 65) ressalta que Manaus, capital do Estado do Amazonas tem esse nome em homenagem a tribo Manaós, localizada à margem esquerda do Rio Negro e do Rio Solimões. [...]. Passou por fase do apogeu como a época da borracha, e atualmente busca sua sustentabilidade e desenvolvimento através do modelo Zona Franca de Manaus, contextualizada para nossos tempos.

A capital amazonense constituiu-se no local de maior concentração do contingente populacional dos atuais 62 municípios que compõem o Estado do Amazonas. E é nesse local onde se encontra um aglomerado de prédios residenciais, comerciais e industriais, de atividades econômicas de consumo, de bens e de serviços.

Nesse contexto, Ribeiro (2015, p. 36), quando conceitua o termo cidade afirma que: “A cidade é o local no qual estão dispostos indivíduos, grupos e classes sociais em uma intensa e densa disputa pela classificação e apropriação desse espaço. Disputa que se expressa na esfera econômica, política, jurídica e administrativa do espaço urbano, isto implica em conflito pelo poder legítimo de conduzir/transformar esse ambiente”.

Com a implantação da Zona Franca de Manaus (ZFM), a capital amazonense teve um novo avanço econômico, tanto na área comercial quanto na produção industrial, que culminou com a criação do Polo Industrial, conhecido como Distrito Industrial de Manaus. Conseqüentemente, conforme Oliveira (2009, p. 71) “[...] Manaus passou por um novo processo de revigoração econômico que se refletiu na sua expansão urbana e em sua complexidade funcional, sobretudo na década de 80, quando a cidade assumiu a condição de metrópole da Amazônia Ocidental”.

Nesse sentido, em uma análise socioeconômica e política sobre o referido modelo de Zona Franca, Silva (1999, p. 32), ressalta que o modelo de zonas francas não nasceu aleatoriamente. É oriundo da ordem internacional imperialista mais desenvolvida, que aqui significa a existência de mecanismos reguladores das relações desiguais entre povos, nações, blocos.

Mas o fenômeno ZFM depois de implantado na cidade provocou inquietação ao povo interiorano do Estado do Amazonas, resultando em deslocamentos de pessoas da área rural para a cidade como também de outros Estados, em busca de emprego e renda, mesmo sem qualificação, no afã de obterem melhorias de vida. Assim, conforme Scherer (2005, p. 40):

“[...] Compõe-se uma nova força de trabalho, constituída por levas de caboclos que migraram para a cidade de Manaus [...]”.

O mencionado fenômeno ZFM gerou consequências econômicas e sociais para empregadores e empregados. Em sua análise socioeconômica, Scherer (2005, p. 128) ressalta o desemprego no âmbito dessa nova racionalidade capitalista na ZFM na era da mundialização do capital, que resulta nos trabalhadores desempregados transformados em excedentes invalidados pela conjuntura econômica global.

Nesse mesmo contexto, assegura Baçal (2010, p. 49), “o Brasil tornou-se um país globalizado, uma vez que passou a ligar-se economicamente aos outros países de forma ainda mais vulnerável”.

Em reportagem recente e com o título “Crise Econômica Afeta Produção da Zona Franca de Manaus”, editada e publicada pelo jornal eletrônico *EBC Agência Brasil*, publicado em 28.12.2015, os jornalistas abordam e enfatizam os discursos dos representantes das classes envolvidas com o setor, os quais apontam que o momento é propício para discussão e incremento de estratégias para se conservar o que até então foi construído e exportar a produção local para outros países, estando na mira da instituição a América Andina.¹

Por conseguinte, os trabalhadores amazonenses desempregados buscam encontrar alternativas para própria sobrevivência e para aqueles que deles dependem economicamente, bem como para custear seus compromissos como pagamento do aluguel, da água, de luz elétrica, educação, e de tributos. Alguns conseguem sobreviver com estratégias via economia informal; outros, porém, sem esperança e sem alternativas legais para trabalhar e levar o sustento para suas famílias tornam-se presas fáceis de serem arrematados para o mundo das ações ilícitas ou até de envolvimento com a criminalidade.

E a população local não para de crescer. A cidade de Manaus é uma metrópole atualmente com mais de 2 milhões de habitantes. Segundo o último o censo demográfico de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em cálculo para o ano de 2016 era prevista uma população de 2.094.391 habitantes. É geopoliticamente dividida em seis zonas (Norte, Sul, Leste, Oeste, Centro-Oeste, Centro-Sul).²

Juntamente com o crescimento populacional da referida metrópole, observa-se que houve também o crescimento de problemas dentre os quais, o alto nível de desemprego e o conseqüente aumento do nível da criminalidade aliada à violência urbana, a agressividades,

¹ América Andina ver site: <http://brasilecola.uol.com.br/geografia/america-andina.htm>

² Ver site <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2015-12/crise-economica-afeta-produca>.

que vão desde simples agressões físicas, pequenos furtos, até assaltos à mão armada, assassinatos, estupro dentre outros tipos de violência.

Nesse contexto, fazendo um recorte sob o olhar de alguns autores, os quais a seguir abordam suas considerações a respeito da temática violência.

A violência é o estado daquilo que é violento; o ato violento; veemência; irascibilidade; abuso da força; tirania; opressão; constrangimento exercido sobre alguma pessoa para obriga-la a fazer um ato qualquer; coação³.

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS)⁴ violência é definida como o uso intencional de força física ou poder, ameaçados ou reais, contra si mesmo, contra outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade, que resultem ou tenham grande probabilidade de resultar em ferimento, morte, dano psicológico, mal-desenvolvimento ou privação.

Considera-se que algumas das causas principais que geram violência estão direta ou indiretamente ligadas à pobreza, drogas, problemas familiares, grandes contingentes populacionais, uso de armas, o descumprimento das normas e das leis, neste caso, a violência urbana. Desta forma, para Rodrigues (2015, pp. 322/323), “a violência resulta de um comportamento antissocial que vai de encontro às normas sociais vigentes”.

Para o sociólogo Norbert Elias (1993; 2011) a temática violência física é um dos mecanismos ou ferramentas de poder fundamentais, institucionalizada, utilizada pelo Estado para manter o controle da sociedade, de forma legal, legítima, mantendo seu monopólio. Usa, inclusive, essa violência para manter o controle da violência por ele não permitida, não-legal.

Dentre as tipologias de violência, uma das mais comuns, por desrespeito aos regulamentos, regras, normas e leis é a violência urbana. Nesse sentido, a violência urbana é caracterizada pela desobediência à lei, ao desrespeito aos bens públicos e atentados à vida no âmbito das cidades. Esse tipo de violência resulta de um cenário constituído pela densidade demográfica, desemprego ou oferta de emprego de baixa qualidade, a segregação, ausência de políticas para oferta de bens e serviços, infraestrutura precária e exclusão socioeconômica. Ressalta-se que esse tipo de violência sempre existiu e sempre teve relação direta com a insuficiente oferta de garantia de direitos e cumprimento de deveres, de maneira igualitária⁵. O panorama da violência no Brasil é crítico. O país ocupa atualmente posições negativas no

³ <<https://dicionariodoaurelio.com/violencia>>

⁴ <https://pt.wikipedia.org/wiki/Viol%C3%Aancia>

⁵ <https://www.todamateria.com.br/violencia-urbana/>

hanking internacional pelo alto nível de violência, aponta Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), conforme Fórum Brasileiro de Segurança Pública⁶.

É inegável que vivemos dias difíceis, a violência em toda sua plenitude tem envolvido grande parte da sociedade mundial. No Brasil a violência tem feito milhares de vítimas e segundo o IPEA (2017), o atual quadro de violência urbana tem como um dos fatores o crescimento urbano desordenado nas grandes cidades acelerado processo do êxodo rural para as capitais, que não oferecem infraestrutura urbana adequada com a oferta de emprego, moradia, saúde, educação, qualificação de mão-de-obra, dentre outros⁷.

Em Manaus/AM, a situação não é diferente e se estende por toda a capital amazonense. Na passagem do ano de 2016 para 2017, a situação chegou ao seu ponto máximo com a ocorrência de uma tragédia na cidade atos de violência e crueldade entre facções criminosas adversárias no presídio Complexo Penitenciário Anísio Jobim (Compaj) de Manaus resultaram no assassinato de 56 detentos e vários outros feridos. Os atos de extrema violência extrema foram praticados com requinte de crueldade onde os corpos das vítimas fatais foram esquartejados, decapitados – uma verdadeira carnificina.

O fato, típico de violência urbana, de imediato teve repercussão nacional junto aos outros presídios, resultando em rebeliões e assassinatos em outras penitenciárias do país. Conseqüentemente, houve repercussão também na imprensa nacional e internacional, tanto na escrita quanto televisionada. O fato foi considerado como o maior incidente em penitenciária brasileira desde o conhecido “massacre do Carandiru”, ocorrido em 1992, em São Paulo.

A situação deixou a população local ainda mais amedrontada, impotente, diante de tanta violência. Por outro lado, os órgãos de segurança pública demonstram também certa fragilidade para manter o controle da situação.

No contexto da teoria de Elias (2011) o processo civilizacional transforma a violência, impondo com maior eficiência as normas sobre as quais ele se apoia, não ocorrendo isso sem tensões extremas, sem uma violência na maneira de impor a ordem pacificada das nações civilizadas o que é paradoxal empreitada para a qual Elias nos oferece instrumentos conceituais mais pertinentes.

O processo civilizacional preconiza que à medida que o indivíduo se socializa cada vez mais diminui a violência física pela interiorização das coações externas, ou seja, pelo autocontrole. Acredita-se que a sociedade atual conta com inúmeras possibilidades de

⁶ http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=30253

⁷ <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/violencia-urbana-no-brasil.htm>

controle das emoções. Uma dessas possibilidades é a prática de atividades físicas, onde se destacam as lutas, até chegar nas artes marciais, como o Karatê, por exemplo.

Na arte marcial Karatê os indivíduos praticantes (Karatekas) passam por um processo de rígidos treinamentos físicos técnicos e sob normas disciplinares de comportamento e, conseqüentemente, a controlar suas pulsões a partir de coações externas (resultante da aplicação das normas pelos árbitros de Karatê e por seus mestres), de forma a se adequarem a essas regras de convivência, em competições ou não, com outros competidores, nos ambientes sociais e onde quer que estejam, bem como a compreender e a respeitar as normas, regulamentos e leis emanadas pelo Estado, compreendendo o que é considerado socialmente correto, permitido.

Ademais, a essas normas e regras também estimulam o praticante a mudar seu comportamento alimentar e a manter uma alimentação saudável que, junto com os exercícios físicos do Karatê e suas normas de conduta, proporcionam uma saúde corporal e a conseqüente longevidade com qualidade de vida e mais independência pessoal na sua velhice, tornando, por conseguinte, o Karatê como uma forma de recuperar um modo de vida.

Assim, a presente pesquisa resulta de uma inquietação que se justifica pelas evidências empíricas até então apresentadas com as experiências práticas do Karatê, com as quais, em um estudo mais aprofundado em nível de Mestrado, ancorado na teoria, buscou-se comprovar, não apenas a importância e os benefícios sociais que essa disciplina pode proporcionar a seus praticantes, mas também a possibilidade de seu uso como modo de vida e como mecanismo de inserção social eficaz junto às diversas sociedades, através da sua utilização ao construir políticas públicas para proporcionar à população de Manaus/AM, atividades saudáveis que possibilitam extravasar as pulsões, de forma sistemática, o que pode contribuir para aquisição de uma vida longa, saudável e com qualidade de vida melhor para as crianças, jovens e adultos, bem como para minimizar a cultura de violência nos grupos sociais. Desta forma apresentaram-se as seguintes questões norteadoras:

As lutas podem ser utilizadas como mecanismo de probabilidades de mudanças nos comportamentos sociais no enfrentamento para minimizar atitudes de violência urbana? E neste caso o Karatê poderia ser utilizado?

Os praticantes de Karatê conseguem identificar melhorias nos seus relacionamentos sociais após a prática contínua da modalidade?

O que motiva os indivíduos à prática do Karatê?

Portanto, buscou-se investigar a amplitude da influência da arte marcial Karatê na vida dos praticantes federados em Manaus/AM e, com isso, compreender a relação existente entre

a prática da arte marcial Karatê e a construção da cultura da não violência, verificou-se como a arte marcial Karatê pode proporcionar melhorias nas interações sociais dos praticantes federados bem como classificaram-se as motivações que levam à prática do Karatê.

Para encontrar uma resposta a tais questionamentos, no capítulo I, intitulado Da Arte à Luta, fez-se recorte histórico da arte marcial Karatê enquanto instrumento bélico, marcial e suas origens, posteriormente, com a ilha de Okinawa politicamente pertencente ao Japão, a paradoxal transformação social do Karatê em um esporte oficialmente institucionalizado, que deixa de ser secreto e disseminado apenas no ambiente dos clãs, o *isshi-soden* e passa a ser ensinado nas escolas públicas de Okinawa como um esporte institucionalizado a serviço da educação física, posteriormente na capital japonesa, Tókyo e daí para outros continentes. Também, no mesmo capítulo, abordamos a disseminação e expansão do Karatê para outros continentes como a América do Sul, mais precisamente para o Brasil, que ocorreu com a importante contribuição dos mestres de Karatê, que fizeram parte da imigração japonesa para o país.

Seguindo o curso da história, nesse processo transformador e civilizador do Karatê, abordamos o Karatê no Amazonas, com um resgate histórico dos precursores do Karatê na região, a evolução do ensino do Karatê em Manaus/AM e suas transformações sociais que dele ocorreram, os fatos inéditos e considerados relevantes dos “guerreiros da paz”.

No capítulo II, abordamos a prática do Karatê como modo de vida em Manaus, inicialmente abordando sobre a conceituação de técnica, destacando o corpo enquanto desporto e enquanto técnica comportamental para mudar comportamento dos Karatekas, o Karatê como uma atividade física e lúdica na construção de habilidades técnicas do corpo e, por conseguinte, na construção de uma saúde corporal como a arte que transforma a qualidade e o modo de vida saudável, adquirido em decorrência da prática do Karatê em Manaus. Também, abordamos os exercícios físicos e a saúde do corpo resultante da prática do Karatê, e a socialização dos Karatekas federados em Manaus por meio da prática do Karatê com seus princípios e normas na construção de uma cultura de não violência na capital amazonense.

No capítulo III buscamos respostas para ratificar o que abordamos no referencial teórico, por meio da pesquisa de campo, com o emprego de técnicas etnográficas, entrevistas semiestruturadas junto aos mestres precursores do Karatê de Manaus, que ainda se encontram em nosso convívio, aos Karatekas federados à Federação Amazonense de Karatê (FAK), nas categorias destaques da FAK por suas relevantes atuações como fatos inéditos ao Karatê amazonense; aos Karatekas adultos maiores de 18 anos; aos Karatekas menores de 18 anos e a seus respectivos pais ou responsáveis.

1 DA ARTE À LUTA -

Considerações Iniciais

Neste capítulo aborda-se um recorte histórico das artes marciais, enquanto instrumento de enfrentamento bélico nas lutas dos povos em defesa de seus clãs, seus territórios, pela busca de alimentos na caça e na pesca e até para conquista de novas territorialidades.

E, no caso da arte marcial Karatê, que é mais recente, a partir do período da ditadura feudal Tokugawa, 1603 até 1867, com sua queda, que significa o fim do feudalismo japonês governada pelos xoguns (supremo líder militar), até período da considerado de modernização Meiji, que vai desde 1868 até a chamada democracia Taishô, em 1926, conforme nos conta Anderson (2004), em que o povo da classe camponesa, principalmente os cultivadores da rizicultura, os quais, passando por períodos de opressões sociais e menosprezo, dentre outras as cobranças de tributos pelos samurais a mando de seus senhores feudais.

Semelhantemente ocorria com os camponeses de Ryukyu (grupo de ilhas ao sul de Kyushu e de Taiwan), durante o Reino independente de Ryukyu ou Reino das Léquias, que ocupou grande parte das ilhas de Ryukyu, do século XV ao século XIX. Desta forma, segundo nos contam Frost e Mazo (2011), apropriando-se de Shinzato & Bueno (2007) e de Ratti & Westbook (2006).

Os *Heinin* (termo japonês para camponeses) do Ryukyu viviam numa situação nada agradável, pois, a exemplo do que acontecia em muitos feudos nipônicos, acabavam por pagar com quase todo o produto da colheita, os 'tributos reais', que eram exigidos pela aristocracia. Pior que não ter o que comer, eles (os *Heinin*) tinham um problema social a suportar que era, provavelmente, pior que a fome: a truculência impiedosa dos Peichin (título de nobreza dos guerreiros de Ryukyu), os membros da casta guerreira, militares semelhantes aos samurais japoneses. [...]. Muitos foram os camponeses que, após um dia árduo de trabalho, ao retornarem para suas casas encontraram apenas cinzas e suas famílias mutiladas e empaladas sob o poente das ilhas Ryukyu, o castigo governamental pela inadimplência. (FROST; MAZO, 2011 p.299).

Ademais disso, continuam os autores, o porte de armas pela população era proibido pelos reis da dinastia Sho. Então os *Heinin* engendraram duas formas de lutas como defesa pessoal para enfrentamento contra os seus opressores: o Te (mão) ou Ti (em Uchinaguchi, antigo dialeto de Okinawa), que mais tarde passam a ser o Karatê-Do, e o Kobu-Do, este com o emprego de ferramentas e de utensílios da labuta na rizicultura, como varas, foices, enxadas, manivelas de moinho, nunchakus, dentre outros, para se defenderem contra as espadas, correntes e lanças dos guerreiros do Rei.

Assim, a origem e transformação social do Karatê, enquanto uma arte marcial japonesa ocorrera na passagem do século XIX para o século XX, mais precisamente durante o período de abertura da era Meiji (1868-1912), a qual paradoxalmente transforma-se em um dos instrumentos utilizados, doravante, para a educação física ensinado nas escolas públicas, nas universidades, com objetivos diversos dentre os quais a aquisição da saúde física, do disciplinamento por meio das regras e normas de condutas para inserção social e melhorias nos relacionamentos sociais dos indivíduos praticantes desta disciplina (Karatekas), ficando evidenciado, assim, a ocorrência de mudança de comportamento dos indivíduos em sociedade, portanto, parte de um processo civilizacional. Nesse mesmo contexto, aborda-se também a expansão da modalidade para além de Okinawa, seu crescimento no Japão e sua expansão pelos outros continentes. Na América do Sul especificamente sua chegada ao Brasil e sua disseminação no Estado do Amazonas, onde relatam-se os seus efeitos locais.

1.1 O Karatê enquanto instrumento bélico, marcial, e suas origens

Ao abordarmos um recorte histórico sobre a arte marcial Karatê torna-se imperioso falar-se das Arte Marciais, termo bastante utilizado no contexto de questões relacionadas às lutas, às guerras, às atividades belicosas de modo geral. Desta forma Reid e Croucher em sua obra *O Caminho do Guerreiro* ressaltam:

Trata-se evidentemente de um termo ocidental que deriva no nome latino do planeta Marte, o deus romano da guerra. Foi escrito pela primeira vez em língua inglesa no ano de 1357, por Geoffre Chaucer, que se referiu ao “tourney marcial” da época medieval. Em 1430, o termo já era usado em referências ao treinamento para a guerra e também aos esportes. Já nessa época recuada, portanto, a ideia de praticar e treinar para desenvolver a capacidade de combate já era conhecida na Europa; na Ásia, porém, os sistemas marciais foram desenvolvidos de modo a ultrapassar em muito os estreitos limites de um combate livre, ou mesmo controlado. (REID; CROUCHER,1983, p. 12).

Reid e Croucher relatam que a distinção fundamental entre a luta como diversão, esporte ou ritual executada no interior da tribo; e, por outro lado, a guerra que é o combate contra outras tribos remontam, possivelmente, de tempos pré-históricos. Achados entalhados em pedras, descobertos pela ciência registram que há mais de 5.000 anos as lutas asiáticas enquanto artes marciais já existiam.

Em épocas das primeiras civilizações, essa divisão já fora ritualizada. “Os gregos, por exemplo, travavam os jogos olímpicos como um festival religioso, e, durante os jogos, paralisavam-se as atividades guerreiras em todo o país (p.12)”.

A palavra Karate, termo de origem okinawana, significa mãos vazias, inerte, sem armas, em português iniciada com a letra “c” caratê e com acento circunflexo na letra “e”, mas é rotineiro o seu uso com a letra “k” e com o referido acento na letra “e”, portanto, Karatê. Posteriormente, no Japão, acrescentado ao termo a partícula “do” (caminho), ficando, então a palavra composta Karatê-Do para ter as conotações filosóficas e físicas, cujas técnicas visam disciplinar o corpo e a mente. Os praticantes atuais desta arte marcial são conhecidos como Karatekas, ou caratecas, os quais, durante os combates somente podem usar o seu corpo – a mente, as mãos, braços, pés, pernas, joelhos, cotovelos, dedos⁸.

Nesse recorte histórico registra-se que as artes marciais sempre foram usadas como instrumento de guerra nas defesas e nos ataques contra inimigos.

A agressividade faz parte das lutas e, por conseguinte, pode ser aguçada ou diminuída, dependendo de suas necessidades ou dos estímulos recebidos pelos indivíduos, no seu ambiente social, nas suas relações de interdependências cotidianas com os outros indivíduos. Desta forma, as influências desse ambiente social podem influenciar diretamente no comportamento agressivo ou passivo e direcionar os seres humanos a usá-lo, quando necessário.

A pulsão faz parte das lutas marciais enquanto uma técnica corporal, usada no cotidiano dos povos primitivos nas lutas como uma estratégia de sobrevivência da espécie, na caça, na pesca, nas lutas pela expansão territorial e como defesa de seu grupo, povo ou seu território contra outros povos considerados adversários.

Nos referidos povos, para sobrevivência da espécie prevalecia neles a “lei do mais forte” fisicamente e daqueles que, instintivamente, desenvolveram algumas técnicas corporais de ataque e de defesa pessoal.

Em vestígios de registros de descobertas arqueológicas encontrados na Amazônia, conforme a revista História da Amazônia Antes da Conquista, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Neves (2005) ressalta que:

A ocupação humana da Amazônia se iniciou há mais de 11.000 anos. Datas ao redor de 9.200 anos a.C. foram obtidas na escavação da Caverna da Pedra Pintada, uma gruta localizada no atual município de Monte Alegre, no Pará. Os achados em Pedra Pintada mostram que esses habitantes antigos tinham uma economia baseada na caça, pesca e também na coleta de frutas, com destaque para algumas palmeiras até hoje encontradas na Amazônia. [...] De qualquer modo, diferentes partes da Amazônia já eram ocupadas ao redor de 6.000 a.C. As evidências vêm de locais tão diversos como a serra dos Carajás, no Pará; a bacia do rio Jamari, em Rondônia; a região do rio Caquetá (Japurá), na Colômbia; no baixo rio Negro, próximo a Manaus e o alto Orinoco, na Venezuela. (NEVES, 2005, p. 07).

⁸ <https://www.significados.com.br/karate/> - acesso em 10.11.2017.

No exemplo citado, na mesma revista em sua página 13, os exemplares descobertos podem ser contemplados nas fotos dos artefatos de pontas de flechas elaborados em pedras, ademais de cerâmicas hachuradas, encontrados no sítio Dona Stella, no município amazonense de Iranduba. Mas esse instinto sempre existiu. Estudos de História da cultura e Antropologia revelam que:

Nas sociedades estruturalmente mais simples, o homem, para sua sobrevivência, depende diretamente da acuidade dos seus sentidos, da agilidade de seus movimentos e da rapidez de suas reações corporais. Para a caça, por exemplo, o homem primitivo depende diretamente da percepção sensível e da ação do seu corpo; do mesmo modo, para detectar a aproximação de inimigos, por meio da apreensão de vibrações do solo. A vida cotidiana do homem primitivo, sua atividade prática e suas condições de trabalho – determinantes históricos do processo de evolução da vida social – geraram, assim, uma relação com a natureza diferente da do homem ocidental. (GONÇALVES, 1994, p. 15).

Em sintonia empírica das técnicas do Karatê com o que afirma Gonçalves, em relação aos povos de sociedades simples e antigas, em sua teoria, a modalidade Karatê necessita de muita acuidade visual, e porque não dizer, óculo-manual ou visomotora, agilidade, rapidez em seus movimentos iniciais, nos ataques, e nas suas reações, no caso das defesas ou esquivas para se livrar do ataque do adversário o contra-ataque, que ocorrem nos gestos, movimentos durante as competições esportivas e, em outras situações emergenciais, no caso de defesa pessoal.

Nesse mesmo contexto, pela semelhança apresentada nas estratégias dos povos tradicionais, herdadas dos povos antigos da Amazônia, o uso das pulsões agressivas torna-se necessário como mecanismo estratégico utilizado na defesa contra inimigos comuns, contra ataques de animais ferozes, bem como na pesca e na caça, habilidades desenvolvidas e adaptadas ao uso de técnicas corporais para sua própria sobrevivência ou até com outras finalidades como a defesa própria ou de sua família, de seus grupos sociais. Matos (2015) nos afirma que:

A caçada pode ser de sobrevivência, quando o indivíduo vai à procura de animais que estão pondo ele ou a família em risco. Os mais temidos da região são a onça pintada, jacaré-açu e a sucuri. A caçada de subsistência tem a função de abater animais para suprir a família de alimento. A caçada comercial é a mais danosa para o ambiente, onde o indivíduo, inserido em redes invisíveis abate quantos animais, sem distinção, puder; há a caçada por lazer, na qual o indivíduo, em seu tempo livre, vai em busca de emoções diferenciadas daquela vivida em seu cotidiano. (MATOS 2015, p.323).

Com o aumento populacional em determinadas regiões tribais, os problemas de segurança foram progressivamente tomando proporções maiores, sendo necessário, assim, que esses povos se prevenissem melhor contra os ataques externos, protagonizados por animais ou até por seus inimigos declarados ou potenciais. Assim, a necessidade de segurança os

estimulou a pensar e a inventar instrumentos como artefatos de pedras, trabalhado para uso como objeto perfurante em ponta de lança, de flecha nos tiros com arco; objeto afiado e cortante como a machadinha, que além do seu uso doméstico para caça ou pesca era também utilizado como arma para eliminar seu inimigo.

No decurso dos avanços nos processos civilizatórios, no cotidiano das sociedades feudais europeias os indivíduos tidos como mais adiantados em termos de confrontos belicosos, gradativamente foram desenvolvendo melhorias nas técnicas corporais voltadas para o ataque e defesa pessoal individual e de seus grupos, com o uso de seus pés, mãos ou de utensílios. Posteriormente, com a descoberta do metal, houve a utilização desse mineral na construção de armas como espadas ou lanças, que se tornou em ferramentas letais de guerra, aumentando ainda mais os níveis de violência nos confrontos.

As sociedades mais antigas que se destacaram com esses tipos de lutas marciais a que se tem notícia foram as que viviam no Oriente, também estruturadas em sociedade feudais. Nesse sentido, Reid e Croucher, em retrospectiva, salienta que:

Antes de 500 a.C., a China enquanto nação não existia. O território atualmente ocupado pela República Popular da China era dividido em grande número de Estados menores e independentes, cujos sistemas sociais obedeciam a uma estrutura essencialmente feudal. [...]. Os grandes generais eram levados em carros de batalha ao campo de guerra para desferir flechas sobre a infantaria camponesa, fraca e mal armada, reunida por seus adversários. [...] Aos poucos os pequenos Estados foram sendo engolidos por Estados maiores e, à medida que a prosperidade aumentava, surgiram na China cidades de até 750.000 habitantes. No fim do século VI a.C., o comércio entre esses grandes centros comerciais expandiu-se muito. [...]. Foi naquela época que os Reis da era dos Estados Litigantes (480-221 a.C.) puderam já equipar seus exércitos com armas fabricadas na forja e guardadas em arsenais. (REID; CROUCHE, 1983, p. 28/29).

Nesse recorte histórico apontado, agora, para as ilhas Ryukyu, posteriormente Okinawa, situada no Oceano Pacífico, ao Sul do Japão, semelhantemente à Europa, também constituída de sociedade do tipo feudal, no entanto, com algumas características culturais diferentes viviam em reinos independentes e inimigos entre si, e por uma população possivelmente constituída de povos deslocados do norte da Ásia, parte da Mongólia, como também de ilhas japonesas ao norte e ao sul da Ásia.

Entre os séculos VI e IX d.C., em consequência de vários ataques militares japoneses em disputa por Okinawa, a população civil sofria as consequências, fatos que a estimulou a se organizar em povoados, em clãs, cada um com sua respectiva liderança específica.

Contam Yamashiro e Sakina (2000, p. 29), até o século XIII, a história das ilhas se confunde com a das batalhas de déspotas de numerosos e pequenos, minúsculos reinados e do

período entre mudanças do dominador. No século XIII, entretanto, surge um poderoso líder, Shunten, o lorde de Urasoe, e estabelece a primeira dinastia okinawana.

Por volta do ano 1340, Okinawa era dividida em três reinos independentes e inimigos entre si, mas mantinham relação diplomática, comercial e educacional com a China, para quem, conseqüentemente, pagavam impostos resultantes das transações comerciais. Esse fato resultou na inserção de parte da população okinawana na cultura chinesa, inclusive, aprendendo sua língua, as artes e a ciência, que teria sido selado oficialmente pelo Imperador chinês por volta do ano 1372, porém, sem interferência na interculturalidade de cada um desses povos. Por conta disso, grande parte da sociedade okinawana se familiarizou com a vida urbana, os costumes e as tradições chinesas.

Segundo relatos de Yamashiro e Sakima (2000), no século XV Sho Hashi tornou-se rei de Chuzan e teve a capacidade de unir e de manter o controle de toda a ilha principal, que a rebatizou, inclusive, mudou a sede de governo de Urasoe para Shuri, permanecendo nesta localidade até o século XIX.

No entanto, como já o dissemos, a violência causada pelos conflitos belicosos e de interesses políticos era uma constante nessas regiões. Nesse sentido, a dinastia comandada por Sho resolveu tomar uma medida radical, visando à segurança da ilha: proibiu terminantemente o uso de armas pela população local. Reid e Crouche falam que:

Outro evento de crucial importância aconteceu naquela época. Por volta de 1470, a ruína da dinastia Sho desencadeou um período de turbulência política que só terminou com o estabelecimento de uma nova dinastia, também Sho, em 1477. O novo rei Sho Shin teve de lidar com os senhores feudais rebeldes que entrincheiravam-se em seus castelos em diversos pontos da ilha. Uma das primeiras medidas que tomou foi proibir que qualquer pessoa portasse espada, nobre ou plebeu. Em seguida, ordenou que todas as armas da ilha fossem confiscadas e armazenadas sob seu controle em seu castelo, em Shuri. Por fim, obrigou a todos os nobres, já desarmados, a irem morar na capital. (REID; CROUCHE, 1983, p. 186).

Esse fato nos remete ao o que ocorrera recentemente no Brasil, quando o Governo Federal tomou medidas para conter o nível de violência causada principalmente pelo uso de armas de fogo, com a criação do Estatuto do Desarmamento.

No Brasil o Estatuto do Desarmamento é uma lei federal que entrou em vigor no dia seguinte à sanção do então presidente, Luiz Inácio Lula da Silva, no dia 23 de dezembro de 2003. Trata-se da Lei 10826 de 22 de dezembro de 2003, regulamentada pelo decreto 5123 de 1º de julho de 2004 e publicada no Diário Oficial da União no dia seguinte, que “dispõe sobre registro, posse e comercialização de arma de fogo e munição”. Ressalta-se, no entanto, que o governo promoveu um referendo popular no ano de 2005 para saber se a população concordaria com o artigo 35 do estatuto, eu tratava sobre a proibição da venda de arma de

fogo e munição em todo o território nacional. O artigo foi rejeitado com resultado expressivo, com 63,94% dos votos “NÃO” contra apenas 36,06% dos votos “SIM”. O desarmamento da sociedade ainda é alvo de diversas críticas. Uma delas é que a lei não contribuiu para a redução da Criminalidade no Brasil.⁹

Nesse recorte histórico de Okinawa, (YAMASHIRO;SAKIMA, 2000, p. 30) abordam fatos e ocorrências políticas que marcaram a dinastia Sho, no final do século XV, referidas por Reid e Crouche, anteriormente, e que tiveram reflexos até início do século XVII, e ressaltam que “[...] em 1609, Okinawa foi invadida por Satsuma, província situada ao sul do Japão. O país, a partir de então, era obrigado a pagar tributos ao Lorde de Satsuma, província japonesa que estabeleceu um controle sobre o comércio de Okinawa pelos 270 anos seguintes”.

Fazendo referência ao que chama de feudalismo japonês, (ÂNDERSON,2004, pp. 434/435), afirma que “os camponeses que cultivavam o Shôen (campo privado) agora pagavam tributos diretamente aos seus senhores, embora dentro desse sistema senhorial”. A organização interna dos feudos japoneses foi grandemente influenciada pela natureza da rizicultura, ramo básico da agricultura. Ademais, nesse período conflituoso, com a diminuição do poder militar imperial nessas áreas, que tanto os funcionários públicos do governo central quanto os proprietários Shôen congregaram bandos particulares dos guerreiros samurais ou bushi em torno deles, com as finalidades de defesa e de agressão. Financeira e militarmente enfraquecido pelos ataques mongóis, no final do século XVIII o governo Kamakura finalmente desmoronou no conflito civil.

Nesse processo social civilizatório por que passaram os povos, com avanços e declínios desde a idade da pedra em suas lutas pela sobrevivência, pelo poder, ou em defesa de seus clãs, ou ainda, como forma de protesto contra determinadas opressões, nos conflitos sociais, neste caso, a exemplo de Ryukyu, atual Okinawa, também não foi diferente.

Nesse mesmo contexto histórico e político, Yamashiro (1986), quando aborda sobre o chamado Período Moderno, em referência a Restauração Meiji, nos assegura que: “Reconhecendo a impossibilidade de continuar no poder, o 15º xógum Keiki (ou Yoshinobu) Tokugawa (1837-1913), entrega, em 1867, as rédias do governo ao jovem imperador Meiji (1867-1912)”. O autor ressalta também que:

Os movimentos de patriotas, orientados por esclarecidos pensadores criam pressão interna irresistível no sentido da restauração da monarquia em sua plenitude. A chegada, em 1855, da esquadra americana do Comodoro Matthew C. Perry (1794-1858), exigindo a abertura dos portos, representa a gota d'água que põe fim ao

⁹ Ver site https://pt.wikipedia.org/wiki/Estatuto_do_Desarmamento, acesso em 10.02.2018

regime xogunal. Durante o regime de Meiji Tennô, o Japão se transforma de sociedade feudal em nação moderna, com rapidez e energia sem paralelo na história mundial, segundo observa o professor Saburô Ienaga. Trata-se de uma reforma mais transcendental da milenar história do Japão. (YAMASHIRO,1986, pp.183-184).

A esse respeito (ELIAS, 2006, p. 28), enfatiza que “[...] Diferentemente do processo biológico de *evolução*, os processos sociais são reversíveis. Surto em uma direção podem dar lugar a surtos contrários e ambos podem ocorrer simultaneamente. Um deles pode tornar-se dominante, ou caber ao outro manter o equilíbrio. Assim, um processo dominante, direcionado a uma maior integração, pode, por exemplo, andar de par com uma desintegração parcial”.

Nesse mesmo contexto, em diálogo com o que afirma Elias, os habitantes de Okinawa passaram por vários períodos de tensões, e de mudanças com novas configurações e revoltas, guerras protagonizadas pelos próprios clãs da ilha, como também externamente.

Os nativos camponeses de Ryukyu, buscando alternativas para se defender e para matar – sem armas, por ser esta proibida à época - engendraram a modalidade de arte marcial chamada atualmente Karatê, uma vez que já se encontravam cansados de tantos massacres, abusos de poder, opressão na cobrança de impostos sobre suas produções de arroz, pelos seus senhores os nobres ou Daimyo -, durante o sistema feudal (Shiguiô), no interior do campo, desde o final do Shogunato (governo dos generalíssimos), com sua queda em 1867, conforme nos afirma (ÂNDERSON,2004, pp. 435-436), até a chegada do Estado Unitário Meiji, conhecido como Período Moderno, que vai de 1868 à 1926.

Estrategicamente pensado, em uma ação cotidiana refletida, o Karatê passa, então, a ser uma ferramenta bélica com rígidas regras, normas disciplinares no uso do corpo como técnica inerme de defesa pessoal e de ataque apenas com o uso dos membros superiores e inferiores, portanto, uma técnica corporal, desenvolvida para matar o inimigo com apenas um golpe de mão, de pé, cotovelo, joelho, estando o adversário armado ou não.

O atual Karatê, com sua origem no reino Ryukyu, posteriormente Okinawa, a partir da luta nativa Ti (punho, no dialeto Uchinaguchi de Ryu-Kyu), ou Te (em Nihongo, língua japonesa), ou o To-De (mãos chinesas) e, paralelamente, o Kobu-Do (luta com o uso dos utensílios de trabalho dos agricultores), desenvolveram-se principalmente em três principais linhas básicas de treinamentos, que foram as dos clãs de Shuri, de Naha e de Tomari, respectivamente, conhecidas como Shuri-Te, Naha-Te e Tomari-Te, as linhas mestras que deram origem a todos os estilos do Karatê da atualidade e do Kobu-Do.

O Shuri-Te teve como precursor Sakugawa (1782-1862), que foi mestre do lendário Sokon Matsumura (1809 registro não encontrado). E, sob a tutela de Matsumura passaram

grandes mestres como Anko Itosu (1831-1915), um dos responsáveis, posteriormente, pela introdução do Karatê nas escolas públicas de Okinawa. O Shuri-Te foi a base dos estilos que vieram a se chamar Shotokan-Ryu, Shito-Ryu; Isshin-Ryu; Shorin-Ryu. O Naha-Te foi criado por Kanryo Higaonna (1853-1917), que iniciou seus treinamentos com Seisho Arakaki (1840-1920). Seu aluno mais famoso foi Chojun Miyagi (1888-1953), que mais tarde criou o estilo Goju-Ryu. O Tomari-Te foi criado principalmente por Kosaku Matsumora (1829-1898), em parceria com Kokan Oyadomari (1827-1905). Matsumora ensinou Choki Motobu (1871-1944), enquanto Oyadomari teve como aluno Chotoku Kyan (1870-1945), dois dos mais famosos professores da época. Até então o Tomari-Te era amplamente ensinado e influenciou tanto o Shuri-Te quanto o Naha-Te¹⁰.

Ratificando e enaltecendo a modalidade de arte marcial okinawana, em retrospectivo, Funakoshi (2014) aborda o assunto da seguinte maneira:

O Karatê-Do é uma arte marcial própria de Okinawa, onde teve sua origem. Embora houvesse uma tendência no passado de confundi-lo com o boxe chinês em razão do uso, no início, do *Do* em sua nomenclatura, na verdade, nos últimos mil anos, ele foi apoiado e aperfeiçoado mediante o estudo e a prática de mestres e especialistas em Okinawa. Portanto, não há nenhuma distorção em representá-lo como uma arte marcial de Okinawa. (FUNAKOSHI, 2014, p. 21).

Ressalta-se que, em face ao sensível contexto político, as motivações e, por conseguinte, o sigilo com que essa arte marcial foi criada, os ensinamentos ministrados pelos precursores guerreiros (peichin) a seus adeptos geralmente ocorriam pela oralidade, para um círculo fechado de participantes, apenas para parentes ou amigos próximos, o (Isshi-soden) sem haver, ou em quase em sua totalidade, registros escritos. Em decorrência desses fatores e de outros mais, muitos nomes de mestres que tiveram sua importante contribuição e foram de grande importância na historicidade do Karatê não são citados em algumas obras. Atualmente há vários autores contemporâneos que tentam resgatar, de alguma forma, esses registros e preencher essa lacuna.

1.2 A paradoxal transformação da arte marcial karatê oficialmente em esporte institucionalizado, aberto ao público.

No final do século XIX e início do século XX, coincidindo com a era Meiji (1868-1912), a educação formal e o serviço militar foram inaugurados em Okinawa, agora em tempos de paz e a ilha politicamente pertencente ao Japão. A até então arte marcial Karatê,

¹⁰<http://www.budokan.com.br/historia/okinawa.htm>. Acesso em 10.02.2018.

enquanto instrumento de lutas marciais, de emprego em ações belicosas, que instruía seus guerreiros em treinamentos sigilosos, agora nessa nova realidade, de portas abertas para a sociedade local, passa por um período de transição e de readaptação à nova realidade social e política de Okinawa, um avanço no processo civilizacional, que não havia sido planejado.

Com o movimento político que devolveu o poder central ao Imperador do Japão, conhecido por Meiji Ishin, extinguiu-se o regime do xogunato, onde os bushi ou samurais (guerreiros) governavam o país. Assim, Frost e Mazo (2011), em referência aos treinamentos da arte marcial, o atual Karatê, era ensinada secretamente, apenas ao âmbito familiar, e nos asseguram que:

A partir da restauração Meiji de 1868, e das diversas transformações sociais que ocorreram no período, principalmente o abandono dos costumes oriundos do período feudal controlado pelo Xogunato, o Isshi-Soden (o segredo que só pode ser transmitido de pai para filho) foi abolido e passou a haver menos controle sobre a prática do To-De (punho da China), que podia então ser ensinada não apenas a um aluno, mas a um pequeno número de alunos. (FROST; MAZO,2011, pp. 3-4).

Frost e Mazo (2011) também enfatizam que nessa época um dos mais iminentes mestres da arte marcial de Okinawa passou a trabalhar em uma forma de levar a prática do Karatê ao público geral, tornando-o a disciplina de Educação Física nas escolas. Para isto, Anko Itosu (ou Yasutsune Itosu em algumas traduções), formou os ‘Dez artigos sobre o To-De` [...]. O fim do Isshi-Soden e a introdução do To-De (Mãos Chinesas) nas escolas municipais foi uma forma de ganhar o povo pelo fim do segredo dos Peichin (guerreiros) e ganhar autoridade pela possibilidade de promover uma educação guerreira desde a infância (a ideia principal da carta de Itosu os Dez artigos sobre o To-De) aos dirigentes do sistema educacional da época.

Por fim, essa abertura cultural e o próprio desenvolvimento do Karatê tornariam um caminho sem volta em direção à expansão para o Japão continental e para o mundo. A partir da década de 20, diversos mestres de Okinawa iriam para o Japão a fim de disseminar a arte que vinha sendo cultivada há séculos pelos Peichin. Era o cenário da transição das “Mãos chinesas” para o “Caminho das Mãos Vazias. (FROST; MAZO,2011, p. 5).

Iasutsune Itosu ou Anko Itosu, nascido na vila de Yamagawa, em Shuri Okinawa em 1831, falecido em 26 de janeiro de 1915, foi considerado um dos grandes precursores dos estilos do Karatê modernos, haja vista que muito de seus discípulos terem formado estilos próprios desta arte marcial. Ele foi o general supremo do reino de Ryukyu quando de sua anexação ao Japão, em 1879. Dentre seus discípulos famosos foram Kentsu Yabu, Gichin

Funakoshi, Chomo Hanashiro, Chochin Chibana, Kewa Mabuni, Jiro Shiroma, Chojo Oshiro, Moden Yabiku¹¹.

Um dos fatos importantes registrados nesse período de ressocialização dos Karatekas, de dependência funcional e, por conseguinte, de uma nova configuração ocorreu por ocasião da arregimentação para o serviço militar, em que os jovens Karatekas também foram cooptados para o alistamento das forças militares e os professores, para o ensino dessa disciplina. Inicia-se aí a institucionalização do ensino do Karatê oficialmente como instrumento da educação física e, por conseguinte, de socialização dos indivíduos.

Reconhecido oficialmente pela autoridade máxima do Japão, o imperador Hirohito, na primeira década do século XX o Karatê passa, ratifica-se, a ser considerado como uma modalidade de esporte oficial e ensinado nas escolas públicas do país.

A descoberta pública da importância da prática do Karatê deu-se durante exames de alistamento em Okinawa quando os praticantes de Karatê (Karatekas) se destacavam face ao seu condicionamento físico diferenciado, com musculatura bem definida, comparados com os outros jovens não Karatekas, observados pelos médicos da seleção. Funakoshi relata que esse fato chamou a atenção das autoridades locais, conforme a seguir:

Então, algum tempo depois o comissário das escolas públicas, Shintarô Ogawa, recomendou veementemente em um relatório para o ministro da Educação que se incluísse o Karatê no programa de educação física das escolas normais e da Primeira Escola de Ensino Médio da Prefeitura de Okinawa como parte de sua formação. Essa recomendação foi aceita e iniciou-se o ensino de Karatê nessas escolas em 1902. Eu me lembro de que foi essa a primeira vez que o Karatê foi apresentado ao público em geral. (FUNAKOSHI, 2014, p. 27).

Enfatizando as importantes ocorrências políticas dessa época, mas também relevante para o Karatê, Reid e Croucher (1983), ressaltam que, depois do judô, o grande sistema marcial desarmado que apareceu no Japão foi o Karatê de Okinawa. Em 1921, o príncipe Hirohito, filho do imperador, fez uma visita a Okinawa, onde assistiu a uma demonstração de karatê comandada por Funakoshin Guichin, mestre do karatê Shuri-Tê [...]. No ano seguinte Funakoshi foi convidado a ir a Tóquio apresentar sua arte à nação japonesa; e partindo dessa origem humilde, seu estilo depois conhecido como Shotokan, do nome de seu dojô ou salão de treinamento cresceu até se tornar a corrente principal dos caminhos marciais japoneses.

Essas transformações, paradoxalmente, fazem parte de um processo de mudança de comportamento dos indivíduos em sociedade, referido por (ELIAS, 1993, pp. 216-217), ao abordar a sociogênese da corte no processo civilizacional, ressalta como transformação civilizadora da nobreza belicosa em uma nobreza domada, fato esse ocorrido não apenas no

¹¹ https://pt.wikipedia.org/wiki/Anko_Ito

processo civilizador ocidental, mas em todos os grandes processos civilizadores. O autor ressalta: “uma das transições mais decisivas é a *de guerreiros para cortesãos*”.

Ademais, ressalta-se que esses são exemplos de estágios de diferentes graus de transição, do que Elias chama de pacificação interna da sociedade. E para esse tipo de transformação Elias nos relata da seguinte forma:

Já descrevemos em detalhes e de vários ângulos como os guerreiros foram atraídos, passo a passo, para uma interdependência cada vez mais acentuada relativamente a outras classes e grupos, como um número crescente dentre eles caiu na dependência funcional e, finalmente, institucional de outrem. Foram processos que se desenvolveram na mesma direção durante séculos: a perda da autossuficiência militar e econômica por todos os guerreiros e a conversão de parte deles em cortesãos. (ELIAS, 1993, p. 220).

Ratificando o que Elias nos afirma em sua teoria, pela semelhança da teoria com os fatos, Anderson (2004), nos assegura que, “sem mais guerras, os Pechin a classe guerreira dos samurais tornou-se como lembrança do passado, que não tinha acompanhado o desenvolvimento da história”. Ainda nesse mesmo contexto, entra em crise o Shogunato e com ele os guerreiros samurais. O fim do Shogunato, que perdurou de (1603 a 1868) acontece coincidindo com as primeiras revoluções na Europa (França) e na América do Norte (Estados Unidos). Começa, então, o período moderno, que vai do Meiji à democracia Taishô, de 1968 a 1926).¹²

Por oportuno, e ratificando esse processo político-histórico japonês tem semelhança ao sistema feudal ocorrido na Europa, assim, conforme nos afirmam Homma et al (2011), referindo-se às migrações japonesas para o Brasil, mais precisamente para a região Norte, ressalta que:

Essa proposta do governo paraense, porém, só interessava aos japoneses em razão de problemas sociais vivenciados em seu país como resultado da modernização iniciada com a Reforma Meiji (1868), que ao desmontar o modo de vida semelhante ao feudal da Europa existente na época o Xogunato Togugawa (1603-1868), gerou sérios desajustes sociais, a exemplo de uma multidão de camponeses empobrecidos na zona rural, que ao buscar trabalho na cidade, por sua desqualificação profissional, engrossava a fileira de desocupados da área urbana. (HOMMA et al, 2011, p. 38).

É importante salientar, ratifica-se, que semelhantemente, conforme exemplo anterior citado por Funakoshi, esse processo ocorreu também com os guerreiros da então arte marcial Karatê, durante a transição dessa disciplina para uma modalidade socioesportiva, institucionalizada, aberta ao público, mas também regimentada por severas regras de comportamento.

Elias (2006) assegura que o convívio dos seres humanos em sociedade tem sempre, mesmo no caos, na desintegração, na maior desordem social, uma forma absolutamente

¹² Disponível em <www.culturajaponesa.com.br>, consultado em 25 jan. 2018.

determinada. Para o autor, é isso que o conceito de figuração exprime, conforme o exemplo acima, com as mudanças no processo social as transformações amplas, contínuas, de longa duração em geral aquém de três gerações de figurações formadas por seres humanos, ou de seus aspectos, em uma de duas direções opostas.

Por exemplo, foi o que ocorreu com as artes marciais ao longo dos séculos passados até chegar a Okinawa, o berço da arte marcial japonesa, o Karatê. Neste sentido, o autor relata que:

Os seres humanos, em virtude de sua interdependência fundamental uns dos outros, agrupam-se sempre na forma de figurações específicas. Diferentemente das configurações de outros seres vivos, essas figurações não são fixadas nem com relação ao gênero humano, nem biologicamente. Vilarejos podem se tornar cidades; clãs podem se tornar pequenas famílias; tribos podem se tornar Estados. Seres humanos biologicamente invariáveis podem formar figurações variáveis. (ELIAS, 2006, p.26).

Nesse mesmo contexto, Heller (2016, p. 36), nos assegura que “Mas a significação da vida cotidiana, tal como seu conteúdo, não é apenas heterogênea, mas igualmente hierárquica. A forma concreta da hierarquia não é eterna e imutável, mas se modifica de modo específico em função das diferentes estruturas econômico-sociais”

No diálogo com essas teorias, o exemplo dos então clãs de Okinawa é bem evidente, quando a ilha foi politicamente anexada ao Japão, tornou-se oficialmente cidade, Estado, transformando-se em uma nova configuração, onde o comando central agora não é mais por clãs da referida ilha, mas sim, pelo mandatário geral do Japão o Imperador, e a interdependência continuam.

Esse fato torna-se um grande marco na história que atravessou séculos e gerações, onde a então arte marcial Karatê, que servia como instrumento bélico de defesa pessoal e de ataques em tempos de tensões constantes, doravante, em tempos atuais, contemporâneos, passa a ser utilizada como um importantíssimo instrumento para promover a socialização dos indivíduos Karatekas, como instrumento para promover a educação e a saúde física; de inserção social, com suas normas e disciplinarizações, com a absorção do que é socialmente considerado correto, no enfrentamento para minimizar a violência urbana, para controlar as pulsões e a conseqüente mudança de comportamento na formação do caráter do indivíduo praticante e como modelo de vida socialmente correto.

A esse respeito Funakoshi¹³ afirma que um Karateka precisa: “esforçar-se para a formação do caráter (disciplina); criar um espírito de esforço, de superação (determinação);

¹³ Ver <www.academiaparamitta.com>. Acesso em 03.01.2018.

respeitar acima de tudo (respeito); conter o espírito de agressão (desapego); fidelidade para com o verdadeiro caminho da razão (honra)”.’

Ressalta-se, portanto, a importância das regras, das normas como elementos fundamentais no processo de reeducação, como mecanismo de disciplina, para aquisição do autocontrole, conforme ressalta Funakoshi.

Ademais, o estilo Shorin-Ryu, ou Shinshukan possui um juramento que deve ser recitado e cumprido por todos os seus adeptos. O referido juramento deve ser recitado por todos em voz alta, por ocasião dos eventos:

Comprometo-me a treinar o Karate-Do com o objetivo de aperfeiçoar uma boa técnica, construir um corpo forte e um espírito bem equilibrado. Honrarei o Karate-Do com dignidade e humildade em qualquer situação. Estarei sempre disposto a lutar com justiça em benefício da ordem e da paz. (SHINZATO,2004, p. 11).

O que se observa no juramento acima é um costume e uma forma de preparar e conscientizar os indivíduos praticantes do Karatê Shinshukan. Essa prática empírica, por conseguinte, dialoga com a teoria eliasiana (ELIAS, 2011, pp. 70-71), que trata da história dos costumes, onde vemos que os indivíduos foram se moldando, readequando seus comportamentos em sociedade pela compreensão do que é socialmente entendido como correto, em cumprimento às normas de comportamento em geral.

Para corroborar com essas afirmativas buscamos (GEERTZ, 2015, pp. 32-33), quando ressalta que o ser humano é inteiramente dependente de regras, de normas para reger suas condutas. Desta forma o referido autor propõe duas ideias, para alcançar uma imagem mais exata do homem: a 1ª [...] a ideia de que a cultura seja aplicada como um conjunto de mecanismos de controle (planos, receitas, regras, instruções) [...] para governar o comportamento; a 2ª ideia é de que o homem é precisamente o animal desesperadamente dependente de tais mecanismos de controle, extragenéticos, fora da pele, de tais programas culturais.

Ademais, com base na teoria de Elias (2011) ratifica-se que há no processo civilizatório uma diversidade de mecanismos, dentre os quais as regras, normas, leis, como instrumentos direcionadores que conduzem o indivíduo a ser um bom cidadão, por exigência social.

Conforme nos assegura Hellher, também nesse mesmo contexto, [...] E esses grupos *face to face* estabelecem uma mediação entre o indivíduo e os costumes, as normas e a ética de outras integrações maiores.

A propósito, para consolidar o que as teorias nos ensinam, e ancorado nelas, semelhantemente o Karatê é regido pela Consolidação das Leis do Karatê (CLK), conforme

seu atual Capítulo VIII da ética e da disciplina ressalta-se que há também uma preocupação com relação aos aspectos comportamentais do indivíduo praticante do Karatê, que fundamentam e norteiam sua conduta.

Assim, conforme seus artigos: “(Art.), podemos observar: Art. 41- o respeito ao próximo, a cortesia, a generosidade, a fraternidade, a solidariedade e a disciplina, bem como o respeito às autoridades e aos superiores hierárquicos, são os fundamentos que devem nortear a conduta do praticante de Karatê em todas as suas atividades esportivas, sociais e domésticas. Parágrafo 1º - A vaidade, o exibicionismo, a arrogância e o capricho devem ser abolidos; Parágrafo 2º - A fraternidade, a modéstia, a tolerância e a autocrítica devem ser constantes na conduta diária dos que praticam Karatê; Parágrafo 3º - A hierarquia entre os graduados, dirigentes e demais autoridades devem ser respeitadas. Art. 42 – Os Karatekas deverão ter bons antecedentes, e idoneidade moral e conduta ilibada. Art. 43 – Os Karatekas que violarem os dispositivos da Consolidação das Leis do Karatê – CLK poderão estar passíveis de punições administrativas ou ser encaminhados ao Superior Tribunal de Justiça Desportiva do Karatê - STJDK¹⁴.

E, a partir da CLK se derivam todas as outras regras e normas do Karatê. Considerando esses princípios, regras, normas desta disciplina, que são ensinadas, observadas e praticadas no decurso dos treinamentos do Karatê, internamente e durante as lutas oficiais externas que o praticante se apropria e, desta forma é que se acredita que as mesmas podem atuar no comportamento e nas relações sociais cotidianas dos Karatekas. Ademais, nesse mesmo contexto, conforme ressaltam Pinto e Matos (2017) os autores ratificam e reforçam essas afirmativas:

Nos ambientes Dojo (Academia) e no Kotô (espaço de 8m², delimitado socialmente e permitido para os indivíduos competirem), o combate torna-se um espetáculo para o público espectador, pela beleza no domínio das habilidades do corpo com as técnicas e com o devido autocontrole dos golpes, sem, contudo, aniquilar seu adversário. Ao final, por normas e etiqueta, perdendo ou ganhando, o indivíduo tem que cumprimentar o árbitro principal e o outro competidor, um gesto de respeito que também é feito no início da luta, desta forma, no Karatê como luta esportiva se inicia com cumprimento e termina com cumprimento. (Pinto; Matos,2017 p. 126).

Por oportuno, ainda nesse mesmo contexto sobre o respeito às regras nos jogos esportivos, o Karatê, enquanto luta esportiva e jogo que também diverte, tanto o lutador quanto o expectador, tem uma relação direta com o que afirma Huizinga (2014): “o jogo é fato mais antigo que a cultura, pois esta, mesmo em suas definições menos rigorosas, pressupõe sempre a sociedade humana; mas, os animais não esperaram que os homens os

¹⁴ www.karatedobrasil.com/documentos-oficiais. Acesso em 03.01.2018

iniciassem na atividade lúdica”. Huizinga ressalta, como exemplo primeiro, as brincadeiras dos animais, destacando os cães que inclusive demonstram em suas divertidas atividades, a existência de regras, que são por eles respeitadas. E ressalta:

É-nos possível afirmar com segurança que a civilização humana não acrescentou característica essencial alguma à ideia geral do jogo. Os animais brincam tal como os homens. [...] Respeito à regra que os proíbem morderem, ou pelo menos com violência, a orelha do próximo. (HUIZINGA, 2014, p. 4).

Huizinga enfatiza, também, aspectos que os considera muito importantes: “mesmo em suas formas mais simples, ao nível animal, o jogo é mais do que um fenômeno ou um reflexo psicológico. Ultrapassa os limites da atividade puramente física ou biológica. É uma função *significante*, isto é, encerra um determinado sentido”.

A prática do Karatê é um jogo, e como jogo denota emoção. O jogador permanece em um estado de alerta e de ansiedade até que chegue o momento da luta e, quando esta etapa termina, ou seja, termina um *round*, quando ele conquista a vitória, sua emoção aumenta até que chegue a próxima etapa e, ao tornar-se vencedor ou não do campeonato, seu estado de ansiedade, de emoção continua até o próximo evento, o próximo treinamento ou campeonato. Em eventos esportivos de alto rendimento, os preparativos para a próxima competição começam no dia seguinte logo após a realização de um jogo.

Nesse sentido, Retondar (2007) ressalta sobre o espírito competitivo e as emoções prazerosas que o jogo pode proporcionar durante as efetivas ações nas disputas. E enfatiza: “[...] São os ânimos dos jogadores, as suas motivações internas pelo aumento do prazer e da excitação que podem deflagrar a competição, o agonismo dentro de uma proposta inicial que poderia ter sido apenas de vivenciar um mero passatempo sem a necessidade de disputa (p. 40)”.

Como em todo evento onde há disputa, mesmo que ela seja harmônica, lúdica, precisa ser regida por alguma forma de controle das emoções, do amparo das regras fixas e regulares para normatizar e manter a disciplina, até para oportunizar ao jogador perdedor a ter outra oportunidade de recuperar, ou pelo menos tentar uma nova chance, baseado no aprendizado que obteve pela vitória de seu oponente, em sua vitória. Conforme Retondar ressalta “[...] o espírito competitivo no jogo pressupõe a repetição com o intuito de aperfeiçoamento da performance, da disciplina e da perseverança”.

Portanto, no Karatê enquanto luta esportiva e agora esporte olímpico, há sempre a preocupação com a lisura do jogo, especialmente no que se refere à honra, à ética, à não-violência, ao respeito de um lutador em relação ao seu adversário, ao quadro de árbitro e ao público em geral em uma competição, visando manter a disciplina e a harmonia entre os

competidores. Isso denota a direção do processo civilizador que adentra as artes marciais e transforma seus praticantes, especificamente no Karatê, com a sua institucionalização, doravante mais rigorosa, em decorrência de sua recente aprovação como esporte olímpico.

Nesse contexto, pela vigência do Estado e por extensão, do processo civilizacional, (FOUCAUT, 1977, p. 135), se refere ao espaço geográfico que ofereça uma melhor visualização de indivíduos, para poder vigiá-los e aplicar as normas sobre quem as infringir. Nesse particular, observa-se a semelhança da prática empírica e a teoria, remetendo-se ao ambiente do Koto (espaço delimitado para as lutas oficiais), espaço determinado para as competições de Karatê, entre dois ou mais atletas, sob os atentos olhares dos árbitros acima referidos, os quais registram os pontos ou as infrações dos competidores. E Foucaut ressalta: “[...] A disciplina exige um espaço específico para seu exercício, um espaço no qual os indivíduos possam ser vigiados nos seus atos, que tenham seu lugar específico para visualizar seu comportamento para poder sancioná-lo ou medir suas qualidades”.

Nos casos de descumprimento das normas com ações resultantes de pulsões violentas, por exemplo, o rigor das normas será aplicado. Nesse contexto ressalta-se a importância do árbitro de Karatê, que deve conhecer bem as normas e as possíveis formas de violência que podem ocorrer durante o jogo competitivo, para que possa aplicar essa norma, ao perceber o menor sinal ou intenção de ato violento, visando sempre se antecipar e evitar que o ato se concretize, para manter a lisura e o comportamento adequado dos competidores.

A esse respeito, pelo diálogo da teoria com a prática empírica, pode-se verificar que, atualmente, o controle dos comportamentos durante a competição tem aumentado gradativamente, tanto em decorrência da cobrança das organizações que regem a modalidade, especialmente sobre os dirigentes das competições; destes sobre os professores (Sensei), nos treinamentos; quanto aos árbitros, nas competições e estes, por vez, preocupados em manter a lisura do evento, também se utilizam de meios tecnológicos eletrônicos para aumentar o controle das lutas assim como para manter a justiça e para os auxiliar no sentido de evitar erros de arbitragem, mas também e principalmente, para o cumprimento dos regulamentos, das normas de competição para aplica-las sobre os infratores. Nesse sentido, observa-se a semelhança das atividades empíricas evidenciadas no Karatê com o que Elias ressalta:

A vigilância quanto ao cumprimento das regras tornou-se mais eficiente; por isso, passou a ser menos fácil fugir às punições devidas a violação das regras. Por outras palavras, sob a forma de ‘desportos’, os confrontos de jogos envolvendo esforços musculares atingiram um nível de ordem e de autodisciplina nunca alcançados até aí. (ELIAS, 1992, p. 224).

O cumprimento e a aplicação dessas regras, normas, regulamentos sobre os infratores que as descumprem resultam em *coação exterior*, sempre com o objetivo de alcançar disciplina, para que proporcione *autocoação*, autodomínio resultante, portanto, da conscientização e da interiorização das referidas normas e dos preceitos de ideais filosóficos do Karatê, o Dojo-Kun, que gera valores, maior aproximação mútua de estima e respeito, no que (ELIAS, 2006, p. 22) se referiu como “coações exteriores constantes fundamentadas no calor afetivo, que dá segurança”.

Ainda nesse mesmo contexto de preparação técnica corporal e psicossocial do Karateka, vale mencionar que há também semelhança empírica com os treinamentos para condicionamentos físicos para guerreiros militares.

Assim, ratifica-se que a aplicação da disciplina é um dos condicionantes fundamentais para o alcance dos objetivos traçados, quais sejam: a força e a resistência física, as técnicas, a coragem, as posturas, as transformações e moldagens de seus corpos e seus comportamentos, conforme referido por (FOUCAUT, 1987, pp.164-165) que ressalta: “[...] Muitas coisas, entretanto, são novas nessas técnicas. [...] Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade, são o que podemos chamar de ‘disciplinas’”.

Semelhantemente, quando (ELIAS; DUNNING, 1992, pp. 335-336) se referem aos desportos modernos ressaltando que, apesar de possuírem características de violentos, seus praticantes aprenderam a controlar as pulsões que geram violência durante uma disputa, na perspectiva do desenvolvimento, no caso, em referência ao boxe, ao rãguebi modernos. Assim asseguram: “[...] Em contraste com os seus antecessores populares, o rãguebi moderno é o exemplo de uma forma de jogo que é civilizada. [...]. A esse respeito, isso é característico dos modernos confrontos do desporto em geral”.

Nos exemplos da teoria de Elias e Dunning, que ressaltam ainda, ao se referirem à aplicação das normas, em referência ao rãguebi moderno, como exemplo de uma forma de jogo que foi transformado e civilizado, outrora tido como violento semelhantemente se equiparam às normas instituídas, adequadas e aplicadas ao Karatê, que ajudam a controlar e a conter os atos de extrapolação dos impulsos, moldando o comportamento dos competidores nos treinos e nos campeonatos. E, a cada campeonato mundial, desde a criação das organizações internacionais que regem as competições, esses regulamentos, normas e regras são aperfeiçoadas, atualizadas de acordo com as novas realidades sociais que se apresentem. Desta forma, Elias e Dunning ressaltam tratar-se de regras, normas de procedimentos que consistem em:

- 1) Um conjunto de regras escritas, formalmente instituídas, que exigem rigoroso controle quanto ao uso da força física e que a proíbe em relação a certas formas como, por exemplo, placagem de <braço em riste> e <golpes violentes>, isto é, dar pontapés num jogador adversário, derrubando-o;
- 2) Sanções intra jogos claramente definidos, isto é, *penalties* que podem ocorrer a fim de punir transgressores, e, como sanção última, para violações sérias e persistentes das regras, a possibilidade de expulsão do jogo;
- 3) A institucionalização de um papel específico que se mantém, por assim dizer, <fora> e <acima> do jogo e cuja tarefa é controle, isto é, o papel do <árbitro>;
- 4) Um órgão centralizado de caráter nacional, para elaboração das regras, a Rugby Football Union. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 335-336).

E, nesse processo de mudança de comportamento, (ELIAS, 2011, p. 67) refere-se às regras de etiqueta inseridas em sua teoria no processo civilizador, exigidas pela alta sociedade de corte ou cortesã da Europa. O que se observa, pela semelhança das normas, enquanto Karateka é um diálogo da referida teoria que se evidencia com a prática empírica destacando-se as exigências da etiqueta, disciplina e respeito hierárquico, inclusive, as normas de higiene, nesse contexto de conduta humana e de processo social.

A evidência empírica com a teoria ocorre com o Karatê também nesse aspecto, quando, por exemplo, antes de se iniciar uma disputa entre dois competidores este são minuciosamente examinados pelo árbitro principal (Shushin). Dentre os itens observados está a higiene pessoal e do uniforme (Kimono) que se estiver sujo, em mal estado de conservação e, se o competidor estiver de unhas compridas e sujas, são itens passíveis de punição com o impedimento de o atleta participar da disputa, mas, democraticamente, o árbitro pode dar um tempo mínimo em minutos para que o Karateka se recomponha, tempo este em que normalmente o atleta não consegue cumprir e então é declarado ausente e o seu oponente vence a luta por ausência de adversário.

Também quanto à etiqueta, e respeito: o competidor precisa curvar-se antes de adentrar ao Koto, depois diante do árbitro e finalmente, diante do seu adversário. E se assim não o fizer será advertido e recomendado a fazê-lo; se ainda assim não o fizer, será punido por mau comportamento.

Também, nesse contexto, Funakoshi (2014) ressalta que o verdadeiro Karatê, isto é, o Karate-Do, empenha-se interiormente em treinar a mente e desenvolver uma consciência clara que possibilite encarar o mundo de verdade, enquanto exteriormente desenvolve a força a ponto de ser possível vencer até mesmo um feroz animal selvagem. “No verdadeiro Karatê, a mente e a técnica tornam-se unas.”. No entanto, o referido mestre autor chama a atenção para o seguinte:

Aqueles que seguem o Karatê-Do devem conferir à cortesia uma importância primordial. Sem a cortesia, a essência do Karatê-Do se perde. A cortesia deve ser praticada não apenas durante o período de treino do Karatê, mas o tempo todo na

vida cotidiana. O aluno de Karatê deve ser humilde para receber o treinamento. Pode-se dizer que uma pessoa presunçosa ou vaidosa não está qualificada para seguir o Karatê-Do. (FUNAKOSHI,2014, p. 24).

Semelhantemente, Gonçalves (1994), aborda a temática referida por Elias, no tocante ao comportamento dos indivíduos em sociedade. A autora refere-se a esses indivíduos pelo olhar da corporeidade, o que também ratifica o que acima se afirma, em relação à mudança de comportamento decorrente da interiorização das normas, regras, leis visando ao controle das pulsões dos praticantes de Karatê, e as afirmativas teóricas da referida autora também dialogam com as práticas empíricas adotadas com e pelos Karatekas, conforme enfatiza Funakoshi, que resultam no aumento de suas sensibilidades.

Portanto, a autora assegura que:

Ao longo da história humana, o homem apresenta inúmeras variações na concepção e no tratamento de seu corpo, bem como nas formas de comportar-se corporalmente [...] variam as técnicas corporais relativas a movimentos como andar, pular, correr, nadar etc.; b) os movimentos corporais expressivos (posturas, gestos, expressões faciais, que são formas simbólicas de expressão não-verbal; c) a ética corporal, que abrange ideias e sentimentos sobre a beleza etc; d) o controle de estrutura dos impulsos e das necessidades. (GONÇALVES,1994, p. 14).

Ainda a respeito do que afirma Gonçalves sobre as formas simbólicas de expressão não-verbal, observa-se a similitude com o que ocorre entre dois Karatekas durante uma disputa, que procuram por em prática todo conhecimento das técnicas corporais aprendidas até chegar àquele nível de conhecimento, e uma dessas técnicas se traduz na expressão facial (não-verbal), quando um ou ambos os competidores mostram nitidamente em suas faces a expressão de raiva, de que naquele instante um deles vai partir para uma extrapolação de seu autocontrole, no entanto, trata-se apenas de uma estratégia para tentar desequilibrar emocionalmente o seu oponente e aproveitar, com isso, para pontuar com um golpe válido, até porque neste instante ele está sob o domínio do autocontrole do seu golpe, como expressa a letra (d) da citação: “o controle de estrutura dos impulsos e das necessidades.”

No curso do desenvolvimento da sociedade, paralelamente as regras, normas de boa convivência em sociedade, como também nas atividades de treinamentos e de competições esportivas para controle de golpes, foram sendo inseridas e readequadas, com objetivo dentre outros de neutralizar ou de diminuir o nível de violência outrora próprio dessa modalidade de arte marcial. Isso denota o processo civilizatório que é contínuo, visando a boa convivência entre os indivíduos na sociedade em suas relações de interdependências.

Nesse contexto, Funakoshi enaltece o Karatê esportivo contemporâneo empregado como uma técnica corporal útil aos praticantes, se utilizada de acordo com seus novos

princípios e normas, no entanto, critica duramente seu uso inadequado, por pessoas despreparadas, como mecanismo de violência, e o autor enfatiza que:

O extraordinário poder de ataque e defesa do Karate-Do é bem conhecido. É uma arte em que é possível defender-se de inimigos com um ataque simples de punho ou de chute, sem armas. O valor da arte depende de quem a aplica. Se sua aplicação for por um bom propósito, então a arte será de grande valor, mas se for mal utilizada, não haverá arte pior e mais danosa que o Karatê. (FUNAKOSHI, 2014, p. 22).

A preocupação de Funakoshi, nesse contexto, sempre foi o de estabelecer um contanto constante do praticante dessa disciplina com as normas, as regras e os princípios filosóficos, para a autorreflexão visando estabilizar o comportamento, a manutenção do distanciamento diante de determinadas situações incomuns, na vida cotidiana dos Karatekas.

Nesse mesmo contexto, ressaltado pelos autores Guimarães e Guimarães, o mestre Funakoshi deixou seu importante legado, o Niju-Kun, onde incorpora todos os seus ensinamentos, conforme segue, em português:

1 – não se esqueça que o Karatê deve iniciar com saudação e terminar com saudação; 2 – no Karatê não existe atitude ofensiva; 3 – o Karatê é um assistente da justiça; 4 – conheça a si próprio antes de julgar os outros; 5 - o espírito é mais importante que a técnica; 6 - evitar o descontrolo do equilíbrio mental; 7 – os infortúnios são causados pela negligência; 8 - o Karatê não se limita apenas à academia; 9 – o aprendizado do Karatê deve ser perseguido durante toda a vida; 10 – o Karatê dará frutos quanto associado à vida cotidiana; 11 – o Karatê é como água quente. Se não receber calor constantemente, tornar-se água fria; 12 – não pense em vencer, pense em não ser vencido; 13 – mude de atitude conforme o adversário; 14 – a luta depende do manejo dos pontos fracos e fortes; 15 – imagine que os membros dos seus adversários são como espadas; 16 – para cada homem que sai do seu portão, existem milhões de adversários; 17 – no início seus movimentos são artificiais, mas com a evolução tornam-se naturais; 18 – não se esqueça de aplicar corretamente: (1) alta e baixa intensidade de força (2) expansão e contração corporal (3) técnicas lentas e rápidas; 20 – estudar, praticar e aperfeiçoar-se sempre.(GUIMARÃES;GUIMARÃES, 2000, pp. 80-81).

O que se observa, enquanto Karateka, é que no decorrer desse longo processo, algumas normas e regras foram se aperfeiçoando, acompanhando o processo civilizatório, outras, porém conservaram suas tradições. De todos modos, o emprego dessas normas, ratifica-se, visam, dentre outros, o fortalecimento do código de conduta, enquanto princípios éticos e filosóficos visam a moldar o comportamento dos Karatekas. Por exemplo, na Shinshukan (academia de Yoshihide Shinzato), todos os Karatekas (professores e alunos) devem recitar, em cada treinamento o Dojo-Kun (conjunto de normas, regras de ideais filosóficos da academia), para sua auto reflexão cotidiana. O Dojo-Kun se constitui de cinco preceitos únicos, sem hierarquia, Hitotsu (Primeiro, único), conforme nos afirmam (PINTO; MATOS, 2017, p. 125):

1º - Hitotsu Reigi => Respeito acima de tudo, cortesia, etiqueta, demonstrado para todos, inclusive com o gesto de reverência, ao entrar no Dojo (academia), diante do mestre e ao ficar diante do Kamissama (templo). A hierarquia sempre fez parte do

Karatê, o que reflete no comportamento respeitoso aliado à cortesia e à etiqueta social do Karateka;

2° - Hitotsu Shisei => Sinceridade, autenticidade, generosidade, benevolência. A mentira é condenável e contrária aos princípios do Karate, desta forma ser autêntico é ser sincero, é honrar com a palavra, com os compromissos e obrigações;

3° - Hitotsu Dorioku => Esforço, perseverança para formação do caráter, e para atingir objetivos. O karateka aprende a superar as dificuldades físicas durante os treinamentos e, por conseguinte, a conquistar seus objetivos;

4° - Hitotsu Sekinin => Responsabilidade, postura, comportamento adequado em sociedade. O comprometimento com o dever assumido é parte da conduta de um karateka;

5° - Hitotsu Meiro => Alegria, harmonia, amor. Manter-se sempre alegre e feliz em harmonia com a vida, com os que o cercam, contagiando com harmonia o ambiente.

Após a disseminação do Karatê de Okinawa para Tóquio, logo a modalidade se tornou popular no país, tendo sido ensinada nas escolas e nas Universidades, tendo sido inicialmente Anko Itosu ou Iasutsune Itosu e depois seu discípulo Guichin Funakoshi os responsáveis por esta divulgação. Com o ensino oficial do Karatê pelo país, também houve necessidade de sua expansão para além fronteira, para outros continentes, uma evidência de que este esporte logo se expandiria pela Europa, Ásia, África, América do Norte e América do Sul.

1.3 O karatê no Brasil – a arte como presente trazida pelos imigrantes japoneses/okinawanos

Antes de falar sobre o Karatê no Brasil, inicia-se esta abordagem com uma citação de Tomoo, Handa (1987), que ressalta a emoção do povo japonês com a sua chegada do navio Kasato Maru ao porto de Santos/SP, em junho de 1917. O referido autor informa que:

A notícia dada pelos tripulantes, de que ao raiar o dia os senhores avistarão as montanhas do continente sul-americano; os imigrantes se alvoreceram tocados de ânimo repentino. Finalmente o Kassatu-Maru atracará amanhã em Santos. Teremos que lhe dizer adeus. Os varonis imigrantes sentiam o peito oprimido pela tristeza diante da separação iminente do navio de sua pátria. Viam-se tripulantes a erguer filho de imigrantes no colo, achegando suas faces às deles em sinal de despedida. A melodia dedilhada nos *jabissen* dos imigrantes da ilha de Okinawa diluía-se sobre ondas escuras (TOMOO; HANDA, 1987, p. 3).

Importante registrar a presença marcante dos primeiros imigrantes okinawanos/japonês no Brasil, em junho de 1908, posteriormente outros também assim o fizeram, até a década de 1950, chegando principalmente na cidade portuária de Santos/SP, tendo em vista as expectativas não apenas deles, mas dos brasileiros também, com referência à sua cultura, as perspectivas econômicas, principalmente suas experiência na agricultura e nos conhecimento das artes por eles trazidos para nosso país, especialmente a arte das técnicas das mãos vazias, o Karatê.

Dentre os mestres de Karatê identificados que se deslocaram para o Brasil e aqui se estabeleceram, na primeira metade do século XX, registram-se Saburo Onu como um dos

primeiros; seguido de outros ao longo das décadas, como o saudoso grão-mestre Yoshihide Shinzato; os mestres Sadamu Uriu; Higashiro; Yasutaka Tanaka; Tetsuma Higashiro; Juichi Sagara, Mitsuke Harada, Seichi Akamine; Koji Takamatsu; Takeo Suzuki; Michizo Buiyo; Koji Takamatsu. Nesse período o Karatê com suas normas e princípios filosóficas passou a ser disseminado no Brasil, sendo Manaus/AM, uma das primeiras cidades onde o Karatê foi disseminado, no entanto, a grande maioria dos mestres chegou e se implantou principalmente pela grande São Paulo, na cidade de Santos, depois pelo Rio de Janeiro/RJ e outras capitais brasileiras.

Nessa época o ensino dessa nobre arte ocorria de forma tímida, incipiente e normalmente em ambientes como alguma área da própria residência dos mestres, ou em espaços determinados dos clubes sociais, ou ainda, nas academias onde se ensinavam outras modalidades. Não havia a preocupação na questão legal, ou seja, de se fazer um registro com a constituição legal da organização, junto aos órgãos competentes como cartórios, receita federal, prefeituras, e filiação à um órgão específico que hierarquicamente fosse responsável por todas essas “academias”. A figuração que se apresentava até então, no ápice do poder existia o único órgão superior hierarquicamente existente no Brasil - a Confederação Brasileira de Pugilismo (CBP) -, que tinha o objetivo de congregar a todas as modalidades esportivas de luta do país.

A primeira academia de ensino de Karatê (dojo) a que se tem notícia somente teria sido fundada oficialmente em 1956, pelo sensei Mitsusuke Harada, do estilo Shotokan, na cidade de São Paulo. Posteriormente, seguindo o mesmo exemplo, assim também o fizeram os mestres Juichi Sagara, do estilo Shotokan, em 1957; Seichi Akamine, do Goju-Ryu, em 1958; Koji Takamatsu, do Wado-Ryu; Takeo Suzuki, do estilo Wado-Ryu; Michizo Buiyo, também do estilo Wado-Ryu. Em seguida também chegaram ao país os mestres Yasutaka Tanaka e Sadamu Uriu, que se instalaram no Rio de Janeiro e em São Paulo, respectivamente; Hiashiro, em Brasília/DF; Eisuko Oishi, na Bahia; Yoshihide Shinzato, do estilo Shorin-Ryu, em São Paulo/SP. Segundo dados da revista *Grandes Mestres das Artes Marciais no Brasil*:

Em 1960, com a criação da Associação Brasileira de Karatê, pelo mestre (Shihan) Akamine, o Karatê experimentou um crescimento importante em todo o país... Yoshihide Shinzato, do estilo Shorin-Ryu, que apesar de ter chagado ao país em 1954, somente fundou seu dojo em 1962, a Academia Santista de Karatê Shorin-Ryu, em Santos/SP que, em 1970 passa a se chamar União Okinawa Shorin-Ryu Karatê-Do Brasil, uma das maiores organizações de Karatê do mundo. (p. 10-11).

Com a expansão do Karatê para além da fronteira do Japão em outros continentes e a grande adesão da modalidade houve necessidade de criação de organizações para regular e administrar essa disciplina. Então, desde a década de 1970, e agora em uma nova

configuração de poder em nível internacional, apresentam-se entidades internacionais criadas para organizar o Karatê institucionalmente em nível mundial. Atualmente o Karatê é regido pela Federation Mondeale de Karate (FMK/World Karate Federation (WKF).

Por conseguinte, seguindo as recomendações emanadas desses organismos hierarquicamente superiores, também no Brasil fundou-se a Confederação Brasileira de Karatê (CBK), em 11 de Setembro de 1987, que doravante passa a ser a entidade específica para dirigir e organizar o Karatê brasileiro.

Assim, forma-se uma nova configuração nacional de poder, com autonomia relativa, que doravante, ratifica-se, a CBK enquanto órgão legalmente constituído, que passa a administrar oficialmente a modalidade Karatê, representante de 26 Federações estaduais. Nessa relação de poder, enquanto organização, a entidade é filiada à Wolrd Karatê Federation (WKF), em inglês, e vinculada ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB). Também é reconhecida junto ao Ministério da Educação e Cultura (MEC), como entidade de direção nacional da modalidade, com competência na área do desporto de sua própria denominação através da Portaria nº 551 do referido Ministério.

A estrutura de funcionamento e as normas atuais da CBK apresentam-se assim: concebe-se como praticante de Karatê no território nacional todo aquele que tiver uma graduação mínima de 6º Kyu (graduação inferior, com faixa na cor amarela), dentro do sistema representado pela CBK.

A estruturação das normas gerais de formação e habilitação em Karatê da CBK representa um resultado do processo de reforma por que passa o Brasil no âmbito da educação e do desporto. Esse processo evidencia a necessidade de mudanças de paradigmas no que tange às condições de formação e habilitação dos instrutores de artes marciais, pois se entende que apenas o conhecimento técnico específico de uma determinada arte marcial não é o suficiente para capacitar o praticante para a função de educador.

Faz-se necessária, portanto, a complementação de conteúdos referentes às esferas da pedagogia geral e aplicada para que o papel de educador contemple uma relação de ensino-aprendizagem adequada às expectativas da sociedade contemporânea.

As normas gerais de formação e habilitação em Karatê da CBK estão estruturadas em três esferas normativas. A primeira esfera refere-se ao processo de graduação, onde se discrimina os critérios necessários para consolidar as graduações do Karatê. A segunda esfera normativa engloba a habilitação em Karatê, onde se evidencia as ações de complementação curricular que possibilitarão a habilitação dos Técnicos de Karatê na Confederação Brasileira

de Karatê, bem como habilitação para avaliadores e árbitros da CBK. A terceira esfera normativa refere-se ao conceito e competência da formação atlética no Karatê.

Assim, ademais de outros, os principais objetivos da CBK. são:

I – Dirigir, difundir, orientar, supervisionar, controlar, coordenar, de forma única e exclusiva, a orientação e a prática da modalidade Karate nos seus estilos, escolas e formas, devidamente reconhecidas pela Federation Mondeale de Karate (FMK/World Karate Federation (WKF), em todo território nacional; aperfeiçoar e intensificar sua prática, atendendo às normas e orientações da WKF e do COB;

II – Desenvolver o sentimento de brasilidade e educação moral entre os seus praticantes;

III – Estimular o desenvolvimento do amadorismo, coibir as suas deturpações e manter os princípios olímpicos;

IV – Orientar, controlar, registrar e fiscalizar as concessões de graduações de faixas, instrutores e as classificações de árbitros, de acordo com as normas internacionais e regulamentos nacionais;

V – Manter e incrementar as relações amistosas e desportivas entre suas filiada, incentivando o intercâmbio entre elas¹⁵.

Como se observa, todas as mudanças ocorridas na estruturação das organizações fazem parte de um processo civilizatório. Nessa nova configuração, as relações de poder estão distribuídas hierarquicamente com a CBK subordinada às instâncias superiores, como a já citada WKF e ligada ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB), entidade ligada ao Comitê Olímpico Internacional (COI). Por outro lado, subordinados à CBK estão as Federações estaduais e, à esta, as associações estaduais.

Nessa ocasião, alguns mestres tradicionais no Brasil se submeteram atualização de suas técnicas, outros a refazer seus exames de graduação e isso resultou, inclusive, em realocação de algumas graduações de faixas pretas.

Esses fatos geraram descontentamentos entre alguns mestres japoneses tradicionais, o que motivou, por conseguinte, na rejeição das determinações emanadas desses organismos. Em uma demonstração de protesto, essas pessoas se negaram a cumprir essas determinações e fundaram uma nova organização nacional do Karatê – a Confederação Brasileira de Karatê Tradicional (CBKT). E, mais tarde, também surgiram outros grupos de Karatekas descontentes e fundaram a Confederação Brasileira de Karatê Interestilos (CBKI), que

¹⁵ <www.karatedobrasil.com/confederação>. Consultado em 06 de dezembro de 2017.

congregaria todos os praticantes de Karatê do Brasil que estivessem insatisfeitos com as organizações a que se encontravam vinculados.

Nesse contexto, no olhar da teoria, (ELIAS. 2006 p. 29) nos afirma que “pares conceituais opostos, que servem para determinação da direção dos processos sociais, não têm apenas essa função. Eles podem servir para a determinação de oposições e tensões estruturais no interior de um movimento processual em cada época considerada.”

O que nos afirma a teoria é exatamente o exemplo empírico mencionado acima, quanto aos grupos de mestres Karatekas ligados à tradição que geram uma oposição em relação aos novos modelos a que se se apresentam, naquela ocasião. Por outro lado, as mudanças propostas nas normas e regras do Karatê dito *tradicional* estariam desvirtuando sua essência, sua originalidade, e esses mestres nipo-brasileiros tradicionais não aceitavam tais mudanças.

Nesse contexto, no exemplo empírico de oposição ocorrido com os mestres de Karatê nipo-brasileiros tradicionalistas, em diálogo com a teoria eliasiana, conforme nos relata Elias (2006, p. 57) que aborda questões relacionadas à tradição japonesa, ou melhor, ao método tradicional de auto-regulação, com exemplos ocorridos durante a segunda guerra mundial, e ressalta: “Enquanto cercados, os soldados civilizados tinham uma tendência pronunciada á rendição, em lugar de prosseguir com uma resistência desesperada; os japoneses, ‘menos civilizados’, revelavam-se um difícil problema por não estarem preparados para se render, quaisquer que fossem as circunstâncias”.

No exemplo citado da teoria, Elias nos mostra que os soldados japoneses que preferiam se render à morrer, já haviam avançado e estavam a um passo à frente no processo de civilização em relação aos que não se rendiam. O caso se assemelha, de certa forma, aos exemplos empíricos dos mestres de Karatê nipo-brasileiros e brasileiros que aderiram às mudanças sugeridas pelas organizações internacional e nacional do Karatê, respectivamente WKF e CBK, que também assim o fizeram, avançaram no processo civilizatório, em relação aos mestres nipo-brasileiros e brasileiros opositores. E esses, gradativamente alcançaram melhorias para o Karatê esportivo institucionalizado, moderno. Nesse contexto, um dos fatos considerados importantes nessa conquista, por assim dizer, foi a aprovação definitiva em 2016, do Karatê como esporte olímpico, pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), durante a realização das olimpíadas no Brasil.

Para ratificar, (ELIAS, 2006, p. 37) nos relembra, portanto, que “o processo civilizador está relacionado à auto-regulação adquirida, imperativa para a sobrevivência do ser humano. Sem ela, as pessoas ficariam irremediavelmente sujeitas aos altos e baixos das

próprias pulsões [urges], paixões e emoções, que exigiriam satisfação imediata e causariam dor caso não fossem saciadas.”

Por outro lado, em referência ao caso dos mestres nipo-brasileiros opositores que não se submeteram às propostas de mudanças, em uma análise por outro prisma, pode-se relacionar o fato diretamente às ideias patrióticas e nacionalistas. O nacionalismo japonês, também designado de imperialismo japonês, relacionado ao passado recente do Japão, até a segunda guerra mundial (1945), refere-se a uma série de ideias patrióticas e nacionalistas que existiam no país. No período Meiji, a ideologia nacionalista consistia em uma mistura de nativas e importadas filosofias políticas para promover a unidade nacional e o patriotismo na defesa contra a colonização por potências ocidentais e posteriormente na luta para alcançar a igualdade com as Grandes Potências.¹⁶

Ainda nesse mesmo contexto, quando Bauman (2010) aborda questões relacionadas à identidade, pela convivência cotidiana na interação com outros indivíduos, o autor nos assegura que não é raro em nossa vida e experiência de nos ressentirmos do fato de sermos objeto de coerção por circunstâncias sobre as quais percebemos não ter controle, e ressalta

Em alguns momentos, porém, afirmamos nossa liberdade em relação a esse controle com a recusa de nos conformar às expectativas alheias, resistindo ao que consideramos indevida usurpação de nossa liberdade, e – como se evidencia tanto ao longo da história quanto na atualidade – nos revoltamos contra a opressão. Ter a sensação de ser livre e concomitantemente não ser, entretanto, é parte comum de nossas experiências cotidianas – é também uma das questões que mais confusão provoca, desencadeando sensações de ambivalência e frustração, tanto quanto de criatividade e inovação. Bauman (2010, p. 33). Ainda sobre a formação de grupos e suas redes de interdependências, suas regras, e identificação por suas marcas registradas, para se distinguir dos que estão excluídos desse meio, Bauman (2010, p. 37/38) nos fala dos grupos formais ou informais, sobre as expectativas que os mesmos disseminam e impõem sobre seus adeptos, excluindo aqueles que não se adequam às regras do jogo. E ressalta:

Assim, é possível afirmar que o fato de podermos nos ajustar às condições de atuação no interior do grupo limita nossa liberdade, ao nos impedir de realizar experiências pobremente mapeadas e imprevistas, encontradas para além dos limites do grupo [...] Podemos aceitar essa sorte com tranquilidade e resignação, ou transformá-la em nosso destino, em entusiástico abraço de identidade de grupo – tornando-nos orgulhosos de quem somos e das expectativas lançadas sobre nós em consequência disso.(BAUMAN,2010, pp. 37-38).

¹⁶ https://pt.wikipedia.org/wiki/Nacionalismo_japon%C3%AAs

Assim, em diálogo comparativo com a situação dos mestres opositores com a teoria, o que se observa é o rompimento desse grupo em relação ao novo grupo formal, em consonância com o que afirma autor na citação “[...] transformar a sorte em nosso destino, em entusiástico abraço de identidade de grupo tornando-nos orgulhosos de quem somos e das expectativas lançadas sobre nós em consequência disso”.

Mas os grupos que aderiram às mudanças, por outro lado, conseguiram por conta disso, algumas conquistas e melhorias sociais como resultado do aperfeiçoamento e avanço das regras e normas, melhoria do nível técnico e de autocontrole dos golpes, evitando-se assim a substancial extrapolação das pulsões durante os *rounds* nos campeonatos, os acidentes e possíveis atrofias corporal do atleta. Na prática, esse aperfeiçoamento deu-se por recomendação e orientação da CBK junto às Federações e associações, por meio de cursos técnicos de arbitragem, com inclusive aplicação de provas teóricas e práticas para classificação nacional e estadual de árbitros.

Como uma das formas de se obter mais controle nos golpes por parte dos competidores, foi a de ser mais rigoroso na aplicação das penalidades que, aplicadas pelos árbitros, podem chegar até a expulsão dos infratores, principalmente quando um deles ou ambos praticarem atos de desonra ao Karatê, tais como o desrespeito ao árbitro, ao adversário, à organização do evento; ato de fingir ter sido atingido pelo oponente, objetivando obter vantagem na pontuação; atos de violência com agressão física sem técnicas, como também gestos de violência simbólica.

Nesse aspecto, Bauman (2010), em referências às nossas ações e decisões nos tornamos responsáveis por quaisquer resultados que dessas atitudes possam produzir resultados considerados não permitidos. Se tendermos a quebrar as regras que foram feitas para guiar a conduta das pessoas, antecipadamente podemos advertidos, mas se efetivamente as infringirmos, podemos ser punidos. E ressalta que:

Nesse sentido, as regras orientam, além de nossas ações, também a coordenação dessas ações com as de outras pessoas que podem, por sua vez, antecipar nossa provável atitude nas diversas situações. Sem isso, a comunicação e a compreensão de mensagens na vida cotidiana se tornam inconcebíveis. (BAUMAN, 2010, p. 34).

As normas e regras também passam a prever que, quando um adversário atingir fisicamente o outro com golpes sem controle em determinadas partes do corpo, como, por exemplo, cabeça, garganta, genital, com golpes de pés ou de mãos sem controle, causando-lhe danos físicos e resultando em hematomas, fraturas ou derramamento de sangue, e em outros casos específicos, em decorrência desse golpe. Ou seja, o que presenciamos é a vigência do

processo civilizador que adentra as artes marciais, especificamente o Karatê, com a sua institucionalização e auto-regulação sobre os Karatekas, o que reflete, por conseguinte, nos ambientes sociais diversos.

Nesse sentido, em um paralelo com a teoria, observa-se a semelhança das transformações socioesportivas no Brasil, nessa nova configuração no caso específico do Karatê, a criação das organizações para administrar a modalidade e a preocupação dos dirigentes com referência à aplicação das normas e regras como mecanismo alternativo para manter o autocontrole dos competidores durante as lutas e fora delas, ademais, esta seria uma das condições impostas para que a tão almejada inserção do Karatê nas olimpíadas fosse possível.

Em diálogo com a teoria pela semelhança empírica neste caso, com o que afirma Elias (1993, p. 193) quando se refere sobre o controle social ao autocontrole, bem como à organização da sociedade como forma de “Estado”, criando e impondo normas, ressalta que o processo civilizador constitui uma mudança na conduta e sentimentos humanos rumo a uma direção muito específica. Mas, evidentemente, pessoas isoladas no passado não planejaram essa mudança, essa “civilização”, pretendendo efetivá-la gradualmente através de medidas conscientes, “racionais”, deliberadas.

A aplicação da regra de arbitragem do Karatê contribui de certa forma, para evitar atos descontrolados que possibilitam acidentes durante as lutas, para melhorar o nível técnico e a sociabilidade do Karateka, que pensando na punição ou na vergonha social em decorrência de uma possível punição, procura evitar golpes sem técnicas e manter seu autocontrole, sendo esse um dos mecanismos para conter as pulsões, e que objetiva conduzir à passividade dos competidores.

Assim, Elias e Dunning (1992) quando se referem aos desportos modernos que, apesar de possuírem características de violentos, seus praticantes aprenderam a evitar essa violência, na perspectiva do desenvolvimento, no caso, em referência ao boxe e o exemplo do rãguebi modernos, o qual assegura que, em contraste com os seus antecessores populares, o rãguebi moderno é o exemplo de uma forma de jogo que é civilizada.

Eis, portanto, o resultado eficaz da teoria, aplicada nos esportes. Nesse contexto, as regras do Karatê, por se assemelharem empiricamente com ela também vêm sendo utilizadas com êxito e servindo como mecanismo de disciplina e de controle das pulsões, pela condução e autoridade do árbitro ao fazer cumpri-las, durante a arbitragem de um esporte que é civilizado, e conduzido por uma entidade nacional superior, no caso a CBK.

Os exemplos da teoria de Elias e Dunning se assemelham com as regras de arbitragem aplicadas no Karatê durante os treinamentos, com as quais o Karateka aprende a absorver e a conviver, notadamente sobre os fundamentos do Karate, suas técnicas de competição nos Kumite (lutas técnicas) e de Kata (forma; luta imaginária); a disciplina geral associada conduta, à educação alimentar, ao combate aos vícios nocivos à saúde; à filosofia da modalidade associada à ética, à perseverança; técnicas de socorros urgentes; cortesia (etiqueta) associada às boas maneiras, ao respeito e à hierarquia.

Segundo Elias (2011, p. 67), as regras de etiqueta exigidas à época, pela alta sociedade de corte ou cortesã da Europa, em comparação com as exigências da etiqueta, disciplina e respeito hierárquico, aliadas, inclusive, às regras de higiene, dentro das artes marciais têm uma flagrante aplicabilidade e semelhança, nesse contexto de conduta humana e de processo social. Assim, no desenvolvimento do conceito de civilidade (*civilité*), nas regras de comportamento constantes na cartilha de Erasmo de Rotterdam, citado por Elias (2011) quando faz referência, notadamente à postura, o gesto de respeito e ao vestuário:

[...] A postura, o gesto, o vestuário, as expressões faciais – este comportamento `externo` de que cuida o tratado é a manifestação do homem interior, inteiro...Embora este decoro externo proceda de uma mente bem-constituída não obstante descobrimos às vezes que, por falta de instrução, essa graça falta em homens excelentes e cultos. (ELIAS,2011, p. 65).

Também se insere nesse contexto, segundo (ELIAS,2011, p. 41): “[...] cortesia, submissão, boas maneiras [...]. Elias se refere também, no capítulo dois à civilização como transformação do comportamento humano e a enfatiza quando cita Erasmo de Rotterdam, em seu tratado, em 1530, *De civilitate morum puerilium* (Da civilidade em crianças), documento escrito tratava do aprendizado de regras de comportamento, de boas maneiras, do comportamento de pessoas em sociedade.

O exemplo da teoria eliasiana sobre o controle do comportamento, semelhantemente às regras práticas do Karatê institucionalizado que normatiza a conduta do Karateka, sua polidez, cordialidade, a etiqueta empregada no cotidiano de suas relações sociais, bem como as regras de arbitragem, que disciplinam o seu comportamento nos ambientes de treino (Dojo), e de competição (Koto), e fora dele constituem-se em ferramentas técnicas e de refinamentos empregadas como controle para direcionar o comportamento dos lutadores, por recomendações do Estado, aplicada pelos já referidos órgãos centrais reguladores, a WKF e, em nível de Brasil, a CBK e COB, com suas representações estaduais, as Federações, as quais por vez, constituídas pelas Associações. Desta forma os Karatekas melhoram os relacionamentos com as pessoas em sociedade; no seu ambiente de treinamento e de

competição, adquirem hábitos como, antes de adentrarem em ambientes de treinamentos e de competições, em sinal de reverência, retiraram seus calçados e curvam-se; igualmente assim também o fazem diante do Sensei e dos demais colegas; do público presente.

Como se pode observar o Karatê vem passando por um processo e avanço civilizatório transformador e de refinamento, desde o momento de seu reconhecimento como um esporte institucionalizado e ensinado nas escolas até se tornar esporte olímpico, e assim continuará sem tempo para findar, o que o caracteriza como uma atividade que não tem mais autonomia para preparar o indivíduo para bater, para atividades guerreiras como outrora o fazia, função esta que foi abrandada, pois a sociedade atual repugna atos de agressões físicas. Desta forma, por mais de quatro décadas de persistência, de adaptação às exigências dos órgãos superiores COI, COB, CBK, Federações Estaduais que os Karatekas não apenas do Brasil, mas de todos os continentes onde essa modalidade é praticada, esperou-se pelas considerações do COI para aprovar o Karatê como esporte olímpico.

Desta forma enfatiza-se que a paciência e a perseverança são virtudes próprias do Karateka. A longa espera trouxe os resultados esperados: em 2016, durante os jogos olímpicos no Brasil, quando o Karatê finalmente foi aprovado como esporte olímpico! Sua estreia será em Tóquio/Japão, em 2020 - um exemplo típico da ocorrência de um processo social transformador.

Assim, ratifica-se a ocorrência da paradoxal transformação e do desenvolvimento do Karatê, outrora uma arte marcial que preparava os indivíduos com técnicas corporais violentas para matar o inimigo nos confrontos belicosos, mas que após passar por todo um processo evolutivo, transformador e civilizacional, agora se apresenta, nesse novo contexto social e configuração, como um esporte institucionalizado e olímpico, dotado de princípios filosóficos e de normas de conduta, direcionado para a formação do caráter e da transformação social dos indivíduos Karatekas.

1.4 O Karatê no Amazonas – A “arte cabocla” e sua evolução no ambiente amazônico

1.4.1 Os Precusores do Karatê no Amazonas

Os primeiros imigrantes japoneses que se deslocaram para a Amazônia, segundo Homma *et al* (2011), deu-se por conta dos Tratados de Amizade, Comércio e Navegação com o Peru, que datam de 1873, com o México de 1888, e com o Brasil de 1895. Apropriando-se de Tatsuo Ishizu, assegura que, de fato, a presença japonesa na Amazônia ocorreu desde 1909, quando os chamados Peru Kudari, aqueles que desceram do Peru começaram a se

estabelecer, inicialmente, no Acre, posteriormente em Manaus/AM e Belém/PA. E ressaltam, no prefácio da edição:

Não obstante, o processo de emigração oficial dos japoneses para a Amazônia concretiza-se desde 1924. A Embaixada japonesa e governos estaduais do Pará e Amazonas realizam duas frentes de imigração no rio Acará, Estado do Pará, e em Maués, Estado do Amazonas. Em 1931, inicia-se a terceira frente de imigração no município de Parintins em Vila Amazônia. (HOMMA et al,2011, p. 15).

Desses deslocados há registros da vinda de mestres de artes marciais, no entanto, somente em 1933 aparece um mestre da arte marcial Karatê no Amazonas.

Segundo a Revista do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas - IGHA, (2015, p.17), o Karatê foi introduzido no Amazonas, primeiramente na cidade de Parintins, em Vila Amazônia, no ano de 1933, pelo mestre Saburo Ono, que era kotakussei (imigrante japonês com curso superior). Em 1946 deslocou-se para Manaus, passando a ensinar Karatê no Olímpico Clube até o final do mesmo ano.

Na década de 60, outro precursor da arte marcial Karatê surge na capital amazonense, trata-se do argentino Alberto Dias Goldfar, faixa preta de Karatê do estilo Goju-Ryu, instalando-se na cidade.

Segundo relatam seus ex-alunos, e também precursores do Karatê em Manaus - os faixas pretas Edgar Monteiro de Paula Filho, Eduardo José Cavalcante Monteiro de Paula, e Estêvão Vicente Monteiro de Paula, em entrevistas em realizadas no dia 09.01.2018, em Manaus, “o professor Alberto Dias Goldfar veio para Manaus fugido de perseguição política promovida pela ditadura militar da Argentina, naquela época (década de 1960). Nós iniciamos os treinamentos com ele na então sede do Nacional Futebol Clube, situada na Rua Saldanha Marinho – centro de Manaus/AM, por volta de 1967/1968 em diante, local em que já havia um grupo. Posteriormente, com a saída do professor Alberto da cidade, continuamos os treinamentos, desta feita na Rua Belém Adrianópolis.”

Ainda, no contexto da mesma entrevista, o professor Edgar ressaltou que “o mestre Alberto, que era Faixa Preta 2º ou 3º Dan, era revolucionário que pertencera à guarda presidencial argentina de Perón. Ensinava sem restrição os golpes traumáticos (lei da Física); treinava pela filosofia do Karatê e não pela competição. Em seguida, treinei também na China, na Alemanha e na Venezuela”.

Posteriormente surgem outros professores de Karatê em Manaus. Dentre os quais, Kasuteru Noguchi, que segunda a citada revista do IGHA (2015), chegou ao Amazonas em 1969, depois fundou a Academia Oyama de Karatê e Luta de Contato Kyokushin, que funcionou no clube União Esportiva Portuguesa, situada à Avenida Joaquim Nabuco, que

depois passou para a Rua Tarumã. Noguchi é um dos fundadores da Federação Amazonense de Karatê e seu primeiro presidente. Como seus seguidores, destacam-se os Takuya Kawada e Zander Sasaki, Hamilton dos Santos.

Outro registro que vale ressaltar foi a atuação do Sargento Eurico dos Santos, da Força Aérea Brasileira (FAB), Faixa Preta de Karatê estilo Shotokan, que no início da década de 1970 passa a ministrar aulas no Cassam Clube Militar de Manaus, do qual foram alunos os Sensei Antônio Lima Pinto, com graduação atual de faixa preta 5º Dan de Karatê Shorin-Ryu e Faixa Preta 3º Dan de Kobu-Do (luta com armas antigas do Japão); o Sargento Bentes, também militar da FAB, Faixa Preta, que mais tarde foi transferido outro Estado; o Sensei Hilário da Costa Santos, atualmente com a graduação de Faixa Preta 5º Dan de Karatê Shotokan; Sensei Damásio Pires de Mendonça, com graduação atual de 5º Dan de Karatê Shotokan e Appio da Silva Tolentino, faixa preta.

Com a transferência do professor Eurico para outra unidade da Federação, seus alunos mais antigos tomaram direções diferentes, enquanto outros abandonaram os treinamentos. O Sensei Antônio Lima Pinto passou a treinar Karatê e Kobu-Do com o professor Eugênio Lopez Magenta, então Faixa Preta 3º Dan de Karatê estilo Shorin-Ryu, na Academia de Judô e Karatê Jimenes, de propriedade do advogado Armando Jimenes, situada na Rua Rio Jutai, Conjunto Isaias Vieiralves, local onde também eram ministradas aulas do estilo Shotokan pelo médico ortopedista conhecido por Dr. Viana, Faixa Preta de Karatê Shotokan.

No entanto, dos vários alunos do professor Eugênio Magenta, registram-se que apenas os Sensei Antônio Lima Pinto e Afremon Cunha Bragança continuam treinando e disseminando o Karatê até nossos dias, os quais em 28.07.1983 fundaram a Associação Manauara de Karatê-Do Shorin-Ryu e de Kobu-Do. Destes descenderam as gerações atuais dos Karatekas adeptos do estilo Shorin-Ryu, ou a atual Shinshukan Amazonas.

Semelhantemente, no estilo Shotokan, as gerações atuais descendem, primeiramente, do mencionado Sensei Eurico e posteriormente dos Sensei Hilário da Costa Santos; Sargento Bentes e Damásio Pires de Mendonça os quais representavam a Associação Hienkan de Karatê Shotokan.

Nesse mesmo contexto, e também na mesma época, o professor Danilo Siqueira da Trindade, Faixa Preta de Karatê, representava o Karatê-Do Brasileiro do estilo do Sensei Tanaka, pela Associação Trindade, do qual descenderam vários atletas, dentre os quais continua em plena atividade o Sensei Rosenir de Souza Lira, Faixa Preta 4º Dan, que atualmente é representante local da Seido Karatê Amazonas, pela Associação Amazonas de Karatê-Do (AKA-DO), também filiada à FAK.

Nessa nova configuração em nível estadual, com o crescimento da modalidade na cidade e as determinações do Estado, por meio das pressões dos órgãos responsáveis pelo desporto, houve a necessidade de legalizar as academias de Karatê e, por conseguinte, a Federação Amazonense de Karatê (FAK), que de acordo com certidão expedida em 20 de Outubro de 2017, pelo Cartório de Títulos e Documentos e Registro Civil das Pessoas Jurídicas, a referida entidade foi fundada em 06 de Novembro de 1974, pelo saudoso professor Kazuteru Noguchi, em assembleia específica para esse fim, na mesma data, juntamente com os membros João Nogueira Marques, Sebastião Claudino Duarte, Hamilton dos Santos, Jonas da Silva Nascimento, Maria Madalena Belém Noguchi, Alberto Alves dos Santos, Klinger Simas Benchimol.

Como naquela época era necessário que houvesse pelo menos três clubes para a fundação legal de uma Federação, então Noguchi se utilizou destes meios para o ato legal, estando presentes os clubes e seus respectivos representantes o Nacional Futebol Nacional Clube, representado por Samuel Facundo do Vale; América Futebol Clube, representado por Arthur Teixeira Alves; Associação Recreativa ICA, representada por Hugo Reis; Juventos Esporte Clube, representado por Araken Vieira e Silva; e Associação Atlética Rodoviária do Amazonas, representada por Jacob Carneiro da Cunha.

Consta em ata de fundação da FAK que na mesma ocasião foi constituída uma comissão para criação imediata dos estatutos da entidade, pela necessidade urgente de legaliza-la junto aos órgãos dirigentes do esporte nacional no menor prazo possível.

Em outro momento, Kazuteru Noguchi foi eleito o primeiro presidente a administrar a FAK. No entanto, em decorrência de o Karatê Kyokushin do estilo criado pelo Sensei Masutatsu Oyama possuir um regulamento e sistema diferente do Karatê difundido pela Confederação Brasileira de Karatê (CBK), divergências técnicas se evidenciavam durante as competições oficiais, o que tornava embaraçoso para os competidores e para os árbitros administrarem as lutas – era uma antítese: de um lado o Karatê com o autocontrole de seus golpes e, de outro, o Kyokushin apresentado com suas características próprias de luta com contato, porque não havia aderido às novas exigências normativas da WKF, CBK, COI, COB, visando o autocontrole dos golpes.

Por conta disso o professor Noguchi desvinculou-se da FAK, que passa a ser administrada por outros Karatekas mais antigos e filiados, dentre os quais, Afremon Cunha Bragança, atualmente Faixa Preta 7º Dan; Danilo Trindade, Faixa Preta de Karate-Do Tanaka; Valdemarino Fernandes Damasceno, Faixa Preta; Antônio Lima Pinto, atualmente Faixa Preta

5º Dan; Gilson Lages do Rego, Faixa Preta 1º Dan; e atualmente Washington Luiz Carneiro de Melo, Faixa Preta 6º Dan.

1.5 Evolução e os fatos inéditos dos “Guerreiros da Paz”

Na historicidade dos fatos do Karatê amazonense há fatos que merecem destaques, que fazem parte de toda uma trajetória resultante de muito esforço pessoal e de perseverança, persistência, paciência, aprendidos nos próprios treinamentos de Karatê, como parte de suas regras, normas, e princípios de ideais filosóficos por seus praticantes absorvidos como sua própria filosofia de vida.

No início, por determinação dos organismos superiores, houve necessidade de se registrar legalmente todas as academias e transformá-las em associações sem fins lucrativos, regidas por estatutos, com diretoria eleita em assembleia geral, e posterior publicação de toda documentação no Diário Oficial da União (DOU), em seguida registrar no Cartório Especial de Títulos e Documentos, para depois encaminhar para a Prefeitura Municipal de Manaus, para aquisição de um Alvará de Funcionamento e, finalmente, junto à Receita Federal, para aquisição de um Cadastro Geral de Contribuinte (CGC).

Nesse contexto da “legalidade” ou “ilegalidade”, muitas idas e vindas em trâmites burocráticos, assembleias gerais para elaborar atas de fundação, estatutos de acordo com o modelo padrão estabelecido, em busca de recursos financeiros para custear todos esses registros faziam parte do cotidiano dos Karatekas, notadamente dos professores mais antigos, que tinham interesse em estar legalizados, do contrário, ficariam alijados, fora dos grupos legalizados e seus alunos impedidos de participar dos eventos socioesportivos oficiais e de graduações – seriam, então, considerados como representantes de “academia de fundo de quintal” – é o controle social do Estado.

Posteriormente, após todos esses registros legais, em decorrência do envolvimento com ilícitos, práticas antissociais como agressões físicas, assaltos à mão armada, de praticantes de outras modalidades de lutas, adeptos das referidas “academias de fundos de quintal”, então o Conselho Regional de Educação Física (CREF-8), juntamente com os órgãos de segurança do Estado e o Judiciário promoveram uma campanha de vistorias, com abordagens junto às academias, em busca de encontrar irregularidades, e até fechando as portas daquelas que se encontravam na ilegalidade.

Aproveitando o contexto da situação, o CREF convocou a todos os faixas pretas de todas as modalidades de lutas do Amazonas que não fossem graduados em educação física

para participarem de estudos de 6 módulos do curso educação física o – Programa de Instrução para Não-Graduados em Educação Física – promovido pelo CREF-8 em parceria com a Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal do Amazonas (FEFF/UFAM), com aulas ministradas por professores de educação física, aos finais de semana, nas dependências da Fundação Vila Olímpica de Manaus.

Mais uma vez, nessa nova configuração, os professores de Karatê se submeteram às condições de submissão hierárquica em obediência aos órgãos superiores para poderem continuar na legalidade, para se tornarem aptos e credenciados para continuar ministrando aulas. Ademais de tudo isso, incluem-se aí os custos financeiros para se manter legal e de acordo com a legislação vigente, filiado aos órgãos específicos da modalidade, no caso FAK, CBK, CREF-8 e a entidade representante do estilo em nível nacional/internacional.

Após legalizadas as associações, e seus respectivos professores aptos e credenciados a ministrar aulas, começa uma nova jornada: a busca da conquista de títulos nos campeonatos regional, nacional ou até internacional. Para tanto, é imperativo que ocorram constantemente cursos técnicos e de arbitragens, com a contratação de professores especializados, normalmente pertencentes aos quadros da diretoria técnica da CBK. E, tudo isso tem um custo financeiro: passagem aérea, transporte local, hospedagem, alimentação, e diária desses técnicos.

Com competidores teórica e tecnicamente preparados, começava-se uma nova jornada: seleção dos atletas locais com campeonatos seletivos; a busca por recursos financeiros para comprar passagens aéreas para a delegação e para custear outras despesas básicas como alimentação e hospedagem – essa ainda se constitui atualmente em uma das situações que mais requer dos atletas e dirigentes as virtudes paciência, perseverança e insistência, durante a trajetória da busca de patrocínios ou de ajuda dos órgãos esportivos do Estado e do município.

Nessa oportunidade destacam-se aqueles contribuíram nessa jornada inicial da implantação e do plantio das “primeiras sementes” do Karatê amazonense, como precursores, por ordem de antiguidade: Sensei Saburo Ono, imigrante japonês (Kotakusei), faixa preta de Karatê, não sabido sua graduação nem estilo; o imigrante argentino e faixa preta de Karatê Alberto Dias Goldfar, com graduação 2º Dan do estilo Goju-Ryu; seus alunos faixas pretas Edgar Monteiro de Paula, Estêvão Vicente Monteiro de Paula e Eduardo José Cavalcante Monteiro de Paula. O Sargento da Força Aérea Brasileira, Sensei Eurico dos Santos, Faixa Preta de Karatê estilo Shotokan; o Sensei e médico ortopedista Dr. Viana, Faixa Preta de Karatê estilo Shotokan; Sensei Kazuteru Noguchi, Faixa Preta de Karatê estilo Kyokushin; Sensei Eugênio Lopez Magenta, Faixa Preta 3º Dan Shorin-Ryu; Sensei Antônio Lima Pinto,

Faixa Preta 5º Dan (graduação atual) estilo Shorin-Ryu e 3º Dan de Kobu-Do (luta com armas antigas); Sensei Hilário da Costa Santos, Faixa Preta 5º Dan (graduação atual) estilo Shotokan; Sensei Danilo Trindade, Faixa Preta de Karatê; Damásio Pires de Mendonça, Faixa Preta Shotokan 5º Dan estilo Shotokan (graduação atual) Sensei Afremon Cunha Bragança, Faixa Preta 7º Dan (graduação atual) estilo Shorin-Ryu; professor Felipe Naveca, estilo Shotokan, não sabido sua graduação.

A partir dessa geração inicial de precursores descendem os Karatekas amazonenses, que somando esforços, também muito contribuíram e continuam a fazê-lo até nossos dias, para o engrandecimento do Karatê local, dentre outros, os que continuam atuando são Sensei Disney Pereira Bragança, Faixa Preta 7º Dan (graduação atual) estilo Shorin-Ryu, Sensei Rosenir de Souza Lira, Faixa Preta 4º Dan do Karatê Seido Juku; Sensei Luiz Gonzaga Ferreira, Faixa Preta 5º Dan (graduação atual) estilo Shorin-Ryu; Sensei Clóvis Albuquerque dos Santos, Faixa Preta 5º Dan Shorin-Ryu; professor Jorge Ribeiro Barreiros, Shorin-Ryu; Sensei Washington Luiz Carneiro de Melo, Faixa Preta 6º Dan; professor João de Souza Bezerra, Shotokan; professor Valdemir da Silva Garcia, Shorin Ryu, professor Maicon Willian de Souza, Shorin-Ryu, ademais de outros.

No decorrer dos anos, como já dito anteriormente, a coragem, a persistência com perseverança e muito trabalho com perspectivas de alavancar o nome do Karatê amazonense e projetá-lo em níveis nacional e internacional, os resultados das sementes plantadas lá no início começam a dar frutos.

Desta forma, os atletas que outrora eram competidores nas categorias mirim, infantil ou até infanto-juvenil cresceram e assumiram, nessa nova configuração, a função que outrora era exercido por seus Sensei, tanto na administração da FAK quanto como competidores, fato que não havia sido planejado anteriormente, mas que gerou a conquista de posições de destaques, pois acreditaram no trabalho que até então vinha sendo feito e o incrementaram com novas estratégias técnicas que apresentaram resultados que até então não se tinha alcançado na história do Karatê amazonense, o que denota um crescimento técnico importante.

Assim, considera-se que a persistência, a perseverança valeram a pena. Desta forma, destacam-se os fatos relevantes que contribuíram para alavancar e projetar o nome do Karatê amazonense para o Brasil e para outros continentes. Em seguida elencamos esses fatos:

Conquista do título de recordista do Guinness Book of Records (o livro dos recordes) 1995 e 1996, pela atleta Bárbarah Luccy Ferreira Pinto, como a mais jovem faixa preta de

Karatê do Brasil, obtido aos 12 anos de idade em exame regulamentar da FAK/CBK, título feminino que continua até nossos dias;

Conquista do título de a faixa preta de Karatê feminina mais graduada do Brasil pela Sensei Disney Pereira Bragança, com a graduação de 7º Dan de Karatê Shorin-Ryu em exame regulamentar pela FAK/CBK;

Conquista em exame regulamentar em 2015 no Chile, de árbitro internacional de Karatê, outro fato inédito na história do Karatê amazonense, obtido pelo Sensei Washington Luiz Carneiro de Melo, 6º Dan de Karatê Shotokan e atual Presidente da FAK;

- Conquista, pela primeira vez no Amazonas, da entrada de um atleta na seleção brasileira de Karatê, da CBK, fato conquistado pela atleta Natália Cristine Morais Faria, atleta da Associação Hienkan;

Conquista, pela primeira vez no Amazonas, da convocação de um atleta para seleção brasileira pela CBK para participar do Campeonato Mundial na categoria Cadete Júnior sub-20, com mérito para o atleta Ryan Christian, da Associação Fênix do município de Borba/AM.

Em referência às atletas femininas acima elencadas, quando se refere ao jogo de futebol para atletas amazônidas do sexo feminino, em *Ethos e Figurações*, Matos (2015, p. 396) enfatiza a atuação da mulher amazonense nos jogos e ressalta “ao vermos mulheres em jogo, podemos compreender as mudanças ao longo dos anos no decurso do processo de integração e da diferenciação [...]”. Assim como o futebol, que até recentemente era um esporte exclusivo para os homens, o Karatê assim também o fora, havendo até um olhar com certa censura nos dojôs quando as primeiras atletas femininas começaram essas práticas.

E a persistência dos dirigentes e atletas continua, visando a melhoria técnica dos competidores amazonenses, com a realização, inclusive, de alguns campeonatos brasileiros em Manaus.

Todos esses fatos importantes, inéditos são conquistas relevantes para o atleta, mas também para a administração do Karatê local e para o Estado – isso denota um avanço da capacidade estratégica na condução da modalidade local -, o ressalta o crescimento técnico do atleta competidor, dos “guerreiros da paz”. Portanto, o que se observa é o processo civilizador inserido no contexto das práticas do Karatê do Amazonas.

2 A PRÁTICA DO KARATÊ COMO MODO DE VIDA EM MANAUS

Neste capítulo objetiva-se destacar as técnicas do corpo e as formas diversas e possíveis de sua utilização contemporânea em preparação técnica para exercer atividades diversas, neste recorte em particular, nas ações táticas das competições amistosas e oficiais de Karatê, enquanto práticas corporais; as mudanças de comportamentos geradas a partir das observâncias de regras, normas e leis do Karatê e do Estado, para facilitar no enfrentamento e diminuição de atitudes violentas, agressivas; mudanças de comportamentos, inclusive para aquisição de hábitos salutarres para obter melhorias na qualidade de vida de crianças, jovens, adultos e idosos, em benefícios aos Karatekas em sociedade, nas suas práticas empíricas diárias, observadas no cotidiano dos jogos, dos treinamentos nas academias, nas competições amistosas e oficiais, na capital amazonense e nas comunidades amazônicas, em ancoragem com a teoria científica, visando a obtenção, como efeito resultante, das transformações sociais dos praticantes dessa conceituada arte marcial contemporânea, agora institucionalizada e olímpica, chamada Karatê.

As técnicas do corpo sempre se constituíram em fundamental instrumento de uso pelo ser humano, desde a era dos povos antigos até o momento atual, na contemporaneidade, agora desvendada com estudos e teorias desenvolvidas, tanto nos campos das ciências sociais e antropológicas quanto na educação física, como elementos eficazes para viabilizar melhorias nas diversas atividades envolvendo o ser humano.

2.1. Conceituação de Técnica

A palavra técnica trata-se de um adjetivo; parte material ou conjunto de processos de uma arte; maneira, jeito ou habilidade especial de executar ou fazer algo; prática. Também pode ser entendida como um conjunto, formas de se fazer algo da melhor maneira possível, com menos uso de energia corporal e de tempo, para alcançar a um objetivo planejado, a um resultado eficaz.

Assim, técnica (do grego *téxvn*, *téchhne*), é o procedimento ou o conjunto de procedimentos que têm como objetivo obter um determinado resultado seja no campo da ciência, da tecnologia, das artes ou em outra atividade qualquer¹⁷.

E sobre o corpo, em anatomia, corpo é o conjunto das várias partes que compõem um animal que, após sua morte, é considerado um cadáver. No ser humano, o corpo, também

¹⁷ <https://pt.wikipedia.org/wiki/T%C3%técnica>

chamado *somar* (do grego transliterado *sôma*), é considerado como o organismo material, abstraído de suas funções psíquicas (donde provém o conceito de somatização de algumas doenças) e, em biologia, engloba o conjunto dos tecidos vivos que perpetuam a espécie e a mantêm com vida¹⁸.

Nesse contexto, Mauss (2003) nos dá a contribuição com sua teoria afirmando que técnica “é o ato tradicional eficaz”. Para ele não há técnica e não há transmissão se não houver tradição. Assim, considera que é desta forma que o homem se distingue dos outros animais: “pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral”.

Observa-se que Mauss não apenas conceitua o termo técnica, mas também ressalta a forma como esta é transmitida nos diferentes povos, nas diferentes culturas. Mas também se refere ao corpo como o mais natural instrumento do homem; o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico do homem - seu corpo.

Nesse mesmo contexto, em semelhança com o que nos mostra Mauss, quando se refere ao corpo como o mais natural instrumento do homem, em uma abordagem sobre as atividades técnicas corporais tradicionais próprias do homem nativo do interior amazônico, Negreiros e Barbosa (2012), nos relatam sobre as atividades naturais, ademais de outras, no andar de canoa, pelo povo Sateré-Mawé, no município de Maués/AM. E ressaltam:

As técnicas do remar na canoa sabemos que fisiologicamente exige todo um esforço físico torácico e em específico dos membros superiores, exercendo movimentos de rotação frontal, fortalecendo os músculos do bíceps, abdômen e músculos costais. Isso em nossa visão; mas para o Sateré-Mawé, andar de canoa e o remar é visto como um costume natural e de grande utilidade, assim se está no costume com técnicas próprias de uma atividade física. (NEGREIROS; BARBOSA, 2012, p. 119).

Com referência ao corpo e sobre ele em uma visão histórica, Soares e Teixeira (2016, p. 11), abordam a questão relatando que até recentemente não havia um maior interesse pelos estudiosos na construção histórica do corpo, em decorrência dos fatores clássicos e judaico-cristãos herdadas em nossa cultura, que resultaram na exaltação da alma e no desprezo ao corpo.

As autoras ressaltam que “o corpo é situado no dualismo corpo-mente-alma, um dos fundamentos do pensamento moderno. Hoje, desfazê-lo tem sido um problema que tem envolvido, não sem grandes embaraços, todos os estudiosos de qualquer de qualquer que sejam as áreas de estudo”.

No entanto, a partir de estudos antropológicos e sociológicos recentes, o corpo do homem é analisado como um objeto construído, produzido no ambiente social em que nasce e

¹⁸ <https://pt.wikipedia.org/wiki/Corpo>

vive, isto é, todas suas características físicas, culturais e *modus operandi* comportamental que refletem e que são herdadas desse ambiente e da sociedade de sua origem.

Nesse sentido, ratifica-se em Soares e Teixeira (2016) que abordam a questão afirmando que a antropologia quando analisa o corpo o faz como um objeto construído no ambiente em que é gerado. E ressaltam:

De maneira mais forte, diremos que o corpo é resultado daquilo que a cultura lhe permite ser. Por outro lado, como é impensável uma cultura sem homens que lhe configurem e que concretizem aquilo que lhe é dado ser, temos uma relação de equivalência. O homem constrói a cultura ao mesmo tempo em que esta o constrói também. O corpo que apresenta hoje, no final do milênio, assim como aquilo que ele pensa sobre si, sobre o corpo, sobre o outro, são resultantes de um longo caminho percorrido. (SOARES; TEIXEIRA, 2016, p. 62).

Também com um olhar antropológico e sociológico, para Le Breton (2013) o corpo é uma espécie de escrita viva no qual as forças imprimem “vibrações”, ressonâncias e cavam “caminhos”. O sentido nele se desdobra e nele se perde como um labirinto onde o próprio corpo traça os caminhos.

Nesse sentido, o referido autor faz considerações sobre o corpo e suas várias formas utilitárias utilizadas para alcançar determinados objetivos. O corpo tornou-se um acessório, uma prótese, marcado por uma *subjetividade lixo*, uma bula, um Kit.

Critica a forma como o corpo contemporâneo está sendo tratado, às vezes até de maneira aética, quando, por exemplo, entram em ação os bisturis dos profissionais da medicina, os especialistas voltados à estética que transformam esse mesmo corpo original em um segundo corpo modificado, que para o homem ou a mulher “dono desse corpo”, que assim permitiu que o fizessem, o considera ideal, bonito, satisfatório, mesmo que tenha que para isso tenha que pagar altos preços monetários, e até correr certo risco, inclusive de morte. E, é em relação a esses aspectos que o referido autor comenta:

É a formidável convergência de práticas relativamente recentes, ou de sucesso recente, que faz com que o corpo seja hoje muitas vezes vivido como um acessório da presença (...). O corpo é um objeto imperfeito, um rascunho a ser corrigido. Vejam o sucesso da cirurgia estética: trata-se de um fato de mudar seu corpo para mudar sua vida. Adeus ao corpo aponta o paradoxo de uma modernidade cujo discurso aparente faz apologia do corpo para melhor esvaziá-lo, transformando-o em mercadoria e impondo um fora do corpo – como exterioridade redundante – que dita o simulacro do próprio corpo. (LE BRETON, 2013, p. 10).

O corpo é uma forma de expressão da individualidade. A criança, por exemplo, percebe-se e percebe as coisas que a cercam em função de seu próprio corpo. Isso significa que, conhecendo-o, terá maior habilidade para se diferenciar, para sentir diferenças. Ela passa a distingui-lo em relação aos objetos circundantes, observando-os, manejando-os, é o que nos afirma Oliveira (2015, p. 47). Em referência ao corpo, a referida autora ressalta ainda que:

O desenvolvimento de uma criança é o resultado da interação de seu corpo com os objetos de seu meio, com as pessoas com quem convive e com o mundo onde estabelece ligações afetivas e emocionais. [...] O corpo deve ser entendido não somente como algo biológico e orgânico que possibilita a visão, a audição, o movimento, mas é também um lugar que permite expressão, emoções e estados interiores. (OLIVEIRA, 2015, pp. 47-48).

De acordo com os autores, as técnicas por eles abordadas referem-se ao uso adequado do corpo para que, quando utilizado, se produza o máximo de rendimento com o mínimo de gastos de energia e de tempo. Esse também é um dos princípios referidos por Wacquant (2002, p. 150), quando ressalta “[...] é preciso usar seu corpo sem gastá-lo”, mas também adverte para o fato de que, a forma de preparação para usar o corpo sem gastá-lo, requer cuidados especiais, quando afirma que o excesso de preparação pode dilapidar em vão os recursos.

Semelhantemente na preparação física e técnica do atleta de Karatê, é necessário que haja disciplina, tanto por parte do competidor quanto de seu treinador, para evitar potenciais problemas relacionados ao esgotamento físico e outros pontos importantes como contusão, e até mesmo punição por infração cometida durante os *rounds* numa competição oficial, o que poderá comprometer o atleta a partir dali, tolhinda sua oportunidade, por exemplo, de chegar à etapa final de um campeonato.

2.1.2 O corpo enquanto desporto

Por outro lado, outras formas de abordagens culturais e antropológicas dessa fantástica e complexa “máquina” chamada corpo, sua utilização como técnica cotidiana (trabalho, esporte, caça, pesca) é ressaltada por outros estudiosos. Nesse sentido, Bento (2017) aborda o corpo utilizado nas atividades esportivas, enquanto desporto, e o define como “um conjunto de modos de lidar com a corporalidade”. E ressalta:

[...] Mediante o desporto, o corpo inscreve, na sua natureza de protocorpo biológico e motor, uma condição sociocultural, torna-se artefato da cultura. O mesmo é dizer que, através do *comportamento ou uso desportivo do corpo*, introduzimos neste e nos seus órgãos e sistemas efeitos e alterações morfo-funcionais. O exercício, praticado na aparência e superfície, atinge e modifica a essência do corpo e do sujeito; confirmando o veredito dos pensadores existencialistas: a existência, o modo de agir, precede e condiciona a essência. As pontes entre o desporto e o corpo são patentes e permanentes. Como fenômeno antropológico, o desporto está submetido à dialética de *constância e mutabilidade*. Mantém constante o sentido original, mas altera-se para se ajustar a idêntica dialética do corpo. (BENTO, 2017, p. 47).

Mas, para que haja desporto, tanto em nível incipiente quanto em alto nível de rendimento, o corpo precisa de constante treinamento técnico. Com uma abordagem sobre essa temática, Mauss (2003) nos fala em seu artigo noções de técnica do corpo, a partir de

estudos realizados e comparados entre culturas diversas, notadamente sobre o uso do corpo em seu cotidiano, com observações sobre determinadas particularidades tais como formas de caminhar, dormir, nadar, escavar, parir, sentar, comer, enfim, o uso do corpo e suas diferentes formas, posturas e suas utilidades, enquanto técnicas corporais. Nesse contexto, entende que esses procedimentos, enquanto técnicas representam fatos sociais, fenômenos manifestados nas diversas formas de cada povo, de cada sociedade.

Quando o referido autor ressalta que a técnica é o ato tradicional eficaz e que esta é transmitida pela oralidade, há sim uma similitude com a forma como era transmitida a técnica corporal da arte marcial Karatê (técnicas de mãos vazias, inerte) pelos mestres (sensei) a seus alunos (gakusei), até as últimas décadas do século XIX, tendo em vista a necessidade do sigilo e sem deixar registros em papiros ou em papel, por motivos de segurança.

Maus refere-se à utilização do corpo desde a primeira infância, quando a criança começa a engatinhar e a aprender os primeiros passos e ressalta que, para que isso ocorra é preciso que ela use a técnica de equilíbrio, por exemplo, que é desenvolvida a partir de uma necessidade, levada pelo impulso de visualizar e, por conseguinte, de imitar o que viu no outro. Também o uso da técnica para aprender a nadar o autor ressalta: “[...] Assim, antes mesmo que nadem, as crianças são treinadas, sobretudo a controlar reflexos perigosos mas instintivos dos olhos, são antes de tudo, familiarizadas com a água, para inibir seus medos, criar uma certa segurança, selecionar paradas e movimentos”.

Para Funakoshi (2014, p.14) ao se referir à palavra Kara (técnica), relacionada à arte marcial Karatê, ressalta que esta é uma técnica que permite que alguém se defenda com os punhos e com as mãos livres sem utilizar armas. [...] Quem estuda o Karatê-Do deve sempre se empenhar em ser interiormente humilde e exteriormente gentil.

Com a prática do Karatê esportivo, tanto o aluno novato (kohai) quanto o mais antigo (sempai) aprendem, respectivamente, pela oralidade e pela imitação, os primeiros passos com a utilização da técnica para aprimorar a estrutura muscular do corpo para posterior uso adequado no aprendizado e no aprimoramento dos fundamentos e das técnicas desta disciplina, tanto para as competições esportivas quanto para o seu crescimento gradual, que vão desde os graus inferiores (dangae) até os graus superiores (dan).

E esse aprendizado é contínuo e, para alcançá-lo o atleta precisa estar imbuído desse propósito, tendo em vista os exaustivos treinamentos teóricos e práticos que vão desde os fundamentos e história do Karatê até os conhecimentos de regras de arbitragens e primeiros socorros, visando o condicionamento e adequação física, concomitantemente com o

aprimoramento das técnicas do corpo até então conhecidas e na busca da transcendência desse nível para um novo patamar inovador, mais avançado.

Essa excitação e busca envolvente do atleta praticante do Karatê (Karateka) nasce desde o momento em que ele coloca, pela primeira vez, seu uniforme de treinamento, o Kimono (vestimenta), posteriormente no entrelaçamento social com os colegas de treinamento, nos exames de dangae (grau inferior) e dan (grau superior), nas competições esportivas, e que se prolonga por todo o percurso de sua vida, enquanto uma atividade prazerosa. Nesse contexto, em referência aos esportes que exigem muita dedicação em treinamento de técnicas e esforço físico durante os *rounds*, Elias e Dunnung (1992) ressaltam:

Uma tensão que causa prazer, uma agradável excitação que culmina num clímax deleitante e a liberação de tensão, é bem conhecida como um traço característico do ato sexual. Podemos ser tentados a considerar a agradável tensão e a excitação de uma luta que culmina em vitória com um derivativo das forças naturais em ação. [...] Por outras palavras, o que procuro dizer é que a sociedade que não oferece aos seus membros e, em especial aos mais jovens, oportunidade suficiente para excitação agradável de uma luta que não exige, mas pode envolver força e técnica corporal pode, indevidamente, arriscar-se ao entorpecer a vida de seus membros. (ELIAS E DUNNING,1992, p. 94).

Com uma visão de uso de técnicas do corpo como uma estratégia para aquisição da saúde, auto-realização, afirmação e satisfação Bento (2017) resalta que a saúde é treinável, ou seja, por meio de exercícios corporais pode-se adquirir e manter um corpo saudável. Desta forma, o autor resalta que

A atividade corporal constitui um estímulo de desenvolvimento, indispensável às crianças e aos jovens. E é possível sob múltiplas formas, mas onde se revela mais eficiente é sob a forma de prática desportiva. Porque esta vai ao encontro do psiquismo das crianças e jovens, apresentando uma ligação forte com motivos fundamentais, tais como: desejo de sucesso, de afirmação e de auto-realização, bem-estar e alegria. Mediante o desporto, os jovens descobrem novos domínios de vivência, integram valiosas relações sociais e descobrem pontos de referência para satisfação de uma de uma variedade incomensurável de necessidades vitais. (BENTO,2017, p. 41).

O que se observa são as técnicas enquanto preparação do corpo, aprendizado que apresentam um percurso com movimentos novos e repetitivos em que o corpo se adequa às novas exigências, enquanto a mente trabalha no aprendizado permanente das regras antigas e novas, no entendimento do que é, ou do que não errado, do que é socialmente considerado como correto, visando manter a disciplina corporal e o autocontrole da agressividade descontrolada, para não causar danos físicos ou até acidente fatal contra o adversário competitivo em uma luta (Kumitê), enquanto função social e, a saúde, enquanto função biológica e fisiológica - um processo social civilizatório constante.

Ao abordar o corpo, notadamente quanto a seu treinamento e preparação técnica, sua manutenção e a administração, enquanto capital-corpo, Wacquant (2002) nos remete ao boxe para mencionar exemplos bem característicos de gestão rigorosa do corpo, com o fim de alcançar um objetivo: a preparação física e técnica do corpo inteiro do lutador, mas particularizando cada uma de suas partes, principalmente as mãos e o rosto, para a obtenção das respostas durante as lutas no ringue, e fora dele.

Wacquant ressalta o exemplo do boxe quando nos afirma que:

Dito de outro modo, uma relação extraordinariamente eficiente, no limite do gerenciamento racional do capital específico que seus recursos físicos constituem. Isso porque o corpo do pugilista e, ao mesmo tempo, seu *instrumento* de trabalho – arma que ataca e escudo de defesa – e o *alvo* de seu adversário. Esta relação, contudo, não é nem o produto de uma atitude deliberadamente maximizadora, guiada por decisões individuais tomadas com pleno conhecimento de causa, nem o efeito mecânico de imposições externas que agem sem mediações sobre o organismo (ao modo de “vestimenta”, segundo Foucault), mas expressão de um *sentido prático pugilístico*, de um sentido de poupança corporal adquirido insensivelmente no contato durável com outros atletas, e com os técnicos, ao longo dos treinamentos e nos combates (WACQUANT, 2002, pp. 147/148).

Wacquant nos remete a um diálogo com Le Breton, em referência ao esforço físico e respectiva exaustão ao lutador; às dores causadas ao seu corpo em decorrência dos impactos dos choques de socos recebidos de outros lutadores durante os treinamentos e nas lutas oficiais, fatores que não dependem de influências externas, de seu técnico, por exemplo, mas sim, do seu eu, enquanto lutador, pugilista.

Semelhantemente, nesse contexto, Le Breton (2013, p. 207), referindo-se às dores e exaustões dos competidores, ressalta que “a atividade esportiva não exige apenas uma tenacidade e uma aptidão particular a resistir ao esforço e ao cansaço, é também uma luta íntima com o sofrimento, com a tentação quase sempre irresistível de relaxar e viver o êxtase provisório do desmoroamento na pista. [...]”

Wacquant (2002), quanto se refere a expressão *sentido prático pugilístico* também nos remete a um diálogo com Elias, quando este aborda a excitação causada pela euforia, pela emoção sentida pelo atleta durante os jogos, as práticas esportivas.

Em sua visão teórica, nesse contexto, (ELIAS, 1992, p. 79), abordando a excitação em decorrência das emoções geradas na prática do desporto, ressalta que, “o desporto, tal como outras atividades do lazer, no seu quadro específico, pode evocar, através dos seus desígnios, um tipo especial de tensão, um excitação agradável e, assim, autorizar os sentimentos a fluírem mais livremente. Pode contribuir para perder, talvez para libertar, tensões provenientes do *stress*”.

Mas também, nesse mesmo contexto, Wacquant (2002) aborda a questão econômica quando relata em sua frase “pagar com sua própria pessoa” e “...o corpo do pugilista é, ao mesmo tempo, seu instrumento de trabalho”, também nos remete a um diálogo com Bourdieu, quando aborda o *capital econômico*.

Desta forma, e nesse mesmo contexto, (BONNEWITZ, 2003, P. 53) nos trás sua contribuição quando aborda as diferentes formas de capital, mais especificamente em relação ao *capital econômico*, de Pierre Bourdieu, que permite estruturar o espaço social. E nos fala quando o capital está relacionado à abordagem econômica, em analogia, que se explica por suas propriedades reconhecidas. Ressalta: “ele se acumula por meio de operações de investimento, transmite-se pela herança, permite atrair lucros segundo a oportunidade que o seu detentor tiver de operar as aplicações mais rentáveis”.

Bonnewitz ressalta também a questão econômica relacionada ao caso do pugilista, nesse contexto, citado por Wacquant, que utiliza seu corpo como instrumento de trabalho e, por conseguinte, como mecanismo para gerar lucro financeiro, por meio de suas lutas. E ressalta “o *capital econômico*, que é constituído pelos diferentes fatores de produção (terras, fábricas, trabalho) e pelo conjunto dos bens econômicos: renda, patrimônio, bens materiais”.

Em relação à prática do Karatê, esta atividade atualmente também tem se tornado uma fonte de renda para determinados professores da modalidade, em seus dojos, o que se caracteriza, também, como um benefício socioeconômico, com geração de emprego e renda tanto para os professores quanto para o quadro de trabalhadores dos empreendimentos organizados como associações, academias, clubes e escolas. Para tanto, esses professores necessitam estar filiados junto às federações da modalidade e, em alguns casos, credenciados ao Conselho Regional de Educação Física de cada estado.

Ademais, tais situações denotam, evidenciam que o esporte constitui-se um instrumento social que remete, também, a benefícios econômicos, com geração de rendas, de emprego, por conseguinte, proporcionando autoestima a seus atores.

Nos aspectos psicossociais, o autodomínio e o autocontrole para o atleta constituem-se aspectos relevantes porque, além de o competidor cumprir as normas de arbitragem ele aprende a controlar as suas emoções, as suas pulsões em atitudes agressivas, além de melhorar seu convívio nas relações sociais.

Nesses contextos, o desportista contemporâneo de Karatê, semelhantemente ao homem primitivo, por seu intenso treinamento técnico corporal, porém, com postura civilizacional, adquire aguçadas habilidades em relação a sua percepção, tanto em suas

atividades diárias, nas competições, nas lutas esportivas da modalidade, em decorrência dos reflexos condicionados por isso adquiridos, quanto na sua vida social cotidiana.

Como Karateka, percebe-se a semelhança do que afirmam os autores até então citados, em suas teorias, que dialogam com essas experiências empíricas relatadas, e com Gonçalves (1994), notadamente na utilização da técnica adequada do corpo, que assim ressalta:

Nas sociedades estruturadas mais simples, o homem, para sua sobrevivência, depende diretamente da acuidade de seus sentidos, da agilidade de seus movimentos, por exemplo, o homem primitivo depende diretamente da percepção sensível e da ação de seu corpo; do mesmo modo para detectar a aproximação de inimigos, por meio de apreensão de vibrações do solo. (GONÇALVES, 1994, p. 15).

Na prática do Karatê, face aos intensivos treinamentos e preparação técnica do corpo, essas habilidades são resgatadas. Isso pode ser percebido em atletas de ponta, de alto nível técnico durante uma luta, em que os competidores têm suas acuidades auditiva e visual tão aguçadas que chegam ao nível de um perceber a intenção do outro por um simples olhar, ou movimentar de seu corpo. E, tecnicamente aproveitam-se dessa habilidade, quando há falha de uma das partes, para aplicar o golpe perfeito (*ippon*). Isso exige do árbitro muita habilidade e treinamento para acompanhar os movimentos e registrar no momento exato, os pontos ou as infrações cometidas, baseado nas regras, nas normas.

Desta forma, a prática do desporto, a exemplo da modalidade Karatê esportivo, com suas regras de conduta disciplinar, limita a excitação propensa às pulsões agressivas potencialmente criadas pelo confronto entre dois competidores, o que deve tornar esse confronto em um ato prazeroso, de excitação e de bem-estar, constitui-se em um dos importantes instrumentos para amenizar a exclusão social, especialmente entre as camadas mais jovens da sociedade (crianças e adolescentes). Torna-se, por conseguinte, um veículo disseminador socioesportivo para contribuir no enfrentamento para mudar comportamentos dos indivíduos e, obviamente, para minimizar atitudes de violência nos grupos sociais diversos.

Ratificando essas técnicas, Oliveira (2015) apud Harrow (1972) se refere aos povos primitivos que tinham essas habilidades altamente desenvolvidas, tendo em vista que delas dependiam para sua própria sobrevivência na caça, na pesca, na procura de alimentos, o que os ajudava o desenvolvimento psicomotor. E ressalta que “necessitavam de agilidade, força, velocidade, coordenação”.

Ainda nesse contexto, em referência às técnicas do corpo para aprimoramento das lutas esportivas como uma atividade social de lazer que produz excitação, Elias e Dunning abordam a questão e enfatizam:

[...] E descobri que os seres humanos, tal como eu posso observar, para além da excitação agradável do sexo também necessitam de outras formas de excitação deleitante, sendo a excitação da luta uma delas, e que a nossa sociedade, quando se atingiu um nível razoavelmente elevado de pacificação, esse problema foi até certo ponto resolvido pela provisão de combates miméticos, conforme realizado por meio do jogo num contexto que pode originar uma excitação agradável, desencadeada pelo combate, com o mínimo de ferimentos nos seres humanos (ELIAS E DUNNING,1992, p. 95).

Elias e Dunning se referem ao jogo, que denota emoção, mas para que haja jogo, é necessário treinamento de técnicas para a preparação adequação do corpo. Preparado para as disputas, o jogador permanece em um estado harmônico e de ansiedade até que chegue o momento da disputa, do jogo.

Em treinamento técnico de corpos de atletas considerados de alto rendimento, de avançado nível técnico, como ocorre de momento com a modalidade Karatê, que recentemente passou a ser uma modalidade olímpica, os preparativos para a próxima competição começam logo após a realização de um jogo, visando a manter suas *performances*. Nesse sentido, Retondar (2007) ressalta sobre o espírito competitivo e as emoções prazerosas que o jogo pode proporcionar durante as efetivas ações nas disputas. E relata:

[...] O espírito competitivo no jogo nasce no decorrer do movimento do jogador, nem antes nem depois dele. São os ânimos dos jogadores, as suas motivações internas pelo aumento do prazer e da excitação que podem deflagrar a competição, o agonismo dentro de uma proposta inicial que poderia ter sido apenas de vivenciar um mero passatempo sem a necessidade de disputa. Mas, no caso do jogo, a competição se fundamenta como emergência do espírito agonístico face aos rumos que foram dados espontaneamente pelos próprios jogadores no decorrer do ato de jogar. (RETONDAR,2007, p. 40).

As técnicas do corpo possuem suas especificidades, daí a necessidade de certas padronizações voltadas para um fim específico, como uma habilidade manual, movimentos sincronizados das pernas, do corpo como um todo exigem paciência e perseverança no seu aprendizado e aperfeiçoamento. Mas, dependendo de cada cultura, apesar do padrão de nomes, mas na prática há pequenas diferenças apresentadas na forma, na representação visual do corpo.

Nesse sentido, (MATOS, 2015, p. 343) nos relata a respeito da caçada na floresta amazônica, onde os nativos caçadores, durante seu deslocamento, executam movimentos de flexão e inclinação do tronco para a frente e para os lados, agachamentos, elevação de pernas com flexão e extensão de joelhos solicitadas por obstáculos que se apresentam à frente: cipós, e no processo de renovação cultural, as árvores e troncos caídos ao chão.

Nesse mesmo sentido, Mauss se refere, por exemplo, aos passos da marcha da infantaria britânica, que apresenta diferença.

Todos sabeis que a infantaria britânica marcha um passo diferente do nosso: diferença de frequência, com uma outra duração. Não falo, por enquanto, do balanceio inglês, nem da ação do joelho etc. [...]. Assim, vi de forma muito precisa e frequente, não só quanto à marcha, mas também quanto à corrida e seus desdobramentos, a diferença de técnicas tanto elementares quanto esportivas entre ingleses e franceses. (MAUSS, 2003, p. 403).

Nesse aspecto, semelhanças também se apresentam com o Karatê, quando os atletas realizam movimentos do corpo na execução de Kata (forma) por equipe, que apresentam movimentos sincronizados de forma harmônica, com blocos de movimentos rápidos em um momento, e lentos em outro. Nessa modalidade de competição o Karateka (praticante de Karatê) enfrenta um ou vários adversários, em uma luta imaginária. E, durante a execução desse Kata por equipe, em número de três competidores, geralmente são todos os membros do mesmo estilo, divididos em diferentes categorias, por graduação, sexo e faixa etária.

Durante a execução do Katá é possível se distinguir, por meios de seus movimentos, a qual linha o competidor pertence, exatamente porque cada estilo possui movimentos característicos, padronizados de acordo com suas raízes de criação. Essa distinção se torna fácil por um Karateka mais antigo, por um árbitro. Isso nos é assegurado por Funakoshi (2014, p. 26), quando afirma: “Distinguir as várias escolas e os estilos é uma tarefa sem fim. Em todos os *budo* (caminho marcial) e não apenas no Karatê, a interpretação da arte por aqueles que treinam difere de acordo com a interpretação de seus instrutores [...]”

Do mesmo modo, pela convivência ligada por laços de familiaridade empírica, também é possível identificar-se o andar de um homem amazônico, notadamente o trabalhador rural, pelo seu biótipo, pela cor de sua pele alterada pela contato diário com o sol, pela musculatura desenvolvida face às suas atividades cotidianas desde sua juventude, nos deslocamentos a pé pela floresta ou pelo campo aberto; no remar nos deslocamentos fluviais; nos trabalhos na roça, na pesca, na caça que, com o passar dos anos, moldam sua estrutura física, o que reflete na sua forma de caminhar, no seu sentar, na sua forma de ser, enquanto homem do campo. Igualmente distingue-se pelo biótipo, por exemplo, um karateka, um halterofilista, um militar.

Em referência às metodologias de ensino das técnicas do corpo, Mauss (2003) nos fala da arte de utilizar o corpo humano, enquanto método de aprendizagem e ressalta que:

A noção de educação podia sobrepor-se à de imitação. Pois há crianças, em particular, que têm faculdades de imitação muito grandes, outras muito pequenas, mas todas se submetem à mesma educação, de modo que podemos compreender a sequência dos encadeamentos. O que se passa é uma imitação prestigiosa. A criança, como o adulto, imita atos bem-sucedidos que ela viu ser efetuados por pessoas nas quais confia e que têm autoridade sobre ela. O ato se impõe de fora, do alto, mesmo um ato exclusivamente biológico, relativo ao corpo. O indivíduo assimila a série dos

movimentos de que é composto o ato executado diante dele ou com ele pelos outros. (MAUSS, 2003, p. 405).

Essa didática é semelhante a que se adota no ensino e aprendizado do Karatê, nas técnicas de luta Kunitê e de Kata, onde a figura de quem as ensina, o Sensei, enquanto uma pessoa muito respeitada e confiável, no contexto acima, é representada por quem os alunos têm respeito e admiração - a pessoa que tem mais experiência, prestígio e autoridade.

O Sensei executa os movimentos, com o máximo de perfeição possível e pede aos Karatekas para imitá-las em seguida, os quais serão repetidos tantas vezes forem necessárias até que se igualem ou se aproximem do movimento original. O aspecto da imitação, também pode ser feito na observação uns com os outros, no grupo, socializando a compreensão, especialmente quando há vários indivíduos. É jogo que exige e treinamento para adquirir coordenação motora (psicomotricidade).

Nesse mesmo contexto, Heller (2016, p. 61), nos ampara com sua teoria quando nos assegura que “não há vida cotidiana sem imitação. Na assimilação do sistema consuetudinário, jamais procedemos meramente `segundo preceitos`, mas imitamos os outros; sem mimese, nem o trabalho nem o intercâmbio seriam possíveis”.

No Karatê, após o aprendizado pelo método já referido, a utilização da técnica ocorre, principalmente, no ato do confronto, de uma luta esportiva, seja ela na modalidade Kunitê ou Kata. E, durante os *rounds*, para incrementar mais a técnica, o Karateka se utiliza do Kiai, manifestado por um grito, não com o uso exclusivo dos músculos da garganta, mas também e principalmente com do seu diafragma, que objetiva assustar ou desequilibrar emocionalmente o adversário e aproveitar essa fração de segundos para aplicar um golpe pontuável.

2.1.3 O corpo enquanto técnica comportamental

A técnica comportamental está diretamente relacionada ao ensino e à educação, onde os indivíduos aprendem a direcionar ou a redirecionar suas formas cotidianas de ser e de agir, de acordo com o que é socialmente considerado correto, permitido em seu convívio social, baseado nas regras, normas, regulamentos e leis.

Para Jocimar (2013, p. 36), no corpo estão inscritos todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca. Mesmo antes de a criança andar ou falar, ela já traz no corpo alguns comportamentos sociais, como o sorrir para determinadas brincadeiras, a forma de dormir, a necessidade de um certo tempo de sono, a postura no colo.

Nesse sentido, a expressão comportamental do corpo, pode-se observar na Amazônia a forma de como as crianças indígenas são transportadas por suas mães no colo, ou melhor, na lateral do corpo de seu corpo, apoiada por uma cinta de fibra de madeira (envira), e não na região do peitoral, como na sociedade dominante.

Em referência ao comportamento gestual como os cumprimentos, por exemplo, em algumas sociedades eles são manifestados através de contatos manuais em apertos de mãos; no Karatê, por exemplo, por ser uma modalidade de origem oriental, recebe influência dessa cultura, portanto, o cumprimento se faz com gestos de curvatura do corpo, sem, no entanto, o contato físico, mas que expressa um comportamento de respeito, reverência e cordialidade com o seu interlocutor, seu adversário antes e ao final de uma luta, para adentrar em lugares considerados sagrados como no Dojo (academia), ou no Koto (área de competição), próprio das regras de etiqueta da arte marcial Karatê.

Jocimar (2013) nos afirma que “o homem, por meio de seu corpo, vai assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sociais, num processo de incorporação (a palavra é significativa). Diz-se correntemente que um indivíduo incorpora algum novo comportamento ao conjunto de seus atos, ou uma nova palavra ao seu vocabulário ou, ainda, um novo conhecimento ao seu repertório cognitivo”. O autor ressalta também:

Mais do que um aprendizado intelectual, o indivíduo adquire um conteúdo cultural, que se instala no seu corpo, no conjunto de suas expressões. Em outros termos, o homem aprende a cultura por meio de seu corpo. [...] Pode-se afirmar, portanto, que o corpo humano não é um dado puramente biológico sobre o qual a cultura impinge especificidades. O corpo é fruto de interação natureza/cultura. Conceber o corpo como meramente biológico é pensá-lo – explícita ou implicitamente – como natural e, conseqüentemente, entender a natureza do homem como anterior ou pré-requisito da cultura. (JOCIMAR,2013, pp. 37/38)

Com a prática do Karatê, por meio das regras e das normas, procura-se adaptar o corpo, os hábitos de modo de absorver e tornar o comportamento adequado ao que é socialmente considerado como correto, em nossa casa, na academia, no trabalho, na escola, nos espaços públicos, enfim, onde quer que possamos ir ou vir.

Ratificando essa afirmativa, (SANTOS, V.F. et al,2016, pp.3/4), que se apropriam do que afirma (ALMEIDA, 2006) nos asseguram que a prática do Karatê tem diversas funções e tem como características, dentre outras, a formação do caráter, do controle emocional, disciplina, defesa pessoal além de ter uma contribuição significativa no desenvolvimento motor [...] e participa de uma forma global no desenvolvimento das crianças, pelas suas características motoras e sociais, onde a disciplina, o respeito e o autocontrole são ensinados como plataforma no desenvolvimento do caráter do praticante.

Os autores ressaltam, também, que “atualmente o Karatê se tornou um esporte praticado em todo o mundo, por homens e mulheres de todas as idades, que buscam nesta modalidade qualidade de vida e sua prática regular proporciona aquisição de uma boa saúde física e mental [...]”.

Essas virtudes aprendidas por um Karateka ajuda-o a se preparar para enfrentar as adversidades cotidianas do mundo atual, contra a violência por que passa nossa sociedade, conforme ressalta Rodrigues (2015), quando afirma que:

Diante da decorrência com se desencadeiam atos individuais ou coletivos de agressão, com que se deflagram guerras por territórios, por motivos religiosos ou econômicos, com que se hostilizam entre si grupos raciais, políticos ou esportivos, com que se desentendem cônjuges, familiares, amigos, inimigos, colegas, estranhos, não raro atingindo níveis de profunda violência física e psicológica, as projeções assumem perspectivas assustadoras. (RODRIGUES,2015, p. 323).

Portanto, um dos objetivos do Karatê é que seus adeptos adquiram comportamento de passividade, respeito, cortesia para com seus semelhantes, de modo a evitar a extrapolação das pulsões e os comportamentos agressivos e antissociais, melhorando suas relações interpessoais e tornando-os mais sociáveis, com índoles pró-sociais.

Nesse contexto, a educação é um dos mecanismos fundamentais para orientar os indivíduos a se comportarem adequadamente em sociedade. Conforme nos assegura Almeida (2012) “a educação consiste em transmitir normas de comportamento técnico-científico (instrução) e moral (formação do caráter) que podem ser compartilhadas por todos os membros da sociedade”.

Ademais das normas e regras, outro fator interessante que se considera de fundamental importância, no contexto do comportamento é o estímulo motivacional ao atleta, notadamente durante as competições esportivas. As palavras do Sensei de Karatê ou do técnico, e um adversário de corpo presente, bem como o ambiente durante os treinamentos técnicos ou as disputas esportivas são fatores que contribuem positivamente como estimuladores na mudança comportamental – motivam. PINTO, João (2009), apud Godinho Melo & Barreiros, 2005; Cook & Woollacott, 200; Houston & Lowes, 1993; ressalta, respectivamente que a aprendizagem de tarefa motora que resulta em alterações do comportamento motor. [...]; as limitações impostas pelo ambiente onde decorre a ação influenciam a habilidade do executante em recolher rápida e eficazmente a informação do mesmo, que lhe permita tomar uma decisão e organizar o comportamento motor mais adequado. Deste modo, é importante que o executante de qualquer ação ou tarefa motora se adapte a realiza-la em diversos ambientes, alguns dos quais semelhantes com aqueles que irá deparar quando tiver de realizar

essa mesma ação, de modo a tornar mais eficiente a seleção da resposta motora sendo criadas novas estratégias perceptivas para o desempenho dessa ação.

Na prática do Karatê ocorre, em semelhança ao que afirmam os autores em suas teorias, quando o Karateka desenvolve treinamento técnico sempre no mesmo dojo (academia), notadamente de Kata (forma). No dia em que ele sai desse ambiente e executa o mesma Kata em outro dojo, ou koto (espaço delimitado de competição), diferente daquele já conhecido, ele sente certa dificuldade com referência à sua espacialidade. E, dependendo da pressão externa, no caso de competição, poderá até se equivocar em alguns movimentos técnicos, incorrendo em erros e a consequente derrota. Para se evitar essa ocorrência, é de fundamental importância conhecer antes o local da competição, para que o competidor, antecipadamente, faça uma ambientação espacial do local das disputas. Ou ainda, no seu próprio ambiente, faça treinamentos variando a direção dos deslocamentos, tanto de Kata quanto de Kihon.

Por se tratar de comportamento corporal, há técnicas do corpo que se referem à postura, à etiqueta, aos gestos, ao comportamento à mesa, por exemplo, que são próprios de cada cultura, de cada ambiente social e da educação ali recebido, construída naquele ambiente em que foi gerado. Mauss (2003) se refere, nesse particular, como exemplo de comportamento do corpo à mesa, as *posições de mão*, em repouso, convenientes ou inconvenientes utilizadas por uma criança, se esta conserva à mesa os cotovelos junto ao corpo e, quando não come, as mãos sobre os joelhos, que ela é inglesa. Uma criança francesa não se comporta mais assim: abre os cotovelos em leque e os apoia sobre a mesa, e assim por diante.

Semelhantemente, (ELIAS, 2011, p. 75), também se refere à postura e movimentos do corpo, obviamente em referência à etiqueta à mesa: “Não ponha os cotovelos em cima da mesa, dizem frequentemente. Mostre um rosto alegre. Não fale demais. São frequentes os lembretes para não se coçar ou cair vorazmente sobre os alimentos”.

As posturas do corpo e os gestos têm uma importância comportamental de grande relevância cultural no *ethos* da arte marcial Karatê, que vão desde as sinalizações de comando, nos movimentos dos corpos dos competidores e de um juiz, em uma arbitragem durante uma luta, até os gestos de cumprimentos (pequena curvatura do corpo) a superiores hierárquicos ou para adentrar em lugares considerados sagrados, como forma de etiqueta, respeito e disciplina.

Por exemplo, um atleta de Karatê para entrar na academia (dojo), considerado um local sagrado, primeiramente por questões culturais e de higiene, retira seu calçado. Um gesto

que denota, principalmente, uma demonstração de respeito, de etiqueta - com os calcanhares unidos e pontas dos pés afastados, braços estendidos junto ao corpo, faz uma pequena curvatura em seu corpo antes de adentrar ao local. Semelhantemente, executa o mesmo gesto, como cumprimento, diante de seu superior, seu Sensei (mestre, o mais experiente e respeitado), e assim o fará com outros colegas de mesmo nível ou superiores. De mesmo modo o fará, também, ao se retirar desse ambiente. Tudo isso faz parte do cumprimento das normas.

Ressalta-se que, seguindo orientações da *World Karate Federation* (WKF), a partir da Consolidação das Leis do Karatê (CLK) se derivaram todas as outras regras e normas do Karatê nacional, que são aperfeiçoadas constantemente, de acordo com as novas realidades que surgem durante os campeonatos mundiais. Considerando esses princípios, regras, normas desta modalidade, que são ensinadas, observadas e praticadas no decurso dos treinamentos do Karatê, internamente e durante as lutas oficiais externas, o praticante delas se apropria, e é desta forma que se acredita que as mesmas podem atuar no comportamento e nas relações sociais cotidianas como contribuição pessoal e coletiva dos Karatekas.

Ademais, nesse mesmo contexto, conforme ressaltam Pinto e Matos (2017), que ratificam e reforçam essas afirmativas:

Nos ambientes Dojo (Academia) e no Kotô (espaço de 8m², delimitado socialmente e permitido para os indivíduos competirem), o combate torna-se um espetáculo para o público espectador, pela beleza no domínio das habilidades do corpo com as técnicas e com o devido autocontrole dos golpes, sem, contudo, aniquilar seu adversário. Ao final, por normas e etiqueta, perdendo ou ganhando, o indivíduo tem que cumprimentar o árbitro principal e o outro competidor, um gesto de respeito que também é feito no início da luta, desta forma, no Karatê como luta esportiva se inicia com cumprimento e termina com cumprimento. (PINTO; MATOS, 2017, p. 126).

Esse cumprimento é um gesto que está inserido na cultura das artes marciais, mas principalmente da cultura oriental, que marca a época imperial, quando, por exemplo, o tamanho da curvatura do corpo representava o grau de autoridade da pessoa a quem se cumprimentava.

Nesse contexto pode-se observar a semelhança do uso das regras e normas, conforme nos afirma da Nóbrega et al. (2016), quando se refere à prática da educação física e ressalta “herdeira de uma tradição humanística que remonta às fontes do mundo greco-romano, a educação física e esportiva é um elemento da cultura e se constitui, no sistema escolar, como um fator de abertura sobre si mesmo e sobre os outros, de aprendizagem das regras sociais, de equilíbrio e de autonomia [...]”. da Nóbrega et al. (2016, p. 229).

Mas é importante ressaltar que, um elemento imprescindível para o ensino/aprendizagem tanto das regras quanto das técnicas do corpo é a disciplina, um dos mecanismos fundamentais para o alcance dos objetivos traçados, quais sejam: a força e a resistência física, as técnicas, a coragem, as posturas, as transformações e moldagens de seus corpos e seus comportamentos, conforme se refere (FOUCAUT,1987, pp.164/165) que ressalta: “[...] Muitas coisas, entretanto, são novas nessas técnicas. [...] Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade, são o que podemos chamar de ‘disciplinas’”.

No aspecto de símbolos morais e intelectuais, no concurso do corpo, (MAUSS,2003, p. 408) fala que tudo em nós todos é imposto, referindo-se ao conjunto de atitudes, de posturas físicas, o tom da voz, quando alguém fala e, semelhantemente, alguém que ouve atentamente e em silêncio. Enfatiza que: “temos um conjunto de atitudes permitidas ou não, naturais ou não. Assim atribuiremos valores diferentes ao fato de olhar fixamente: símbolo de cortesia no exército, de descortesia na vida corrente”.

Nesse contexto em comum, mas com um olhar da Antropologia dos povos amazônicos, ressalta-se que alguns povos indígenas do baixo Amazonas como os mura, mundurucu e até os saterê-mawé têm como característica durante um diálogo, não olhar fixamente nos olhos de seu interlocutor. Isso representa, para eles, um símbolo característico, um sinal de respeito para com a pessoa com quem ele conversa, notadamente quando no momento em que a ouve. Norbert Elias, referindo-se ao tratado de Erasmo de Roterdã (*De civilitate morum puerilium*) que apresenta características comportamentais do corpo, a exemplo da etiqueta, como um dos sinais de avanço civilizatório em sociedade. E ressalta:

[...] o olhar esbugalhado é um sinal de estupidez, o olhar fixo, sinal de inércia; o olhar dos que têm inclinação para a ira é cortante demais; é vivo e eloquente o dos impudicos; se seu olhar demonstra uma mente plácida e afabilidade respeitosa, isto é o melhor. Não é por acaso que os antigos dizem: “os olhos são o espelho da alma” (*animi sedem esse in oculis*). (ELIAS,1994, pp. 66/67).

No Karatê, durante uma luta competitiva, esse olhar é utilizado mais frequentemente como uma estratégia, durante um Kumi-tê. Trata-se de, como se refere a citação de Elias, um olhar esbugalhado, desta feita não de estupidez, mas para expressar coragem, autoridade, superioridade, para se “impor” sobre o oponente, com a finalidade de impactá-lo provocando-lhe reação de medo, com desequilíbrio emocional para que, com isso, possa obter vantagem, aplicando-lhe o golpe perfeito, o (*ippon*).

No entanto, é interessante ressaltar que, ao final de cada Kunitê, como sinal de respeito mútuo e harmonia, os atletas se cumprimentam com um gesto de curvatura de seus corpos e olhares afáveis, diretos e recíprocos, e até reciprocamente apertam suas mãos ou se abraçam, o que deixa evidente que aqueles gestos adjetivos utilizados durante a luta eram apenas estratégias passageiras. Assim, ratifica-se, no Karatê, enquanto luta esportiva, os *rounds* se iniciam com cumprimento e se encerram com cumprimento.

Semelhantemente, Gonçalves (1994) aborda a temática referida por Elias, no tocante ao comportamento dos indivíduos em sociedade. A autora refere-se a esses indivíduos pelo olhar da corporeidade, o que também ratifica o que acima se afirma, em relação à mudança de comportamento decorrente da interiorização das normas, regras, leis visando ao controle das pulsões dos praticantes de Karatê, e as afirmativas teóricas da referida autora também dialogam com as práticas empíricas adotadas com os Karatekas, que resultam no aumento de suas sensibilidades. Portanto, a autora assegura:

Ao longo da história humana, o homem apresenta inúmeras variações na concepção e no tratamento de seu corpo, bem como nas formas de comportar-se corporalmente [...] variam as técnicas corporais relativas a movimentos como andar, pular, correr, nadar etc.; b) os movimentos corporais expressivos (posturas, gestos, expressões faciais, que são formas simbólicas de expressão não-verbal; c) a ética corporal, que abrange ideias e sentimentos sobre a beleza etc; d) o controle de estrutura dos impulsos e das necessidades (GONÇALVES,1994, p. 14).

Ainda a respeito do que afirma Gonçalves sobre as formas simbólicas de expressão não-verbal, observa-se a similitude com o que ocorre entre dois Karatekas durante uma disputa, que procuram por em prática todo conhecimento das técnicas corporais aprendidas até chegar àquele nível de conhecimento, e uma dessas técnicas se traduz na expressão facial (não-verbal), isso ocorre, ratifica-se, quando um ou ambos os competidores mostram nitidamente em seus semblantes a expressão de raiva, medo, ou coragem. E, no caso da expressão de raiva, ele, ou ela, passa a impressão de que naquele instante vai partir para uma extrapolação de seu autocontrole, no entanto, trata-se apenas de uma estratégia para tentar desequilibrar emocionalmente o seu oponente e aproveitar, com isso, para pontuar com um golpe válido, ressaltado na letra (b) da citação da autora, até porque neste instante ele, ou ela, (Karateka) está sob o domínio do autocontrole do seu golpe, como expressa a letra (d) da mesma citação.

2.1.4 O Karatê Como uma atividade física e lúdica na construção de habilidades técnicas do corpo

Não se pretende aprofundar em conceituações, no entanto, é importante, de forma sucinta, abordar essa questão. Assim, o lúdico é um adjetivo masculino com origem do latim *ludos* que remete para jogos e divertimentos. Uma atividade lúdica é um entretenimento, que dá prazer e diverte as pessoas envolvidas. Está relacionada com o ludismo atividade ligada com jogos e com o ato de brincar.¹⁹

Ainda, por atividade lúdica entende-se como todo e qualquer movimento que tem como objetivo produzir prazer aquando sua execução, ou seja, divertir o praticante. E se caracterizam como brinquedos ou brincadeiras menos consistentes e mais livres de regras ou normas; não visam competição como objetivo principal, mas a realização de uma tarefa como forma prazerosa; sempre com a presença de motivação para atingir os objetivos.²⁰

A prática esportiva originalmente tem uma relação direta com os jogos de brincadeiras, que faziam parte da cultura dos povos como expressões tradicionais do sagrado e do profano, que consistiam em atividades lúdicas de caráter ritual. Nesse aspecto, Almeida (2012, p. 79) assegura que “[...] pelas suas exigências, essas atividades celebravam o corpo, a força, e beleza e o mágico. Uma característica do esporte moderno é retirar o caráter ritual religioso e o transformar em algo secularizado, sem estruturar-se na religião, incorporando elementos nacionais, como medidas, recordes e igualdade de chances”.

Kishimoto (2011, p.15), nos assegura nesse contexto do lúdico, brincadeira, jogo e educação cada um pode entender de maneira diferente. Pode-se estar falando de jogos políticos, de adultos, crianças, animais ou amarelinha, xadrez, adivinhas, contar histórias, brincar de “mamãe e filhinha”, futebol, dominó, quebra-cabeça, construir barquinho, brincar na areia e uma infinidade de outros. Contudo, tais jogos, embora recebam o mesmo nome, têm suas especificidades e significados diferentes e importantes para as crianças. E ressalta

Na partida de xadrez, há regras externas que orientam as ações de cada jogador. Tais ações dependem, também, da estratégia do adversário. Entretanto, nunca de tem certeza do lance que será dado em cada passo do jogo. Este tipo de jogo serve para entreter amigos em movimentos de lazer, situação na qual predomina o prazer, a vontade de cada um participar livremente da partida. Em disputa entre profissionais, os dois parceiros não jogam pelo prazer ou pela vontade de o fazer mas são obrigados por circunstâncias como trabalho ou competição esportiva. (KISHIMOTO,2011, p16).

A teoria que afirma Kishimoto pode ser compara às práticas do Karatê, nas duas situações: durante os treinamentos no dojo (academia), os atletas treinam kinon, kata, kumitê, embora cumprindo as regras, normas, mas o fazem de forma prazerosa, harmônica, sentindo o

¹⁹ <https://www.significados.com.br/ludico/>

²⁰ https://pt.wikipedia.org/wiki/Atividade_ludica

prazer de um jogo. No entanto, quando se trata de uma competição oficial, assim também o fazem, mas com o intento de conseguir a vitória, e isso, além de ser um compromisso sério, de certa forma, também deixa o competidor alegre e, ao mesmo tempo, tenso, face aos olhares de seu técnico e dos espectadores.

Outra situação interessante abordada por Kishimoto (2011) é o exemplo por ela ressaltado sobre uma criança indígena que brinca de arco e flecha atirando na direção de pequenos animais, que é considerado uma brincadeira, o que não deixa de ser. Contudo, também se trata de um treinamento, um preparo real para a arte da caça necessária à subsistência das famílias da tribo. E ressalta “assim, atirar com arco e flecha, para uns, é jogo, para outros, é preparo profissional. Por tais razões fica difícil elaborar uma definição de jogo que englobe a multiplicidade de suas manifestações concretas. Todos os jogos possuem peculiaridades que os aproximam ou distanciam”.

Outro exemplo da teoria de Kishimoto, quando se refere ao tiro com arco e flecha praticado pelas crianças indígenas, que é diversão, mas ao mesmo tempo treinamento para adquirir habilidades técnicas para a busca de alimentos, na caçada e na pesca, ou até para a guerra, o que é comum ocorrer no Amazonas, se assemelha à prática do Karatê. O exemplo e a semelhança empírica consiste em que o Karateka aprende essa disciplina com o objetivo de desenvolver uma atividade esportiva, que tem suas finalidades e vantagens diversas nos campos sociais e da corporeidade. Os competidores passam por exaustivos treinamentos visando a aquisição de um aperfeiçoamento técnico para as competições esportivas, no Kata, por exemplo, pois quem em sendo neutro, não percebe que se trata de uma luta imaginária, que tem um significado enquanto arte da defesa pessoal. Portanto, além de uma técnica de competição, ademais de outras funções, o Kata também pode ser aplicado como um potente instrumento de defesa pessoal contra possíveis agressões físicas.

Ainda, nesse mesmo contexto, Kishimoto (2011) ressalta

Desta forma, enquanto fato social, o jogo assume a imagem, o sentido que cada sociedade lhe atribui. É este o aspecto que nos mostra por que, dependendo do lugar e da época, os jogos assumem significações distintas. Se o arco e a flecha hoje aparecem como brinquedos, em certas culturas indígenas representavam instrumentos para a arte da caça e da pesca. Em tempos passados, o jogo era visto como inútil, como coisa não séria. Já nos tempos do Romantismo, o jogo aparece como algo sério e destinado a educar a criança. [...] No Brasil, termos como jogo, brinquedo e brincadeira ainda são empregados de forma indistinta, demonstrando um nível baixo de conceituação deste campo. Enfim, cada contexto social constrói uma imagem de jogo, conforme seus valores e modo de vida, que se expressa por meio da linguagem. (Kishimoto, 2011, p. 19).

Cartaxo (2013) nos fala que as lutas na Pré-História tinham também um aspecto recreativo e eram praticadas como um meio de representações de combate e de lazer. Os

homens, nos seus momentos de ludicidade, utilizavam a luta como meio de recreação, mas apenas como forma de brincadeiras, simbolizando os combates reais contra homens e animais.

Na contemporaneidade, os jogos de combate na educação física, Cartaxo nos mostra que, sendo a prática docente capaz de utilizar a luta, focando a ludicidade como fator motivante, o professor deverá colocá-la como ponte facilitadora da aprendizagem, tendo como objetivos, as competências, as habilidades e o controle emocional dos educandos, embora ainda sejam tratados como “coisas”, depósitos vazios a serem preenchidos. Na realidade, os educandos são seres dotados de emoção e sentimentos, interagindo todo o tempo com o social. Ademais, o autor ressalta que:

As aulas deverão ser criativas, levar aos alunos as diversas formas de lutar e despertar a curiosidade para novas experiências. Deve-se trabalhar movimentos que se assemelham às lutas propriamente, como Judô, Karatê e Jiu-Jitsu, entre outras. Os jogos de combate deverão garantir a participação de todo o grupo nas atividades propostas, garantindo justiça de igualdade (peso, altura e sexo) nas turmas mistas. O professor deverá evitar que acidentes aconteçam, estabelecendo regras, de modo a evitar que os alunos incidam ataques sobre zonas consideradas vulneráveis (olhos, garganta e partes genitais). (CARTAXO,2013, pp. 166-167).

Apesar da seriedade e disciplina com que é tratado o treinamento do Karatê, o fator lúdico também é inserido no contexto das jornadas de ensino/aprendizagem. A semelhança empírica em comparação com o que afirma a teoria, em Cartaxo é evidente. Durante os treinamentos informais, as lutas são bem descontraídas e alegres, nem por isso, menos importantes. E, para evitar os possíveis acidentes com golpes descontrolados e a possível extrapolação das pulsões, nas lutas oficiais competitivas as regras de arbitragem são sempre colocadas em prática, de modo que o Karateka logo se adequa às mesmas, sob o controle dos olhares atentos dos árbitros durante as lutas, com a possibilidade de ser penalizado, caso a infração seja cometida.

No contexto, enquanto técnicas de ensino/aprendizagem, Mauss (2003) nos afirma que a luta não pode ser ensinada de maneira isolada, pois o ensinamento repetitivo do movimento abstrai a criatividade do aluno na execução dos golpes e já no aprendizado da luta por meio de brincadeiras e jogos, a criança aprende a técnica de uma forma lúdica, tendo maior liberdade para se relacionar e construir novas possibilidades e estratégias para superar desafios.

Por oportuno, a partir de observações realizadas em eventos socioesportivos na Amazônia, percebe-se a importância dos jogos em sua dimensão e relevância para o entrelaçamento sociocultural dos indivíduos, durante as realizações de competições esportivas, oficiais ou amistosas, que resultam, conseqüentemente, como mecanismo de inserção social dos jogadores, com destaque para os praticantes de Karatê, como principais

exemplos aqui mencionados bem como para os povos comunitários do interior amazônico, nos seus jogos de bola e em outras atividades.

Nesse contexto, conforme observado por (PINTO, A.L.; SOARES, A.A. 2017), durante os Sétimos Jogos Interculturais Indígenas de Manaus (Sétimos JIIM), na Comunidade Nossa Senhora do Livramento, registraram a exploração do jogo enquanto competição, coordenado pelo Assistente Social Luciano Maquiné, como meio de socialização entre crianças indígenas do local e, por conseguinte, a alegria por meio de brincadeiras, apresentações de fantoche, também sua inserção ao uso da computação, neste caso, para crianças, adolescentes e adultos. E ressaltam:

Pôde-se observar, no trabalho de Luciano, a exploração do lúdico, onde as crianças disputaram diversas atividades esportivas dentre as quais corridas em equipe com trocas de bastões. Nesses momentos percebeu-se um clima de excitação, de alegria tanto delas próprias, enquanto participantes do jogo, quanto por suas torcidas, também crianças que se manifestavam com gritos e aplausos. Logo após os jogos e as respectivas premiações, essas crianças se reuniram para presenciar a atuação do palhaço bem como apresentação de fantoche, que complementaram a alegria dos pequenos jogadores (PINTO; SOARES,2017, p. 10).

Dessa forma, em diálogo com a prática empírica observada, continuam Pinto, A. L.; Soares A.A. (2017, p. 10), de acordo com a teoria afirmada por Kishimoto (1997/1998, pp. 74/75), que assegura: “brincar é uma atividade de significação social; [...] no jogo simbólico as crianças constroem uma ponte entre a fantasia e a realidade; [...] a passagem de um papel passivo para um papel ativo é o mecanismo básico de muitas atividades lúdicas; reduz o efeito traumático de uma experiência recente e deixa o indivíduo mais bem preparado para ser submetido novamente ao papel passivo, quando necessário [...]”.

Nesse mesmo contexto, os referidos autores mencionam Barros (2012) que enfatiza as brincadeiras como instrumentos que podem proporcionar benefícios sociais e culturais, e ressalta que o direito à infância é fundamental para que elas se apropriem de diferentes habilidades sociais e, através das brincadeiras, possam aprender a usar determinadas estratégias para memorizar, expressar-se e imaginar em sua cultura, utilizando instrumentos culturais para dominar seu ambiente.

Ademais, Barros (2012), em sua pesquisa de campo, exemplifica o lúdico brincando com crianças Sateré-Mawé, mostra que as brincadeiras indígenas infantis aguçam suas habilidades motoras, afetivas e sociais, nas quais se refletem o seu cotidiano, o seu ambiente social, bem como o resultado de aprendizados. E ressalta:

Neste sentido, podemos dizer que o brincar possibilita que a criança expresse seus gestos, comunicando o que aprendeu, desenvolvendo suas habilidades e capacidades motoras, afetivas e sociais, evidenciando o papel da professora como essencial para possibilitar que as crianças se apropriem dos modos de vida da comunidade. (BARROS,2012, p.p. 143-144).

Semelhantemente, outros exemplos típicos de atividades lúdicas por meio de práticas esportivas ocorrem em nosso interior amazônico. Neste caso, notadamente no jogo de bola, para que também o praticante sinta o prazer agradável da excitação, quando se encontra com os amigos, vizinhos e membros de uma mesma comunidade ou de outras localidades circunvizinhas, durante um jogo de futebol. Nesse contexto, Matos (2015) nos remete ao futebol praticado nas comunidades amazônicas, ressaltando que “o homem não é só trabalho, ele usufrui do lazer no seu cotidiano” e, com olhares etnográficos resalta com exemplos:

Nas comunidades Bicó, Cuiamucu e Canela Fina, o jogo de bola faz parte desse cotidiano. Os moradores coletam castanha, extraem madeira, caçam, pescam, cultivam o solo, criam boi e jogam bola. Ao descrever as práticas de subsistências, aquelas que dão sustentação à melhor qualidade de vida, pude aprender momentos em que o prazer permeia a obrigatoriedade do fazer. A rizada, o humor, a excitação agradável, o lúdico se mistura com a seriedade e fazem render mais o dia trabalhado, tanto no âmbito do cultivo do solo, quanto na caçada e pescaria. [...] No futebol, uma atividade de lazer, o referencial é o próprio indivíduo. (MATOS, 2015, p. 391).

Nos contextos dos jogos, lúdicos, lazer, brincadeiras os ensinamentos das técnicas das lutas, nesse caso a arte marcial Karatê podem ser empregados como ferramentas para promover a motivação e evitar a exaustão, nos momentos de tensão e cansaço físico. Além disso, é também importante a preocupação com o emprego do profissionalismo com uma comunicação adequada de modo a traduzir segurança e harmonia, com criatividade e dedicação.

Para Pedon (2014), considerando a aprendizagem das técnicas de luta por meio de um processo lúdico com crianças, um aspecto fundamental para seu aprendizado. Por oportuno, o autor apud Marinho (2004); e Marcelino (1990) resalta que temos que fazer uma reflexão sobre o brincar, termo que se associa a palavra “lúdico”. O referido autor resalta que:

Assim, se faz necessário vivenciar as atividades em que o sujeito manifeste o lúdico por uma esfera simbólica, que vai além de qualquer interpretação racional de um modo de intencionalidade humana. [...] Antes de qualquer jogo ou brincadeira, é importante serem esclarecidas as regras da atividade e que elas sejam estabelecidas antes e com o consentimento de todos os participantes. Quando as regras forem estabelecidas elas têm que ser cumpridas, ou podem se tornar desestimuladoras para os participantes. Devem incentivar todos a participarem, sendo justos e imparciais, e temos que encerrar a brincadeira antes que ela perca todo o interesse. Estas são ideias norteadoras trazidas pela autora para a aplicação de atividades de recreação, jogos e brincadeiras educativas, sendo estimuladoras e superadoras. No processo de ensino e aprendizagem a explicação das regras também podem ser trabalhadas durante o jogo, pois o praticante pode descobrir novas possibilidades de criar novas brincadeiras. (PEDON, 2014, pp. 38-39).

Os exemplos empíricos das práticas apresentadas, em diálogo com os diversos autores elencados e suas respectivas teorias sobre as técnicas do corpo e suas múltiplas utilidades, proporcionaram importantes contribuições nas diversas abordagens sobre os temas aqui

apresentados, notadamente sobre os jogos esportivos e seus efeitos benéficos para seus participantes, enquanto uma prática lúdica.

Observou-se, ademais, que as regras e normas dos jogos constituem-se em importante instrumento para promover a disciplinarização dos jogadores, como instrumento técnico para promover o controle do comportamento dos indivíduos, evitando a extrapolação das pulsões e, por conseguinte, e como instrumento para promover o entrelaçamento entre as pessoas, e para a percepção e absorção de que o ser humano é controlado por regras, normas de condutas e por leis que determinam como o homem deve se comportar (etiqueta) e se relacionar com os outros, não apenas durante as competições esportivas, mas também no cotidiano de seu ambiente social (família, escola, trabalho, esporte, igreja) e no convívio com as diferentes culturas.

2.2. A construção de uma saúde corporal como a arte que transforma a qualidade e o modo de vida saudável adquirida com a prática do Karatê em Manaus

Todos nós seres humanos sabemos que um dia iremos morrer, pois esse fato faz parte da trajetória natural do homem: nascer, crescer, envelhecer e morrer, mas ninguém gosta de pensar nessa realidade.

Nesse contexto, Elias (2001) nos afirma que a morte é um problema dos vivos. Os mortos não têm problemas. Entre as muitas criaturas que morrem na Terra, a morte constitui um problema só para os seres humanos. O autor ressalta que embora compartilhem o nascimento, a doença, a juventude, a maturidade, a velhice e a morte com os animais, apenas eles podem prever seu próprio fim, estando cientes de que pode ocorrer a qualquer momento e tomando precauções especiais – como indivíduos e como grupos – para proteger-se contra as ameaças da aniquilação. Elias (2001, p. 10).

Quando Elias (2001) nos afirma que a morte é uma ameaça da aniquilação e um problema dos seres humanos vivos, ressalta-se que um dos causadores dela é a doença e, naturalmente, a velhice.

Também compartilhando com as ideias de Elias (2001), Le Breton (2011, p. 224) se refere à velhice afirmando que “a velhice é hoje esse ‘Continente cinza’ delimitando uma população indecisa, um pouco lunar, extraviada na Modernidade” e ressalta:

O tempo não está na experiência e na memória. Ele tampouco está no corpo deteriorado. A pessoa idosa resvala lentamente para fora do campo simbólico, transgride os valores centrais da modernidade: a juventude, a sedução, a vitalidade, o trabalho. Ela é a encarnação do recalçado. Lembrete da precariedade e da fragilidade da condição humana, ela é o rosto mesmo da alteridade absoluta.

Imagem intolerável de um envelhecimento que atinge todas as coisas em uma sociedade que cultua a juventude e não sabe mais simbolizar o fato de envelhecer ou de morrer. O trabalho do envelhecimento evoca uma morte que caminha no silêncio do envelhecimento das células sem que seja possível de impedi-la. (LE BRETON, 2011, p. 224).

No entanto, esses mesmos seres humanos têm se valido de diversos mecanismos para dificultar o aparecimento de doenças e de entardecer ou de dificultar o máximo possível o aparecimento da velhice, ou pelo menos, de suas características, pelo medo da morte. Um desses importantes mecanismos, ademais do avanço da medicina, é a mudança de comportamento com a prática do Karatê, seus exercícios físicos, suas normas, filosofias e seus bons hábitos alimentares, que podem gerar diversos benefícios aos praticantes dentre os quais a longevidade com saúde e com qualidade de vida, o que tem gerado um novo modo de vida dos praticantes dessa modalidade de arte marcial.

Nesse contexto, o termo qualidade de vida é comum no cotidiano de nossa sociedade atual, inserida no linguajar popular para indicar significações, conotações diversas, muito embora sem um aprofundamento em seu significado.

Almeida (2012, p. 15) comenta que o senso comum se apropriou desse objeto de forma a resumir melhorias ou um alto padrão de bem-estar na vida das pessoas, sejam elas de ordem econômica, social ou emocional. Todavia, a área de conhecimento em qualidade de vida encontra-se numa fase de construção de identidade. Ora, identificam-na em relação à saúde, ora à moradia, ao lazer, aos hábitos de atividade física e alimentação, mas o fato é que essa forma de saber afirma que todos esses fatores levam a uma percepção positiva de bem-estar.

Almeida comenta, também, que a compreensão sobre qualidade de vida lida com inúmeros campos do conhecimento humano, biológico, social, político, econômico, médico, entre outros, numa constante inter-relação. E ressalta:

Nota-se que o título encerra que qualidade de vida depende de ações individuais para que seja transformada, pois passa a ideia de que o sujeito pode mudar seus hábitos e, com isso, melhorar seu padrão de bem-estar e viver melhor. Além disso, coloca que bem-estar e qualidade de vida são sinônimos ou que, pelo menos, um exerce interferência sobre o outro. [...] Em resumo, numa leitura descuidada sobre o tema, é possível concluir que nem todos os sujeitos têm qualidade de vida, e que é preciso se esforçar para obtê-la. E é essa a principal mensagem que se veicula nos meios de comunicação. (ALMEIDA, 2012, pp. 15-16).

Nesse contexto, a prática do Karatê, enquanto esporte e suas regras de comportamentos à mesa, não apenas quanto às normas de boas maneiras e de posturas corporais, mas nas regras alimentares, no saber o que consumir, com práticas alimentares saudáveis se constituem em ferramentas fundamentais para o desenvolvimento integral da

pessoa humana, para alcançar uma longevidade com melhor qualidade de vida. Mesmo se sabendo que o ato de comer foi construído culturalmente, a Ciência contemporânea nos auxilia na mudança desse comportamento, basta que nos esforcemos para alcançar esse objetivo.

Ademais, abordando sobre os benefícios que o esporte pode proporcionar ao praticante, como uma das ferramentas para melhoria na qualidade de vida, Almeida (2012), nos assegura também que ao se desenvolver programas de atividades físicas, é preciso considerar não somente seus benefícios fisiológicos, mas também buscar atender a outros níveis de exigências do ser humano. Tais níveis dizem respeito à necessidade de relacionamento, bem-estar e autoestima. A prática esportiva se apresenta como uma dessas possibilidades, pois o esporte é um fenômeno social e influencia no relacionamento entre os participantes. O autor ressalta ainda, que:

[...] O esporte tornar-se-ia uma estrutura de conciliação do homem nacional com seus limites biológicos. O esporte age, portanto, previamente. Ativa o metabolismo e amplia a capacidade fisiológica para a resistência. Aumenta, inclusive, a capacidade de trabalho e ajuda a evitar a fadiga. Se a exaustão física causada pelo trabalho for combatida antes do aparecimento dos sintomas, o esporte pode tornar-se o grande aliado do homem diante do frenesi do tempo. (ALMEIDA, 2012, pp. 108/109).

A prática do Karatê nos auxilia no combate aos hábitos prejudiciais à saúde, proporcionando mudanças comportamentais de extrema necessidade para uma harmonização com o novo estilo de vida que o Karateka deve adotar com os preceitos filosóficos da referida disciplina. Dentre os hábitos prejudiciais à saúde combatidos pelo Karatê elencam-se o tabagismo, alcoolismo, má alimentação, uso de drogas, além de outros hábitos nocivos ao ser humano. E essas práticas em conjunto contribuem para a formação de um corpo são e uma mente sana.

Nos treinamentos de Kata (forma, luta imaginária), ademais de o atleta desenvolver as aptidões de equilíbrio, lateralidade, força, resistência, se constituem em movimentos formais de ataques, defesas e contra-ataques que, no final de sua execução, termina no mesmo lugar de início. São movimentos exaustivos executados momentos com tensão muscular e momentos com musculatura relaxada. Isso proporciona aptidão física ao Karateka.

Nesse contexto, Molari (2003) assegura que “as evidências científicas relatam que o desenvolvimento da aptidão física aumenta a longevidade, afastando os fatores de risco como a hipertensão, a obesidade e o sedentarismo, gerando saúde a uma maior qualidade de vida”. O autor afirma que a prática regular dos Kata de Karatê nos proporciona benefícios diversos e ressalta:

Com a prática dos Kata, de 3 a 5 vezes por semana nas aulas de Karatê, os indivíduos melhoram seus níveis de aptidão física, e sua classificação em relação à atividade física habitual, mudando a sua categoria de inativo para moderadamente ativo, ou para ativo, ou para muito ativo [...]. Dessa forma, cada componente da aptidão física relacionada à saúde pode ser desenvolvido, conforme mencionado, através da prática dos Kata de 3 a 5 vezes por semana, nas aulas de Karatê [...]. Uma outra perspectiva de saúde que a prática das atividades relacionadas ao Karatê proporciona, em específico o Kata, é a contribuição para a atividade da vida diária em grupo de terceira idade. (MOLARI,2003, p.25).

Os conhecimentos práticos, empíricos nos mostram que os exercícios e a prática do Karatê, no geral, proporcionam resistência e flexibilidade em todo o corpo, o que facilita ao Karateka na aplicação dos golpes, repetidas vezes com economia de energia (tônus muscular), durante os treinamentos, sem provocar cansaço físico ou exaustão. O que acima afirmamos está em concordância com o que assegura Molari (2003/2004), quando ressalta que,

Com relação ao desenvolvimento da arte marcial, em particular o Karatê, a flexibilidade auxilia no desenvolvimento das técnicas para o bom andamento da arte, pois um ataque de kizami zuki (soco com a mão que está à frente), mawashi gueri (chute circular), ou uramawashi gueri (chute giratório em reverso) seriam impossíveis sem a eficiência da flexibilidade. Além disso, a flexibilidade contribui para a economia de energia, proporciona melhoria para o desenvolvimento de outras capacidades e habilidades motoras (agilidade, força, velocidade). (MOLARI,2003/2004, p. 26).

Figura 1: Demonstração uramawashi-gueri



Fonte: acervo do autor

Em relação à flexibilidade do corpo, nesta imagem observa-se o golpe de calcanhar, uramawashi, citado por Molari (2003/2004), que exige bastante eficiência, flexibilidade, equilíbrio e autocontrole do praticante de Karatê.

Ainda, em relação aos benefícios proporcionados pela prática do Karatê, em especial os Kata, tanto para a criança quanto para os adultos, ajudam no desenvolvimento da

coordenação motora global. Em relação à flexibilidade do corpo, nesta imagem observa-se o golpe de calcanhar, *uramawashi*, citado por Molari (2003/2004), que exige bastante eficiência, flexibilidade, equilíbrio e autocontrole do praticante de Karatê.

Ainda, em relação aos benefícios proporcionados pela prática do Karatê, em especial os Kata, tanto para a criança quanto para os adultos, ajuda no desenvolvimento da coordenação motora global.

Nesse contexto, Oliveira (2015), nos chama a atenção quando afirma:

A coordenação global e a experimentação levam a criança a adquirir *dissociação de movimentos*. Isto significa que ela deve ter condições de realizar múltiplos movimentos ao mesmo tempo, cada membro realizando uma atividade diferente, havendo uma conservação de unidade do gesto. Quando uma pessoa toca piano, por exemplo, a mão direita executa a melodia, e a esquerda o acompanhamento, o pé direito a sustentação. São três movimentos diferentes que trabalham *juntos* para conseguir uma mesma tarefa. (OLIVEIRA, 2015, p. 42).

São diversos os resultados benéficos para a saúde do praticante que o Karatê proporciona, enquanto atividade física. Nesse sentido, dentro dos treinamentos da modalidade o praticante melhora sensivelmente seu condicionamento físico, que proporciona sua contribuição nas atividades diárias, na labuta, na escola, no humor e nas atividades como resultado de sua prática. Conforme nos assegura Molari (2003/2004, p. 24), quando ressalta que, ratificam-se, “as evidências científicas relatam que o desenvolvimento da aptidão física aumenta a longevidade, afastando os fatores de risco como a hipertensão, a obesidade e o sedentarismo, gerando saúde e uma maior qualidade de vida”.

No Karatê, mais precisamente quando se treina o Kata, ocorre exatamente o que Oliveira (2015) afirma em sua teoria. Podemos citar, como exemplo, a execução do Kata Chinto (combatente do oriente; flamingo sobre pedra), de origem okinawana de Shuri e de Naha, praticado por faixas pretas de vários estilos.

O referido Kata tem como características a rapidez de seus golpes e, principalmente, seus movimentos e funções diferentes executados simultaneamente, inclusive, em uma das passagens, com o corpo sustentado por apenas uma das pernas, enquanto o pé levantado se encontra na altura do joelho oposto, na posição *nami-ashi-dachi*, quando executa ao mesmo tempo, a defesa com altura baixa com mão fechada *ken-guedan-barai-uke* para frente, e defesa média altura *ken-chudan-soto-uke* para trás. Em seguida executa outro movimento duplo com funções diferentes, ou seja, uma defesa com o cutelo da mão fechada (*tsuiken-chudan-soto-uke*) e ao mesmo tempo um chute para frente com o pé que se encontrava levantado à frente (*kizami-gueri*). Ressalta-se, portanto, que são unidades de gestos difíceis de execução com eficácia, mas que estimulam o desenvolvimento da coordenação global, do

equilíbrio e da aquisição da *dissociação de movimentos*, ressaltando-se a prática empírica em diálogo com a teoria, conforme Oliveira (2015).

Figura 2: Demonstração de defesa dupla e simultânea



Fonte: acervo do autor

Figura 3: Demonstração de Kata com a técnica coordenação global dissociação de movimento



Fonte: acervo do autor

Semelhantemente esta técnica de Kata com seu Bunkai (aplicação pragmática), em sintonia com a teoria, constitui-se um exercício para desenvolver a coordenação global e a experimentação para adquirir *dissociação de movimentos*, conforme ressalta Oliveira (2015) – com esse gesto, enquanto técnica, o Karateka realizar múltiplos movimentos simultaneamente, com funções diferentes.

Ilustrando outros benefícios que os exercícios físicos proporcionam ao praticante, Abramoff (2017), que aborda questões relacionadas à medicina preventiva, nos informa que, além da questão do cuidado continuado com a saúde, a hereditariedade contribui com apenas 25% das mortes prematuras, enquanto o estilo de vida – má alimentação, tabagismo, estresse, descontrole da pressão arterial e do colesterol, uso de álcool e drogas, práticas sexuais de risco, sedentarismo ou não uso de cinto de segurança – é responsável por mais de 63%. E nos chama a atenção para a prática de prevenção nos cuidados da saúde para termos uma longevidade com qualidade de vida.

O autor nos fala de indicativos de envelhecimento saudável, e dentre outras atividades, ressalta a manutenção de atividade física regular; cultivar hábitos nutricionais saudáveis e controle de peso; não fumar nem abusar do álcool. E ressalta:

O Centro de Controle de Doenças e Prevenção (CDC) dos Estados Unidos estima que 80% das doenças cardíacas e dos AVCs, 80% dos casos de diabetes tipo 2 e 40% dos casos de câncer poderiam ser prevenidos se fizéssemos apenas três coisas: interromper o fumo, seguir uma alimentação saudável e manter uma boa forma física. (ABRAMOFF ,2017, p. 29).

A vida sedentária pela ausência de exercícios físicos é outro fator que acarreta obesidade e, por conseguinte, infelicidade e diversos tipos de doenças, sendo esse um problema para o Ministério da Saúde do Brasil, onde aproximadamente a metade populacional se encontra com sobrepeso.

Na prática do Karatê Shorin-Ryu, executa-se o *Zazen* (concentração) na posição Seiza-Dachi (sentado entre os calcanhares), olhos cerrados e com o tronco e coluna vertebral na posição vertical, com a finalidade de esvaziar o corpo dos pensamentos inquietantes, da ansiedade e relaxar o corpo e a mente. Abramoff (2017) se refere à prática do *Zazen*, e ressalta:

[...] Na segunda de uma série de palestras sobre a prática do zazen, o mestre japonês Yasutani Roshi (1885-1973) aborda a questão da alimentação orientando os discípulos a comer apenas 80% da capacidade do estômago, o suficiente para sustentar um homem. Os outros 20% serviriam apenas para sustentar o médico. Essa prática, atribuída a alguns a Confúcio (551-479 a.C.) é seguida por parte da população de Okinawa, no Japão, a única que tem o conhecimento que adota a autorrestrrição do consumo calórico (cerca de 1.800 kcal/dia). Os adeptos chamam essa prática de *hara hachi bu*, e a cidade que tem o maior registro de centenários do planeta. (ABRAMOFF,2017, p. 34).

Desta forma, observa-se que uma das fórmulas para que governos possam manter seus povos sadios é o incentivo e o apoio às boas práticas desportivas com políticas públicas adequadas e efetivas para os jovens, adultos e os idosos, de modo a oferecer-lhes condições alternativas de qualidade de vida. Isso pode gerar grandes benefícios às populações, tanto no campo social quanto da saúde, propriamente dita.

No Brasil, apesar de alguns esforços nesse sentido, uma parcela considerável da população brasileira ainda não foi alcançada por tais benefícios. As políticas inadequadas de programas de educação, esporte, saúde, lazer, moradia, emprego e renda como alternativas sociais para a população brasileira ainda é um fator que precisa ser superado.

Nesse aspecto, Yasbek (2015) nos afirma que ao lado dos impactos visíveis dessas precárias condições de moradia e saneamento, observa-se ainda que muito se tem a desejar sobre a distribuição espacial de equipamentos e serviços necessários à saúde, educação, transporte e outros aspectos básicos para a qualidade de vida dessa população. E ressalta:

A moradia precária é uma das expressões observáveis da exclusão social. A dominação econômica e política realiza-se em múltiplas esferas do cotidiano e nesse sentido a forma de morar não é algo que se possa compreender fora dessa trama. E, mais do que isso, a convivência com situações de extrema violência é um dos preços que, por muitas vezes, o trabalhador pobre tem de pagar para morar. Violência que os submete a situações de medo e tensão e que associa pobreza e criminalidade. (YASBEK,2015, pp. 1312-132).

Preocupada com a situação da saúde da população brasileira, em 1986, a 8ª Conferência Nacional de Saúde (CNS) aprovou as diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS), embora somente em 1988, com a Constituição Federal Brasileira, tornou-se dever do Estado garantir a saúde de toda a população, é o que nos assegura Brasileiro (2017), ressaltando o Art. 196/88 “a saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem a redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação”.

Brasileiro (2017) nos assegura também sobre as ações e serviços públicos de saúde, constantes no Art. 198, que integram uma rede regionalizada e hierarquizada e constituem um sistema único, organizado de acordo com as seguintes diretrizes:

- I descentralização, com direção única em cada esfera do governo;
- II atendimento integral, com prioridade para as atividades preventivas, sem prejuízos dos serviços assistenciais;
- III participação da comunidade.

O SUS agora constitucional, para que fosse efetivamente cumprido, foram necessárias as edições de duas Leis – as Leis Orgânicas da Saúde (LOS), em 1990. Nesse sentido, Brasileiro (2017) nos assegura, ainda:

As Leis Orgânicas da Saúde são assim conhecidas por formarem um conjunto de duas leis editadas (Lei nº 8.080/90 e Lei 8.142/90) para dar cumprimento ao mandamento constitucional de disciplinar legalmente a proteção e a defesa da saúde. Essas duas leis, nacionais e gerais contêm diretrizes e os limites que devem ser respeitados pela União, pelos Estados e pelos municípios ao elaborarem suas próprias normas. São destinadas, portanto, a esclarecer o papel das esferas de

governo na proteção e na defesa da saúde, orientando suas respectivas atuações para garantir o cuidado da saúde. (BRASILEIRO,2017, pp. 14/15).

É nesse sentido que o Karatê, com suas práticas constantes em busca conhecimentos técnicos, mas principalmente de um corpo e de uma mente sãos, pode gerar saúde e qualidade de vida aos Karatekas, desde a infância até a velhice, paralelamente pode estar em harmonia com o que prevê as citadas Leis Orgânicas de Saúde, quando aborda no seu bojo a defesa e os cuidados com a saúde. E, por conseguinte, pode contribuir direta ou indiretamente com as metas do Governo em busca de saúde à população, que poderá adequar e inserir o Karatê como uma ferramenta estratégica para gerar benefícios à população, não apenas o campo da saúde mas também no social nas escolas públicas, por meio de políticas públicas adequadas para esse fim, viabilizando assim o direito ao cidadão a se apropriar de mecanismos que lhe proporcione saúde e bem estar, previstos nas Lei nº 8.080/90 e Lei 8.142/90.

2.2.1 Exercício físico: longevidade com saúde, autoestima e qualidade de vida – um benefício social com a prática do Karatê

A prática de exercícios físicos, quando executada de forma adequada, como é do conhecimento geral, proporciona benefícios à saúde do corpo, contribuindo para o desenvolvimento do tônus muscular. Independentemente do que se pensa, não apenas as atividades exercidas nas academias, mas também nos afazeres da vida cotidiana que começa diariamente logo após o despertar, com o simples esforço físico de se espreguiçar ainda sobre a cama para expandir a circulação sanguínea no corpo e “lubrificar” as articulações, levantar-se, realizar a assepsia matinal, preparar e realizar o desjejum, o vestir-se e o deslocamento para o ambiente da labuta, se possível, preferencialmente caminhando, isso proporcionará importante contribuição para a saúde corporal.

Entretanto, a ausência dessas atividades diárias nos seres humanos, resultante do sedentarismo tem gerado prejuízos pessoais com o crescimento dos males dele decorrente e serve como um alerta às autoridades e governos responsáveis pelo emprego de políticas públicas direcionadas à saúde coletiva da população brasileira.

Saldiva (2018) aborda a questão da obesidade como uma doença multifuncional que pode ter causas genéticas ou por má alimentação. Relata que uma má alimentação à base de alimentos industrializados, ricos em gordura e açúcar, por serem mais baratos tornam-se mais disponíveis à população, portanto, com maior nível de consumo. E ressalta “[...] estamos cada vez mais gordos. As taxas populacionais globais de sobrepeso (índice de massa corporal –

peso/altura² – entre 25 a 29,9) e obesidade (índice de massa corporal igual ou maior do que 30) vêm aumentando a partir da segunda metade do século XX, especialmente a partir dos anos 1970. No Brasil, em 1974, menos de 20% das pessoas estavam acima do peso, ao passo que, nos dias de hoje, mais da metade dos brasileiros está com excesso de peso”.

Por oportuno, o autor recomenda que o uso de atividades físicas é eficaz como medidas preventivas para combater o sedentarismo. E nos chama a atenção de que:

Há um consenso internacional de que as medidas que estimulam a caminhada e o uso de bicicleta estão entre as políticas mais eficazes para o combate à obesidade [...]. À medida que aumenta a fração populacional que utiliza regularmente a mobilidade ativa, como caminhar ou pedalar, a prevalência de obesidade cai proporcionalmente e de forma significativa (SALDIVA,2018, p. 37).

Ademais, em matéria veiculada no Boletim nº Ano 20, n. 228, abril de 2018 do Conselho Federal de Educação Física (CONFEF), com o título *Dia Mundial de Combate ao Sedentarismo*, em 13.04.2018, chama a atenção para a importância da prática de exercícios físicos. O referido documento ressalta que “o sedentarismo está associado a doenças crônicas como infarto, a hipertensão e a diabetes. Ele tem como resultado direto o aumento do sobrepeso e da obesidade, hoje problemas crescentes no país”. O mesmo documento ressalta também que “[...] a prática de atividade física traz diversos benefícios à saúde; favorece à normalização dos níveis de colesterol, triglicerídeos e glicemia; previne doenças cardiovasculares e mitiga a evolução da osteoporose. Além disso, também libera endorfinas e faz com que o indivíduo se sinta com mais energia para as atividades diárias e de trabalho, bem como melhora a qualidade do sono e o próprio humor”.

Abramoff (2017), quando se refere às práticas para a manutenção de uma boa forma física, ressalta que os exercícios físicos devem ser encarados com o mesmo compromisso diário que tomar banho e escovar os dentes. A multa pela opção ao sedentarismo atende pelo nome de doença e pode virar sua vida de ponta-cabeça, uma vez que seu custo é imprevisível. E chama a atenção:

Pode ser um pequeno infarto que somente o surpreenda em sua ilusão de impunidade, como pode também ser um AVC de vulto, que o deixe incapacitado para o trabalho, dependente do auxílio de terceiros e prisioneiro de uma vertical decadência financeira. Os benefícios da atividade física são: diminuição da pressão sanguínea; aumento da força e do condicionamento vascular; melhora do equilíbrio; aumento da função pulmonar e respiratória; fortalecimento do sistema imunológico; redução da depressão e da ansiedade; controle da obesidade; menor declínio cognitivo (síndromes demenciais). (ABRAMOFF,2017, pp. 37-38).

Preocupados com a saúde da população mundial, os organismos responsáveis têm promovido eventos, encontros, seminários internacionais de profissionais da área, visando a incrementar e apresentar soluções para equacionar e mostrar a importância dessa situação aos

governantes. Na data de 10 de Março comemora-se o *Dia Mundial de Combate ao Sedentarismo*, instituída pela Organização Mundial de Saúde (OMS), com o objetivo de alertar sobre a importância de práticas saudáveis, como atividades físicas e alimentação adequada.

Nesse contexto, os exercícios físicos do Karatê são fundamentais para preparação da *performance* como condicionamento corporal na aquisição de força, resistência, velocidade, fortalecimento muscular, e melhora na função cardiorespiratória.

Normalmente, iniciando-se com alongamentos, os exercícios proporcionam uma preparação de todo o corpo, de modo a condicioná-lo para a execução de qualquer movimento, após todo o exercício, doravante com o treinamento técnico de bases (Kihon); treinamento de Kata (luta imaginária); treinamento de Ippon-Yakussoku-Kumitê (defesa pessoal); e o Shiai-Kumitê (luta técnica); e o Jiu-Ippon-Kumitê (Técnicas de defesa e ataque combinado), técnicas controladas pelos próprios atletas durante os *rounds* amistosos ou por um árbitro, quando em competição oficial.

Como Karateka ressalto, portanto, que o Karatê é uma modalidade de arte marcial que, em sua prática, realiza uma diversidade diferenciada de movimentos durante os exercícios físicos, que se caracterizam de alto e baixo impacto, com deslocamentos (*yori-ashi*) rápidos (*haiaku*) ou lentos (*osoi*), para frente (*mae*) e para trás (*ushiro*) em trajetórias para frente (*hiki-ashi*) com as mesmas velocidades e intensidades, com ou sem contração muscular, para cima (*ague*), para baixo (*otoshi*), e para as lateralidades (*yoko*) com as esquivas (*taissabaki-waza*), envolvendo todo o corpo muscular, com técnicas de respiração, todo um conjunto para aquisição de resistência e melhora da *performance*, o que torna o Karatê uma modalidade com movimentos complexos, que exigem raciocínio rápido e que habilitam a mente e o corpo para a realização de todo e qualquer técnica de ataque, defesa, esquiva ou contra-ataque. Esses treinamentos podem ajudar na formação e no desenvolvimento da estruturação psicomotora da criança e do adolescente - esquema corporal.

Na prática por meio do conhecimento empírico, sabe-se que os treinamentos do Karatê proporcionam saúde corporal em diversas dimensões das partes do corpo do Karateka, que o auxilia desde as funções do desenvolvimento físico das crianças até sua idade adulta, bem como outras funções corporais diversas, o que poderá proporcionar uma vida saudável e uma velhice com melhor qualidade de vida.

Nesse sentido, um dos diversos benefícios que o exercício físico pode proporcionar ao ser humano, conforme nos assegura Carper (2015), aos poucos esses pequenos movimentos podem contribuir para grandes ganhos cognitivos. O autor assegura que pesquisadores no

Centro de Doença de Alzheimer da Universidade Rush – *Rush University* - elaboraram estudos com idosos e chegaram à conclusão que, aqueles que tinham seus tempos preenchidos com mais afazeres tiveram melhores resultados para as suas funções cerebrais. E ressalta:

O notável foi que aqueles que tinham um total maior de atividades diárias também obtiveram melhores resultados nas cinco categorias dos testes de função cognitiva: memória episódica, memória semântica, memória operacional, velocidade de percepção e habilidades visoespaciais. E a relação era verdadeira, independentemente de idade, sexo, escolaridade, peso, presença de doenças vasculares ou outros fatores ligados à demência. Segundo os pesquisadores, essa informação animadora faz crescer a importância das atividades físicas para o combate ao Alzheimer. Exercícios tradicionais ainda são fundamentais, mas entre uma idade e outra à academia ou ao parque, você pode colher os benefícios de se movimentar em casa ou mesmo no escritório. (CARPER, 2015, pp. 62-63).

Observa-se, quando Carper ressalta a estimulação das funções cerebrais melhorando as funções cognitivas e as habilidades visoespaciais, o que condiz, pela semelhança com a prática do Karatê, durante os treinamentos das esquivas laterais (*taissabaki*), que proporciona ao Karateka o desenvolvimento da equidade visual com a noção espacial da distância de seu adversário, para se desviar deste quando de seus ataques. Essa característica também é nítida nos treinamentos dos *Kata* (forma, luta imaginária), onde o praticante desenvolve movimentos de ataques, defesas, esquivas, e contra-ataques em diversas direções, em planos horizontais e verticais, ascendentes e descendentes, exigindo do Karateka o máximo de estabilidade mental, controle e coordenação, o que lhe proporciona maior habilidade de coordenação motora, sensibilidade e desenvolvimento de percepção de lateralidades, a acuidade visual.

Carper (2015, pp. 118/119) reforça, também, que a atividade física alivia a depressão e o estresse (ao reduzir as taxas de cortisol) e combatem o diabetes, a pressão alta, a obesidade, o entupimento de vasos e artérias e a resistência à insulina – fatores associados ao comprometimento da cognição na velhice, bem como ao Alzheimer. [...] É uma parte essencial de sua vida estratégica para desvincular o cérebro do colapso cognitivo e da demência. Especificamente, pratique exercícios aeróbicos moderados (qualquer atividade física que faça o coração e o pulmão trabalharem com mais força por um período prolongado) durante uma hora, três vezes por semana, ou meia hora, cinco vezes por semana.

Em concordância e comparação com as afirmativas teóricas de Carper, os exercícios do Karatê podem ser um exemplo típico do que recomenda o referido autor. Consiste em duas horas, em média, o tempo regular de um treinamento de Karatê na academia (*dojo*), dos quais apenas cerca de 20 minutos são utilizados com os atletas na horizontal, no solo (*tatame*), mas o restante do tempo, portanto, uma hora e vinte minutos é todo utilizado com exercícios aeróbicos e de alto impacto, face às características e necessidades de que assim o sejam, próprias desta arte marcial.

Ademais, os exercícios físicos do Karatê, no estilo Shorin-Ryu, por exemplo, não apenas durante o período de alongamento (ginástica completa), mas também em sua preparação psicofísica desenvolvida durante os treinamentos básicos (kihon), os Kata e as lutas esportivas podem contribuir para o desenvolvimento do tônus muscular, da coordenação óculo manual e da espacialidade.

Em uma observação empírica dessas práticas em comparação com a teoria, pode-se verificar as evidências necessárias para se obter tais benefícios. Durante esses treinamentos, o Karateka é estimulado a adquirir completo preparo físico para desenvolver todo e qualquer movimento necessário à aplicação da técnica bem como para deixar seus membros superiores e inferiores em perfeita sintonia com seu olhar em condições de obedecer, em tempo real, aos comandos do cérebro (domínio de seu corpo) para a aplicação de uma técnica, seja ela de ataque, de defesa, ou de contra-ataque. E isso pode estimular a psicomotricidade.

Nesse contexto, segundo Soares (2017), ao se referir a essa temática, nos assegura que:

A psicomotricidade é visto como uma ação educativa integrada, fundamentada na comunicação, na linguagem e nos movimentos naturais conscientes e espontâneos da criança. Tem como finalidade equilibrar e aperfeiçoar a conduta global do ser humano. Utiliza o movimento como meio de comunicação pela sua exploração consciente, intencional e sensível em sua evolução e formação. Estimula a criatividade e as inúmeras formas de movimentos por meio de suas praxias. [...] Praxias constituem a elaboração da organização psicomotora. [...] as praxias nada mais são do que as atividades básicas da psicomotricidade, como os movimentos de locomoção. Por exemplo, andar, correr, saltar e outros realizados de forma natural ou especializada. (SOARES,2017, p. 35-36).

Há uma semelhança nos movimentos praticados no Karatê, empiricamente comparados e ancorados com a teoria ressaltada por Soares (2017), notadamente quanto aos movimentos especializados. Trata-se dos movimentos especializados intencionalmente executados com as finalidades de se obter uma boa técnica no Karatê para se alcançar a um objetivo. Esses treinamentos são realizados nos Kata (luta imaginária), nos Kihon (treino de base) e, principalmente, nas lutas competitivas.

Por outro lado, em referência ao uso da visão em sintonia com os movimentos do Karatê (ataques, defesas e contrataques), os gestos, ancorados na teoria e amparado no que nos afirma Oliveira (2015, p. 43), “Só possuir uma coordenação fina não é suficiente. É necessário que haja também um controle ocular, isto é, a visão acompanhando os gestos da mão. Chamamos a isto de coordenação oculomanual ou visomotora. Ela se efetua com precisão a base de um domínio visual previamente estabelecido ligado aos gestos executados, facilitando, assim, uma maior harmonia do movimento”. Ainda, nesse mesmo contexto, Oliveira (2015) nos assegura que:

Um dos aspectos que a experimentação do corpo todo favorece a independência do braço em relação ao ombro, e a independência da mão e dos dedos, fatores decisivos da precisão da coordenação visomotora. A escrita necessita desta independência dos membros para se processar de maneira econômica, sem cansaço, e para que o indivíduo consiga controlar a pressão sobre os dedos (tônus muscular). (OLIVEIRA,2015, p. 43).

Apresentando a semelhança da prática do Karatê com a teoria, amparado com o que nos afirma Oliveira (2015), notadamente quando se refere à coordenação visomotora, esse fato ocorre durante o autodomínio demonstrado nos golpes do Karateka, evidenciado no decurso das lutas, com um chute ou um soco em que ele, ao visualizar a oportunidade de aplicar um golpe perfeito (*ippon*) em seu adversário, de súbito o desfere com o máximo de velocidade, que às vezes nem o árbitro consegue acompanhar, no entanto, esse mesmo golpe não pode tocar em seu oponente, especialmente se for desferido na direção de seu rosto. E, se tocar, dependendo da força de impacto aplicada, estará sujeito às penalidades com a possibilidade de ser, inclusive, desclassificado ou até expulso.

Em referência ao uso da técnica da escrita, que necessita da independência dos membros para se processar de maneira econômica, como se refere a autora, semelhantemente ocorre nos treinamentos do Karatê, quando se aplicam repetidas vezes os mesmos golpes para aperfeiçoar sua velocidade, sua força de impacto (Kime) e seu autocontrole – é um treino constante de força, de tensão, de velocidade e de suavidade.

No entanto, para se evitar a exaustão física durante, minimamente, duas horas corridas de treinos diários, o corpo inteiro é usado de forma conveniente e harmônica para cada um desses golpes, com movimento centrífugo dos quadris (lado que desfere o golpe ou a defesa) e, ao mesmo tempo, centrípeto (lado oposto do quadril ao que desfere o golpe ou a defesa), os quais funcionam conjuntamente como alavanca e com o uso adequado de técnicas de respiração e de controle da contração muscular. Esta contração muscular somente é aplicada nos percentuais finais da trajetória de cada golpe ou defesa (no momento do impacto final), portanto, um processo de maneira econômica de uso da energia do corpo.

As práticas esportivas relacionadas às artes marciais, modalidades de lutas também podem contribuir para a estimulação e o desenvolvimento das faculdades cognitivas de seus praticantes.

Em estudos sobre as modalidades de combate, conforme o que nos afirma Paiva (2015), a coordenação motora e a quantidade de anos de prática em artes marciais podem promover mudanças na estrutura cerebral. Além disso, a idade de início do treinamento possui grande influência na expertise em longo prazo, pois o córtex cerebral fica mais espesso durante a infância durante a infância e mais fino na adolescência.

Paiva relata que a plasticidade cerebral é a capacidade de o cérebro se remodelar em função das experiências de vida, reformulando suas conexões pelas necessidades e/ou problemas impostos. Paralelamente têm sido verificadas diferenças no funcionamento cognitivo (relacionado ao conhecimento/aprendizagem) de atletas praticantes de diferentes tipos de esportes. Foi observado maior desempenho associado aos especialistas em tarefas mediadas pela velocidade de processamento e atenção.

Nesse contexto, pressupõe-se que a prática de modalidades esportivas de combate represente um desafio constante para o cérebro dos atletas de alto rendimento. Eles são frequentemente confrontados com outros indivíduos que também desenvolveram habilidades e capacidades elevadas em contexto técnico-tático, psicológico e físico. Nesse contexto, o referido autor ressalta:

Após escanear o cérebro de dois grupos de lutadores (10 faixas pretas e 12 principiantes), foi descoberto que aqueles que aplicavam golpes mais fortes apresentavam mudanças na composição da substância branca, estrutura que transmite sinais entre as regiões cerebrais. O segredo dos lutadores mais experientes na capacidade de coordenar a velocidade máxima do ombro e punho. Essa habilidade está relacionada com o ajuste fino de conexões neurais envolvidas no controle do movimento e na capacidade de produzir movimentos coordenados. Constatou-se que essa interação permite maior aceleração e impacto do golpe. (PAIVA,2015, p. 47).

A prática do Karatê contribui para o desenvolvimento de todas as funções corporais e, por conseguinte, gerando saúde ao seu praticante, ao mesmo tempo em que atua na sua manutenção.

Em seu discurso sobre as necessidades e os benefícios das práticas desportivas aos indivíduos, Bento (2017, p. 100) nos assegura que a disponibilidade e a capacidade individuais para a prática desportiva regular e autônoma constituem uma qualidade complexa da personalidade. E ressalta que esta apenas é possível de formar uma base em capacidades e habilidades motoras, em atitudes, em qualidades volitivas, em valores e motivos, isto é, em necessidades. É este fundamento que encadeia o empenhamento do aluno no seu aperfeiçoamento corporal e no exercício completo da procura da saúde.

No contexto das práticas desportivas, estudos recentes ratificam o que vários especialistas já o afirmam sobre os benefícios dos exercícios físicos à saúde humana. Em matéria divulgada no dia 04 Maio 2018, no Boletim do Conselho Federal de Educação Física (CREF) há matéria que ressalta as atividades físicas como ferramentas que fazem bem para a saúde, inclusive a emocional, de homens e mulheres bem como para liberar o estresse e melhorar a concentração, a memória e o raciocínio.

A prática de exercícios físicos do Karatê, segundo nos afirma Vianna (2008, p. 2), é um componente essencial nos cuidados com a saúde. A prática controlada do Karate direcionada a educação, ao lazer, ao fitness e a qualidade de vida, pode favorecer a melhoria das grandes funções, a resistência musculoesquelética, a amplitude articular e a coordenação motora geral e específica.

Por oportuno, Vianna, ao se apropriar das afirmações dos autores (CARVALHO 2004; STEMBER et al, 2006; YAMAGUCHI, 2004; MADDEN, 1990; PALERMO, 2006), nos assegura que a atividade física em suas peculiaridades pode contribuir para a prevenção e a recuperação dos males orgânicos, psicológicos e sociais. A prática pode contribuir na prevenção de quedas e na melhoria do equilíbrio em indivíduos da terceira idade, na elevação do auto estima, autocontrole e auto realização em adultos, na modificação da orientação motivacional de jovens em situação de risco. O indivíduo torna-se mais ativo, perspicaz, forte e resistente nas suas atividades cotidianas.

No cotidiano do Karateka, a prática desta disciplina tem proporcionado mudanças de rotinas, de comportamentos, especialmente nos relacionamentos sociais, práticas salutaras de alimentação saudável e balanceada, gerando benefícios ao corpo, um hábito indispensável para que, em sintonia com a prática desportiva, neste caso o Karatê, possam contribuir com maior efetividade no processo de obtenção de melhorias gerais da saúde e de uma qualidade de vida dessas pessoas enquanto jovens e durante sua velhice.

Nesse contexto, Barakat (2017, p. 39) nos reforça com sua teoria, sobre os benefícios da prática de uma boa alimentação. O autor nos afirma que “envelhecer com dignidade, autonomia e independência tornou-se meta da humanidade, que hoje atinge uma média superior aos setenta e cinco anos de idade. Passamos a viver mais, mas com uma saúde, em certas circunstâncias, sustentada pela indústria farmacêutica”. E ressalta:

Hoje vivemos uma luta da sociedade mundial em revisar hábitos de vida, condutas alimentares, para alcançar o que podemos chamar aqui de “elo perdido” – para conquistar a qualidade de vida. Passamos a almejar uma infância com valores diferentes dos que tiveram a geração dos 70, 80 e 90 anos de idade – cujos efeitos da industrialização de produtos de consumo tem seu impacto danoso observado até hoje na nossa geração – por meio das doenças como diabetes, doenças cardiovasculares, hipertensão e tantas outras. (BARAKAT,2017, p. 39).

A alimentação adequada para contribuir com a saúde corporal é de fundamental importância, e mais ainda para quem tem consideráveis desgastes físicos, como os praticantes da arte marcial Karatê. Em concordância do Barakat, nós, enquanto Karatekas, adquirimos esse hábito salutar de mantermos uma boa alimentação rica em nutrientes, sais minerais,

vitaminas, obtidos nos produtos naturais, evitando processados, os enlatados e engarrafados em geral.

Compartilhando com as mesmas ideias dos benefícios dos exercícios físicos e de uma alimentação saudável, Carper (2015, pp. 279/280), nos assegura e chama a atenção quando destaca “nunca duvide do poder da atividade física para evitar que seu cérebro seja capturado pela patologia e pelos sintomas da demência. Há uma montanha de pesquisas que comprovam isso. [...]. Comer para ter mais chances de evitar o comprometimento de memória e a demência significa fazer a escolhas bem conscientes”.

No que concerne à estrutura óssea, a prática do Karatê, assim como outras artes marciais, podem contribuir para o desenvolvimento da massa óssea de seus praticantes. Essa afirmativa pode ser respaldada com o que nos assegura Barbeta (2015, pp. 32/33), em estudo realizado sobre a influência dos esportes de combate na massa óssea, com avaliação dos parâmetros ósseos pela ultrassonografia de falanges de crianças e adolescentes praticantes de Karatê, em relação a um grupo de controle, ressalta como resultado que “a prática de esportes de combate evidencia uma melhora significativa na massa óssea em todas as idades, prevenindo assim doenças ósseas no futuro”.

A autora ressalta, ainda, que os esportes de médio e alto impacto, como os de combate (judô, karatê, kung fu, taekwondo, boxe, entre outros) ocasionam microfraturas no tecido ósseo, que estimulam a osteogênese e potencializam o estresse mecânico promovendo efeitos.

Semelhantemente, em uma análise realizada entre os praticantes das artes marciais (judô, Karatê e Kung-Fu) e a densidade mineral óssea em adolescentes, Ito I.H et al (2016, p. 212), consideram que o exercício físico é amplamente recomendado para a prevenção de osteoporose e de fratura por meio do aumento da densidade mineral óssea. E ressaltam que “a amostra apresentou nos praticantes das referidas artes marciais maior densidade mineral óssea nos braços, nas pernas, no tronco, na coluna vertebral e na densidade mineral óssea total.”

Por outro lado, especialistas nos alertam sobre as fragilidades da estrutura óssea do corpo humano, ou melhor, da osteoporose – doença comum, mas de suma importância na estratégia de cuidados para a devida prevenção.

Para Abramoff (2017, pp. 129/130), a osteoporose pode acarretar limitações físicas, dor crônica e até à morte. Somente 40% dos pacientes com fraturas no fêmur conseguem voltar aos níveis prévios de independência. Cerca de 30% das mulheres e 5% dos homens apresentam osteoporose, sendo muito alto o custo para o tratamento de fraturas. O autor ressalta, como medida preventiva, “que a prática de atividades físicas regulares devem ser mantidas indefinidamente e, no que se refere à osteoporose, os exercícios de resistência”.

Para Cartaxo (2013, pp. 172/173), o artista marcial é aquele que busca a qualidade da técnica e o Karatê, como o Judô, o Taekwondo e o Aikido são lutas que têm a filosofia como forma de educar. O autor ressalta como “benefícios dos jogos de combate na educação física a melhoria e o desenvolvimento cognitivo; a relação de afeto entre os colegas; coordenação motora global; a interação com o grupo; o saber lidar com o medo de lutar; a melhora da concentração; o autocontrole e autoestima; e o respeito mútuo”.

2.3. A socialização dos karatekas federados em Manaus, por meio da prática do karatê com seus princípios e normas na construção de uma cultura de não violência.

A violência na atualidade tem se constituído em uma preocupação para governantes, na medida em que estes, por meio de seus órgãos específicos, como as Secretarias Estaduais de Segurança Pública, normalmente com o apoio de suas Polícias Militares, muitas vezes não têm conseguido encontrar soluções viáveis para equacionar o problema.

Em diversas situações, a sociedade tem se tornado vítima e refém de variados tipos de atos de violência, à medida que as cidades crescem, com ela também acompanham as suas mazelas sociais, com o aumento de delinquências, principalmente com ações de violência urbana.

Muitas vezes não podendo acompanhar o ritmo de crescimento da sociedade com a mesma intensidade, o Estado com suas forças policiais se tornam impotentes, enquanto instituições competentes para proteger a população. E, nesse contexto, uma das ocorrências mais comuns de transgredir as leis tem se evidenciado por delitos relacionados à violência urbana. Um dos fenômenos ocorridos, em determinadas cidades, como Manaus, por exemplo, foi o surgimento de academias de lutas, que foram se enraizando em diversos pontos da cidade para proporcionar atividades esportivas, de defesa pessoal, no entanto, algumas dessas entidades se encontravam irregulares e conduzidas por pessoas não credenciadas junto aos órgãos competentes do Estado. Algumas delas também serviam para, de forma inescrupulosa, para preparar malfeitores e desordeiros.

Em auxílio à Secretaria de Segurança Pública, com a intervenção de alguns órgãos como o então Conselho Estadual dos Desportos (CRD), com o auxílio de outros órgãos com poder de polícia, esses casos foram diminuídos, algumas academias laradas pela justiça e outras legalizadas.

Mas isso denota que a população tinha necessidade de encontrar alternativas para suprir as lacunas da segurança e, por conseguinte, de adquirir formas técnicas de se defender

contra a diversos tipos agressões. No entanto, outros tipos de violência foram surgindo e o problema continua crescente.

Nesse contexto, abordando a questão violência e os respectivos mecanismos de defesa, Elias (2001, p. 10) ao abordar a morte e suas causas, ressalta que [...] os seres humanos podem prever seu próprio fim, estando cientes de que pode ocorrer a qualquer momento e tomando precauções especiais – como indivíduos e como grupos – para proteger-se contra as ameaça da aniquilação. Durante milênios essa foi uma função central de grupos humanos como tribos e Estados, permanecendo uma função importante até nossos dias. No entanto, entre as maiores ameaças aos homens figuram os próprios humanos.

Abordando a questão da violência, nesse aspecto, Sánches Vásquez (2011) ao nos falar da temática práxis e violência, ressalta que toda práxis é processo de formação ou, mais exatamente, de transformação de uma matéria. O sujeito, por um lado, imprime uma determinada forma à matéria depois de tê-la desarticulado ou violentado. No curso desse processo, leva em consideração a legalidade do objeto de sua ação para poder desarticulá-lo e submetê-lo. E ressalta:

A violência se manifesta onde o natural ou o humano – como matéria ou objeto de sua ação – resiste ao homem. Verifica-se justamente em uma atividade humana que detém, desvia e, finalmente, altera uma legalidade natural ou social. Nesse sentido, a violência é exclusiva do homem, na medida em que ele é o único ser que, para se manter em sua legalidade própria, necessita violar ou violentar constantemente uma legalidade exterior (a natureza). Em um mundo estável e idêntico a si mesmo, não se conheceria a violência, sempre que essa é precisamente a alteração da estabilidade, imobilidade ou identidade. (SÁNCHEZ VÁSQUEZ, 2011, pp. 273/274).

O autor ressalta, também, que o ato de violência como exclusiva do homem, que altera a legalidade natural ou social, é a extrapolação das pulsões que acarretam, dentre outras,

A instabilidade e a transformação da identidade do sujeito da ação, alterando o ambiente estável e a harmonia. Sánchez Vásquez ressalta também que [...] se o homem vivesse em harmonia com a natureza ou passivamente subordinado a ela, não recorreria à violência, já que essa é, por princípio, a expressão de um desajuste radical. Nesse sentido pode-se dizer que “apenas o homem é violento [...]. Como a destruição de uma ordem estabelecida, a violência é um atributo humano, mas que não se mostra apenas pela presença da força. Na natureza as forças atuam, mas não se usam; só o homem usa a força, e pode usar a si mesmo como força. Por isso dizemos que a força em si não é violência, e sim apenas a força usada pelo homem. Daí o caráter exclusivamente humano da violência. (SÁNCHEZ VÁSQUEZ, 2011, pp. 273-274).

Ao abordar sobre a violência, mais precisamente, a violência na sociedade contemporânea, Almeida (2010) nos relata que a violência não é um estigma da sociedade contemporânea. Ela acompanha o homem desde os tempos imortais, mas, a cada tempo, ela se manifesta de formas e circunstâncias diferentes. Não há quem não identifique uma ação ou

situação violenta, porém, conceituar violência é muito difícil visto que a ação geradora ou sentimento relativo à violência pode ter significados múltiplos e diferentes dependentes da cultura, momentos e condições em que elas ocorreram. Na Idade Média, por exemplo, certos procedimentos violentos eram formas de demonstração de amor a Deus. Nessa mesma época, havia a prova do ordálio, que consistia em submeter o suspeito de crime ou de falso amor a Deus a ter que segurar uma barra de ferro em brasa para provar sua inocência. Caso não se queimasse seria absorvido como prova de verdade e do amor divino. Porém, atitudes como essa e o autoflagelo são inadmissíveis nos dias atuais para o bom senso do cidadão comum e dentro da nossa cultura.

A autora considera como melhor conceito de violência Rocha (1996), quando afirma que a violência sob todas as formas de suas inúmeras manifestações, pode ser considerada como uma vis, vale dizer, como uma força que transgride os limites dos seres humanos, tanto na sua realidade física e psíquica, quanto no campo de suas realizações sociais, éticas, estéticas, políticas e religiosas. Em outras palavras, a violência, sob todas as suas formas, desrespeita os direitos fundamentais do ser humano, sem os quais o homem deixa de ser considerado como sujeito de direitos e deveres, e passa a ser olhado como um puro e simples objeto.

Rodrigues (2015) ao se referir à violência a chama de agressão e ressalta que definir agressão, embora pareça ser algo dispensável - quem não saberia defini-la? -, e considera que não se trata de uma tarefa tão simples assim. E ressalta:

A Psicologia Social, contudo, define agressão como qualquer comportamento que tem a intenção de causar danos, físicos ou psicológicos, em outro organismo. [...] Os psicólogos sociais costumam distinguir diferentes tipos ou formas de agressão humana em função dos motivos ou intenções que se presumem subjacentes a tais comportamentos. Nesse sentido, referem-se à **agressão hostil** que deriva de estados emocionais fortes, como a raiva, e tem por objetivo básico causar dano a uma pessoa a fim de satisfazer impulsos hostis. A **agressão instrumental**, por sua vez, visa prejudicar, ferir ou magoar alguém apenas como meio de atingir outro objetivo. [...] podendo a vítima ser agredida verbalmente por insultos, calúnias ou impedida por outrem de atingir o seu objetivo. Nesses casos a agressão é **simbólica**. A chamada agressão sancionada é aquela que a sociedade julga aceitável ou menos imperiosa [...] de uma pessoa em legítima defesa pra proteger-se ou a outros dos ataques de alguém. Essa forma de agressão é tipicamente instrumental. (RODRIGUES, 2015, pp. 324/325)

Sobre violência física Norbert Elias (1993; 2011) nos é um fenômeno social institucionalizado e utilizado pelo Estado como mecanismo ou ferramenta de poder fundamentais, institucionalizada para manter o controle da sociedade, de forma legal, legítima, mantendo seu monopólio. Usa, inclusive, essa violência para manter o controle da violência por ele não permitida, considerada ilegal.

A violência urbana constitui-se em um dos mais comuns tipos de violação, desrespeito e transgressão às leis, regras, normas e regulamentos. Ela é caracterizada pela desobediência à lei, ao desrespeito aos bens públicos e atentados à vida no âmbito das cidades. Esse tipo de violência resulta de um cenário constituído pela densidade demográfica, desemprego ou oferta de emprego de baixa qualidade, a segregação, ausência de políticas para oferta de bens e serviços, infraestrutura precária e exclusão socioeconômica.

Com um olhar pelo via do social, legal e organizacional da situação, a parcela de pessoas escrupulosas que fazia parte desses grupos passou a se organizar e se inserir junto à única organização nacional que até então existia – a Confederação Brasileira de Pugilismo (CBP), que congregava todas as modalidades esportivas de lutas, inclusive o Karatê.

Foram os primeiros passos no sentido de organizar socialmente as entidades locais, regionais e nacionais de lutas. Nesse aspecto, também legalizar a situação social dos professores e alunos de Karatê, e de outras modalidades. Criou-se, então, a Associação dos Professores de Artes Marciais.

Nesse aspecto, o então Conselho Regional dos Desportos (CRD/AM) teve uma parcela importante de contribuição, notadamente no sentido de inteirar os professores das modalidades sobre a legislação desportiva, inclusive incentivando a todos a se legalizarem, sob pena de ficarem alheios aos direitos e deveres de quem se legalizasse perante os órgãos competentes.

Trata-se de um processo embrionário da criação de uma nova estrutura organizacional, com figurações específicas para organizar na criação e na condução das atividades desportivas, vislumbrando a socialização e os benefícios sociais aos praticantes, neste caso os Karatekas e, por conseguinte, gerar uma nova interdependência entre estes, enquanto atores diretamente envolvidos nessa situação – praticantes, professores, organizadores – e o Estado, representado pelos órgãos públicos.

Neste aspecto Elias (2006, p. 26) ressalta em sua teoria do processo civilizatório, que “os seres humanos, em virtude de sua interdependência fundamental uns dos outros, agrupam-se sempre na forma de figurações específicas. Diferentemente das configurações de outros seres vivos, essas figurações não são fixadas nem com relação ao gênero humano, nem biologicamente. Vilarejos podem se tornar cidades; clãs podem se tornar pequenas famílias; tribos podem se tornar Estados. Seres humanos biologicamente invariáveis podem formar figurações variáveis [...]”

Neste sentido, as figurações variáveis, por meio do Estado com a imposição das leis, se traduzem nas organizações, em nível estadual as associações e federações, vinculada ao

então Conselho Estadual dos Desportes (CRD) e, em nível nacional, pela confederação, e esta ligada à organização Federação Mundial do Karatê, em inglês, World Karatê Federation (WKF). Desta forma, a socialização dos Karatekas passa a ter uma dimensão mundial, com os potenciais eventos esportivos internacionais, oportunidades de grandes entrelaçamentos, não apenas em trocas de experiências técnicas, mas também entre as diferentes culturas – a interculturalidade entre os povos.

Desta forma, em nível mundial, a WKF foi fundada em 10 de Outubro de 1970, como a entidade representativa do Karatê em âmbito mundial, que foi formada, em 1970, por membros da vetusta União Mundial das Organizações do Karatê (em inglês: World Union of Karate-Do Organizations WUKO),²¹ o que, seguindo a uma ordem mundial, nessa nova configuração do Karatê, nos países foram organizadas e criadas as federações específicas dessa disciplina.

No Brasil foi criada a Confederação Brasileira de Karatê (CBK), como a entidade que regulamenta o Karatê esportivo no país, fundada em 11 de Setembro de 1987, na sede da Confederação Brasileira de Pugilismo (CBP), antiga entidade à qual a modalidade até então se encontrava vinculada. Em que pese o Karatê ser uma arte marcial, a entidade tem o escopo enfocar mais os aspectos lúdicos e desportivos da modalidade.²²

Por conseguinte, também foram criadas as associações e, a partir destas, as Federações Estaduais e, neste particular, a Federação Amazonense de Karatê (FAK), considerada como a entidade oficial de administração do Karatê do Estado do Amazonas, vinculada ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e filiada à Confederação Brasileira de Karatê (CBK), reconhecida como de utilidade pública estadual pela Lei nº2.490 de 27/05/1998.

Ademais, em 2016, durante os jogos olímpicos no Brasil, a modalidade Karatê passa a ser oficialmente considerada como esporte olímpico pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), e já estreia nos próximos jogos que ocorrerão em Tóquio/Japão, nação berço do Karatê, o que amplia mais ainda a abertura para a socialização dos Karatekas nesse entrelaçamento social mundial. No entanto, essa conquista foi fruto de muitas “lutas” reivindicatórias dos Karatekas, que se iniciaram na década de 1980, com a fundação da CBK, a partir de um movimento em busca de tornar o Karatê uma modalidade olímpica – um sonho que se torna realidade.

²¹

http://www.google.com/search?ei=hPwCW6zuEla_wASXyZfABw&q=fundação+da+world+karate+federation&oq=fundação+da+world+karate+federation&gs_l=psy-ab.3.33i22i29i30k1l10.10453.26280.0.27115.89.39.1.2.2.

²² http://pt.wikipedia.org/wiki/Confederação_Brasileira_de_Karatê

Com as organizações todas legalizadas juridicamente, atletas e organizadores também passam a ser legalizados oficialmente, com direitos e deveres a cumprir. Direitos tais como os faixas pretas poderem ministrar aulas, realizar promover exames de graduação, ministrar cursos técnicos, concorrer a graduações mais avançadas, fundar e conduzir novas associações, dentre outros benefícios sociais; enquanto os alunos atletas, poder pertencer como aluno matriculado a uma associação legalmente instituída e com isso, participar de suas promoções sociais como treinamentos técnicos, graduações de faixas, torneios amistosos e oficiais, campeonatos estaduais, regionais, nacionais e internacionais bem como dos jogos olímpicos.

O que se observa é um avanço no curso do processo civilizatório que, sem ser planejado para esse fim adentrou no Karatê e sua organização em nível mundial. Aquele praticante das então “academias de fundo de quintal” em Manaus agora tem a possibilidade de ser competidor de renome mundial, inclusive de participar das olimpíadas, porque pertence a uma organização que lhe possibilita acessibilidade e lhe proporciona uma nova identidade – ser Karateka institucionalizado, filiado à organização legal, o que outrora, sozinho sem pertencer a uma categoria legalmente constituída, não tinha força nem representatividade legal.

No entanto, esses mesmos Karatekas passam a estar sujeitos às regras, normas e leis que doravante regulam seus comportamentos e lhes proporcionam autonomia relativa em suas ações, inserindo-os e moldando-os nesse novo contexto social, nessa nova categoria identitária.

Nesse contexto, em relação à mudanças do comportamento humano como regras e normas de convivência em sociedade, não apenas nos esportes, mas em todos os aspectos, Elias (2011, p. 140) nos assegura em sua teoria do processo civilizador que atualmente o círculo de preceitos e normas é traçado com tanta nitidez em volta das pessoas, a censura e pressão da vida social que lhes modela os hábitos são tão fortes, que os jovens têm apenas uma alternativa: submeter-se ao padrão de comportamento exigido pela sociedade é considerada, ou ser excluído da vida “num ambiente decente”. O autor ressalta que:

A criança que não atinge o nível de controle das emoções exigido pela sociedade é considerada como “doente”, “anormal”, “criminosa”, ou simplesmente “insuportável”, do ponto de vista de uma determinada casta ou classe e, em consequência, excluída da vida da mesma. Na verdade, do ponto de vista psicológico, os termos “doente”, “anormal”, “criminosa” e “insuportável” não têm, dentro de certos limites, outro significado. O Modo como são compreendidos varia de acordo com os modelos historicamente mutáveis da formação de afetos. (ELIAS, 2011, p. 140).

A estrutura do ser humano é uma “máquina” que ainda conserva muitos mistérios que a ciência ainda não descobriu, em determinados aspectos, mas, suas características sociais são

de grande importância para seu curso regular enquanto indivíduos e destes em grupos em forma de sociedade.

Um dos aspectos importantes gerados como resultado da aplicação das regras, normas e leis é a vergonha, repugnância ou embaraço, isto é, a regulação da economia das pulsões, uma das características de um processo civilizatório. E ser humano, esteja ele onde estiver, no ambiente de trabalho, nos esportes, nas igrejas, nas escolas, independente de sua posição social, sempre estará evitando sofrer a vergonha, especialmente decorrente de sua falha ou transgressão das regras, das normas, das leis.

O sentimento de vergonha é, portanto, uma exaltação específica, uma espécie de ansiedade que automaticamente se reproduz na pessoa em certas ocasiões, por força do hábito. Considerado superficialmente, é um medo de degradação social ou, em termos mais gerais, de gestos de superioridade de outras pessoas. Mas é uma forma de desagrado ou medo que surge caracteristicamente nas ocasiões em que a pessoa que receia cair em uma situação de inferioridade não pode evitar esse perigo nem por meios físicos diretos nem por qualquer forma de ataque [...], é o que nos assegura Elias (1993)²³. Elias enfatiza também que:

O conflito expressado na vergonha-medo não é apenas um choque do indivíduo com a opinião social prevalecente: seu próprio comportamento colocou-o em conflito com a parte de si mesmo que representa essa opinião. [...] Ele mesmo se reconhece como inferior. Teme perder o amor e respeito dos demais, a quem atribui ou atribuiu valor. [...] Isso também explica por que o medo de transgredir as proibições sociais assume mais claramente o caráter de vergonha quanto mais perfeitamente as restrições externas foram transformadas, pela estrutura da sociedade, em autorrestricção, e quanto mais abrangente e diferenciado se tornou o círculo de autorrestricção onde se manifesta a conduta da pessoa. A tensão interna, a agitação que surge em todos os casos em que a pessoa se sente compelida a escapar desse espaço fechado, ou quando já fez isso, varia em força de acordo com a gravidade da proibição social e o grau de autocontrole. (ELIAS, 1993, pp. 242/243).

Em princípio, no Karatê a figura do Sensei em um Dojo (academia), representa a personalidade de maior conhecimento, pela sua experiência prática, teórica e filosófica, antiguidade e, portanto, do respeito perante seus alunos. Outra figura que representa autoridade é a do árbitro, que tem função de controle da luta no Koto.

As regras, normas, leis, regulamentos, restrições da sociedade contemporânea, por conseguinte do Karatê, emanadas do Estado, que no bom sentido, geram tensões e medo físico a outras pessoas, emergem do processo civilizador a partir de seu avançar nas sociedades, que continua sem previsão de um fim.

E é a partir dessas diversas formas de controle ou de mecanismos de modelação da sociedade, incluindo a Consolidação das Leis do Karatê (CLK), com suas regras e normas de

conduta que regem o Karatê nacional, das leis e o amparo da Constituição Brasileira – a Lei Margna - do país é que se acredita que o Karatê, enquanto esporte institucionalizado pode contribuir no processo de enfrentamento, mesmo convivendo em ambientes hostis, possa amenizar a violência em sua conduta, em sua forma de ser e de agir, pela transformação de seu caráter, de sua personalidade, pela disciplina, pelo autocontrole das pulsões para lhe proporcionar a socialização ou a ressocialização daqueles que praticam o Karatê, e assim, gerar a cultura sócioesportiva da não-violência e, por conseguinte, da convivência pacífica em sociedade.

É inegável que vivemos dias difíceis, a violência em toda sua plenitude tem evolvido grande parte da sociedade mundial. No Brasil a violência tem feito milhares de vítimas. [...] O atual quadro de violência urbana, tendo como um dos fatores o crescimento urbano desordenado nas grandes cidades acelerado processo do êxodo rural para as capitais, que não oferecem infraestrutura urbana adequada com a oferta de emprego e renda, moradia, saúde, educação, qualificação de mão-de-obra, dentre outros²⁴.

Em Manaus/AM, a situação não é diferente e se estende por toda a capital amazonense. Na passagem do ano de 2016 para 2017, a situação chegou ao seu ponto máximo com a ocorrência de uma tragédia na cidade – atos de violência e crueldade entre facções criminosas adversárias no presídio Complexo Penitenciário Anísio Jobim (Compaj) de Manaus resultaram no assassinato de 56 detentos e vários outros feridos. Os atos de extrema violência foram praticados com requinte de crueldade com os corpos das vítimas fatais esquartejados, decapitados – uma carnificina.

Os jornais da época deram bastante ênfase ao caso, conforme as manchetes do G1.globo. de 02 de Janeiro de 2017, com a manchete “Rebelião em Presídio Chega ao Fim com 56 Mortos, diz Governo do AM”; o jornal Gazeta do Povo de 02 de Janeiro de 2017, com a manchete “Guerra Entre Facções Deixa 56 Mortos em Penitenciária em Manaus”

O fato, típico de violência urbana, de imediato teve repercussão nacional junto aos outros presídios, resultando em rebeliões e assassinatos em outras penitenciárias do país. Conseqüentemente, houve repercussão também na imprensa nacional e internacional, tanto na escrita quanto televisionada. O fato foi considerado como o maior incidente em penitenciária brasileira desde o conhecido “massacre do Carandiru”, ocorrido em 1992, em São Paulo.

²⁴ <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/violencia-urbana-no-brasil.htm>

A situação deixou a população local ainda mais amedrontada, impotente, diante de tanta violência. Por outro lado, os órgãos de segurança pública demonstram também certa fragilidade para manter o controle da situação.

No contexto da teoria de Elias (2011) o processo civilizacional transforma a violência, impondo com maior eficiência as normas sobre as quais ele se apoia, não ocorrendo isso sem tensões extremas, sem uma violência na maneira de impor a ordem pacificada das nações civilizadas o que é paradoxal empreitada para a qual Elias nos oferece instrumentos conceituais mais pertinentes.

O processo civilizacional preconiza que à medida que o indivíduo se socializa cada vez mais diminui a violência física pela interiorização das coações externas, ou seja, pelo autocontrole. Nesse contexto, acredita-se, a sociedade hoje conta com inúmeras possibilidades de controle das emoções. Uma dessas possibilidades é a prática de atividades físicas, onde se destacam as lutas esportivas, as artes marciais, como o Karatê, por exemplo.

Na arte marcial Karatê os indivíduos praticantes (Karatekas) passam por um processo de rígidos treinamentos físicos técnicos e sob normas disciplinares de comportamento, de forma a se adequarem a essas regras de convivência no relacionamento com outros competidores, nos ambientes de competições e fora deles, em sociedade. Além dessas normas e regras, o Karatê também possui princípios e ideais filosóficos que devem ser apreendidos por seus praticantes.

Nesse mesmo contexto, Elias (2001, p. 11) nos afirma que os seres humanos não só podem, como devem aprender a regular sua conduta uns em relação aos outros em termos de limitações ou regras específicas à comunidade. Sem aprendizado não são capazes de funcionar como indivíduos e membros dos grupos.

Desta forma, os Karatekas passam a controlar seus impulsos agressivos a partir das sob os efeitos das coações externas (a aplicação das normas pelos árbitros de Karatê e por seus mestres) durante os treinamentos e nas competições oficiais, o que resulta em autocoações, expressas pela disciplina e com isso evitando as práticas de comportamentos antissociais, os comportamentos agressivos.

Isto posto, para melhor compreensão, segundo Rodrigues (2015, pp. 324/325) que define agressão como qualquer comportamento que tem a intenção de causar danos, físicos ou psicológicos, em outro organismo.

O referido autor também se refere aos casos de violência ou agressão simbólica e ressalta: “[...] vimos anteriormente que a agressão pode não envolver danos físicos, podendo a

vítima ser agredida verbalmente por insultos, calúnias, ou impedida por outrem de atingir seu objetivo. Nesses casos, a agressão é simbólica e também pode ser hostil ou instrumental [...].”

No caso do dano físico, de acordo com a teoria de Rodrigues (2015), em seu diálogo e ancoragem com o exemplo empírico, do Karatê, é o toque violento (com as mãos ou os pés) e sem controle contra o adversário, notadamente se esse impacto físico ocorrer no rosto do adversário, em uma luta esportiva, oficial ou não; no caso do dano psicológico, os exemplos empíricos seriam as palavras de ofensa, o desrespeito, os insultos, os gestos desrespeitosos que o Karateka descontrolado pode agir contra o outro Karateka, contra o árbitro ou qualquer pessoa do público presente, que se trata de uma violência simbólica. Em todos esses casos há previsão na Consolidação das Leis do Karatê (CLK), nas regras e normas de arbitragens dos torneios e campeonatos de Karatê, com penalidades previstas e, dependendo da gravidade, podendo chegar até a expulsão do Karateka infrator.

Como se pode observar, nas leituras e citações das teorias apresentadas sobre os conhecimentos científicos, em ancoragem com os diversos exemplos práticos, empíricos que se apresentam com a prática do Karatê nos proporcionam respaldo para afirmar que os treinamentos constantes desta arte marcial, com suas regras de comportamentos em conjunto com as boas práticas de hábitos de alimentação saudável podem proporcionar saúde e, por conseguinte, longevidade com qualidade de vida a seus adeptos praticantes, independentemente de faixa etária e de gênero.

Nas crianças, enquanto Karatekas, a prática ajuda no desenvolvimento do crescimento físico e da coordenação motora global e fina oculomanual, na dissociação dos movimentos com a execução de múltiplos movimentos diferentes e ao mesmo tempo e contribui para o desenvolvimento psicomotor, o equilíbrio emocional, além e contribuir para o fortalecimento da estrutura esquelética, fortalecendo os ossos contra potenciais aparecimentos de osteoporose.

A interação dos atletas durante as competições de Karatê, os eventos sociais, dentre outros afazeres proporcionam o entrelaçamento e o relacionamento com as pessoas do círculo de amizade ou não, na família, nas comunidades, práticas que favorecem também a uma boa qualidade de vida, evitando por assim dizer o isolamento dos jovens, adultos e idosos, pelos laços de amizade que há entre os Karatekas e destes para os atletas outras modalidades de lutas esportivas. Portanto, conforme asseguram os especialistas, o tripé mais importante de sustentação da saúde é formado pela alimentação, pelo exercício físico e pela interação social.

Nos idosos, em geral, a prática do Karatê, em conjunto com as boas práticas de hábitos alimentares saudáveis, contribuem para o fortalecimento muscular, mudanças de

comportamentos, notadamente nos hábitos alimentares, nas posturas, tendo como consequência o desenvolvimento da aptidão física, aumenta a atenção, a longevidade com lucidez, afastando os fatores de risco como a hipertensão, a obesidade e o sedentarismo. Também ajuda na prevenção contra o aparecimento de osteoporose, melhora a circulação sanguínea, a respiração, o equilíbrio corporal, evitando assim possíveis quedas, o que resulta em bem-estar geral para os afazeres pessoais, evitando a dependência de terceiros, gerando relativa autonomia, saúde e, por conseguinte, uma melhor qualidade de vida.

3 REFLEXÕES SOBRE OS EFEITOS DA PRÁTICA DO KARATÊ EM SEUS PRATICANTES FEDERADOS DE MANAUS/AM

Abordando “Reflexões Sobre os Efeitos da Prática do Karatê em Seus Praticantes Federados de Manaus/AM” realizamos coleta e análise dos dados obtidos nas entrevistas em campo, de acordo com o minucioso roteiro de perguntas específicas elaborado para cada grupo de respondentes que se constituíram nas categorias Karatekas faixas pretas adultos precursores do Karatê em Manaus/AM, das décadas de 1960/1970, que ainda estão conosco; os atletas com minimamente três anos de prática ininterruptas de Karatê, filiados à Federação Amazonense de Karatê (FAK), na categoria destaques como protagonistas pelos seus feitos relevantes ao Karatê de Manaus e do Brasil; os adultos maiores de 18 anos de idade; e os menores de idade com seus respectivos pais. A busca em campo deu-se por meio de utilização da técnica etnográfica de entrevistas semiestruturadas, nas quais discorreremos sobre os motivos principais que levaram os Karatekas à prática do Karatê, o Karatê e seus efeitos na saúde corporal do Karateka; o seu emprego como disciplinarização por meio de seus princípios e normas de conduta como mecanismo empregado para influenciar na mudança de comportamento, para neutralizar ou diminuir a violência urbana em Manaus/AM e, desta forma, compreendemos a relação existente entre a prática do Karatê e a construção da cultura da não violência em Manaus. Verificou-se como a arte marcial Karatê pode proporcionar melhoria nas interações sociais dos praticantes federados de Manaus e classificamos as motivações que levaram os adeptos à prática do Karatê, relacionando os dados coletados em campo e ancorando-os com as teorias com as quais nos respaldamos. Por fim, serão apresentadas as referências utilizadas na elaboração deste relatório, assim como apêndices e anexos do referido trabalho.

3.1 As contribuições e os discursos dos precursores do Karatê em Manaus nas décadas de 1960/1970

As reflexões dos três Karatekas precursores do Karatê em Manaus/AM, todos faixas pretas e professores de Karatê, maiores de 18 anos e com três anos ou mais de efetivo treinamento, coletadas e devidamente registradas em suas respectivas entrevistas são de tamanha e rica contribuição, como uma manifestação empírica de suas atividades cotidianas nos ambientes sociais de treinamentos em suas respectivas épocas (décadas de 1960/1970), refletem uma realidade vivida, manifestações estas que nos proporcionaram respaldo para

dialogar com a teoria científica, baseada nos diversos autores com os quais temos nos amparado, especialmente Norbert Elias, com sua teoria do Processo Civilizador.

A rigidez na disciplina e os objetivos do Karatê budô (caminho marcial, do guerreiro), na sua origem eram muito severas. Era uma ferramenta bélica desenvolvida para matar o inimigo, regida por rigorosas regras de conduta.

Com a paradoxal transformação do Karatê marcial em um esporte institucionalizado, no final do século XIX e início do século XX, esta modalidade deixa de ser instrumento de ações belicosas para ser ensinado nas escolas públicas, como um instrumento educacional, na educação física, mas também para absorver os benefícios proporcionados pela prática do Karatê, com destaque para a disciplina.

Esse período de transição e de readaptação à nova realidade social e política de Okinawa, que passa a pertencer ao Japão, representa um avanço no processo civilizacional, que não havia sido planejado. Foi lento, gradativo e continua até nossos dias - faz parte da sociedade dos indivíduos, em suas relações de dependências e de interdependências, nessa nova configuração.

Em Manaus, essa cultura da rígida disciplina era, e de certa forma ainda é conservada em alguns Karatekas, depois dos precursores mais antigos que trouxeram sua contribuição para Manaus, como o imigrante kotakusei (imigrante possuidor de curso superior) Saburo Onu (1933) e o também imigrante, o argentino Alberto Días Goldfar. Nomeamos como a categoria precursores mais recentes do Karatê em Manaus (aqueles que treinaram diretamente com o referido mestre Alberto Goldfar, nas décadas de 1960/1970 – e que ainda estão conosco). Nesse contexto, o que se observou nos diálogos e nas interações durante as entrevistas com esses três Karatekas faixas pretas, foram contribuições esclarecedoras para a historicidade do Karatê manauara.

Nesse contexto, o entrevistado E.V.M.P., que relatou, inclusive, que na ausência do mestre Alberto Dias Goldfar, como Faixa Preta de Karatê ministrava aulas, dando continuidade a seu trabalho, em sua entrevista ressaltou que:

O Karatê praticado na atualidade, para competições, quebra o paradigma que eu entendo, conheço. O Karatê tem a lei da física com base técnica; hoje há o uso errado da força física observado nos praticantes atuais. Os treinos de Karatê precisam estar em harmonia com o corpo. Não se vê mais Karatê completo, com o uso da concentração enquanto arte budo; hoje, no entanto, é quase um balé. O estilo Goju-Ryu de Okinawa é voltado para a luta. Quando eu ministrava aula, recebia alunos que queriam aprender a brigar; outros que queriam fazer apenas exercícios físicos; mas logo percebia a hora que o aluno estava querendo brigar. O aluno “brigão” não acertava o soco. Uma briga de fato não precisa dar murros, mas apenas um – é para isso que se treina Karatê. O soco do Karatê não era o braço, mas o corpo todo, um conjunto harmônico – força, velocidade, concentração, respiração – é física, a energia cinética, logo, um movimento giratório. (E.V.M.P.,2018).

Com o discurso que caracteriza um pouco o pensamento e a forma tradicional de treinar o Karatê, E.V.M.P. ressalta uma situação muito importante na prática desta disciplina, a forma harmônica de usar o corpo convenientemente com força, explosão na velocidade, concentração e respiração, como sendo a energia cinética, que vem da física.

E esse conjunto harmônico de técnicas praticadas corretamente, conforme nos ressalta o entrevistado, efetivamente proporciona o tônus muscular com economia de energia com a flexibilidade no corpo e, por conseguinte, com a facilidade na desenvoltura dos gestos, movimentos, inclusive das técnicas mais difíceis de aplicação, como os golpes de chutes diretos, indiretos e em reverso, como o mauwashi-gueri ou o uramawashi-gueri, enfim, proporcionam o Kimê (força de impacto) nas defesas e nos golpes de ataques. E essa afirmativa empírica está em plena sintonia com o que nos afirma Molari (2003/2004) quando aborda a questão economia de energia, quando ressalta:

Com relação ao desenvolvimento da arte marcial, em particular o Karatê, a flexibilidade auxilia no desenvolvimento das técnicas para o bom andamento da arte, pois um ataque de kizami zuki (soco com a mão que está à frente), mawashi gueri (chute circular), ou uramawashi gueri (chute giratório em reverso) seriam impossíveis sem a eficiência da flexibilidade. Além disso, a flexibilidade contribui para a economia de energia, proporciona melhoria para o desenvolvimento de outras capacidades e habilidades motoras (agilidade, força, velocidade). (MOLARI,2003/2004, p. 26).

Ainda, ratificando seu ponto de vista tradicionalista, voltado para as formas antigas de treinamentos, E.V.M.P. ressalta as mudanças gradativas nas regras do Karatê contemporâneo, tornando-o mais brando e menos efetivo, em termos de luta real, comparando-o, inclusive, com um balé. Disse, também, que hoje quem manda é o mercado, numa alusão de que a modalidade virou comércio. No entanto, apesar de seu ponto de vista crítico em relação a esse aspecto, ressaltou que a modalidade hoje, enquanto esporte olímpico, proporciona inclusão social. Portanto, seu discurso foi

A institucionalização do Karatê vulgarizou a arte, fez com que ela perdesse sua essência! O Karatê olímpico, bem ou mal feito, é uma alternativa em que há inclusão social; melhorou por isso! O Karatê foi evoluindo e quem dá as regras agora é o mercado. (E.V.M.P,2018).

O que ressalta o entrevistado E.V.M.P. quando afirma que a institucionalização do Karatê vulgarizou a arte, está intimamente relacionado com o avanço civilizatório do que trata a teoria do Processo Civilizador, de Norbert Elias. Ora, outrora o Karatê era utilizado como uma ferramenta bélica rigorosa criada exclusivamente para matar, a serviço da proteção dos clãs fechados de Okinawa, o Isshi-Soden e, com o passar do tempo e o avanço civilizacional, houve uma desfuncionalização dos guerreiros (os Peichin) e, por conseguinte, da então arte

marcial Karatê em sua paradoxal transformação social em esporte institucionalizado, baseado nas regras de conduta para o controle da violência nos desportos modernos.

Essas transformações sociais fazem parte de um processo de mudança de comportamento dos indivíduos em sociedade, referido por Elias (1993, pp. 216-217), ao abordar a sociogênese da corte no processo civilizacional, ressalta como transformação civilizadora da nobreza belicosa em uma nobreza domada, fato esse ocorrido não apenas no processo civilizador ocidental, mas em todos os grandes processos civilizadores. Nesse contexto, o autor ressalta: “uma das transições mais decisivas é a *de guerreiros para cortesãos*”.

Ademais, Elias ressalta-se que esses são exemplos de estágios de diferentes graus de transição, do que ele chama de pacificação interna da sociedade. E para esse tipo de transformação Elias nos relata da seguinte forma:

Já descrevemos em detalhes e de vários ângulos como os guerreiros foram atraídos, passo a passo, para uma interdependência cada vez mais acentuada relativamente a outras classes e grupos, como um número crescente dentre eles caiu na dependência funcional e, finalmente, institucional de outrem. Foram processos que se desenvolveram na mesma direção durante séculos: a perda da autossuficiência militar e econômica por todos os guerreiros e a conversão de parte deles em cortesãos. (ELIAS, 1993, p. 220).

Desta forma, continua Elias (1992, p. 61), ratificando sua teoria sobre esse processo de transformação social a que chama de pacificação dos guerreiros, ressalta tratar-se de “uma classe poderosa de nobres guerreiros proprietários rurais, donos de grandes propriedades, razoavelmente independentes, transformou-se numa classe de cortesãos e de funcionários militares, totalmente dependentes do rei, ou nobres de província, privados quase por completo das suas funções militares”.

Ratificando o que Elias nos afirma em sua teoria, pela semelhança da teoria com os fatos, Anderson (2004), nos assegura que “sem mais guerras os Pechin - a classe guerreira dos samurais - tornou-se como lembrança do passado, que não tinha acompanhado o desenvolvimento da história [...]”.

Ainda, em reforço à teoria, Elias e Dunning (1992, pp. 335/336) se referem aos desportos modernos ressaltando que, apesar de possuírem características de violentos, seus praticantes aprenderam a controlar as pulsões que geram violência durante uma disputa, na perspectiva do desenvolvimento, no caso, em referência ao boxe, ao rãguebi modernos. Assim asseguram: “[...] Em contraste com os seus antecessores populares, o rãguebi moderno é o exemplo de uma forma de jogo que é civilizada. [...]. A esse respeito, isso é característico dos modernos confrontos do desporto em geral”.

Desta forma, nesse contexto é que acreditamos na transformação social dos praticantes de Karatê, notadamente em suas mudanças comportamentais para melhor, no enfrentamento contra para diminuição da violência nessa nova estrutura social e política, nessa nova configuração contemporânea no curso do desenvolvimento da sociedade, paralelamente também submetido ao Estado, com suas regras, normas e leis, que geram a de boa convivência dos Karatekas, em sociedade.

Ademais, nos treinamentos de competições esportivas para controle de golpes, foram sendo inseridas e readequadas novas regras e normas, com objetivo dentre outros de neutralizar ou de diminuir o nível de violência outrora próprio dessa modalidade de arte marcial. Isso denota o processo civilizatório que é contínuo, visando à boa convivência entre os indivíduos na sociedade em suas relações de interdependências.

Também nesse mesmo contexto, Funakoshi (2014) enaltece o Karatê treinado da forma antiga e o seu extraordinário poder de ataque, no entanto, ressalta o Karatê esportivo contemporâneo empregado como uma técnica corporal útil aos praticantes, se utilizada de acordo com seus novos princípios e normas, e critica duramente seu uso inadequado, por pessoas despreparadas, como mecanismo de violência, e o autor enfatiza que:

O extraordinário poder de ataque e defesa do Karate-Do é bem conhecido. É uma arte em que é possível defender-se de inimigos com um ataque simples de punho ou de chute, sem armas. O valor da arte depende de quem a aplica. Se sua aplicação for por um bom propósito, então a arte será de grande valor, mas se for mal utilizada, não haverá arte pior e mais danosa que o Karatê. (FUNAKOSHI, 2014, p. 22).

A preocupação de Funakoshi, nesse contexto, sempre foi o de estabelecer um contato constante do praticante dessa disciplina com as normas, as regras e os princípios filosóficos, para a autorreflexão visando estabilizar o comportamento, a manutenção do distanciamento diante de determinadas situações incomuns, na vida cotidiana dos Karatekas.

Em sua contribuição, também como um dos precursores do Karatê de Manaus, o Faixa Preta de Karatê E.J.C.M.P., durante o diálogo na entrevista, ao ser indagado sobre o Karatê, E.J.C.M.P., entusiasmado, manifestou-se desta forma:

Treino Karatê para adquirir autoconfiança e conhecimento e, quando iniciei, eu não era violento nem sou até hoje, sempre fui naturalmente pacato. Com o Karatê melhorou minha concentração. Quanto a gostar de competir eu tinha pouco controle na minha força, evitava contato. Quanto às contribuições do treinamento de Kata afirmo que sim, o Kata aprimora a percepção, a acuidade visual, a defesa pessoal, a atenção, e o estado de alerta. (E.J.C.M.P., 2018).

Os conhecimentos empíricos dos quais E.J.C.M.P. se refere, confirmando os benefícios dos treinamentos de Kata, estão em semelhança e diálogo com o que afirma Gonçalves (1994, p. 15), em sua teoria. A autora ressalta que nas sociedades estruturadas mais

simples, o homem, para sua sobrevivência, depende diretamente da acuidade de seus sentidos, da agilidade de seus movimentos, por exemplo, o homem primitivo depende diretamente da percepção sensível e da ação de seu corpo; do mesmo modo para detectar a aproximação de inimigos, por meio de apreensão de vibrações do solo [...].

Ademais, em reforço ao que E.J.C.M.P. se refere, com o amparo teórico de Gonçalves (1994), Molari (2003) assegura que a prática permanente do Kata proporciona vários benefícios ao Karateka, e ressalta:

Com a prática dos Kata, de 3 a 5 vezes por semana nas aulas de Karatê, os indivíduos melhoram seus níveis de aptidão física, e sua classificação em relação à atividade física habitual, mudando a sua categoria de inativo para moderadamente ativo, ou para ativo, ou para muito ativo [...]. Dessa forma, cada componente da aptidão física relacionada à saúde pode ser desenvolvido, conforme mencionado, através da prática dos Kata de 3 a 5 vezes por semana, nas aulas de Karatê [...]. Uma outra perspectiva de saúde que a prática das atividades relacionadas ao Karatê proporciona, em específico o Kata, é a contribuição para a atividade da vida diária em grupo de terceira idade. (MOLARI,2003/2004, p.25).

Os conhecimentos práticos, empíricos nos mostram que os exercícios e a prática do Karatê, no geral, proporcionam resistência e flexibilidade em todo o corpo, o que facilita ao Karateka na aplicação dos golpes, repetidas vezes com economia de energia (tônus muscular), durante os treinamentos, sem provocar cansaço físico ou exaustão.

Nos treinamentos de Karatê, em particular do Kata, com o intensivo treinamento e a preparação técnica do corpo, comparando com o que afirma Gonçalves, essas habilidades são resgatadas. Ademais disso, pelos diversos gestos e posturas realizados, os múltiplos movimentos com funções diferentes, portanto, *dissociação de movimento*, durante sua execução. Podem também contribuir para o desenvolvimento da coordenação global e a experimentação, notadamente de crianças, conforme nos afirma Oliveira (2015), em sua teoria, que ressalta

A coordenação global e a experimentação levam a criança a adquirir a *dissociação de movimentos*. Isto significa que ela deve ter condições de realizar múltiplos movimentos ao mesmo tempo, cada membro realizando uma atividade diferente, havendo uma conservação de unidade de gesto. Quando uma pessoa toca piano, por exemplo, a mão direita executa a melodia, a esquerda o acompanhamento, o pé direito a sustentação. São três movimentos diferentes que trabalham *juntos* para conseguir uma mesma tarefa. Diversas atividades levam a consciência global do corpo, como andar, que é um ato neuromuscular que requer equilíbrio e coordenação; correr, que requer, além destes, resistência e força muscular; e outros como saltar, rolar, pular, arrastar-se, nadar, lançar-pegar, sentar. (OLIVEIRA,2015, pp. 41/42).

Ratificando o que afirma a teoria de Oliveira (2015), a maioria desses movimentos são executados pelo Karateka, quando da realização de um Kata, por exemplo: saltar, rolar, arrastar-se e com funções diferentes, como, por exemplo, defesa dupla em níveis diferentes

executadas simultaneamente; esquivas laterais com defesa e contraataque, também executados simultaneamente, todos com funções diferentes. Citamos aqui, como alguns exemplos, os Kata Pian-Shodan; Pian-Nidan; Chinto; Unsu dentre outros, ratifica-se, trata-se de *dissociação de movimento*. Prosseguindo com a entrevista, E.J.C.M.P. assegurou que, depois de um período mínimo de três anos de prática contínua percebeu algumas mudanças, e ressaltou:

Com a prática do Karatê melhorei o conhecimento de meu potencial físico e mental, também melhorei mais ainda meu relacionamento. Quanto à influência no meu comportamento, apenas melhorou. No que se refere aos princípios filosóficos Dojokun, sim, a perfeita ligação física e mental me proporcionou equilíbrio emocional em todas as situações e melhorou meu relacionamento. A vida social como um todo contribuiu em melhor relacionamento. (E.J.C.M.P.,2018).

Nesse contexto, em consonância com o que afirma o entrevistado E.J.C.M.P., Santos et al (2016), em sua teoria aborda a importante contribuição da prática do Karatê na formação do caráter, no seu relacionamento, no controle mental e comportamental dentre outros benefícios, asseguram que:

A prática do Karatê tem diversas funções e tem como características, dentre outras, a formação do caráter, do controle emocional, disciplina, defesa pessoal além de ter uma contribuição significativa no desenvolvimento motor [...] e participa de uma forma global no desenvolvimento das crianças, pelas suas características motoras e sociais, onde a disciplina, o respeito e o autocontrole são ensinados como plataforma no desenvolvimento do caráter do praticante. (SANTOS et al 2016, pp.3/4).

Ainda, no que concerne ao Dojokun como um meio filosófico, conforme assegura E.J.C.M.P. em sua narrativa, quando ressalta “a perfeita ligação física e mental me proporcionou equilíbrio emocional em todas as situações e melhorou meu relacionamento. Na minha vida social como um todo contribuiu em melhor relacionamento”, trata-se de fatos empíricos que ocorrem no cotidiano de um Karateka, benefícios psicossociais, que geram transformações sociais que esta modalidade pode proporcionar aos seus adeptos por meio de seus princípios e normas de conduta, nesse contexto, ratificam-se, os princípios filosóficos Dojokun, como uma das ferramentas transformadoras do Karatê.

As respostas afirmativas de E.J.C.M.P estão de acordo e em consonância com o que afirmam (Pinto; Matos,2017, p.125), quando abordam os cinco preceitos únicos e sem hierarquia - o Dojokun e ressaltam:

1º - Hitotsu Reigi => Respeito acima de tudo, cortesia, etiqueta, demonstrado para todos, inclusive com o gesto de reverência, ao entrar no Dojo (academia), diante do mestre e ao ficar diante do Kamissama (templo). A hierarquia sempre fez parte do Karatê, o que reflete no comportamento respeitoso aliado à cortesia e à etiqueta social do Karateka;

2º - Hitotsu Shisei => Sinceridade, autenticidade, generosidade, benevolência. A mentira é condenável e contrária aos princípios do Karate, desta forma ser autêntico é ser sincero, é honrar com a palavra, com os compromissos e obrigações;

3° - Hitotsu Dorioku => Esforço, perseverança para formação do caráter, e para atingir objetivos. O karateka aprende a superar as dificuldades físicas durante os treinamentos e, por conseguinte, a conquistar seus objetivos;

4° - Hitotsu Sekinin => Responsabilidade, postura, comportamento adequado em sociedade. O comprometimento com o dever assumido é parte da conduta de um karateka;

5° - Hitotsu Meiro => Alegria, harmonia, amor. Manter-se sempre alegre e feliz em harmonia com a vida, com os que o cercam, contagiando com harmonia o ambiente.

O que se observa, enquanto Karateka, é que no decorrer desse longo processo, algumas normas e regras foram se aperfeiçoando, acompanhando o processo civilizatório, outras, porém conservaram suas tradições. O emprego dessas normas, no caso do Karatê Shorin-Ryu (Shinshukan) do saudoso Grão-Mestre Yoshihide Shinzato, visam dentre outros, o fortalecimento do código de conduta, enquanto princípios éticos e filosóficos, para moldar o comportamento dos Karatekas. Elas reforçam os princípios éticos e as boas práticas que devem ter os Karatekas, como forma de boa convivência não apenas no ambiente dos treinos e competições de Karatê, mas como regras de comportamento em sociedade como um todo.

Prosseguindo com suas contribuições em resposta às indagações da entrevista, sobre se as lutas esportivas influenciam positivamente nas mudanças comportamentais, E.J.C.M.P. ressaltou, em seu entender ressaltou que:

Sim, as lutas podem ser utilizadas como mecanismos de mudança nos comportamentos sociais e no enfrentamento contra a violência urbana; as regras, regulamentos, normas, a rigidez na disciplina, nos exaustivos treinamentos, inclusive nas competições esportivas podem proporcionar mudança no comportamento dos Karatekas, proporcionadas pelos nos árduos treinamentos, para a aplicação das regras, regulamentos, normas, a rigidez na disciplina, no autocontrole e nos exaustivos treinamentos, inclusive para as competições esportivas, e tudo isso proporciona melhor conhecimento do corpo e mente, proporciona melhor equilíbrio social, auto-estima, além da “inclusão social. (E.J.C.M.P,2018).

Nesse contexto, sim, as lutas podem ser utilizadas como mecanismos de mudança nos comportamentos sociais no enfrentamento para amenizar a violência urbana, tendo em vista que elas, em particular o Karatê, são dotadas de regras, regulamentos, de severas normas de conduta para proporcionar o controle dos praticantes, com isso, estes aprendem as regras de boas maneiras de convivência social; aprendem o que é permitido socialmente e aceito como correto. Desta forma, os praticantes adquirem disciplina, autocontrole de suas pulsões e, por conseguinte, são incluídos socialmente.

Para ratificar o que se afirma Elias (2006, p. 37) nos relembra, portanto, que “o processo civilizador está relacionado à auto-regulação adquirida, imperativa para a sobrevivência do ser humano. Sem ela, as pessoas ficariam irremediavelmente sujeitas aos

altos e baixos das próprias pulsões [urges], paixões e emoções, que exigiriam satisfação imediata e causariam dor caso não fossem saciadas [...].”

Também, nesse mesmo contexto, em relação às mudanças do comportamento humano como regras e normas de convivência em sociedade, não apenas nos esportes, mas em todos os aspectos, Elias (2011, p. 140) nos assegura em sua teoria do processo civilizador que atualmente o círculo de preceitos e normas é traçado com tanta nitidez em volta das pessoas, a censura e pressão da vida social que lhes modela os hábitos são tão fortes, que os jovens têm apenas uma alternativa: submeter-se ao padrão de comportamento exigido pela sociedade é considerada, ou ser excluído da vida “num ambiente decente”. O autor ressalta também que:

A criança que não atinge o nível de controle das emoções exigido pela sociedade é considerada como “doente”, “anormal”, “criminosa”, ou simplesmente “insuportável”, do ponto de vista de uma determinada casta ou classe e, em consequência, excluída da vida da mesma. Na verdade, do ponto de vista psicológico, os termos “doente”, “anormal”, “criminosa” e “insuportável” não têm, dentro de certos limites, outro significado. O Modo como são compreendidos varia de acordo com os modelos historicamente mutáveis da formação de afetos. (Elias, 2011, p. 140).

Ainda, em relação às contribuições concedidas em suas narrativas, E.J.C.M.P. ressalta que:

As academias proporcionaram um interrelacionamento democrático social, portanto, a prática do Karatê abre portas socioeconômicas, são contribuições sociais que o Karatê proporciona ao seu praticante. Como um dos precursores do Karatê amazonense afirmo que minha contribuição foi, como resultado final, a inclusão social dos níveis variados em um só seguimento, o bem e a harmonia social. E, ainda, como benefício da prática do Karatê, ressalto que a modalidade proporciona autoconhecimento e equilíbrio. O Karatê proporciona equilíbrio mental – complementação do corpo com a mente, que o prepara para absorver as regras para o desporto, para competir; desenvolve a visão periférica, o controle do corpo com a mente. Cito três expressões que servem para a vida: marcial: “sem dor não se ganha nada”; do Judo: “quanto maior a queda mais faz a água, ao chegar no chão, produzir energia”; é para o corpo as conquistas. São princípios que servem para qualquer coisa. (E.J.C.M.P., 2018).

O que E.J.C.M.P. ressalta em sua contribuição está relacionado ao processo evolutivo, ao avanço civilizacional, quando afirma que as academias de Karatê proporcionam um interrelacionamento democrático social; que a prática do Karatê abre portas socioeconômicas tais como atribuições sociais ao seu praticante. Trata-se de uma nova interação social de interdependência onde, de uma nova configuração onde, de um lado, há a figura do professor de Karatê, enquanto profissional que terá no ensino da modalidade uma fonte de aperfeiçoamento técnico e de renda e, de outro, os praticantes, enquanto alunos, que pagam por esta prestação de serviços e, em contrapartida, todos terão os benefícios socioculturais e a saúde que a modalidade lhes proporcionará. Portanto, conforme afirmou E.J.C.M.P., além de

gerar emprego e renda, gera também inclusão social aos atores diretamente envolvidos com essa disciplina.

Por outro lado E.J.C.M.P. refere-se à dor sofrida durante os treinamentos exaustivos de Karatê para avançar na sua *performance* geral e afirma “sem dor não se ganha nada!”, o que também foi referenciado por E.V.M.P., quando em sua narrativa afirmou em sua entrevista que ‘sem dor não tem resultado!’, assim ambos estão reafirmando que, com a prática dos esportes, neste caso o Karatê, é preciso perseverar para alcançar os objetivos, o desenvolvimento pessoal e conquistar a vitória, não apenas nas competições, mas em todos os outros benefícios que a prática do Karatê pode proporcionar aos seus adeptos praticantes, como a saúde corporal da criança, do adulto e do idoso, o que resulta em longevidade com qualidade de vida, bem como benefícios sociais.

Nesse aspecto, Le Breton (2013), quando se refere à dor consentida da cultura esportiva, em diálogo com os conhecimentos empíricos mencionados nesse contexto, ressalta que a atividade esportiva não exige apenas uma técnica e uma aptidão particular a resistir ao esforço e ao cansaço, é também uma luta íntima com o sofrimento, com a tentação quase sempre irresistível de relaxar e viver o êxtase provisório do desmoronamento da pista. E ressalta mais ainda:

Quando o corpo se torna inimigo de qualquer avanço, o ator aceita sua dor. Além de suas qualidades atléticas particulares, ele aumenta seu rendimento avançando pouco a pouco no insuportável. O adversário a ser ultrapassado ou o recorde a ser batido nomeia o sofrimento a ser atingido e a ser superado no mesmo movimento. Toda atividade física ou esportiva vai além dos esforços habituais envolve uma negociação pessoal com o limiar de dor suportável. Sempre há uma margem a ser conquistada graças ao treinamento, a métodos psicológicos ou à determinação do caráter. A *performance* é um ponto de referência no continente da dor. Ela confronta com uma experiência dos limites. (LE BRETON, 2013, p. 207).

Ainda, em referência à teoria sobre a dor, referido por Le Breton (2013), em relação aos relatos de E.J.C.M.P. e de E.V.M.P., fato comum entre os Karatekas mais experientes, enquanto competidores em busca de melhorias técnicas e de suas *performances*, que também ocorre com novatos (Kohai) nos treinamentos, pois sua estrutura muscular, ainda não acostumada com os treinamentos rígidos, reage com dores quase insuportáveis. Isso também ocorre quando os Karatekas estão em fase de treinamento especial em preparação para a realização de exames de graduação ou para competições esportivas de alto nível, a exemplo dos campeonatos regionais, nacionais ou internacionais e agora olimpíadas. Para superar as dificuldades, as dores, a exaustão, além da perseverança é necessário também preparo psicológico, controle emocional – o controle do corpo com a mente. Assim, como disse Le Breton, a “*performance* é um ponto de referência no continente da dor”.

O terceiro manauara Karateka e precursor, E.M.P.F. também nos proporcionou sua importante contribuição sobre a história local do Karatê. Em referência ao seu diálogo conosco, quando indagado nos respondeu:

O motivo que me levou a treinar Karatê foi por ser esta modalidade uma atividade de defesa, com importância a autoconfiança em todos os sentidos. Confirmando com um sim que o Karatê influenciou positivamente em minha mudança de comportamento, com melhoras nos meus relacionamentos sociais, principalmente na época que comecei, a prática transformava o carateca. A mudança segue um processo natural, em algo especial, observado principalmente após determinado tempo ininterrupto de treino, cerca de três anos de prática. Expresso meu envolvimento efetivo com o esporte em todos os níveis. Sobre gostar ou não de competir, respondo apenas que gosto mesmo é de “treinamento”. O Kata pode contribuir sim para o aprimoramento da percepção, para acuidade visual, defesa pessoal e aprimoramento do Zanchin, o estado máximo de alerta do Karateka. (E.M.P.F,2018).

No que se refere aos benefícios abordados por E.M.P.F., quando ao ser indagado afirma em sua narrativa que treinou Karatê em busca de defesa e que efetivamente o Kata pode proporcionar aprimoramento da percepção, contribuir na faculdade de aprender por meio dos sentidos, a acuidade visual, aumentando a sensibilidade da coordenação motora fina e óculo-manual, equilíbrio e outros benefícios, visto que executa gestos, movimentos em várias direções com a extrema necessidade de acompanhamento em cada uma dessas ações em sintonia com a visão, com o olhar, que são os ataques, as defesas e os contrataques, ademais das esquivas.

Em sua abordagem inicial, quando E.M.P.F. confirma sua busca por conhecimentos na arte marcial Karatê, notadamente os relacionados à defesa pessoal, seu discurso está em concordância com a teoria de Elias (2001), quando afirma que nós enquanto seres humanos, a qualquer momento podemos morrer e, por isso mesmo nos ressalta que:

[...] Apenas eles (os seres humanos) podem prever seu próprio fim, estando cientes de que pode ocorrer a qualquer momento e tomando precauções especiais – como indivíduo e como grupos – para proteger-se contra as ameaças de aniquilação. Durante milênios essa foi uma função central de grupos humanos como tribos e Estados, permanecendo uma função importante até nossos dias. No entanto, entre as maiores ameaças aos humanos figuram os próprios humanos. (ELIAS,2001, p. 10).

Nesse sentido, quanto aos outros benefícios citados por E.M.P.F., em especial os psicomotores, conforme nos assegura Oliveira (2015, p. 43), só possuir uma coordenação motora fina não é suficiente. É necessário que haja também um controle ocular, isto é, a visão acompanhando os gestos da mão. Chamamos isso de coordenação oculomaneira ou visomotora.

Essa função é bastante desenvolvida pelos atletas de alto nível técnico, em decorrência da grande velocidade de seus movimentos em sintonia com sua atenção e estado máximo de alerta, o Zanchim. Semelhantemente, por conseguinte esta função é exigida dos árbitros que,

para não cometerem injustiça no registro dos pontos, precisam estar habilitados para acompanhar os velozes golpes dos Karatekas, sob pena de, se assim não o fizerem, registrarem apenas o golpe que chegou depois do golpe do atleta mais veloz e mais técnico. Todo o conjunto de técnicas gera autoconhecimento de técnicas de defesa pessoal.

O desenvolvimento da percepção também está relacionado ao desenvolvimento cognitivo, assim, os treinamentos de Karatê e de Katá podem melhorar no desenvolvimento da inteligência do Karateka. Essa afirmativa empírica está em sintonia com a teoria, em acordo com o que nos afirma Paiva (2015, p. 46), quando assegura que a coordenação motora e a quantidade de anos de prática de artes marciais influenciam e proporcionam mudanças na estrutura cerebral. Além disso, a idade de início do treinamento também possui grande influência na expertise em longo prazo, pois o córtex cerebral fica mais espesso durante a infância e mais fino na adolescência.

Com referência à declaração de E.M.P.F, sobre sua mudança de comportamento para melhor, com a prática do Karatê, ratifica-se o que Elias (2011, p. 140) afirma em sua teoria civilizacional, quando ressalta que a mudança do comportamento humano como regras e normas de convivência em sociedade, não apenas nos esportes, mas em todos os aspectos, nos assegura em sua teoria do processo civilizador que atualmente o círculo de preceitos e normas é traçado com tanta nitidez em volta das pessoas, a censura e pressão da vida social que lhes modela os hábitos são tão fortes, que os jovens têm apenas uma alternativa: submeter-se ao padrão de comportamento exigido pela sociedade é considerada, ou ser excluído da vida “num ambiente decente”.

Em reforço aos benefícios do Karatê com suas normas disciplinares para mudar comportamento dos seus adeptos praticantes, os Karatekas, mencionados por E.M.P.F como importantes para moldar comportamento dos praticantes, Bandeira (2006, p. 20), apropriando-se da teoria do psicólogo Flores (1978), ressalta que:

O Karatê proporciona ao praticante uma forma socialmente aceita de trabalhar a sua agressividade e isto de forma positiva e produtiva. Considera que por um lado a agressividade sendo deslocada para o esporte, ela pouco provavelmente será manifestada sob outra forma dentro da comunidade. Por outro, a agressividade da forma como ela é trabalhada no Karatê também promove a aproximação e a amizade entre os praticantes e o respeito pelo semelhante. Assim, apesar da crença popular, este impulso tão importante, mas mal aceito pela nocividade humana, estreita os laços entre pessoas e não implica necessariamente morte e destruição. (BANDEIRA,2006, P. 20).

Em referência aos cinco preceitos, princípios filosóficos do Karatê, o Dojokun, E.M.P.F. respondeu que sim, por estar em concordância com seus efeitos positivos, bem

como somado às normas, regulamentos, regras, quanto ao comportamento exemplar de um Karateka, e ressaltou:

Sim para o caso do efeito positivo do Dojokun, para as normas e as regras, em treinamento e na arbitragem durante as competições que contribuem para a autodisciplina, autocontrole das pulsões agressivas e melhoria dos relacionamentos em convivência social. Na minha época não havia competição e a prática era pra luta propriamente dita. E, ainda, reforçando a mesma resposta, confirmo que tudo isso contribuiu para melhoria no meu relacionamento no lar, na escola, no trabalho, no cotidiano em minhas relações sociais com as pessoas e com os outros grupos. Ressalto que respeito às posições de cada um. A prática do Karatê, com seus princípios e normas me proporcionou reconhecimento em todos os sentidos, satisfação completa. A contribuição social que o Karatê proporciona ao praticante é um crescimento interior e que a modalidade pode sim proporcionar inclusão social, apesar de que hoje os interesses acabam sendo financeiros, há sempre uma base filosófica. (E.M.P.F,2018).

Os princípios de ideais filosóficos Dojokun são preceitos que reforçam os princípios éticos e as boas práticas que devem ter os Karatekas, como reforço para a boa convivência não apenas nos ambientes socioesportivos dos treinos e de competições de Karatê, mas como regras de comportamento geral em sociedade no lar, na escola, no trabalho, enfim, onde quer que o Karateka possa se encontrar, estará sempre autêntico e praticando respeito acima de tudo, cortesia, etiqueta; a sinceridade, generosidade, benevolência; esforço, perseverança para formação do caráter, e para atingir objetivos; a responsabilidade, postura, comportamento adequado em sociedade; a alegria, harmonia, amor, valorizando a vida e harmonizando o ambiente que o cerca.

Os praticantes de artes marciais, nesse particular, o Karatê, com o passar de tempo de treinamento passam por diversos estágios de desenvolvimento de sua consciência. Esses estágios evoluem através do físico, do mental e do espiritual.

Segundo Bandeira (2006, p. 17), apropriando-se das afirmações de Sasaki (1978), ressalta que o corpo deve ser forte, rápido, flexível, resistente, rico em reflexos, assimilando todas as modalidades de técnicas. Deve-se ter o uso total do corpo, descarregando a agressividade e tensões nervosas acumuladas. O autor ressalta também que “a mente deve ser livre, clara, ampla e equilibrada. Não pode se tornar tensa e nem totalmente relaxada, sem se prender a nada, e sim calma, tranquila; à vontade, não parando por nenhum instante [...]. Sua mente não deve se tornar turva, para que possa captar a imagem correta e conduzir seu pensamento a uma posição mais nobre”.

Ainda em reforço aos princípios de ideais filosóficos do Karatê, o Dojokun, em consonância com o discurso de E.M.P.F., por sua experiência empírica enquanto faixa preta e um dos precursores do Karatê em Manaus, Bandeira (2006) reforça que:

O Comitê Olímpico Internacional para aceitar o Karatê como modalidade olímpica desportiva impôs a necessidade de eliminar contato, isto é, a transmissão de energia nos golpes. Atualmente os golpes são demonstrados e recolhidos antes de atingir o adversário. Os árbitros é quem devem decidir se a técnica é pontuável ou não para dar o ponto. A falta de controle nos golpes é reprimida, prestigiando-se a segurança, o respeito e a cortesia acima de tudo. Aquele que eventualmente atinge o adversário sem controle é punido com perda de pontos ou desclassificado. (BANDEIRA,2006, p. 21).

Quanto aos efeitos das lutas esportivas como mecanismos prováveis de mudança nos comportamentos sociais e no enfrentamento contra a violência urbana, dentre outros questionamentos, E.M.P.F. respondeu sim por estar em plena concordância, ressaltando que:

Quanto aos efeitos das lutas esportivas como mecanismo provável mudança nos comportamentos sociais e no enfrentamento contra a violência urbana respondo que sim para o Karatê como uma dessas modalidades. Respondo que sim também para ratificar que os árduos treinamentos, a aplicação das regras, regulamentos, normas contribuem para disciplina e o autocontrole, para as mudanças de comportamento. Digo não para os itens treinamentos exaustivos e competições para a disciplina do Karateka. Como um dos precursores do Karatê em Manaus ressalto que minha contribuição para a sociedade amazonense, em especial aos praticantes desta disciplina foi “Prática esportiva saudável e honesta. (. E.M.P.F,2018).

Ademais do que afirma E.M.P.F. com os exemplos empíricos e filosóficos, confirmando que as lutas esportivas ajudam a proporcionar mudanças nos comportamentos sociais no enfrentamento contra a violência, Cartaxo (2013), em sua teoria ratifica tais afirmações, quando ressalta que:

O artista marcial é aquele que busca a qualidade da técnica e o Karatê, como o Judô, o Taekwondo e o Aikido são lutas que têm a filosofia como forma de educar. O autor ressalta como “benefícios dos jogos de combate” na educação física, a melhoria e o desenvolvimento cognitivo; a relação de afeto entre os colegas; coordenação motora global; a interação com o grupo; o saber lidar com o medo de lutar; a melhora da concentração; o autocontrole e autoestima; e o respeito mútuo. (CARTAXO, 2013, pp. 172/173).

Prosseguindo com o diálogo, na entrevista, quando indagado sobre os treinos exaustivos de Karatê E.M.P.F. ressaltou que os treinos cansativos faziam e ainda podem fazer parte normal do Karatê, especialmente nos treinamentos de faixas pretas, e ressaltou:

Na academia, em treinamentos avançados, eu treinava contra 10 pessoas. Com referência à dor, não apenas a dor física, mas a dor moral, quando entra a adrenalina faz sumir muitas dores. A dor moral era a mais desgastante! Lembro apenas que deixava o corpo todo roxo! A dor física você recupera, ela é superada; a dor moral, porém, é muito perigosa! A dor que te dá um tempo perigoso! (E.M.P.F,2018).

Quando E.M.P.F. ressalta o tipo de treinamento em que era comum o Karateka se machucar fisicamente, mas a perseverança e a força de vontade, no afã da conquista se mais conhecimentos, tanto filosóficos quanto técnicos serviam e ainda servem para alavancar e superar os obstáculos faz com que todas as barreiras, ou quase todas sejam superadas.

Nesse sentido, em uma análise antropológica, Le Breton (2011, p. 205) ressalta que “o contato físico não visa dois sujeitos propriamente ditos, mas a repetição de um ato ou uma técnica ou ainda a experimentação de um sentimento em uma intenção de aprendizagem. [...]”.

Com referência às dores causadas ao corpo em decorrência de atividades físicas exaustivas, no caso dos treinamentos de Karatê, Le Breton (2013, p. 207), ressalta que “a atividade esportiva não exige apenas uma tenacidade e uma aptidão particular a resistir ao esforço e ao cansaço, é também uma luta íntima com o sofrimento, com a tentação quase sempre irresistível de relaxar e viver o êxtase provisório do desmoronamento na pista. Quando o corpo se torna inimigo de qualquer avanço, a ator aceita sua dor [...]”.

Ainda em referência à resposta positiva de E.M.P.F. a respeito das dores causadas pelos treinos exaustivos do Karatê, relembra-se que o saudoso Grão-Mestre Yoshihide Shinzato costumava dizer a seus alunos que reclamavam do alongamento (ginástica completa), “puxada”: “a ginástica completa é a confirmação de nossa saúde”. Esse alongamento, que leva cerca de uma hora de treino antes, só de preparação, habilita efetivamente todo o corpo para qualquer treino posterior, pois exercita e alonga toda estrutura corporal.

Nesse mesmo contexto, a esse respeito Funakoshi (2014) ressalta que:

É de natureza do Karatê exigir que o corpo se mova em todas as direções, em contraste, por exemplo, à ênfase dada aos braços no remo ou às pernas nos saltos. Não há absolutamente nenhuma necessidade de se preocupar com relação ao desenvolvimento apenas unilateral do corpo no Karatê, e esse desenvolvimento uniforme pode ser considerado um dos benefícios do Karatê. Na maioria dos casos, apenas um ou dois minutos são necessários para executar um Kata. Além disso, se o treino continua, os movimentos ficam mais rápidos e o treinamento como um todo, mais vigoroso, de maneira que se pode fazer um exercício abrangente em um período relativamente curto. (FUNAKOSHI, 2014, P. 29).

Ainda neste mesmo contexto, Elias (1992, p. 79), abordando a questão da excitação em decorrência das emoções geradas na prática do desporto, ressalta que, “o desporto, tal como outras atividades do lazer, no seu quadro específico, pode evocar, através dos seus desígnios, um tipo especial de tensão, um excitação agradável e, assim, autorizar os sentimentos a fluírem mais livremente. Pode contribuir para perder, talvez para libertar, tensões provenientes do *stress*.”

Entretanto, quando E.M.P.F. se refere não apenas à dor de seu “corpo roxo”, cheio de hematomas, mas sim, à dor moral, a dor que dar um tempo perigoso, ele se refere à dor provocada pela punição sofrida pela culpa de algum erro cometido, alguma falha no cumprimento das regras, normas, leis, ou por ter magoado a alguém e a considera mais

dolorosa que a dor corporal, esta que logo passa. E isso ocorre quando, por exemplo, um Karateka, por descumprir a norma de uma competição e, em decorrência disso, é punido ou dependendo da gravidade, é sumariamente expulso pelo árbitro de uma quadra, em um ginásio lotado de expectadores. É uma sensação dolorosa e vergonhosa.

Nesse sentido, essa dor é o sentimento de vergonha social, é portanto, uma exaltação específica, uma espécie de ansiedade que automaticamente se reproduz na pessoa em certas ocasiões, por força do hábito. Considerado superficialmente, é um medo de degradação social ou, em termos mais gerais, de gestos de superioridade de outras pessoas. Mas é uma forma de desagrado ou medo que surge caracteristicamente nas ocasiões em que a pessoa que receia cair em uma situação de inferioridade não pode evitar esse perigo nem por meios físicos diretos nem por qualquer forma de ataque [...], é o que nos assegura Elias (1993). O autor enfatiza também que:

O conflito expressado na vergonha-medo não é apenas um choque do indivíduo com a opinião social prevalecente: seu próprio comportamento colocou-o em conflito com a parte de si mesmo que representa essa opinião. [...] Ele mesmo se reconhece como inferior. Teme perder o amor e respeito dos demais, a quem atribui ou atribuiu valor. [...] Isso também explica por que o medo de transgredir as proibições sociais assume mais claramente o caráter de vergonha quanto mais perfeitamente as restrições externas foram transformadas, pela estrutura da sociedade, em autorrestrição, e quanto mais abrangente e diferenciado se tornou o círculo de autorrestrição onde se manifesta a conduta da pessoa. A tensão interna, a agitação que surge em todos os casos em que a pessoa se sente compelida a escapar desse espaço fechado, ou quando já fez isso, varia em força de acordo com a gravidade da proibição social e o grau de autocontrole. (ELIAS, 1993, pp. 242/243).

Ainda nesse mesmo contexto, em diálogo com Elias, Le Breton (2013, p. 105) nos assegura que “a marca moral que pesa sobre a dor persiste também entre os indivíduos não religiosos. Raramente a dor é sentida como um evento neutro [...]. A administração cuidadosa da dor é uma maneira de punir e de purificar o homem pela falta cometida. [...]. A retidão do coração acarreta necessariamente a retidão do corpo, ainda que a experiência desmintas permanentemente essa bela ordenação moral tão tranquilizadora diante da turbulência do mundo.”

Todos esses mecanismos de controle fazem parte da vida cotidiana de um Karateka em seu Dojo (academia), durante os treinamentos e competições oficiais nos Koto (espaço de competição) e fora dele. Essas ferramentas reforçam os adeptos da modalidade a se adequarem não apenas nos grupos socioesportivos dos alunos, professores e respectivos familiares, mas também nos seus cotidianos em suas convivências em sociedade, por onde realizam suas atividades rotineiras, quando procuram se comportar de acordo com o que é socialmente aceito como permitido, como o ideal para as práticas de boas convivências.

Geertz (2015) em sua visão antropológica nos assegura em sua teoria de interpretação das culturas, indicando duas proposições em reforço às afirmativas quanto às necessidades de certos controles sociais a exemplo das normas, regras e leis como mecanismos positivos para equilibrar as ações dos homens para conviverem em harmonia uns com os outros, ou pelo menos em equilíbrio. O autor ressalta que:

[...] A primeira delas é que a cultura é vista melhor não como concreto de padrões concretos de comportamento – costumes, usos, tradições, feixes de hábitos –, como tem sido o caso até agora, mas como um conjunto de mecanismos de controle – planos, receitas, regras, instruções (o que os engenheiros de computação chamam de “programas”) para governar o comportamento. A segunda ideia é que o homem é precisamente o animal mais desesperadamente dependente de tais mecanismos de controle, extragenéticos, fora da pele, de tais programas culturais, para ordenar seu comportamento. [...] Na perspectiva da cultura como “mecanismo de controle”, inicia-se com o pressuposto de que o pensamento humano é basicamente tanto social como público que seu ambiente natural é o pátio familiar, o mercado e a praça da cidade. (GEERTZ, 2015, pp.32/33).

Em um Dojo (Academia) de Karatê o Sensei representa a personalidade com maior conhecimento empírico e filosófico, antiguidade e, portanto, respeito e autoridade perante seus alunos. Outra figura que representa autoridade é a do árbitro, que tem função de controle da luta no Koto, ou no Dojo, função esta que por vez é assumida pelo Sensei.

As regras, normas, leis, regulamentos, restrições da sociedade contemporânea, por conseguinte do Karatê, emanadas do Estado, que no bom sentido geram tensões e medo físico a outras pessoas, emergem do processo civilizador, que continua sem previsão de um fim, a partir de seu avançar nas sociedades.

Segundo Elias (1992), os seres humanos possuem restrições dos seus poderosos afetos, das suas poderosas energias instintivas, que não são aprendidas. Por esse motivo, a vida social dos seres humanos, a sua vida em comum pode oferecer pouca satisfação se os membros de uma sociedade seguirem os seus próprios afetos e impulsos sem quaisquer constrangimentos. O autor ressalta que “o que pode mudar, e aquilo que de fato mudou, são os padrões sociais de autodomínio e a maneira segundo a qual eles se forjam no sentido de ativar e modelar o potencial natural dos indivíduos, no sentido de retardar, reprimir, transformar, em resumo, de controlar de várias formas as energias elementares e outros impulsos espontâneos. [...]”

E é a partir dessas diversas formas de controle ou de mecanismos de modelação da sociedade, incluindo a Consolidação das Leis do Karatê (CLK), com suas regras e normas de conduta que regem o Karatê nacional, das leis e o amparo da Constituição Brasileira – a Lei Magna - do país, que nos respaldam e amparam a afirmar que o Karatê, enquanto esporte institucionalizado, pode contribuir no processo de enfrentamento da violência, mesmo convivendo em ambientes hostis, possa amenizá-la em sua conduta, em sua forma de ser e de

agir, pela transformação de seu caráter, de sua personalidade, pela disciplina, pelo autocontrole das pulsões para proporcionar a socialização ou a ressocialização daqueles que praticam o Karatê, e assim, gerar a cultura sócioesportiva da não-violência e, por conseguinte, da convivência pacífica em sociedade.

Por oportuno e nesse mesmo contexto, registra-se a importância da figura do Sensei em um Dojo (academia), que representa nesse ambiente figuracional de relação de poder e de interdependência, a personalidade de maior conhecimento, pela sua experiência empírica e filosófica, assim como por sua antiguidade, portanto, com maior autoridade e respeito perante seus alunos. Outra figura que representa autoridade na figuração de uma luta, oficial ou não, em um Dojo (Academia) ou Koto (Espaço oficial para as lutas) é a do árbitro, que tem função de controle dos *rounds* durante as lutas esportivas competitivas. Pode ocorrer que, por muitas vezes, a função de árbitro é exercida pelo Sensei.

3.2 As principais reflexões dos Karatekas destaques filiados à Federação Amazonense de Karatê e suas contribuições durante as entrevistas

As reflexões dos Karatekas destaques da Federação Amazonense de Karatê (FAK), que possuem três anos ou mais de efetivo treinamento de Karatê, coletadas e devidamente registradas em suas respectivas entrevistas são de tamanha importância e contribuição como uma manifestação empírica de suas atividades cotidianas nos ambientes sociais, de treinamentos, de competições e fora deles, pois refletem uma realidade vivida, que nos darão respaldo para dialogar com a teoria científica, baseada nos diversos autores com os quais temos nos amparado, especialmente Norbert Elias, com sua teoria do Processo Civilizador em diálogo com outros autores, clássicos, nacionais e locais.

Um dos destaques desta pesquisa é a sensei D.P.B, que é mais graduada no Brasil, possui 7º Dan que significa a mais alta graduação feminina no Brasil. Isso é um fato inédito nos dias atuais, tem uma relevância grandiosa no desenvolvimento do Karatê do Amazonas e do Brasil. Ela nos diz, que os motivos que a levaram treinar o Karatê foram “os fatores que me motivaram a tomar a decisão de treinar Karatê foram a saúde; defesa pessoal; atividade social, esportiva e recreativa”. À entrevistada, acrescenta que os motivos que a levaram que a saúde, a defesa pessoal e as atividades socioesportivas, que constituem os motivos pelos quais tomou a iniciativa de treinar Karatê. Seu discurso empírico encontra-se em consonância com a teoria, referida por Funakoshi (2014).

Nesse contexto Funakoshi (2014) enaltece o Karatê como uma ferramenta de defesa pessoal, treinado da forma antiga e o seu extraordinário poder de ataque, no entanto, ressalta o

Karatê esportivo contemporâneo empregado como uma técnica corporal útil aos praticantes, se utilizada de acordo com seus novos princípios e normas, e critica duramente seu uso inadequado, por pessoas despreparadas, como mecanismo de violência, e o autor enfatiza que:

O extraordinário poder de ataque e defesa do Karate-Do é bem conhecido. É uma arte em que é possível defender-se de inimigos com um ataque simples de punho ou de chute, sem armas. O valor da arte depende de quem a aplica. Se sua aplicação for por um bom propósito, então a arte será de grande valor, mas se for mal utilizada, não haverá arte pior e mais danosa que o Karatê. (FUNAKOSHI, 2014, p. 22).

Em reforço ao que afirma D.P.B, para se obter saúde e domínio do corpo, para uso como por exemplo, nas técnicas de defesa pessoal, as práticas do Karatê nos proporcionam esses benefícios, ademais de outras habilidades.

Em diálogo empírico com a teoria, em sua abordagem científica sobre o domínio do corpo, Le Breton (2013, p. 30) nos assegura que “a relação do indivíduo com seu corpo ocorre sob a égide do domínio de si. O homem contemporâneo é convidado a conquistar o corpo, conservar a forma, modelar sua aparência, ocultar o envelhecimento ou a fragilidade, manter sua `saúde potencial´.”

Ademais, nesse mesmo contexto, em sua contribuição teórica sobre a manutenção da saúde, Abramoff (2017, p. 13), ressalta que “alguns pesquisadores afirmam mesmo que o tripé mais importante de sustentação da saúde é formado por alimentação, exercício físico e interação social”. Ressalta também que atividades físicas regulares devem ser mantidas indefinidamente, como forma de manter a saúde e evitar o aparecimento de inúmeras doenças em consequência, principalmente, de inatividade física e de dieta inadequada. Assim, os exercícios físicos podem ser considerados como atitudes preventivas de doenças.

Em reforços à necessidade do exercício físico e de bons hábitos alimentares, com uma dieta saudável, para manutenção de uma boa saúde Carper (2015, pp. 279/280), nos assegura e destaca “nunca duvide do poder da atividade física para evitar que seu cérebro seja capturado pela patologia e pelos sintomas da demência. Há uma montanha de pesquisas que comprovam isso. [...]. Comer para ter mais chances de evitar o comprometimento de memória e a demência significa fazer a escolhas bem conscientes”.

Ainda, compartilhando com as mesmas ideias empíricas de D.P.B., sobre a prática do Karatê e seus exercícios físicos como benefícios à saúde do Karateka, Molari (2003), em sua teoria, nos assegura que a prática permanente do Kata, que faz parte do Karatê, proporciona vários benefícios á saúde do praticante de Karatê, e ressalta:

Com a prática dos Kata, de 3 a 5 vezes por semana nas aulas de Karatê, os indivíduos melhoram seus níveis de aptidão física, e sua classificação em relação à atividade física habitual, mudando a sua categoria de inativo para moderadamente ativo, ou para ativo, ou para muito ativo [...]. Dessa forma, cada componente da

aptidão física relacionada à saúde pode ser desenvolvido, conforme mencionado, através da prática dos Kata de 3 a 5 vezes por semana, nas aulas de Karatê [...]. Uma outra perspectiva de saúde que a prática das atividades relacionadas ao Karatê proporciona, em específico o Kata, é a contribuição para a atividade da vida diária em grupo de terceira idade. (MOLARI,2003/2004, p.25).

Outros benefícios à saúde adquirida por meio da prática do Karatê e de outras artes marciais, notadamente no que concerne à estrutura óssea estão relacionados ao desenvolvimento da massa óssea de seus praticantes. Essa afirmativa pode ser respaldada com o que nos assegura Barbeta (2015, pp. 32/33), em estudo realizado sobre a influência dos esportes de combate na massa óssea, com avaliação dos parâmetros ósseos pela ultrassonografia de falanges de crianças e adolescentes praticantes de Karatê, em relação a um grupo de controle, ressalta como resultado que “a prática de esportes de combate evidencia uma melhora significativa na massa óssea em todas as idades, prevenindo assim doenças ósseas no futuro”.

A autora ressalta, ainda, detalhamento sobre os esportes de médio e alto impacto, como os de combate (judô, karatê, kung fu, taekwondo, boxe, entre outros) ocasionam microfraturas no tecido ósseo, que estimulam a osteogênese e potencializam o estresse mecânico promovendo efeitos benéficos.

Quanto à resposta positiva de D.P.B. também para aquisição de conhecimentos em defesa pessoal e, por conseguinte, seu envolvimento em atividade social, esportiva e recreativa, efetivamente todo Karateka que treina Karatê, automaticamente aprende defesa pessoal e se envolve diretamente com atividades sociais, esportiva e recreativa, porque são todas inerentes, a partir do momento em que dissemina para seus alunos e em outros ambientes, os conhecimentos técnicos e filosóficos do Karatê, suas normas de conduta em sintonia com a filosofia do Karatê por meio do Dojokun, que dentre outras preconiza as formas simples e práticas de boa convivência, no Dojo e fora dele, em sociedade.

Os princípios de ideais filosóficos Dojokun são preceitos que reforçam os princípios éticos e as boas práticas que devem ter os Karatekas, como reforço para a boa convivência não apenas nos ambientes socioesportivos dos treinos e de competições de Karatê, mas como regras de comportamento geral em sociedade: no lar, na escola, no trabalho, enfim, onde quer que o Karateka possa estar e interagir, sempre praticando o respeito acima de tudo, cortesia, etiqueta; a sinceridade, autenticidade, generosidade, benevolência; o esforço, perseverança para formação do caráter, e para atingir objetivos; a responsabilidade, postura, comportamento adequado em sociedade; a alegria, harmonia, amor, valorizando a vida e harmonizando o ambiente que o cerca.

Outro fato interessante respondido na entrevista, por D.P.B., é que ela declara que um dos motivos pelo qual procurou a prática do Karatê foi por possuir características pessoais de agressividade, do tipo “pavio curto”. No entanto, após sua inserção no contexto dos efetivos treinamentos, depois de certo tempo de treino percebeu sua sensível mudança comportamental. Desta forma, em suas declarações ressalta que tais mudanças se devem à: “maturidade e ao conhecimento nas técnicas do Karatê, pois à medida que se sabe seus efeitos, evita-se usá-los”.

Nesse contexto Cartaxo (2013, p. 110) nos assegura que, em consonância com o que declara D.P.B., “o ensino das lutas Budô (Judô, Karatê e Aikidô) coíbe qualquer atitude por parte do praticante que possa transfigurar-se numa violência, seja na aula, na competição ou em qualquer outro lugar em que possa representá-las.”

Também nesse mesmo contexto, Elias e Dunning (1992, pp. 335/336) se referem aos desportos modernos ressaltando que, apesar de possuírem características de violentos, seus praticantes aprenderam a controlar as pulsões que geram violência durante uma disputa, na perspectiva do desenvolvimento. [...]. Assim asseguram: “[...] Em contraste com os seus antecessores populares, o rãguebi moderno é o exemplo de uma forma de jogo que é civilizada. [...]. A esse respeito, isso é característico dos modernos confrontos do desporto em geral”.

Isso nos assegura que houve um avanço, um processo de mudança civilizatória por conta do aprendizado do Karatê, notadamente por conta de suas normas e regras disciplinares, que conscientizam os Karatekas.

Ainda nesse mesmo contexto teórico ressaltado por Bandeira e Sasaki, de acordo com a resposta empírica de D.P.B. há respaldo pela semelhança das ocorrências, quanto à afirmação da respondente quando ressalta que um dos motivos de ter procurado aprender Karatê foi para se defender, porque se considerava agressiva, tipo “pavio curto”, mas que, com o passar do tempo, mudou seu comportamento, atribuindo essa mudança aos ensinamentos adquiridos nessa arte marcial por meio de seus princípios e normas de conduta.

Os praticantes de artes marciais, nesse particular o Karatê, no decurso do tempo de treinamento passam por diversos estágios de aprendizagens e de desenvolvimento de sua consciência. Esses estágios evoluem através do físico, do mental e do espiritual.

Segundo Bandeira (2006, p. 17), apropriando-se das afirmações de Sasaki (1978), em sua contribuição teórica ressalta também que o corpo deve ser forte, rápido, flexível, resistente, rico em reflexos, assimilando todas as modalidades de técnicas. Deve-se ter o uso total do corpo, descarregando a agressividade e tensões nervosas acumuladas. O autor ressalta

também que “a mente deve ser livre, clara, ampla e equilibrada. Não pode se tornar tensa e nem totalmente relaxada, sem se prender a nada, e sim calma, tranquila; à vontade, não parando por nenhum instante [...]. Sua mente não deve se tornar turva, para que possa captar a imagem correta e conduzir seu pensamento a uma posição mais nobre”.

Em reforço aos benefícios do Karatê com suas normas disciplinares, e no exemplo empírico de mudança de comportamento declarado por D.P.B., Bandeira (2006, p. 20), apropriando-se da teoria do psicólogo Flores (1978) ressalta, ainda, que

O Karatê proporciona ao praticante uma forma socialmente aceita de trabalhar a sua agressividade e isto de forma positiva e produtiva. Considera que por um lado a agressividade sendo deslocada para o esporte, ela pouco provavelmente será manifestada sob outra forma dentro da comunidade. Por outro, a agressividade da forma como ela é trabalhada no Karatê também promove a aproximação e a amizade entre os praticantes e o respeito pelo semelhante. Assim, apesar da crença popular, este impulso tão importante, mas mal aceito pela nocividade humana, estreita os laços entre pessoas e não implica necessariamente morte e destruição. (BANDEIRA,2006, p. 20).

Prosseguindo com suas contribuições em resposta às abordagens questionadas sobre seu gosto de competir em Kata e em Kunitê, D.P.B. afirmou positivamente e ressaltou “gosto de competir em Kata e em Kunitê. Sou competitiva por natureza.” D.P.B. (2018).

O treinamento e a competição de Kata envolve uma série de benefícios aos praticantes, no tocante sua saúde, desenvolvimento psicomotor geral, especialmente da criança e do adolescente, além de manter a musculatura, a força e a velocidade, enfim, o sistema muscular ativo, evitando assim, o aparecimento precoce da velhice, da hipotrofia (redução no aumento da fibra muscular) e outros males decorrentes de mau uso do corpo. Assim, em referência à prática do Kata, mas também do Kunitê, Molari ressalta que:

Com a prática dos Kata, de 3 a 5 vezes por semana nas aulas de Karatê, os indivíduos melhoram seus níveis de aptidão física, e sua classificação em relação à atividade física habitual, mudando a sua categoria de inativo para moderadamente ativo, ou para ativo, ou para muito ativo [...]. Dessa forma, cada componente da aptidão física relacionada à saúde pode ser desenvolvido, conforme mencionado, através da prática dos Kata de 3 a 5 vezes por semana, nas aulas de Karatê [...]. Uma outra perspectiva de saúde que a prática das atividades relacionadas ao Karatê proporciona, em específico o Kata, é a contribuição para a atividade da vida diária em grupo de terceira idade. (MOLARI,2003/2004, p.25).

Por outro lado, ainda sobre os questionamentos sobre as contribuições do Kata para o desenvolvimento de outras funções, outros benefícios ao Karateka, D.P.B. respondeu “Sim, o Kata contribui para o aprimoramento da percepção, da acuidade visual, na defesa pessoal, no aprimoramento do alerta, estado máximo de atenção do Karateka (Zanchin)”. D.P.B. (2018).

A resposta de D.P.B. confirma o que, enquanto Karateka, empiricamente se conhece como um fato óbvio. Quando falamos em Kata enquanto defesa pessoal, na prática, quando se

demonstra o significado de cada gesto, ou bloco de gestos, de movimentos, é exatamente a prática de defesa pessoal que chamamos de Bunkai, o que normalmente se demonstra por ocasião de exames regulamentares de graduação, ou nas finais de cada competição oficial.

Quanto aos outros benefícios, determinados Kata ajudam a desenvolver as funções equilíbrio, quando se executa um chute, um kagato-ura-mawashi-gueri (chute circular em reverso com o calcanhar), por exemplo, ficando o corpo sustentado por apenas uma das pernas; a função acuidade visual como a capacidade de rapidamente olhar, ver e identificar simultaneamente o ataque ou potencial ataque do adversário, com uma análise também simultânea da percepção espacial, do tempo que levaria até se aproximar e da distância que se encontra adversário, imaginário ou real; desenvolve as funções da coordenação óculo-manual, dentre outros benefícios ao Karateka.

A função do tempo relaciona-se diretamente com o espaço, para que o Karateka perceba quanto tempo (frações de segundos) levaria para alcançar seu adversário com um golpe pontuável, antes que ele se antecipe com um contragolpe. Essa análise é feita o tempo todo durante uma luta, tanto no Kata, quando impõe, por exemplo, ritmos mais acelerados nos deslocamentos com ataques, defesas, esquivas ou contrataques, quanto no Kimitê, durante uma luta esportiva, ou real no caso de legítima defesa pessoal. Essa função bem desenvolvida, também nos auxilia nas atividades cotidianas, como por exemplo, atravessar uma rua com a percepção da distância e do perigo que oferecem os veículos em movimento vindos em nossa direção.

Ainda, com referência ao desenvolvimento da função espacial, um Kata começa, é desenvolvida toda sua trajetória, seu desenho geográfico (Embuzen), com gestos e deslocamentos de distâncias precisas de ataques, esquivas, defesas e contrataques, utilizando diversas posturas (Dachi) e gestos no plano terrestre, e em alguns casos também no ar, com os saltos, e encerrando exatamente no mesmo lugar onde o começou.

Nesse sentido, segundo Oliveira (2015, p. 85), apropriando-se da teoria de Jean Piaget, e de Defontaine, respectivamente, ressalta que “o tempo é a coordenação dos movimentos: quer se trate dos deslocamentos físicos ou movimentos no espaço, quer se trate destes movimentos internos que são as ações simplesmente esboçadas, antecipadas ou reconstituídas pela memória, mas cujo desfecho e objetivo final é também espacial [...]”. A referida autora ressalta, ainda que as noções de corpo, espaço e tempo têm de estar intimamente ligadas se quisermos entender o movimento humano. O corpo coordena-se, movimenta-se continuamente dentro de um espaço determinado, em função do tempo, em relação a um sistema de referência.

Quanto ao desenvolvimento da noção da estrutura espacial, por meio do treino do Kata, essa habilidade é desenvolvida pelo Karateka quando executa um Kata, visto que ele exige que se executem gestos e movimentos coordenados em vários lados, para direções diferentes, não feitos aleatoriamente, mas com gestos e deslocamentos com distâncias padronizadas, notadamente quando se tratar de uma luta competitiva de Kata por equipe, em que se exige outros critérios, dentre os quais a sintonia e a harmonia dos movimentos. E isso se constitui uma orientação espacial.

Para nos respaldar com a teoria, Columbá (2017, p. 47), ressalta que todo e qualquer movimento ocorre em um espaço e tempo específicos, portanto, “a dimensão espaçotemporal é inerente ao se movimentar e sua percepção tem o corpo como termo de referência a partir do qual todas as demais percepções serão construídas”. O autor ressalta que:

De forma didática, podemos desmembrar os conceiros entendendo a orientação espacial como a capacidade de orientar-se diante de um espaço físico e de perceber a relação de proximidade das coisas entre si. O que compreende as relações de perto/longe, em cima/embaixo, dentro/fora, frente/atrás, direita/esquerda etc. Já a orientação temporal corresponde à capacidade de relacionar ações a uma determinada dimensão de tempo, onde sucessões de acontecimentos e de intervalo de tempos são fundamentais, envolvendo, por exemplo, a sucessão de acontecimentos (antes, durante, após), a duração dos intervalos (hora, minuto, segundo), a renovação cíclica de certos períodos (dias da semana, meses, estações), do caráter irreversível do tempo (noção de envelhecimento). (COLUMBÁ, 2017, p.48).

Neste mesmo contexto os treinamentos de Katas também podem auxiliar no desenvolvimento das praxias, pois executa movimentos intencionais e especializados. Desta forma, ancorado pela teoria, conforme nos assegura Soares (2017), quando ressalta que:

As praxias são sistemas ou conjunto de movimentos específicos do ser humano, cuja característica essencial é a finalidade e a intencionalidade, resultante de uma experiência individual de comportamento integrado à afetividade. Desta forma, as praxias nada mais são que as atividades básicas da psicomotricidade, como os movimentos de locomoção. Por exemplo: andar, correr, saltitar, saltar e outros realizados de forma natural ou especializada. (SOARES, 2017, pp. 35/36).

Nesse contexto, respalda-se no que afirma Soares (2017), em sua teoria sobre praxia, notadamente sobre os movimentos realizados em saltos, suas finalidades e intencionalidades, bem como os especializados. Na comparação empírica, os movimentos do próprio Kata são todos especializados e intencionais, porque cada um deles tem a finalidade de desenvolver a capacidade e a força de impacto dos golpes (Kimê) e a intenção de atingir o oponente, nas competições esportivas e em situações que requeiram a aplicação da legítima defesa pessoal.

Ainda, em reforço ao desenvolvimento da noção da espacialidade, Cartaxo (2013, p. 98) nos ampara com sua teoria, quanto comparamos empiricamente esta técnica de treinamento no Karatê com sua abordagem. O referido autor ressalta que “a orientação

espacial depende da interiorização de direita/esquerda que permitirá uma boa direcionalidade, isto é, movimentar-se no espaço circundante.”

Um Karateka tem a necessidade de acompanhar os gestos e movimentos de seu oponente, durante as lutas, tanto do Kata quanto do Kumitê, tendo em vista que, face ao nível técnico que hoje se apresenta, a velocidade dos deslocamentos e dos ataques estão cada vez mais aprimorados. E esse exercício é desenvolvido constantemente nos treinos e nas competições Karatê, tanto que, para acompanhar e registrar precisamente a velocidade dos golpes dos lutadores, quando em disputas oficiais. De igual necessidade, os árbitros também precisam estar capacitados com estas habilidades, para assim evitarem injustiças com a possibilidade de enxergarem apenas o golpe que chegou depois, ou seja, o golpe mais lento em relação ao outro competidor.

Nessa situação empírica nos ancoramos na teoria abordada por Oliveira (2015, p. 43) quando nos assegura que “a coordenação óculo-manual ou visomotora se efetua com precisão sobre a base de um domínio visual previamente estabelecido ligado aos gestos executados, facilitando assim uma maior harmonia do movimento.”

Prosseguindo com suas contribuições, sobre a mudança social no seu comportamento pessoal e melhoria nos seus relacionamentos sociais após aproximadamente três anos de prática, face aos treinamentos do Karatê, como possíveis benefícios em decorrência da prática dessa disciplina, D.P.B. nos assegura que “o treino repetitivo das técnicas proporciona maior concentração, paciência e observação, fatores estes que influenciam o caráter e o comportamento de modo geral. As pessoas do meu círculo social perceberam antes de mim.” D.P.B. (2018).

Nesse sentido, percebe-se que o discurso de D.P.B. reflete o que sempre ensinou o saudoso Grão-Mestre Yoshihide Shinzato, representante grupo formal União Shorin-Ryu Karatê-Do Brasil, a Shinshukan, em sua filosofia como um dos princípios e ideais de boa convivência em sociedade, quando ressaltava e pregava a seus alunos “a paciência é uma virtude que nós Karatekas devemos ter”. Por outro lado, o relacionamento no convívio dos Karatekas é sempre de respeito e de amabilidade ao colega, ao Sensei e a todos os outros membros dos grupos sociais, dentro e fora do ambiente do social do Karatê.

Desta forma, o novato (Kohai) que começa a treinar Karatê com outras intenções, isto é, para aprender a bater e a usar a arte com práticas de violência logo muda seu pensamento, ou então não permanece, pois esse não é seu ambiente. Assim, como vemos nos depoimentos, assegura-se que o Karatê é, efetivamente, um instrumento mudança de comportamento e de transformação social dos seus adeptos praticantes.

Nesse contexto, Baumann (2010) nos trás a contribuição com sua teoria a respeito dos critérios de inserção nos determinados grupos, em termos de escolha, liberdade e convivência com os grupos formais. [...]. Tendo sido treinado segundo os meios e significados de nosso agrupamento, tornamo-nos, assim, liberados para praticar nossa liberdade, sob a condição, porém, de ficarmos limitados a ideia de território específico. Nesse sentido o referido autor nos assegura que:

Grupos formais e informais são frequentemente constituídos pelas expectativas que lançam sobre seus integrantes. Ao fazê-lo, excluem quem eles presumem não viver segundo tais requisitos. Quando esses hiatos de compreensão se instalam entre grupos, costumam ser preenchidos por suposições estereotípicas. Assim, é possível afirmar que o fato de podermos nos ajustar às condições de atuação no interior do grupo limita nossa liberdade, ao nos impedir de realizar experiências pobremente mapeadas e imprevistas, encontradas para além dos limites do grupo. (BAUMANN,2010, p. 37).

Desta forma, o autor ressalta as formas alternativas de comportamento que podem ser consideradas apropriadas, e, assim, as conexões entre condutas e intenções alheias, além de não serem óbvias, nos parecem estranhas. A compreensão que nos permite manter determinada conduta surge então como limitação acerca do horizonte do nosso entendimento. O grupo que nos define nos ajuda a orientar nosso comportamento e que se considera provedor de nossa liberdade pode não ser aquele que escolhemos conscientemente e, assim, talvez se torne convidado indesejado.

Com o gancho que aborda a teoria de Baumann (2010), entende-se que, para que haja aceitação, readequação e transformação aos grupos aos quais se insere no caso o grupo do Karatê da União Shorin-Ryu Karatê-Do Brasil, precisa-se se submeter às suas condições e critérios, quais sejam, aos seus valores, princípios de ideais filosóficos, seguindo ao seu Dojokun, sob a condição de, se assim não se proceder, os infratores serão excluídos ou vistos de formas estereotipadas. E assim o é cada grupo, cada organização do Karatê.

O referido autor ressalta, também que “transformar-nos, entretanto, exigirá grande esforço contra as expectativas consideradas indiscutíveis por aqueles que nos cercam. Autosacrifício, determinação e persistência tomarão o lugar do conformismo a normas de valores do grupo. [...] É assim que, apesar de nem sempre estarmos conscientes disso, nos tornamos dependentes dela, nos tornamos dependentes dos outros.”

Nessa nova configuração, numa relação de interdependência, a exemplo da organização dos adeptos da arte marcial Karatê, os praticantes precisam se adequar e mudar seu comportamento para estarem de acordo com as orientações dos grupos - as associações, federações e a confederação. E, como já o dissemos, essas mudanças resultam em nova

inserção e transformação social dos Karatekas, conforme semelhantemente ao que ocorrera com D.P.B., manifestado em seu depoimento.

Em relação às questões que se seguem, por sua semelhança, reforçam o contexto anterior, por estarem relacionadas a mudança comportamental. No entanto, elas enfatizam as regras e os princípios e ideais filosóficos, o Dojokun, como mecanismos que possibilitam as transformações das atitudes dos Karatekas.

Desta forma, continuando com sua sua narrativa, D.P.B. ressalta que o controle das pulsões agressivas, a melhoria de seu relacionamento em convivência social, bem como esses mesmos princípios e normas efetivamente contribuíram para melhoria de seu relacionamento no lar, na escola, no trabalho, enfim, no cotidiano de suas relações com outras pessoas ou grupos. E ressaltou: “a prática constante proporciona a mudança de comportamento. Isso é um processo natural; a visão de mundo muda e passamos a observar melhor as coisas e as pessoas”.

O que se observa na resposta de D.P.B. é o resultado prático da vida cotidiana de quem sistematicamente treina Karatê, como é seu caso. A absorção das normas e dos valores do Karatê resulta em um redirecionamento e enquadramento de uma nova forma de ser, de ver e de agir, próprio de um Karateka.

Em diálogo com a teoria pela semelhança empírica neste caso, com o que afirma Elias (1993, p. 193) quando se refere sobre o controle social ao autocontrole, bem como à organização da sociedade como forma de “Estado”, criando e impondo normas, ressalta que o processo civilizador constitui uma mudança na conduta e sentimentos humanos rumo a uma direção muito específica. Mas, evidentemente, pessoas isoladas no passado não planejaram essa mudança, essa “civilização”, pretendendo efetivá-la gradualmente através de medidas conscientes, “racionais”, deliberadas.

A aplicação da regra de arbitragem do Karatê contribui de certa forma, para evitar atos descontrolados que possibilitam acidentes durante as lutas esportivas, para melhorar o nível técnico e a sociabilidade do Karateka, que pensando na punição ou na vergonha social que passaria em decorrência de uma possível punição, decorrente de uma infração cometida, procura evitar o descumprimento das normas para manter seu autocontrole, sendo esse um dos mecanismos para conter as pulsões, e que objetiva conduzir à passividade dos competidores. É pertinente entender-se, a partir de Elias (2002, p. 22) que “[...] a conversão das coações exteriores em autocoações [...] a demonstração calorosa de amor”.

Sobre o que afirma D.P.B. em relação à mudança de comportamento resultante da prática do Karatê, Paiva (2015, p. 21) nos afirma que [...] “de fato observamos na atualidade

que a maioria dos artista marciais se esforçam para viver sem entrar em conflito praticando para não ter de lutar e preferem demonstrar, de maneira artística a força e beleza de suas técnicas. São motivos para ajudarem a si e os outros a se tornarem seres humanos mais felizes e por isso, alguns autores optaram por utilizar o termo Artes Marciais ao invés de Lutas.” O autocontrole evidencia isso, quando resulta, dentre outros, a lisura dos combates esportivos, evitando os acidentes, o que outrora era comum ocorrer.

Em sua contribuição teórica sobre a aplicação da regra, norma de conduta, quando se refere Etnografia do espaço do jogo em comunidades amazônicas, Matos (2015, p. 393) ressalta que “o espaço físico onde se realizam os jogos são delimitados como uma exigência da regra do esporte praticado. Este é um fato, mas independentemente da regra, a natureza vai demarcar a área do jogo que não pode ser na capoeira (vegetação secundária), e muito menos no rio, mas, sim, no campo de futebol, espaço constituído pela união de força motriz – puxirum – provinda dos braços dos humanos.”

O que Matos (2015) mostra são as regras para os jogos, no caso o jogo de bola que se diferenciam nas comunidades amazônicas e são adequadas àquela realidade, mas criadas e seguidas pelos seus respectivos grupos que, em decorrência de suas necessidades, ou melhor, de sua interdependência, nessa figuração constroem seus espaços próprios, cada um com sua parcela de contribuição. No caso da arte marcial Karatê, com suas regras próprias, as mesmas decorrem de um processo civilizatório que vem crescendo e também se adequando às notas realidades, notadamente no momento atual, com o Karatê sendo oficialmente esporte olímpico.

Ratificando o que afirma Elias (2002) em sua teoria, em relação às afirmações de D.P.B. com referência à aplicação das normas, das regras de arbitragem do Karatê, teoria esta com a qual nos respaldamos, Retondar (2007, p. 60/61) também nos oferece sua contribuição abordando as regras. O referido autor relata que é muito comum alguns profissionais e mesmo pessoas simples do cotidiano defenderem a importância do jogo ou mesmo brincadeira pelo fato de estas serem capazes de impor limites. E ressalta:

De fato, como já vimos não é possível pensar o jogo sem a presença de regras. Todo jogo possui regras e estas são obrigatórias de serem cumpridas e respeitadas pelos jogadores. [...] O autocontrole, tão necessário e fundador da civilização, se instaura para permitir uma convivência possível entre diferentes indivíduos que aceitam conviver e partilhar juntos suas diferenças numa mesma realidade sem a possibilidade de vigorar barbárie. (RETONDAR,2007, pp. 61/62).

Nesse contexto, com referência ao Dojokun, o que se observa, enquanto Karateka, é que no decorrer desse longo processo, algumas normas e regras foram se aperfeiçoando, acompanhando o processo civilizatório, outras, porém conservaram suas tradições. De todos

modos, o emprego dessas normas, ratifica-se, visa dentre outros, o fortalecimento do código de conduta, enquanto princípios éticos e filosóficos para moldar o comportamento dos Karatekas.

Por exemplo, na Shinshukan (academia de Yoshihide Shinzato), todos os Karatekas, dentro e fora do ambiente desportivo (professores e alunos) devem recitar, em cada treinamento o Dojo-Kun (conjunto de normas, regras de ideais filosóficos da academia), para sua auto reflexão cotidiana.

Assim, o Dojo-Kun se constitui de cinco preceitos únicos, sem hierarquia, Hitotsu (Primeiro, único), conforme nos asseguram (PINTO; MATOS, 2017, p. 125):

“1° - Hitotsu Reigi => Respeito acima de tudo, cortesia, etiqueta, demonstrado para todos, inclusive com o gesto de reverência, ao entrar no Dojo (academia), diante do mestre e ao ficar diante do Kamissama (templo). A hierarquia sempre fez parte do Karatê, o que reflete no comportamento respeitoso aliado à cortesia e à etiqueta social do Karateka;

2° - Hitotsu Shisei => Sinceridade, autenticidade, generosidade, benevolência. A mentira é condenável e contrária aos princípios do Karate, desta forma ser autêntico é ser sincero, é honrar com a palavra, com os compromissos e obrigações;

3° - Hitotsu Dorioku => Esforço, perseverança para formação do caráter, e para atingir objetivos. O karateka aprende a superar as dificuldades físicas durante os treinamentos e, por conseguinte, a conquistar seus objetivos;

4° - Hitotsu Sekinin => Responsabilidade, postura, comportamento adequado em sociedade. O comprometimento com o dever assumido é parte da conduta de um karateka;

5° - Hitotsu Meiro => Alegria, harmonia, amor. Manter-se sempre alegre e feliz em harmonia com a vida, com os que o cercam, contagiando com harmonia o ambiente”.

Com os novos conhecimentos adquiridos e com a incorporação do Dojokun e, por conseguinte, com sua mudança de comportamento D.P.B. ressalta que: “sim, com certeza, a visão de mundo muda, passamos a observar melhor as coisas e as pessoas”, trata-se de uma clara evidência de que houve um processo social que evoluiu, por conseguinte civilizatório e transformador.

Em Elias (2011, p.140) nos amparamos com sua teoria, quanto afirma que, “atualmente o círculo de preceitos e normas é traçado com tanta nitidez em volta das pessoas, a censura, a pressão da vida social que lhes modela os hábitos são tão fortes, que os jovens têm apenas uma alternativa: submeter-se ao padrão de comportamento exigido pela sociedade ou ser excluído da vida num `ambiente decente”.

Em referência ao questionamento se as lutas podem ser utilizadas como mecanismos prováveis de mudança de comportamento, em particular o Karatê, D.P.B. respondeu que sim, e ressaltou “observei muito essa mudança trabalhando com jovens competidores, pois toda a atenção e foco deles se voltavam para competir e a atender às regras” D.P.B. (2018).

Na citação de D.P.B., em sua entrevista, confirmando que o Karatê pode sim ser utilizado como mecanismo de mudança de comportamento. Ressalta-se por oportuno e em retrospectivo, que essa confirmação ocorreu ainda no início do século XX, quando o Karatê saiu do ambiente secreto dos clãs de Okinawa, até então, treinado exclusivamente para matar o adversário, mas, paradoxalmente, se transformou em um esporte institucionalizado, regido por regras disciplinares, como instrumento social a serviço do Estado e do público em geral, ensinado nas escolas de Okinawa.

Conforme assegura o próprio Funakoshi (2014), quando ressalta que

Com o início da era Meiji (1869-1912), o sistema de educação e o sistema de alistamento foram inaugurados, e durante o exame físico dos alistados e estudantes, os jovens praticantes de Karatê eram reconhecidos num relance e impressionavam muito os médicos examinadores pelo desenvolvimento bem equilibrado dos membros e pela musculatura bem definida. Então, algum tempo depois, o comissário das escolas públicas, Shintarô Ogawa, recomendou veementemente em um relatório para o ministro da Educação que se incluísse o Karatê no programa de educação física das escolas normais e da Primeira Escola de Ensino Médio da Prefeitura de Okinawa, como parte da sua formação. Essa recomendação foi aceita e iniciou-se o ensino de Karatê nessas escolas em 1902. Eu me lembro de que foi essa a primeira vez que o Karatê foi apresentado ao público em geral. (FUNAKOSHI,2014, p. 27).

Sobre os treinamentos exaustivos, “puxados”, com a prática do Karatê e seus benefícios, com suas regras, normas disciplinares, e no exemplo empírico de mudança de comportamental declarado por D.P.B., Bandeira (2006, p. 20), apropriando-se da teoria do psicólogo Flores (1978) ressalta, ainda, que:

O Karatê proporciona ao praticante uma forma socialmente aceita de trabalhar a sua agressividade e isto de forma positiva e produtiva. Considera que por um lado a agressividade sendo deslocada para o esporte, ela pouco provavelmente será manifestada sob outra forma dentro da comunidade. Por outro, a agressividade da forma como ela é trabalhada no Karatê também promove a aproximação e a amizade entre os praticantes e o respeito pelo semelhante. Assim, apesar da crença popular, este impulso tão importante, mas mal aceito pela nocividade humana, estreita os laços entre pessoas e não implica necessariamente morte e destruição. (BANDEIRA,2006, p. 20).

Em referência à 11ª pergunta, se os treinos exaustivos, ou seja, se os treinamentos “puxados”, árduos e dolorosos ajudam ao Karateka a conquistar saúde, velocidade nos movimentos, melhoria técnica, superar barreiras físicas e psicológicas, D.P.B. respondeu a todos que sim, e ressaltou “mesmo sendo treinamentos com bastante exigência o Karateka o executa com satisfação, pois o encara como um desafio a ser vencido” D.P.B. (2018).

Sobre o que discorreu positivamente D.P.B. como resposta, o saudoso Grão-Mestre Yoshihide Shinzato costumava dizer a seus alunos que reclamavam do alongamento (ginástica completa) “puxada”, com a célebre frase: “a ginástica completa é a confirmação de nossa saúde”. Esse alongamento, que dura cerca de uma hora de exercício físico, prepara

efetivamente todo o corpo para exercer qualquer movimento e gesto, exigidos no treino técnico que vem logo em seguida por cerca mais uma hora, pois alonga toda estrutura corporal.

Também, a esse respeito, Funakoshi (2014) ressalta que:

É de natureza do Karatê exigir que o corpo se mova em todas as direções, em contraste, por exemplo, à ênfase dada aos braços no remo ou às pernas nos saltos. Não há absolutamente nenhuma necessidade de se preocupar com relação ao desenvolvimento apenas unilateral do corpo no Karatê, e esse desenvolvimento uniforme pode ser considerado um dos benefícios do Karatê. Na maioria dos casos, apenas um ou dois minutos são necessários para executar um Kata. Além disso, se o treino continua, os movimentos ficam mais rápidos e o treinamento como um todo, mais vigoroso, de maneira que se pode fazer um exercício abrangente em um período de tempo relativamente curto. (FUNAKOSHI, 2014, p. 29).

Em referência ao cansaço físico, mencionado empiricamente na resposta de D.P.B., Le Breton (2013, p. 30), trazendo sua contribuição teórica, pertinente às técnicas para dominar a exaustão, por exemplo, o domínio do corpo, nos assegura que “a relação do indivíduo com seu corpo ocorre sob a égide do domínio de si. O homem contemporâneo é convidado a conquistar o corpo, conservar a forma, modelar sua aparência, ocultar o envelhecimento ou a fragilidade, manter sua ‘saúde potencial’.”

Ainda, em referência ao cansaço, às dores causadas ao corpo em decorrência de atividades físicas exaustivas, no caso dos treinamentos do Karatê, Le Breton (2013, p. 207), ressalta que “a atividade esportiva não exige apenas uma tenacidade e uma aptidão particular a resistir ao esforço e ao cansaço, é também uma luta íntima com o sofrimento, com a tentação quase sempre irresistível de relaxar e viver o êxtase provisório do desmoronamento na pista. Quando o corpo se torna inimigo de qualquer avanço, o ator aceita sua dor [...]”

Em sua visão teórica, nesse mesmo contexto, Elias (1992, p. 79), abordando a questão da excitação em decorrência das emoções geradas na prática do desporto, ressalta que, “o desporto, tal como outras atividades do lazer, no seu quadro específico, pode evocar, através dos seus desígnios, um tipo especial de tensão, um excitamento agradável e, assim, autorizar os sentimentos a fluírem mais livremente. Pode contribuir para perder, talvez para libertar, tensões provenientes do *stress*.”

Elias também ressalta que as dores e tensões geradas em decorrência da prática exaustiva do esporte, apesar de tudo isso, também provoca o que ele chama de “excitação agradável”, o que funcionaria como combustível para a superação do cansaço ou outras dificuldades, em busca da *performance*.

Em sua experiência e contribuição social, enquanto Karateka, D.P.B. ressaltou que “mudança de vida e comportamento em relação às coisas e pessoas; especialmente nos jovens, pois lhes dá foco, objetivo, concentração e observação.”

Nesse contexto, pela semelhança dos exemplos práticos citados por D.P.B., em pela semelhança e em diálogo com a teoria de Elias (1993, p. 193), quando o autor se refere ao controle social e ao autocontrole, bem como à organização da sociedade como forma de “Estado”, criando e impondo normas. Ressalta que o processo civilizador constitui uma mudança na conduta e sentimentos humanos rumo a uma direção muito específica. Mas, evidentemente, pessoas isoladas no passado não planejaram essa mudança, essa “civilização”, pretendendo efetivá-la gradualmente através de medidas conscientes, “racionais” e deliberadas.

Por outras palavras, é o que ocorre com o Karatê em relação a seus adeptos, que muitas vezes tomam a decisão de treinar a modalidade não apenas para se defender, mas para bater, para promover atos de violência e desordens antissociais. No entanto, ao tomarem conhecimento dos reais objetivos do Karatê e ao se inserirem nessa nova configuração, nova relação de interdependência, de um lado o Sensei ministrando as aulas práticas e teóricas (filosofia, normas de conduta de boas convivências, regras de arbitragem, etc) e, de outro, o Kohai (novato) que se sente, de certa forma, constrangido e impedido de levar a diante os seus planos iniciais, sua intencionalidade agressiva, e passa a absorver essa nova cultura de não-violência e, como consequência, a mudar seu comportamento. E isso se traduz em uma enorme contribuição ao Karateka e, por conseguinte, à sociedade.

A prática de exercícios físicos do Karatê, segundo nos afirma Vianna (2008, p. 2), é um componente essencial nos cuidados com a saúde. A prática controlada do Karate direcionada a educação, ao lazer, ao fitness e a qualidade de vida, pode favorecer a melhoria das grandes funções, a resistência musculoesquelética e a amplitude articular e a coordenação motora geral e específica.

Quanto à prática do Karatê proporcionar uma série de benefícios aos Karatekas, Vianna (2008) nos trás sua importante contribuição, ademais de outros autores, como saúde, educação, lazer, qualidade de vida, etc., que são outros exemplos de benefícios sociais proporcionados ao cidadão e á sociedade, que inclusive direta ou indiretamente, contribuem com o Estado, evitando que ele, o Karateka, esteja com doenças provocando despesas nos hospitais, nos presídios públicos, causando problemas para a polícia com atos de violência urbana na cidade, etc.

Em sua resposta à 13ª pergunta se, em sua análise a prática do Karatê pode proporcionar inclusão social aos Karatekas, D.P.B. respondeu que sim, e complementou relatando que “sim, pois no Dojo ou no Koto de competição todos são iguais. O Karatê permite intercâmbio e conhecimentos de novos lugares e pessoas”.

No que se refere à afirmação de D.P.B. confirmando que o Karatê proporciona inclusão social ao seu praticante é bem óbvio quando sua prática, sua filosofia e normas disciplinares ajudam ao Karateka a refletir e mudar seu comportamento, então, me apropriando do que afirma Vianna (2008), quando ressalta que “o Karatê proporciona educação, lazer”, isto é inclusão social.

O exemplo mencionado anteriormente em que grande parte dos Karatekas disciplinados de hoje, outrora, quando ainda não pertenciam ao grupo dos Karatekas, estavam em outro ambiente e praticaram ações não consideradas como lícitas, como socialmente permitidas e consideradas aceitáveis socialmente. Com a prática, esse comportamento mudou pela sua consciência do que se considera como permitido socialmente.

O simples fato de ele, enquanto Karateka, conquistar a oportunidade de interagir com outros grupos sociais em competições esportivas, na academia, nos ginásios de competições locais, regionais, nacionais, internacionais, nos jogos escolares e universitários, enfim, trata-se de inclusão social. E agora mais que nunca, com a modalidade oficialmente considerada esporte olímpico.

Em resposta à sua contribuição social para a sociedade amazonense, D.P.B. exclamou “tentei fazer o possível para resgatar pessoas em situação de risco, trazendo para a modalidade e representei o Estado da melhor maneira que pude”. D.P.B. (2018).

O professor (a) de Karatê é, por natureza, direta ou indiretamente, um prestador de serviços ao Estado, e muitas vezes de forma anônima e voluntária, nos projetos de cunho sócioesportivo. E, como relata D.P.B., enquanto professora da modalidade, também contribuiu com essa nobre participação.

Em relação aos questionamentos sobre a prática do Karatê proporciona saúde física e mental aos seus participantes, D.P.B. respondeu que sim, e descreveu “o treino repetitivo trabalha o físico e a integração e filosofia trabalham a mente para concentração, senso de equipe e motivação”. D.P.B. (2018).

Como se pode observar na resposta positiva de D.P.B. quando ela afirma que o treino trabalha o físico, a saúde corporal, o filosófico doutrinário e o psicológico, que é a consciência, as faculdades psicomotoras. Nesse contexto, são vários os autores que abordam essa questão, afirmando os benefícios à saúde do Karateka.

São diversos os resultados benéficos para a saúde do praticante que o Karatê proporciona, enquanto atividade física. Nesse sentido, dentro dos treinamentos da modalidade o praticante melhora sensivelmente seu condicionamento físico, o que proporciona sua contribuição nas atividades diárias, na labuta, na escola, no humor e nas atividades como resultado de sua prática. Conforme nos assegura Molari (2003/2004, p. 24), quando ressalta que “as evidências científicas relatam que o desenvolvimento da aptidão física aumenta a longevidade, afastando os fatores de risco como a hipertensão, a obesidade e o sedentarismo, gerando saúde e uma maior qualidade de vida”.

Nesse contexto, em consonância com o que afirma D.P.B. Santos, V.F. et al (2016), em sua teoria aborda a importante contribuição da prática do Karatê na formação do caráter, no seu relacionamento, no controle mental e comportamental dentre outros benefícios, e Santos et al (2016), que se apropriam do que afirma (ALMEIDA, 2006) nos asseguram que:

A prática do Karatê tem diversas funções e tem como características, dentre outras, a formação do caráter, do controle emocional, disciplina, defesa pessoal além de ter uma contribuição significativa no desenvolvimento motor [...] e participa de uma forma global no desenvolvimento das crianças, pelas suas características motoras e sociais, onde a disciplina, o respeito e o autocontrole são ensinados como plataforma no desenvolvimento do caráter do praticante. (SANTOS et al, 2016, pp.3/4).

Ainda nesse mesmo contexto, segundo Oliveira (2015, p. 85), apropriando-se da teoria de Jean Piaget, e de Defontaine, respectivamente, ressalta que “o tempo é a coordenação dos movimentos: quer se trate dos deslocamentos físicos ou movimentos no espaço, quer se trate destes movimentos internos que são as ações simplesmente esboçadas, antecipadas ou reconstituídas pela memória, mas cujo desfecho e objetivo final é também espacial [...]” A referida autora ressalta, ainda que as noções de corpo, espaço e tempo têm de estar intimamente ligadas se quisermos entender o movimento humano. O corpo coordena-se, movimenta-se continuamente dentro de um espaço determinado, em função do tempo, em relação a um sistema de referência.

Quanto ao desenvolvimento da noção da estrutura espacial, por meio do treino do Kata, essa habilidade é desenvolvida pelo Karateka quando o executa, visto que ele exige que se realizem gestos e movimentos em vários lados, para direções diferentes, não feitos aleatoriamente, mas com movimentos, gestos e deslocamentos com distâncias padronizadas, notadamente quando se tratar de uma luta competitiva de Kata por equipe. E isso se constitui uma orientação espacial.

Também ratificando os benefícios à saúde dos praticantes de Karatê, Cartaxo (2013, pp. 172/173), nos trás sua contribuição afirmando que o artista marcial é aquele que busca a qualidade da técnica e o Karatê, como o Judô, o Taekwondo e o Aikido são lutas que têm a

filosofia como forma de educar. O autor ressalta como “benefícios dos jogos de combate na educação física a melhoria e o desenvolvimento cognitivo; a relação de afeto entre os colegas; coordenação motora global; a interação com o grupo; o saber lidar com o medo de lutar; a melhora da concentração; o autocontrole e autoestima; e o respeito mútuo”.

Ademais, abordando sobre os benefícios que o esporte pode proporcionar ao praticante, e nesse mesmo particular o Karatê como uma das ferramentas para melhoria na qualidade de vida, Almeida (2012), nos assegura que ao se desenvolver programas de atividades físicas, é preciso considerar não somente seus benefícios fisiológicos, mas também buscar atender a outros níveis de exigências do ser humano. Tais níveis dizem respeito à necessidade de relacionamento, bem-estar e autoestima. A prática esportiva se apresenta como uma dessas possibilidades, pois o esporte é um fenômeno social e influencia no relacionamento entre os participantes. O autor ressalta também que:

[...] O esporte tornar-se-ia uma estrutura de conciliação do homem nacional com seus limites biológicos. O esporte age, portanto, previamente. Ativa o metabolismo e amplia a capacidade fisiológica para a resistência. Aumenta, inclusive, a capacidade de trabalho e ajuda a evitar a fadiga. Se a exaustão física causada pelo trabalho for combatida antes do aparecimento dos sintomas, o esporte pode tornar-se o grande aliado do homem diante do frenesi do tempo. (ALMEIDA,2012, pp. 108/109).

A prática do Karatê nos auxilia no combate aos hábitos prejudiciais à saúde, proporcionando mudanças comportamentais de extrema necessidade para uma harmonização com o novo estilo de vida que o Karateka deve adotar com os preceitos filosóficos da referida disciplina. Dentre os hábitos prejudiciais à saúde combatidos pelo Karatê elencam-se o tabagismo, o alcoolismo, a má alimentação, uso de drogas, dentre outros. E essas práticas, além do próprio exercício físico, contribuem para a formação de um corpo são e uma mente sana.

D.P.B. confirmou em sua fala que a prática do Kata contribui no desenvolvimento das habilidades motoras coordenação óculo-manual ou visomotora (a destreza manual enquanto coordenação motora fina, a visão, o olhar acompanhando simultaneamente os gestos, os movimentos, golpes ou defesas aplicados ao mesmo tempo e com sintonia).

Nesse contexto, os treinamentos de Kata (forma, luta imaginária), ademais de o atleta desenvolver as aptidões das habilidades de equilíbrio, lateralidade, força, resistência, também contribui para o desenvolvimento dos movimentos formais de ataques, defesas e contra-ataques que, no final de sua execução, termina no mesmo lugar de início. São movimentos exaustivos executados em um momento com tensão muscular e em outro com musculatura relaxada. Isso proporciona aptidão física ao Karateka.

Nos treinamentos de Karatê, em particular do Kata, com o intensivo treinamento e a preparação técnica do corpo, comparando com o que afirma Gonçalves, essas habilidades são resgatadas. Ademais disso, pelos diversos gestos e posturas realizados, os múltiplos movimentos com funções diferentes, durante sua execução, podem também contribuir para o desenvolvimento da coordenação global, notadamente de crianças, conforme nos afirma a teoria de Oliveira (2015), que ressalta:

A coordenação global e a experimentação levam a criança a adquirir a *dissociação de movimentos*. Isto significa que ela deve ter condições de realizar múltiplos movimentos ao mesmo tempo, cada membro realizando uma atividade diferente, havendo uma conservação de unidade de gesto. Quando uma pessoa toca piano, por exemplo, a mão direita executa a melodia, a esquerda o acompanhamento, o pé direito a sustentação. São três movimentos diferentes que trabalham *juntos* para conseguir uma mesma tarefa. Diversas atividades levam a consciência global do corpo, como andar, que é um ato neuromuscular que requer equilíbrio e coordenação; correr, que requer, além destes resistência e força muscular; e outros como saltar, rolar, pular, arrastar-se, nadar, lançar-pegar, sentar. (OLIVEIRA,2015, pp. 41/42).

Ratificando o que afirma a teoria de Oliveira (2015), a maioria desses movimentos são executados pelo Karateka, quando da realização de um Kata, por exemplo: saltar, rolar, arrastar-se e com funções diferentes, como, por exemplo, defesa dupla em níveis diferentes executadas simultaneamente; defesa e ataque e esquiva e contrataque, também executados simultaneamente, todos com funções diferentes. Citamos aqui, como alguns exemplos, os Kata Pian-Shodan; Pian-Nidan; Chinto; Unsu.

Os conhecimentos práticos, empíricos nos mostram que os exercícios e a prática do Karatê, no geral, proporcionam resistência, flexibilidade e equilíbrio em todo o corpo, além da acuidade visual com a habilidade oculomanual ou visomotora, o que facilita ao Karateka na aplicação dos golpes, repetidas vezes com economia de energia (tônus muscular), durante os treinamentos, sem provocar cansaço físico ou exaustão.

O que acima afirmamos está em concordância com o que assegura Molari (2003/2004), quando ressalta que:

Com relação ao desenvolvimento da arte marcial, em particular o Karatê, a flexibilidade auxilia no desenvolvimento das técnicas para o bom andamento da arte, pois um ataque de kizami zuki (soco com a mão que está à frente), mawashi gueri (chute circular), ou uramawashi gueri (chute giratório em reverso) seriam impossíveis sem a eficiência da flexibilidade. Além disso, a flexibilidade contribui para a economia de energia, proporciona melhoria para o desenvolvimento de outras capacidades e habilidades motoras (agilidade, força, velocidade). (MOLARI,2003/2004, p. 26).

Em relação à flexibilidade do corpo, nesta imagem observa-se o golpe de calcanhar, uramawashi, citado por Molari (2003/2004), que exige bastante eficiência, flexibilidade, equilíbrio, habilidade visomotora ou oculomanual e autocontrole do praticante de Karatê.

Figura 4: Demonstração uramawashi-gueri



Fonte: acervo do autor

Ainda, em relação aos benefícios proporcionados pela prática do Karatê, em especial os Kata, tanto para a criança quanto para os adultos, ajudam no desenvolvimento da coordenação motora global.

Nesse contexto, ratifica-se, Oliveira (2015), nos chama a atenção quando afirma:

A coordenação global e a experimentação levam a criança a adquirir *dissociação de movimentos*. Isto significa que ela deve ter condições de realizar múltiplos movimentos ao mesmo tempo, cada membro realizando uma atividade diferente, havendo uma conservação de unidade do gesto. Quando uma pessoa toca piano, por exemplo, a mão direita executa a melodia, e a esquerda o acompanhamento, o pé direito a sustentação. São três movimentos diferentes que trabalham *juntos* para conseguir uma mesma tarefa. (OLIVEIRA,2015, p. 42).

Nesse contexto, enfatizando os benefícios gerados à partir da prática do Karatê, Molari (2003) assegura que “as evidências científicas relatam que o desenvolvimento da aptidão física aumenta a longevidade, afastando os fatores de risco como a hipertensão, a obesidade e o sedentarismo, gerando saúde a uma maior qualidade de vida”. O autor afirma que a prática regular dos Kata de Karatê nos proporciona benefícios diversos e ressalta

Com a prática dos Kata, de 3 a 5 vezes por semana nas aulas de Karatê, os indivíduos melhoram seus níveis de aptidão física, e sua classificação em relação à atividade física habitual, mudando a sua categoria de inativo para moderadamente ativo, ou para ativo, ou para muito ativo [...]. Dessa forma, cada componente da aptidão física relacionada à saúde pode ser desenvolvido, conforme mencionado, através da prática dos Kata de 3 a 5 vezes por semana, nas aulas de Karatê [...]. Uma outra perspectiva de saúde que a prática das atividades relacionadas ao Karatê proporciona, em específico o Kata, é a contribuição para a atividade da vida diária em grupo de terceira idade. (MOLARI,2003/2004, p.25).

Sobre o Kata, com relação à aos outros benefícios psicomotores, D.P.B. afirmou que o seu treinamento pode contribuir para o desenvolvimento da função psicomotora **dissociação de movimento** (ação de executar dois ou mais movimentos, gestos ao mesmo tempo e com funções diferentes). Neste caso, alguns dos exemplos se encontram nos Kata Pian-Shodan (defesa jodan e chudan – duas funções diferentes) ao mesmo tempo; no Kata Chinto, quando o Karateka executa o movimento duplo à frente, apoiado com apenas uma das pernas, enquanto a outra perna levantada executa a função equilíbrio do corpo – portanto, três gestos, movimentos diferentes e com três funções diferentes.

Nos treinamentos de Karatê, mais precisamente quando se executa um Kata, podemos nos ancorar exatamente no que Oliveira (2015) afirma em sua teoria. Como exemplo empírico mencionamos a execução do Kata Chinto (combatente do oriente; flamingo sobre pedra), de origem okinawana de Shuri e de Naha, praticado por faixas pretas de vários estilos.

O referido Kata tem como características a rapidez de seus golpes e, principalmente, seus movimentos e com funções diferentes executados simultaneamente, inclusive, em uma das passagens, com o corpo sustentado por apenas uma das pernas, enquanto o pé levantado se encontra na altura do joelho oposto, na posição *nami-ashi-dachi*, quando executa ao mesmo tempo, a defesa com altura baixa com mão fechada *ken-guedan-barai-uke* para frente, e defesa média altura *ken-chudan-soto-uke* para trás. Em seguida executa outro movimento duplo com funções diferentes, ou seja, uma defesa com o cutelo da mão fechada (*tsuiken-chudan-soto-uke*) e ao mesmo tempo um chute para frente com o pé que se encontrava levantado à frente (*kizami-gueri*). Ressalta-se, portanto, que são unidades de gestos difíceis de execução com eficácia, mas que estimulam o desenvolvimento da coordenação global, do equilíbrio, da habilidade óculo-motora e da *dissociação de movimentos*.

Figura 5: Demonstração de defesa dupla e simultânea com funções diferentes



Esta técnica constitui-se em um exercício para desenvolver a coordenação global e a experimentação para adquirir a habilidade *dissociação de movimentos*, conforme ressalta Oliveira (2015) – com esse gesto, enquanto técnica, o Karateka realizar múltiplos movimentos simultaneamente, com funções diferentes.

No que se refere à saúde geral do corpo, a prática do Karatê pode proporcionar aptidão física (preparo físico), aumentar a longevidade afastando os fatores de risco como a hipertensão (problema de tensão no sangue acima do normal sobre a parede dos vasos de um determinado órgão; má circulação sanguínea; pressão alta), a obesidade (excesso de peso) e o sedentarismo (ausência de atividade física, desânimo para exercitar-se), gerando saúde e uma melhor qualidade de vida. Nesse contexto, D.P.B. nos confirmou empiricamente que são verdadeiras tais afirmações.

São diversos os benefícios à saúde geral do praticante do Karatê com seus tipos de exercícios físicos. Podemos nos respaldar na teoria de Abramoff (2017), que aborda questões relacionadas à medicina preventiva e nos informa que, além da questão do cuidado continuado com a saúde, a hereditariedade contribui com apenas 25% das mortes prematuras, enquanto o estilo de vida má alimentação, tabagismo, estresse, descontrole da pressão arterial e do colesterol, uso de álcool e drogas, práticas sexuais de risco, sedentarismo ou não uso de cinto de segurança é responsável por mais de 63%. E nos chama a atenção para a prática de prevenção nos cuidados da saúde para termos uma longevidade com qualidade de vida.

O autor nos fala de indicativos de envelhecimento saudável, e dentre outras atividades, ressalta a manutenção de atividade física regular; cultivar hábitos nutricionais saudáveis e controle de peso; não fumar nem abusar do álcool. E ressalta:

O Centro de Controle de Doenças e Prevenção (CDC) dos Estados Unidos estima que 80% das doenças cardíacas e dos AVCs, 80% dos casos de diabetes tipo 2 e 40% dos casos de câncer poderiam ser prevenidos se fizéssemos apenas três coisas: interromper o fumo, seguir uma alimentação saudável e manter uma boa forma física. (ABRAMOFF,2017, p. 29).

A vida sedentária pela ausência de exercícios físicos é outro fator que acarreta obesidade e, por conseguinte, infelicidade e diversos tipos de doenças, sendo esse um problema para o Ministério da Saúde do Brasil, onde aproximadamente a metade populacional se encontra com sobrepeso.

Nesse contexto, relembra-se que na prática do Karatê Shorin-Ryu, executa-se o *Zazen* (concentração) na posição Seiza-Dachi (sentado entre os calcanhares), olhos cerrados e com o tronco e coluna vertebral na posição vertical, com a finalidade de esvaziar o corpo dos pensamentos inquietantes, da ansiedade e relaxá-lo junto com a mente.

Citando exemplos teóricos de poráticas saudáveis de alimentação, como um dos instrumentos para a busca de uma saúde corporal, Abramoff (2017) se refere á prática do *Zazen*, enquanto um hábito saudável de controle da alimentação praticado pelo povo okinawano, e ressalta

[...] Na segunda de uma série de palestras sobre a prática do *zazen*, o mestre japonês Yasutani Roshi (1885-1973) aborda a questão da alimentação orientando os discípulos a comer apenas 80% da capacidade do estômago, o suficiente para sustentar um homem. Os outros 20% serviriam apenas para sustentar o médico. Essa prática, atribuída a alguns a Confúcio (551-479 a.C.) é seguida por parte da população de Okinawa, no Japão, a única que tem o conhecimento que adota a autorrestrrição do consumo calórico (cerca de 1.800 kcal/dia). Os adeptos chamam essa prática de *hara hachi bu*, e a cidade que tem o maior registro de centenários do planeta. (ABRAMOFF,2017, p. 34).

Em relação aos outros três destaques entrevistados do Karatê amazonense, federados à F.A.K., os Karatekas B.L.F.P., W.L.C.M. e N.C.M, em face às perguntas serem iguais e as respectivas respostas praticamente foram as mesmas, unânimes em semelhança, não as abordaremos para não se tornar repetitivas e redundante. Ressalta-se, por oportuno, que o quinto destaque da F.A.K., previsto anteriormente para ser entrevistado, o Karateka R.C. não é mais atleta federado, em decorrência da associação FÊNIX, a que ele pertence ter solicitado e efetivado seu desligamento da F.A.K., portanto.

3.3 As principais reflexões dos Karatekas maiores de 18 anos filiados à Federação Amazonense de Karatê e suas contribuições durante as entrevistas

As reflexões dos Karatekas maiores de 18 anos e com três anos ou mais de efetivo treinamento coletadas e devidamente registradas em suas respectivas entrevistas são de tamanha importância e contribuição como uma manifestação empírica de suas atividades cotidianas nos ambientes sociais de treinamentos, de competições e fora deles, pois refletem uma realidade vivida, manifestações estas que nos darão respaldo para dialogar com a teoria científica, baseada nos diversos autores com os quais temos nos amparado, especialmente Norbert Elias, com sua teoria do Processo Civilizador.

Em sua resposta, A.C.B., enquanto a Sensei com vasta experiência na disseminação da arte marcial Karatê e sua filosofia, suas narrativas, enquanto respondente, nos darão uma importante contribuição para nosso trabalho de investigação científica, por meio desta entrevista semiestruturada. Nesse contexto, obtiveram-se os seguintes dados: “os fatores que me motivaram a tomar a decisão de treinar Karatê foram a saúde; defesa pessoal. Sempre

considerarei a saúde como a viga mestra para todas as atividades humanas e a defesa pessoal como meio de resistência contra os violentos.” A.C.B. (2018)

Quando A.C.B, em sua contribuição afirma empiricamente que a saúde, dentre outros, foi um dos motivos pelos quais tomou a iniciativa de treinar Karatê, seu discurso encontra-se em consonância com a teoria, referida pelos diversos autores que nos respaldam nesta pesquisa. Além disso, enfatiza a defesa pessoal como mecanismo de enfrentamento contra a violência.

Em diálogo empírico com o que nos afirma Funakoshi (2014), que enaltece o Karatê treinado da forma antiga e o seu extraordinário poder de ataque, no entanto, ressalta o Karatê esportivo contemporâneo empregado como uma técnica corporal útil aos praticantes, se utilizada de acordo com seus novos princípios e normas, e critica duramente seu uso inadequado, por pessoas despreparadas, como mecanismo de violência, e o autor enfatiza que:

O extraordinário poder de ataque e defesa do Karate-Do é bem conhecido. É uma arte em que é possível defender-se de inimigos com um ataque simples de punho ou de chute, sem armas. O valor da arte depende de quem a aplica. Se sua aplicação for por um bom propósito, então a arte será de grande valor, mas se for mal utilizada, não haverá arte pior e mais danosa que o Karatê. (FUNAKOSHI,2014, p. 22).

Em se tratando da prática do Karatê como um dos mecanismos para obtenção da saúde, o diálogo empírico de A.C.B. com a contribuição teórica Abramoff (2017, p. 13), quando o autor nos relata que “alguns pesquisadores afirmam mesmo que o tripé mais importante de sustentação da saúde é formado por alimentação, exercício físico e interação social”. Ressalta também que atividades físicas regulares devem ser mantidas indefinidamente, como forma de manter a saúde e evitar o aparecimento de inúmeras doenças em consequência, principalmente, de inatividade física e de dieta inadequada. Assim, os exercícios físicos podem ser considerados como atitudes preventivas de doenças.

Nesse contexto, enquanto Karateka, ressalta-se que a prática desses hábitos resulta em diversos benefícios, com ênfase nos esforços para a prática do exercício físico e de bons hábitos alimentares, com uma dieta saudável, para manutenção de uma boa saúde.

Carper (2015, pp. 279/280), nos assegura e destaca “nunca duvide do poder da atividade física para evitar que seu cérebro seja capturado pela patologia e pelos sintomas da demência. Há uma montanha de pesquisas que comprovam isso. [...]. Comer para ter mais chances de evitar o comprometimento de memória e a demência significa fazer a escolhas bem conscientes”.

Ainda, compartilhando com as mesmas ideias empíricas de A.C.B., sobre a prática do Karatê e seus exercícios físicos como benefícios à saúde do Karateka, Molari (2003), em sua

teoria, nos assegura que a prática permanente do Kata, que faz parte do Karatê, proporciona vários benefícios à saúde do praticante de Karatê, e ressalta

Com a prática dos Kata, de 3 a 5 vezes por semana nas aulas de Karatê, os indivíduos melhoram seus níveis de aptidão física, e sua classificação em relação à atividade física habitual, mudando a sua categoria de inativo para moderadamente ativo, ou para ativo, ou para muito ativo [...]. Dessa forma, cada componente da aptidão física relacionada à saúde pode ser desenvolvido, conforme mencionado, através da prática dos Kata de 3 a 5 vezes por semana, nas aulas de Karatê [...]. Uma outra perspectiva de saúde que a prática das atividades relacionadas ao Karatê proporciona, em específico o Kata, é a contribuição para a atividade da vida diária em grupo de terceira idade. (MOLARI,2003/2004, p.25).

Em referência à violência, A.C.B. assegura que não se considerava violento. No entanto, em relação a comportamento, ressalta que “como Karateka depois certo tempo de treinamento, com a prática durante décadas aperfeiçoei o meu comportamento. Conhecer técnicas de luta insere no Karateka maiores responsabilidades no meio social. Karate-ni-sentenashi.” A.C.B. (2018).

Nesse contexto, em sua contribuição teórica, Elias e Dunning (1992, pp. 335/336) se referem aos desportos modernos ressaltando que, apesar de possuírem características de violentos, seus praticantes aprenderam a controlar as pulsões que geram violência durante uma disputa, na perspectiva do desenvolvimento. [...]. Assim asseguram: “[...] Em contraste com os seus antecessores populares, o rãguebi moderno é o exemplo de uma forma de jogo que é civilizada. [...]. A esse respeito, isso é característico dos modernos confrontos do desporto em geral”.

Isso nos respalda para afirmar que houve um avanço, um processo de mudança civilizatória por conta do aprendizado do Karatê, notadamente de suas normas, regras disciplinares, que conscientizam os Karatekas.

Em reforço aos benefícios do Karatê com suas normas disciplinares, e no exemplo empírico de mudança de comportamento declarado por A.C.B., Bandeira (2006, p. 20), apropriando-se da teoria do psicólogo Flores (1978) ressalta, ainda, que:

O Karatê proporciona ao praticante uma forma socialmente aceita de trabalhar a sua agressividade e isto de forma positiva e produtiva. Considera que por um lado a agressividade sendo deslocada para o esporte, ela pouco provavelmente será manifestada sob outra forma dentro da comunidade. Por outro, a agressividade da forma como ela é trabalhada no Karatê também promove a aproximação e a amizade entre os praticantes e o respeito pelo semelhante. Assim, apesar da crença popular, este impulso tão importante, mas mal aceito pela nocividade humana, estreita os laços entre pessoas e não implica necessariamente morte e destruição. (BANDEIRA,2006, p. 20).

Prosseguindo com suas contribuições sobre seu gosto pela prática do Kata e do Kunitê A.C.B. nos assegura: “não sou afeto ao Karatê competitivo, mas treino atletas para esse fim. O meu Karatê é mais abrangente. Busco conhecimento pleno”. A.C.B. (2018)

As afirmações de A.C.B. relatam ser ele adepto do Karatê Budo (caminho do guerreiro), mais voltado para os princípios e ideais filosóficos. Contudo, está dividido com referência a sua necessidade de disseminar técnicas competitivas a seus alunos.

Em relação aos questionamentos seguintes, A.C.B. confirmou que os treinamentos de Kata contribuem para o aprimoramento da percepção, da acuidade visual, na defesa pessoal, no aprimoramento do Zanchin (estado máximo de alerta do Karateka), face a sua diversidade de técnicas e de gestos realizados no decurso de sua execução, na sua prática.

Nesse contexto, efetivamente os Kata ajudam a desenvolver as funções equilíbrio, quando se executa um chute, por exemplo, um kagato-ura-mawashi-gueri (chute circular em reverso com o calcanhar), para atingir a cabeça do adversário, por exemplo, ficando o corpo sustentado por apenas uma das pernas; a função acuidade visual como a capacidade de rapidamente olhar, ver e identificar simultaneamente o ataque ou potencial ataque do adversário (acuidade visual), com uma análise também simultânea da percepção espacial, do tempo que levaria até se aproximar e da distância que se encontra adversário, imaginário ou real, o que estimula a necessidade de aumentar o estado geral de alerta diante do “perigo”, seu adversário; desenvolve as funções da coordenação óculo-manual, dentre outros benefícios ao Karateka.

A função do tempo relaciona-se diretamente com o espaço, para que o Karateka perceba quanto tempo (frações de segundos) levaria para alcançar seu adversário com um golpe pontuável, nas lutas esportivas, antes que ele se antecipe com um contragolpe. Essa análise é feita o tempo todo durante uma luta, tanto no Kata, quando impõe, por exemplo, ritmos mais acelerados nos deslocamentos com ataques, defesas, esquivas ou contrataques, quanto no Kimitê, durante uma luta esportiva, ou real, enquanto defesa pessoal. Essa função bem desenvolvida, também nos auxilia em nossas atividades cotidianas, como por exemplo, atravessar uma rua com a percepção da distância e do perigo que oferecem os veículos em movimento.

Ainda, com referência ao desenvolvimento da função espacial, um Kata começa, é desenvolvida toda sua trajetória, seu desenho geográfico (Embuzen), com gestos e deslocamentos de distâncias precisas de ataques, esquivas, defesas e contrataques, utilizando diversas posturas (Dachi) no plano terrestre e em outras situações fora dele, no ar, como por ocasião dos saltos e, no final, encerrando exatamente no mesmo lugar onde o começou.

Nesse sentido, segundo Oliveira (2015, p. 85), apropriando-se da teoria de Jean Piaget, e de Defontaine, respectivamente, ressalta que “o tempo é a coordenação dos movimentos: quer se trate dos deslocamentos físicos ou movimentos no espaço, quer se trate destes movimentos internos que são as ações simplesmente esboçadas, antecipadas ou reconstituídas pela memória, mas cujo desfecho e objetivo final é também espacial [...]”. A referida autora ressalta, ainda que as noções de corpo, espaço e tempo têm de estar intimamente ligadas se quisermos entender o movimento humano. O corpo coordena-se, movimenta-se continuamente dentro de um espaço determinado, em função do tempo, em relação a um sistema de referência.

Quanto ao desenvolvimento da noção da estrutura espacial, por meio do treino do Kata, essa habilidade é desenvolvida pelo Karateka quando o executa, visto que ele exige que se realizem gestos e movimentos em vários lados, para direções diferentes, não feitos aleatoriamente, mas com movimentos, gestos e deslocamentos com distâncias padronizadas, notadamente quando se tratar de uma luta competitiva de Kata por equipe. E isso se constitui uma orientação espacial.

Neste mesmo contexto os Katas também podem auxiliar no desenvolvimento das praxias, pois executa movimentos intencionais e especializados. Desta forma, ancorado pela teoria, conforme nos assegura Soares (2017), quando ressalta que:

As praxias são sistemas ou conjunto de movimentos específicos do ser humano, cuja característica essencial é a finalidade e a intencionalidade, resultante de uma experiência individual de comportamento integrado à afetividade. Desta forma, as praxias nada mais são que as atividades básicas da psicomotricidade, como os movimentos de locomoção. Por exemplo: andar, correr, saltitar, saltar e outros realizados de forma natural ou especializada. (SOARES,2017, pp. 35/36).

Respalda-se no que afirma Soares (2017), em sua teoria sobre praxia, notadamente sobre os movimentos realizados em saltos, sua finalidade e intencionalidade, bem como os especializados. Na comparação empírica, os movimentos do próprio Kata são todos especializados e intencionais, porque cada um deles tem a finalidade de desenvolver a capacidade de impacto dos golpes, com o aumento da velocidade e a intenção de atingir o oponente, nas competições esportivas, bem como enquanto defesa pessoal.

Ainda, em reforço ao desenvolvimento da noção da espacialidade, Cartaxo (2013, p. 98) nos ampara com sua teoria, quanto comparamos empiricamente esta técnica de treinamento no Karatê com a teoria por ele abordada. O referido autor ressalta que “a orientação espacial depende da interiorização de direita/esquerda que permitirá uma boa direcionalidade, isto é, movimentar-se no espaço circundante.”

Um Karateka têm extrema necessidade de acompanhar os gestos e movimentos de seu oponente, durante as lutas, tanto do Kata quanto do Kumitê, tendo em vista que, face ao nível técnico que hoje se apresenta, a velocidade dos deslocamentos e dos ataques estão cada vez mais aprimoradas. E esse exercício é desenvolvido constantemente no Karatê, tanto que, para acompanhar e registrar precisamente a velocidade dos golpes dos lutadores, quando em disputas oficiais, os árbitros também precisam estar capacitados com estas habilidades, para assim evitarem injustiças, com a possibilidade de enxergarem apenas o golpe que chegou depois, ou seja, o golpe mais lento em relação ao outro competidor.

Também, nesse mesmo contexto empírico em relação à resposta dos conhecimentos práticos de A.C.B., nos ancoramos na teoria abordada por Oliveira (2015, p. 43) quando estem afirma que “a coordenação óculo-manual ou visomotora se efetua com precisão sobre a base de um domínio visual previamente estabelecido ligado aos gestos executados, facilitando assim uma maior harmonia do movimento.”

Sobre sua mudança pessoal nos relacionamentos sociais e influência no seu comportamento face aos treinamentos do Karatê, como outros benefícios resultantes da prática dessa disciplina, A.C.B. nos enfatiza: “acho que sim. Passei a respeitar mais as pessoas em relação às suas limitações, direitos e deveres, etc.” A.C.B. (2018).

Nesse sentido, percebe-se que A.C.B., em sua resposta, está amplamente envolvido com a filosofia do Karatê, notadamente com o Dojokun, os princípios e ideais filosóficos, onde um deles é o respeito acima de tudo. Também, faz parte desse contexto, possuir a virtude paciência, conforme ensinava o saudoso Grão-Mestre Yoshihide Shinzato, representante do grupo formal Shinshukan, que sempre pregava a seus alunos que “a paciência é uma virtude que nós Karatekas devemos ter”.

A esse respeito, para enfatizar um dos princípios de ideais filosóficos mencionados por A.C.B. ressalta-se que o Dojo-Kun se constitui de cinco preceitos únicos, sem hierarquia, Hitotsu (Primeiro, único), conforme nos asseguram Pinto e Matos (2017):

1° - Hitotsu Reigi => Respeito acima de tudo, cortesia, etiqueta, demonstrado para todos, inclusive com o gesto de reverência, ao entrar no Dojo (academia), diante do mestre e ao ficar diante do Kamissama (templo). A hierarquia sempre fez parte do Karatê, o que reflete no comportamento respeitoso aliado à cortesia e à etiqueta social do Karateka;

2° - Hitotsu Shisei => Sinceridade, autenticidade, generosidade, benevolência. A mentira é condenável e contrária aos princípios do Karate, desta forma ser autêntico é ser sincero, é honrar com a palavra, com os compromissos e obrigações;

3° - Hitotsu Dorioku => Esforço, perseverança para formação do caráter, e para atingir objetivos. O karateka aprende a superar as dificuldades físicas durante os treinamentos e, por conseguinte, a conquistar seus objetivos;

4° - Hitotsu Sekinin => Responsabilidade, postura, comportamento adequado em sociedade. O comprometimento com o dever assumido é parte da conduta de um karateka;

5° - Hitotsu Meiro => Alegria, harmonia, amor. Manter-se sempre alegre e feliz em harmonia com a vida, com os que o cercam, contagiando com harmonia o ambiente”. (PINTO; MATOS,2017, p. 125).

Quando passamos a pertencer a novos grupos sociais, também temos a necessidade de nos adequar, de nos adaptar aos seus *habitus* – os costumes e normas de conduta. Nesse contexto, em diálogo com os autores e com sua contribuição, Baumann (2010) ressalta que “transformar-nos, entretanto, exigirá grande esforço contra as expectativas consideradas indiscutíveis por aqueles que nos cercam. Autosacrifício, determinação e persistência tomarão o lugar do conformismo a normas de valores do grupo. [...] É assim que, apesar de nem sempre estarmos conscientes disso, nos tornamos dependentes dela, nos tornamos dependentes dos outros”.

Com referência aos efeitos positivos com a prática do Karatê, notadamente os às mudanças de comportamento, A.C.B., lembrando, em retrospectivo, respondeu: “em situações onde outrora eu resolveria com agressões, hoje prefiro optar por resoluções pacíficas”.

Quando indagado sobre os princípios e ideais filosóficos ensinados no Karatê (Dojokun), A.C.B. ressaltou exclamando: “espera-se que o Karateka ao avançar cada vez mais nos conhecimentos do Karatê, mais pacífico fique. Isso aconteceu comigo”.

A esse respeito, a resposta de A.C.B. é clara e ratifica outra o que anteriormente se aborda, pelo exemplo, as práticas por ele desenvolvidas, envolvendo o Dojokun. Em diálogo com a teoria pela semelhança empírica neste caso, com o que afirma Elias (1993, p. 193) quando se refere sobre o controle social ao autocontrole, bem como à organização da sociedade como forma de “Estado”, criando e impondo normas, ressalta que o processo civilizador constitui uma mudança na conduta e sentimentos humanos rumo a uma direção muito específica. Mas, evidentemente, pessoas isoladas no passado não planejaram essa mudança, essa “civilização”, pretendendo efetivá-la gradualmente através de medidas conscientes, “racionais”, deliberadas.

A aplicação da regra de arbitragem do Karatê contribui de certa forma, para evitar que atos descontrolados possibilitem a ocorrência de acidentes durante as lutas, para melhorar o nível técnico e a sociabilidade do Karateka, que pensando na punição ou na vergonha social passaria em decorrência de uma possível punição, procura evitar o descumprimento das normas com golpes sem técnicas, a extrapolação das pulsões e manter seu autocontrole, sendo esse um dos mecanismos para conter as pulsões, e que objetiva conduzir à passividade dos

competidores. É pertinente entender-se, a partir de Elias (2002, p. 22) que “[...] a conversão das coações exteriores em autocoações [...] a demonstração calorosa de amor”.

Sobre o que afirma A.C.B. confirmando positivamente sobre sua mudança de comportamento resultante da prática do Karatê, Paiva (2015, p. 21), nesse particular nos afirma que [...] “de fato observamos na atualidade que a maioria dos artistas marciais se esforçam para viver sem entrar em conflito praticando para não ter de lutar e preferem demonstrar, de maneira artística a força e beleza de suas técnicas. São motivos para ajudarem a si e os outros a se tornarem seres humanos mais felizes e por isso, alguns autores optaram por utilizar o termo Artes Marciais ao invés de Lutas.”

Em sua contribuição teórica sobre a aplicação da regra, norma de conduta, quando se refere Etnografia do espaço do jogo em comunidades amazônicas, Matos (2015, p. 393) ressalta que “o espaço físico onde se realizam os jogos são delimitados como uma exigência da regra do esporte praticado. Este é um fato, mas independentemente da regra, a natureza vai demarcar a área do jogo que não pode ser na capoeira (vegetação secundária), e muito menos no rio, mas, sim, no campo de futebol, espaço constituído pela união de força motriz – puxirum – provinda dos braços dos humanos.”

O que Matos (2015) nos afirma, refere-se às regras para os jogos, no caso o jogo de bola, são diferentes nas comunidades amazônicas, adequadas àquela realidade, mas criadas e seguidas pelos seus respectivos grupos que, em decorrência de suas necessidades, ou melhor, de sua interdependência, nessa figuração constroem seus espaços próprios, cada um com sua parcela de contribuição. No caso da arte marcial Karatê, que também possui suas regras de conta própria, as mesmas decorrem de um processo civilizatório que vem crescendo e também se adequando às notas realidades, notadamente no momento atual, com o Karatê sendo oficialmente um esporte olímpico.

Ratificando o que afirma Elias (2002) em sua teoria, em relação às afirmações de A.C.B. com referência à aplicação das normas, das regras de arbitragem do Karatê, teoria esta com a qual nos respaldamos também em Retondar (2007, p. 60/61), com o qual dialogamos quando proporciona sua contribuição abordando as regras. O referido autor relata que é muito comum alguns profissionais e mesmo pessoas simples do cotidiano defenderem a importância do jogo ou mesmo brincadeira pelo fato de estas serem capazes de impor limites. E ressalta:

De fato, como já vimos não é possível pensar o jogo sem a presença de regras. Todo jogo possui regras e estas são obrigatórias de serem cumpridas e respeitadas pelos jogadores. [...] O autocontrole, tão necessário e fundador da civilização, se instaura para permitir uma convivência possível entre diferentes indivíduos que aceitam conviver e partilhar juntos suas diferenças numa mesma realidade sem a possibilidade de vigorar barbárie. (RETONDAR,2007, pp. 61/62).

Com referência ao Dojokun, o que se observa, enquanto Karateka, é que no decorrer desse longo processo, algumas normas e regras foram se aperfeiçoando, acompanhando o processo civilizatório, outras, porém conservaram suas tradições. De todos modos, o emprego dessas normas, ratifica-se, visa, dentre outros, o fortalecimento do código de conduta, enquanto princípios éticos e filosóficos para moldar o comportamento dos Karatekas.

Por exemplo, na Shinshukan (academia de Yoshihide Shinzato), todos os Karatekas (professores e alunos) devem recitar, em cada treinamento o Dojo-Kun (conjunto de normas, regras de ideais filosóficos da academia), cotidianamente para sua autoreflexão.

Sobre os referidos princípios e normas, A.C.B. confirmou que estes contribuíram e continuam contribuindo para melhoria de seu relacionamento no lar, na escola, no trabalho, enfim, no cotidiano de suas relações sociais com outras pessoas ou grupos. Nesse contexto, ressaltou que “eu procurei viver esses princípios e isso me proporcionou melhor relacionamento em todos os sentidos sociais.” A.C.B. (2018)

Com os conhecimentos adquiridos, a incorporação das regras, das normas e do Dojokun e, por conseguinte, sua mudança de comportamento, A.C.B. afirma, ratifica-se: que isso lhe proporcionou melhor relacionamento em todos os sentidos sociais trata-se de uma clara evidência de que houve um processo social que evoluiu, por conseguinte, civilizatório e transformador.

Em Elias (2011, p.140) nos amparamos com sua teoria, quanto afirma que, “atualmente o círculo de preceitos e normas é traçado com tanta nitidez em volta das pessoas, a censura, a pressão da vida social que lhes modela os hábitos são tão fortes, que os jovens têm apenas uma alternativa: submeter-se ao padrão de comportamento exigido pela sociedade ou ser excluído da vida num `ambiente decente.’”

Em referência às lutas esportivas, inclusive e principalmente o Karatê, A.C.B. concordou que estas podem ser utilizadas como mecanismos de mudança de comportamento, no enfrentamento contra a violência urbana, e destacou: “todos os esforços na prática na prática do Karatê devem ser vinculados à vida cotidiana. Esforço máximo para produzir melhores resultados, obedecer a regras, etc. Se compreender isso haverá mudança no contexto social.” A.C.B. (2018)

Na contribuição de A.C.B., quando afirma positivamente e faz o destaque, confirma-se empiricamente que, com a aplicação das regras, normas sociais de boas convivências e com o seu cumprimento mudanças no contexto social, evidencia-se que o Karatê pode sim ser utilizado como mecanismo de mudança de comportamento e, desta forma, o praticante passa a

ter a consciência do que é socialmente permitido e considerado como correto nas suas relações sociais com outras pessoas ou grupos.

Por oportuno, ressalta-se um exemplo empírico dessa confirmação, que ocorreu ainda no início do século XX, quando o Karatê saiu do ambiente secreto dos clãs de Okinawa, os Issshi-Soden, que até então era treinado exclusivamente para seu emprego nas lutas belicosas para matar o adversário, no entanto, paradoxalmente, se transformou em um esporte institucionalizado, regido por regras disciplinares para controle da extrapolação das pulsões, como instrumento social a serviço do Estado e do público em geral, ensinado nas escolas de Okinawa.

Conforme assegura o próprio Funakoshi (2014), quando ressalta que

Com o início da era Meiji (1869-1912), o sistema de educação e o sistema de alistamento foram inaugurados, e durante o exame físico dos alistados e estudantes, os jovens praticantes de Karatê eram reconhecidos num relance e impressionavam muito os médicos examinadores pelo desenvolvimento bem equilibrado dos membros e pela musculatura bem definida. Então, algum tempo depois, o comissário das escolas públicas, Shintarô Ogawa, recomendou veementemente em um relatório para o ministro da Educação que se incluísse o Karatê no programa de educação física das escolas normais e da Primeira Escola de Ensino Médio da Prefeitura de Okinawa, como parte da sua formação. Essa recomendação foi aceita e iniciou-se o ensino de Karatê nessas escolas em 1902. Eu me lembro de que foi essa a primeira vez que o Karatê foi apresentado ao público em geral. (FUNAKOSHI,2014, p. 27).

A prática do Karatê com seus benefícios, com suas regras, normas disciplinares, e no exemplo empírico de mudança de comportamento declarado por D.P.B., Bandeira (2006, p. 20), apropriando-se da teoria do psicólogo Flores (1978) ressalta, ainda, que:

O Karatê proporciona ao praticante uma forma socialmente aceita de trabalhar a sua agressividade e isto de forma positiva e produtiva. Considera que por um lado a agressividade sendo deslocada para o esporte, ela pouco provavelmente será manifestada sob outra forma dentro da comunidade. Por outro, a agressividade da forma como ela é trabalhada no Karatê também promove a aproximação e a amizade entre os praticantes e o respeito pelo semelhante. Assim, apesar da crença popular, este impulso tão importante, mas mal aceito pela nocividade humana, estreita os laços entre pessoas e não implica necessariamente morte e destruição. (BANDEIRA,2006, p. 20).

Sobre os treinamentos exaustivos, ou seja, os treinos “puxados”, árdios e dolorosos A.C.B. concordou que eles ajudam sim como resultado positivos, notadamente na obtenção da saúde, na velocidade nos movimentos, melhoria técnica, superação de barreiras físicas e psicológicas. E ressaltou: “para se obter resultados sempre haverá um preço a pagar. Esforço, dedicação, persistência são fundamentais.” A.C.B. (2018).

Sobre esse tema, o saudoso Grão-Mestre Yoshihide Shinzato costumava dizer a seus alunos que reclamavam do alongamento (ginástica completa), “puxada”: “a ginástica completa é a confirmação da saúde de nosso corpo”. Esse alongamento, que leva cerca de

uma hora de treino, prepara efetivamente todo o corpo para qualquer treino posterior, pois mexe com toda estrutura corporal.

Também, a esse respeito, Funakoshi (2014) ressalta que:

É de natureza do Karatê exigir que o corpo se mova em todas as direções, em contraste, por exemplo, à ênfase dada aos braços no remo ou às pernas nos saltos. Não há absolutamente nenhuma necessidade de se preocupar com relação ao desenvolvimento apenas unilateral do corpo no Karatê, e esse desenvolvimento uniforme pode ser considerado um dos benefícios do Karatê. Na maioria dos casos, apenas um ou dois minutos são necessários para executar um Kata. Além disso, se o treino continua, os movimentos ficam mais rápidos e o treinamento como um todo, mais vigoroso, de maneira que se pode fazer um exercício abrangente em um período relativamente curto. (FUNAKOSHI, 2014, p. 29).

Em referência ao cansaço, mencionado na resposta de A.C.B. e, trazendo sua contribuição teórica, pertinente às técnicas de esforço para conquistar e dominar o cansado, por exemplo, o domínio do corpo, Le Breton (2013), nos afirma que “a relação do indivíduo com seu corpo ocorre sob a égide do domínio de si. O homem contemporâneo é convidado a conquistar o corpo, conservar a forma, modelar sua aparência, ocultar o envelhecimento ou a fragilidade, manter sua `saúde potencial (p. 30)”

Ainda, em referência às dores causadas ao corpo em decorrência de atividades físicas exaustivas, no caso dos treinamentos do Karatê, Le Breton (2013, p. 207), ressalta que “a atividade esportiva não exige apenas uma tenacidade e uma aptidão particular a resistir ao esforço e ao cansaço, é também uma luta íntima com o sofrimento, com a tentação quase sempre irresistível de relaxar e viver o êxtase provisório do desmoronamento na pista. Quando o corpo se torna inimigo de qualquer avanço, a ator aceita sua dor [...]”

Em sua visão teórica, nesse mesmo contexto, Elias (1992, p. 79), abordando a questão da excitação em decorrência das emoções geradas na prática do desporto, ressalta que, “o desporto, tal como outras atividades do lazer, no seu quadro específico, pode evocar, através dos seus desígnios, um tipo especial de tensão, um excitação agradável e, assim, autorizar os sentimentos a fluírem mais livremente. Pode contribuir para perder, talvez para libertar, tensões provenientes do *stress*.”

O autor ressalta que as dores e tensões geradas em decorrência da prática exaustiva do esporte, apesar de tudo isso, também provoca o que ele chama de “excitação agradável”, o que funcionaria como combustível para a superação do cansaço ou outras dificuldades, em busca da *performance*.

Sobre a contribuição social que o Karatê pode proporcionar ao seu praticante A.C.B. elencou com destaque algumas delas, quais sejam: “interação, inclusão, compreensão de cidadania, respeito ao próximo, cortesia, etc.” A.C.B. (2018)

Em diálogo com os exemplos empíricos citados por A.C.B., em comparação pela semelhança do caso com a teoria de Elias (1993, p. 193) quando se refere sobre o controle social, bem como à organização da sociedade como forma de “Estado”, criando e impondo normas, ressalta que o processo civilizador constitui uma mudança na conduta e sentimentos humanos rumo a uma direção muito específica. Mas, evidentemente, pessoas isoladas no passado não planejaram essa mudança, essa “civilização”, pretendendo efetivá-la gradualmente através de medidas conscientes, “racionais”, deliberadas.

Por outras palavras, é o que ocorre com o Karatê em relação a algumas pessoas que muitas vezes tomam a decisão de treinar a modalidade não apenas para se defender, mas com a intenção de bater, para promover atos de violência. No entanto, ao tomarem conhecimento dos reais objetivos do Karatê e ao se inserirem nessa nova configuração, nova relação de interdependência, de um lado o Sensei ministrando as aulas práticas e teóricas (filosofia, normas de conduta de boas convivências, regras de arbitragem, etc) e, de outro, o Kohai (novato) que se sente, de certa forma, constrangido e impedido de levar a diante os seus planos iniciais de intencionalidade, e passa a absorver essa nova cultura de não-violência e, como consequência, a mudar seu comportamento. E isso se traduz em uma enorme contribuição ao Karateka e à sociedade.

Agora, nesse novo ambiente social, os Dojos, os indivíduos neles recém admitidos precisam se adequar no contexto do novo grupo, às suas respectivas normas, ao seu *habitus*. Nesse contexto, para Bonnewitz (2003), seguindo Pierre Boudieu,

O *habitus* é simultaneamente a grade de leitura pela qual percebemos e julgamos a realidade e o produto de nossas práticas; estes dois aspectos são indissociáveis. O *habitus* está na base daquilo que define a personalidade do indivíduo. Assim, a filiação social estrutura as aquisições e produz um *habitus* de classe. (BONNEWITZ, 2003, p. 78).

Ainda nesse mesmo contexto, Bonnewitz (2003, p. 82) também ressalta que a “homogeneidade dos *habitus* no seio de um mesmo grupo, que está na base das diferenças de estilos de vida no seio da sociedade, que compreende, a título de exemplo, as opiniões políticas, as crenças filosóficas, as convicções morais, as práticas sexuais, alimentares, indumentárias, culturais, etc.”

A prática de exercícios físicos do Karatê, segundo nos afirma Vianna (2008, p. 2), é um componente essencial nos cuidados com a saúde. A prática controlada do Karate direcionada a educação, ao lazer, ao fitness e a qualidade de vida, pode favorecer a melhoria das grandes funções, a resistência musculoesquelética e a amplitude articular e a coordenação motora geral e específica.

Quanto a prática do Karatê proporciona uma série de benefícios conforme menciona Vianna (2008), ademais de outros autores, como saúde, educação, lazer, qualidade de vida, etc., são outros exemplos de benefícios sociais proporcionados ao cidadão e à sociedade, que inclusive direta ou indiretamente, contribuem com o Estado, evitando que ele, o Karateka, esteja com doenças provocando despesas nos hospitais, nos presídios públicos, causando problemas para a polícia com atos de violência urbana na cidade, etc.

Em referência às questões sociais, enquanto benefício aos seus praticantes, A.C.B. assegurou que a prática do Karatê proporciona inclusão social aos Karatekas, ressaltado: “nos dias atuais o Karatê tem recebido pessoas com problemas diversos. Já há competições para cadeirantes, cegos, surdos, menores infratores, etc.” A.C.B. (2018).

Nesse contexto, a afirmação de A.C.B. reflete os resultados da prática de um esporte institucionalizado com regras, normas de conduta, filosofia e normas disciplinares, que ajudam ao Karateka a refletir e mudar seu comportamento e, por conseguinte, lhe proporcionando novos horizontes e oportunidades no convívio em sociedade. Por oportuno, por sua pertinência, apropriando-me do que afirma Vianna (2008), quando ressalta que “o Karatê proporciona educação, lazer...”, isto é inclusão social.

Grande parte dos Karatekas disciplinados de hoje, outrora, quando ainda não pertenciam aos grupos aonde se inserem hoje, encontravam-se em outra realidade social envolvidos ou potencialmente passíveis a envolvimento com práticas consideradas ilícitas, violentas, aquelas consideradas socialmente não permitidas para a boa convivência dos grupos.

O simples fato de um Karateka, depois de absorver os ensinamentos práticos e filosóficos do Karatê, conquistar a oportunidade de interagir de forma harmoniosa com outros grupos sociais, na academia, nos ginásios em competições locais, regionais e nacionais é inclusão social. E agora, com a modalidade oficialmente sendo esporte olímpico, esses horizontes de oportunidades se abrem mais ainda.

Em resposta à 14ª pergunta, sobre sua contribuição social para a sociedade amazonense, A.C.B. afirmou que “São quase 43 anos entre prática e ensino. Conduzo os participantes pelo caminho da verdade. Sou um espelho para eles. Por isso, preciso estar sempre polido.” A.C.B. (2018)

O professor (a) de Karatê é, por natureza, direta ou indiretamente, um prestador de serviços ao Estado, à sociedade, e muitas vezes de forma anônima e voluntária, nos projetos de cunho sócioesportivo. E, como relata A.C.B., enquanto professor da modalidade, também contribuiu e continua a contribuir com sua importante participação.

Sobre os benefícios à saúde física e mental ao Karateka com a prática do Karatê, A.C.B. confirmou que isso é fato. E ressaltou: “um Sensei não é apenas aquele que vem, dá uma aula e vai embora. Um Sensei ensina técnicas e sobre a vida também.”A.C.B. (2018).

A resposta afirmativa de A.C.B. quando ele afirma que o Sensei ensina técnicas e sobre a vida e, através de seus ensinamentos sobre a vida, dentre outros, nos ratifica que a disseminação das regras de boa conduta, regras de alimentação saudável devem fazer parte do cotidiano de um Karateka. O conjunto: treinamento técnico, normas de conduta e boa alimentação proporcionam saúde do corpo e da mente e, por conseguinte, qualidade de vida.

São diversos os resultados benéficos para a saúde do praticante de Karatê, enquanto atividade física saudável. Nesse sentido, dentro dos treinamentos da modalidade o praticante melhora sensivelmente seu condicionamento físico, que proporciona sua contribuição nas atividades diárias, na labuta, na escola, no humor e nas atividades como resultado de sua prática. Conforme nos assegura Molari (2003/2004, p. 24), quando resalta que “as evidências científicas relatam que o desenvolvimento da aptidão física aumenta a longevidade, afastando os fatores de risco como a hipertensão, a obesidade e o sedentarismo, gerando saúde e uma maior qualidade de vida”.

Nesse contexto, em consonância com o que afirma A.C.B. Santos et al (2016), que se apropriam de Almeida (2006), em sua teoria, quando aborda a importante contribuição da prática do Karatê na formação do caráter, no seu relacionamento, no controle mental e comportamental, dentre outros benefícios, nos asseguram que:

[...] A prática do Karatê tem diversas funções e tem como características, dentre outras, a formação do caráter, do controle emocional, disciplina, defesa pessoal além de ter uma contribuição significativa no desenvolvimento motor [...] e participa de uma forma global no desenvolvimento das crianças, pelas suas características motoras e sociais, onde a disciplina, o respeito e o autocontrole são ensinados como plataforma no desenvolvimento do caráter do praticante. (SANTOS et al,2016, pp.3/4).

Ainda nesse mesmo contexto, segundo Oliveira (2015, p. 85), apropriando-se da teoria de Jean Piaget, e de Defontaine, respectivamente, resalta que “o tempo é a coordenação dos movimentos: quer se trate dos deslocamentos físicos ou movimentos no espaço, quer se trate destes movimentos internos que são as ações simplesmente esboçadas, antecipadas ou reconstituídas pela memória, mas cujo desfecho e objetivo final é também espacial [...]”. A referida autora resalta, ainda que As noções de corpo, espaço e tempo têm de estar intimamente ligadas se quisermos entender o movimento humano. O corpo coordena-se, movimenta-se continuamente dentro de um espaço determinado, em função do tempo, em relação a um sistema de referência.

Sobre a contribuição do treinamento de Kata, A.C.B. em sua contribuição respondeu afirmativamente que seu treinamento contribui para o desenvolvimento das habilidades de coordenação óculo-manual ou visomotora (a destreza manual, enquanto coordenação motora fina e a visão, o olhar acompanhando os gestos, os movimentos – golpes ou defesas – ao mesmo tempo e em sintonia).

Quanto ao desenvolvimento da noção da estrutura espacial, por meio do treino do Kata, essa habilidade é desenvolvida pelo Karateka quando executa um Kata, visto que ele exige que se executem gestos e movimentos em vários lados, para direções diferentes, não feitos aleatoriamente, mas com movimentos, gestos e deslocamentos com distâncias padronizadas, notadamente quando se tratar de uma luta competitiva de Kata por equipe. E isso se constitui uma orientação espacial.

Também ratificando os benefícios à saúde dos praticantes de Karatê, Cartaxo (2013, pp. 172/173), nos trás sua contribuição afirmando que o artista marcial é aquele que busca a qualidade da técnica e o Karatê, como o Judô, o Taekwondo e o Aikido são lutas que têm a filosofia como forma de educar. O autor ressalta como “benefícios dos jogos de combate na educação física a melhoria e o desenvolvimento cognitivo; a relação de afeto entre os colegas; coordenação motora global; a interação com o grupo; o saber lidar com o medo de lutar; a melhora da concentração; o autocontrole e autoestima; e o respeito mútuo”.

Por outro lado, abordando sobre os benefícios que o esporte pode proporcionar ao praticante, como uma das ferramentas para melhoria na qualidade de vida, Almeida (2012), nos assegura que ao se desenvolver programas de atividades físicas, é preciso considerar não somente seus benefícios fisiológicos, mas também buscar atender a outros níveis de exigências do ser humano. Tais níveis dizem respeito à necessidade de relacionamento, bem-estar e autoestima. A prática esportiva se apresenta como uma dessas possibilidades, pois o esporte é um fenômeno social e influencia no relacionamento entre os participantes. O autor ressalta também que:

[...] O esporte tornar-se-ia uma estrutura de conciliação do homem nacional com seus limites biológicos. O esporte age, portanto, previamente. Ativa o metabolismo e amplia a capacidade fisiológica para a resistência. Aumenta, inclusive, a capacidade de trabalho e ajuda a evitar a fadiga. Se a exaustão física causada pelo trabalho for combatida antes do aparecimento dos sintomas, o esporte pode tornar-se o grande aliado do homem diante do frenesi do tempo. (ALMEIDA, 2012, pp. 108/109).

A prática do Karatê nos auxilia no combate aos hábitos prejudiciais à saúde, proporcionando mudanças comportamentais de extrema necessidade para uma harmonização com o novo estilo de vida que o Karateka deve adotar com os preceitos filosóficos da referida disciplina. Dentre os hábitos prejudiciais à saúde combatidos pelo Karatê elencam-se o

tabagismo, o alcoolismo, a má alimentação, uso de drogas, dentre outros. E essas práticas, além do próprio exercício físico, contribuem para a formação de um corpo são e uma mente sana.

Outro fato importante dentro das práticas do Karatê é o benefício gerado a partir dos treinamentos de Kata. Nesse contexto, A.C.B. concordou plenamente sobre os resultados positivos ao praticante assíduo do treinamento de Kata, que pode auxiliar no desenvolvimento da função psicomotora *dissociação de movimentos* (a ação de executar dois ou mais movimentos, gestos ao mesmo tempo e com funções diferentes).

Exemplo para melhor compreensão da pergunta: isso pode ocorrer na saída inicial do Kata Pian-Shodan (defesa jodan e chudan – duas funções diferentes) ao mesmo tempo; o kata Chinto, quando o Karateka executa o movimento duplo de defesa Chudan-Soto-Uke (à retaguarda) e Ken Guedan-Barai Uke à frente, apoiado com apenas uma das pernas, que executa a função de equilíbrio, enquanto a outra fica levantada – portanto, três gestos, movimentos diferentes e com três funções diferentes? A.C.B. respondeu que sim.

Nesse contexto, os treinamentos de Kata (forma, luta imaginária), ademais de o atleta desenvolver as aptidões das habilidades de equilíbrio, lateralidade, força, resistência, se constituem em movimentos formais de ataques, defesas e contra-ataques que, no final de sua execução, termina no mesmo lugar de início. São movimentos exaustivos executados momentos com tensão muscular e momentos com musculatura relaxada. Isso proporciona aptidão física ao Karateka.

Nos treinamentos de Karatê, em particular do Kata, com o intensivo treinamento e a preparação técnica do corpo, comparando com o que afirma Gonçalves, essas habilidades são resgatadas. Ademais disso, pelos diversos gestos e posturas realizados, os múltiplos movimentos com funções diferentes, durante sua execução, podem também contribuir para o desenvolvimento da coordenação global, notadamente de crianças, conforme nos afirma a teoria de Oliveira (2015), que ressalta:

A coordenação global e a experimentação levam a criança a adquirir a *dissociação de movimentos*. Isto significa que ela deve ter condições de realizar múltiplos movimentos ao mesmo tempo, cada membro realizando uma atividade diferente, havendo uma conservação de unidade de gesto. Quando uma pessoa toca piano, por exemplo, a mão direita executa a melodia, a esquerda o acompanhamento, o pé direito a sustentação. São três movimentos diferentes que trabalham *juntos* para conseguir uma mesma tarefa. Diversas atividades levam a consciência global do corpo, como andar, que é um ato neuromuscular que requer equilíbrio e coordenação; correr, que requer, além destes, resistência e força muscular; e outros como saltar, rolar, pular, arrastar-se, nadar, lançar-pegar, sentar. (OLIVEIRA, 2015, pp. 41/42).

Ratificando empiricamente e em consonância com o que afirma a teoria de Oliveira (2015), a maioria desses movimentos são executados pelo Karateka quando da realização de um Kata, por exemplo: saltar, rolar, arrastar-se e com funções diferentes, como, por exemplo, defesa dupla em níveis diferentes executado das simultaneamente; defesa e ataque e esquivas e contra-ataque, também executados simultaneamente, todos com funções diferentes. Citamos aqui, como alguns exemplos, os Kata Pian-Shodan; Pian-Nidan; Chinto; Unsu.

Os conhecimentos práticos, empíricos nos mostram que os exercícios e a prática do Karatê, em contexto geral, proporcionam resistência, flexibilidade e equilíbrio em todo o corpo, além da acuidade visual com a habilidade óculo-manual ou visomotora, o que facilita ao Karateka na aplicação dos golpes, repetidas vezes com as facilidades proporcionadas pela economia de energia (tônus muscular), durante os treinamentos, sem provocar excesso de cansaço físico ou exaustão.

O que acima afirmamos está em concordância com o que assegura Molari (2003/2004), quando ressalta que:

Com relação ao desenvolvimento da arte marcial, em particular o Karatê, a flexibilidade auxilia no desenvolvimento das técnicas para o bom andamento da arte, pois um ataque de kizami zuki (soco com a mão que está à frente), mawashi gueri (chute circular), ou uramawashi gueri (chute giratório em reverso) seriam impossíveis sem a eficiência da flexibilidade. Além disso, a flexibilidade contribui para a economia de energia, proporciona melhoria para o desenvolvimento de outras capacidades e habilidades motoras (agilidade, força, velocidade). (MOLARI,2003/2004, p. 26).

Em relação à flexibilidade do corpo (figura 6), observa-se o golpe de calcanhar, uramawashi, citado por Molari (2003/2004), que exige bastante eficiência, flexibilidade, equilíbrio, habilidade visomotora ou oculomanual e autocontrole do praticante de Karatê, ao aplica-lo em seu adversário durante uma luta esportiva. Vemos, também, na (figura 7), um exercício físico de preparação para a obtenção de flexibilidade.

Figura 6: Demonstração de uramawashi-gueri técnica que exige equilíbrio e flexibilidade



Fonte: acervo do autor

Figura 7: Preparação de técnica de flexibilidade



Fonte: acervo do autor

Ainda, em relação aos benefícios proporcionados pela prática do Karatê, em especial os Kata, tanto para a criança quanto para os adultos, que ajudam no desenvolvimento da habilidade coordenação motora global, *dissociação de movimentos* dentre outros benefícios, temos a contribuição teórica de Oliveira (2015), que dialoga com os exemplos empíricos mencionados, quando nos afirma que:

A coordenação global e a experimentação levam a criança a adquirir *dissociação de movimentos*. Isto significa que ela deve ter condições de realizar múltiplos movimentos ao mesmo tempo, cada membro realizando uma atividade diferente, havendo uma conservação de unidade do gesto. Quando uma pessoa toca piano, por exemplo, a mão direita executa a melodia, e a esquerda o acompanhamento, o pé direito a sustentação. São três movimentos diferentes que trabalham *juntos* para conseguir uma mesma tarefa. (OLIVEIRA,2015, p. 42).

Nesse contexto, Molari (2003) assegura que “as evidências científicas relatam que o desenvolvimento da aptidão física aumenta a longevidade, afastando os fatores de risco como a hipertensão, a obesidade e o sedentarismo, gerando saúde e uma maior qualidade de vida”. O autor afirma que a prática regular dos Kata de Karatê nos proporciona benefícios diversos e ressalta:

Com a prática dos Kata, de 3 a 5 vezes por semana nas aulas de Karatê, os indivíduos melhoram seus níveis de aptidão física, e sua classificação em relação à atividade física habitual, mudando a sua categoria de inativo para moderadamente ativo, ou para ativo, ou para muito ativo [...]. Dessa forma, cada componente da aptidão física relacionada à saúde pode ser desenvolvido, conforme mencionado, através da prática dos Kata de 3 a 5 vezes por semana, nas aulas de Karatê [...]. Uma outra perspectiva de saúde que a prática das atividades relacionadas ao Karatê proporciona, em específico o Kata, é a contribuição para a atividade da vida diária em grupo de terceira idade. (MOLARI,2003/2004, p.25).

Sobre a questão dos benefícios psicomotores gerados a partir dos treinamentos de Kata, A.C.B. respondeu positivamente, ressaltando que, dentre outros, os treinamentos

regulares do Kata contribuem para o desenvolvimento da função psicomotora *dissociação de movimento* (ação de executar dois ou mais movimentos, gestos ao mesmo tempo e com funções diferentes). Temos como exemplos os Kata Pian-Shodan (defesa jodan e chudan – duas funções diferentes) ao mesmo tempo; o Kata Chinto, quando o Karateka executa o movimento duplo à frente, apoiado com apenas uma das pernas, enquanto a outra perna levantada executa a função equilíbrio do corpo – portanto, três gestos, movimentos diferentes e com três funções diferentes, ademais de outros Katas que também podem ser inseridos nesse contexto.

Nos treinos de Karatê voltados para os Kata e seus bunkai, como exemplos empíricos, podemos nos ancorar exatamente no que Oliveira (2015) afirma em sua teoria. Como exemplo prático mencionamos o Kata Chinto (combatente do oriente; ou flamingo sobre pedra), de origem okinawana de Shuri e de Naha, praticado por faixas pretas de vários estilos.

O referido Kata apresenta como características a rapidez de seus golpes e, principalmente, seus movimentos e com funções diferentes executados simultaneamente, inclusive, em uma das passagens, que apresenta gestos com o corpo sustentado por apenas uma das pernas, enquanto o pé levantado se encontra na altura do joelho oposto, na posição *nami-ashi-dachi*, quando executa ao mesmo tempo, a defesa com altura baixa com mão fechada *ken-guedan-barai-uke* para frente, e defesa média altura *ken-chudan-soto-uke* para trás. Em seguida executa outro movimento duplo com funções diferentes, ou seja, uma defesa com o cutelo da mão fechada (*tsuiken-chudan-soto-uke*) e ao mesmo tempo um chute para frente com o pé que se encontrava levantado à frente (*kizami-gueri*). Ressalta-se, portanto, que são unidades de gestos difíceis de execução com eficácia, mas que estimulam o desenvolvimento da coordenação global, do equilíbrio, da habilidade visomotora e da *dissociação de movimentos*.

Semelhantemente podemos observar na figura 8, outro exemplo de *dissociação de movimentos*, quando por ocasião do Bunkai do Kata Pian-Shodan, onde se visualiza uma defesa dupla sendo executada simultaneamente, com funções diferentes, isto é, enquanto uma das mãos do Karateka defende um soco desferido à média altura e outra mão defende um ataque descendente com bastão à altura da cabeça e o terceiro movimento executado, também simultaneamente é a postura dos pés na posição *Neko-ashi-dachi*, em condições de contra-ataque com os pés.

Esta técnica constitui-se um exercício para desenvolver a coordenação global e a experimentação, que gera, como resultado a habilidade *dissociação de movimentos*, conforme

ressalta Oliveira (2015) – com esse gesto, enquanto técnica, o Karateka realiza múltiplos movimentos simultaneamente, com funções diferentes.

Figura 8: Demonstração de defesa dupla e simultânea com funções diferentes



Fonte: acervo do autor

No que se refere à saúde geral do corpo, A.C.B. confirma que a prática do Karatê pode proporcionar aptidão física (preparo físico), aumentar a longevidade afastando os fatores de risco como a hipertensão (problema de tensão no sangue acima do normal sobre a parede dos vasos de um determinado órgão; má circulação sanguínea; pressão alta), a obesidade (excesso de peso) e o sedentarismo (ausência de atividade física, desânimo para exercitar-se), gerando saúde e uma melhor qualidade de vida.

São diversos os benefícios à saúde do corpo dos praticantes gerados pela prática do Karatê, principalmente em decorrência de seus exercícios físicos, das práticas salutares de uma alimentação saudável e do autoconrole contra os vícios permitidos e os não permitidos por lei.

Nesse contexto, podemos nos respaldar na teoria de Abramoff (2017), que aborda questões relacionadas à medicina preventiva, quando nos informa que, além da questão do cuidado continuado com a saúde, a hereditariedade contribui com apenas 25% das mortes prematuras, enquanto o estilo de vida – má alimentação, tabagismo, estresse, descontrole da pressão arterial e do colesterol, uso de álcool e drogas, práticas sexuais de risco, sedentarismo ou não uso de cinto de segurança – é responsável por mais de 63%. E nos chama a atenção para a prática de prevenção nos cuidados da saúde para termos uma longevidade com qualidade de vida.

O autor nos fala de indicativos de envelhecimento saudável, e dentre outras atividades, ressalta a manutenção de atividade física regular; cultivar hábitos nutricionais saudáveis e controle de peso; não fumar nem abusar do álcool. E ressalta:

O Centro de Controle de Doenças e Prevenção (CDC) dos Estados Unidos estima que 80% das doenças cardíacas e dos AVCs, 80% dos casos de diabetes tipo 2 e 40% dos casos de câncer poderiam ser prevenidos se fizéssemos apenas três coisas: interromper o fumo, seguir uma alimentação saudável e manter uma boa forma física. (ABRAMOFF,2017, p. 29).

A vida sedentária pela ausência de exercícios físicos é outro fator que acarreta obesidade e, por conseguinte, infelicidade e diversos tipos de doenças, sendo esse um problema para o Ministério da Saúde do Brasil, onde aproximadamente a metade populacional se encontra com sobrepeso.

Na prática do Karatê Shorin-Ryu, executa-se o *Zazen* (concentração) na posição *Seiza-Dachi* (sentado entre os calcanhares), olhos cerrados e com o tronco e coluna vertebral na posição vertical, com a finalidade de esvaziar o corpo dos pensamentos inquietantes, da ansiedade e relaxá-lo junto com a mente.

Nesse contexto, Abramoff (2017) se refere à prática do *Zazen*, enquanto um hábito saudável de controle da alimentação praticado pelo povo okinawano, e ressalta:

[...] Na segunda de uma série de palestras sobre a prática do *zazen*, o mestre japonês Yasutani Roshi (1885-1973) aborda a questão da alimentação orientando os discípulos a comer apenas 80% da capacidade do estômago, o suficiente para sustentar um homem. Os outros 20% serviriam apenas para sustentar o médico. Essa prática, atribuída a alguns a Confúcio (551-479 a.C.) é seguida por parte da população de Okinawa, no Japão, a única que tem o conhecimento que adota a autorrestrrição do consumo calórico (cerca de 1.800 kcal/dia). Os adeptos chamam essa prática de *hara hachi bu*, e a cidade que tem o maior registro de centenários do planeta. (ABRAMOFF,2017, p. 34).

3.4 As principais reflexões dos Karatekas menores de 18 anos filiados à Federação Amazonense de Karatê e suas contribuições durante as entrevistas

Em resposta à primeira questão, que indaga o que motivou você a tomar a decisão de treinar Karatê, a menor N.C.M.F. respondeu não para saúde, mas sim para defesa pessoal e para as atividades sociais, recreativas. E, em sua explicação resumida a jovem atleta ressaltou que “na época em que iniciei era criança e gostava de praticar vários esportes; meu pai sempre me incentivou à prática de esportes porque sabia que seria necessário que eu aprendesse a me defender desde cedo, porém, nunca vou usar as técnicas como agressão.”

O que se observa em N.C.M.F. é sua preocupação desde cedo, com sua segurança, à necessidade de aprender a se defender, mas com o cuidado em cumprir às regras com o

autocontrole para evitar a extrapolação das pulsões. Também seu gosto pelas atividades sociais esportivas e recreativas e, dos vários esportes que pratica, escolhi o Karatê como seu esporte de preferência, ressaltando a participação de sua família, em especial seu pai, como principal incentivador.

E, diga-se de passagem, N.C.M.F. é uma das atletas destaques da FAK e campeã em várias competições estaduais e, por conta de sua versatilidade, atualmente faz parte da seleção brasileira para as competições nacionais e internacionais. Interessante que a referida atleta possui um vasto conhecimento, apesar de ainda ser adolescente. Consciente de suas responsabilidades como Karateka, que se evidencia quando declara ressaltando: “[...] porém, nunca vou usar as técnicas como agressão.”

Nesse sentido, observa-se que N.C.M.F. encontra-se plenamente alinhada com os princípios filosóficos do Karatê e com suas normas de conduta. Nesse contexto, em diálogo com o que nos afirma Funakoshi²⁵ quando resalta que um Karateka precisa: “esforçar-se para a formação do caráter (disciplina); criar um espírito de esforço, de superação (determinação); respeitar acima de tudo (respeito); conter o espírito de agressão (desapego); fidelidade para com o verdadeiro caminho da razão (honra)”.

Ressalta-se, portanto, a importância das regras, das normas como elementos fundamentais no processo de reeducação, como mecanismo de disciplina, para aquisição do autocontrole, conforme resalta Funakoshi.

Ademais, o estilo Shorin-Ryu, ou Shinshukan possui um juramento que deve ser recitado e cumprido por todos os seus adeptos, normalmente no início das competições. O referido juramento deve ser recitado por todos em voz alta, por ocasião dos eventos:

Comprometo-me a treinar o Karate-Do com o objetivo de aperfeiçoar uma boa técnica, construir um corpo forte e um espírito bem equilibrado. Honrarei o Karate-Do com dignidade e humildade em qualquer situação. Estarei sempre disposto a lutar com justiça em benefício da ordem e da paz. (SHINZATO,2004, p. 11).”

Com referência á questão seguinte, que indaga se antes de começar a treinar Karatê você brigava na rua, no colégio, com o vizinho, o que é respondido que não N.C.M.F., no entanto, relata que brigada sim, mas apenas com seu irmão, mas depois que começou a treinar Karatê passou a ter autocontrole, a controlar suas emoções. Ainda, sobre essa questão, a atleta resalta: “brigava apenas com meu irmão, só que hoje em dia, com o Karatê eu consigo controlar bem mais minhas emoções e ter mais autocontrole, o que me ajuda em diversas situações da vida e como lidar com elas, a adquirir mais maturidade.”

²⁵ Ver <www.academiaparamitta.com>. Acesso em 03.01.2018.

Nesse mesmo contexto, ainda como ressalta Funakoshi, ratifica-se, ratifica-se, o Karateka precisa “esforçar-se para a [...] conter o espírito de agressão” Esse princípio também é reforçado pelo que Elias (2006, p. 37) nos assegura que “o processo civilizador está relacionado á auto-regulação adquirida, imperativa para sobrevivência do ser humano [...], o que significa dizer que, por ter iniciado as práticas do Karatê desde criança, logo a referida atleta absorveu seus princípios e normas como forma de comportar-se adequadamente em sociedade, de acordo com o que é socialmente considerado como correto.

Ainda, a referida atleta também foi influenciada pelos princípios do Dojokun, notadamente nos itens Hitotsu Dorioku (esforço e perseverança para formação do caráter) e Hitotsu Heigi (respeito acima de tudo, cortesia) e Hitotsu Sekinin (responsabilidade, comportamento adequado), conforme nos asseguram Pinto e Matos (2017, p. 125).

Neste contexto, ressalta-se a importância das regras, das normas como elementos fundamentais no processo de reeducação, como mecanismo de disciplina, para aquisição do autocontrole. Além disso, no Karatê Shorin-Ryu, ou Shinshukan há um juramento que deve ser recitado e cumprido por todos os seus adeptos. O referido juramento deve ser recitado por todos em voz alta, por ocasião dos eventos:

Comprometo-me a treinar o Karate-Do com o objetivo de aperfeiçoar uma boa técnica, construir um corpo forte e um espírito bem equilibrado. Honrarei o Karate-Do com dignidade e humildade em qualquer situação. Estarei sempre disposto a lutar com justiça em benefício da ordem e da paz. (SHINZATO,2004, p. 11).”

Em suas respostas aos questionamentos relacionados às mudanças de atitudes, que se trata de uma sequência lógica das indagações anteriores, N.C.M.F. nos afirma que:

De certa forma sim, para melhor, sempre tive meus princípios e caráter bem definidos pelo que me ensinaram em casa, e com o Karatê, foi possível eu entender o momento devido para agir, falar o que penso e analisar as situações de maneira mais cautelosa e paciente, com princípios como posso, devo e quero, como base. (N.C.M.F,2018).

Em sua resposta N.C.M.F. ressalta que após treinamentos por cerca de três anos houve mudança considerável não apenas no sentido técnico competitivo, mas também na sua forma de reflexão, de pensar e ter cautela antes de agir dentre outros princípios, o que denota que ocorreu mudança em seu comportamento.

A convivência constante os Sensei enquanto disseminadores das normas de conduta, de princípios e de ideais filosóficos mais as regras certamente lhe influenciaram nesse período e continuam interferindo positivamente no seu comportamento; no comportamento dos Karatekas em geral, tendo em vista que nessa relação de interdependência, especialmente na figuração de poder relacionada ao contato com constante com as competições, onde o árbitro

está sempre presente para exigir o cumprimento das regras de arbitragem, além das recomendações constantes do Sensei no Dojo, funciona como um mecanismo de controle e, por conseguinte, estimula e molda comportamento.

Assim, os Karatekas passam a estar sujeitos às regras, normas e leis que doravante regulam suas ações e até possibilidades de potenciais ações, no caso das advertências pelo árbitro, antes que ocorram as infrações. Decerto, os árbitros com autonomia relativa em suas ações, agem para manter o controle das lutas esportivas e, por conseguinte, contribuem para moldar comportamentos dos competidores, nesse novo contexto socioesportivo.

Nesse contexto, em relação a mudanças do comportamento humano como regras e normas de convivência em sociedade, não apenas nos esportes, mas em todos os aspectos, Elias (2011, p. 140) nos assegura em sua teoria do processo civilizador que atualmente o círculo de preceitos e normas é traçado com tanta nitidez em volta das pessoas, a censura e pressão da vida social que lhes modela os hábitos são tão fortes, que os jovens têm apenas uma alternativa: submeter-se ao padrão de comportamento exigido pela sociedade é considerada, ou ser excluído da vida “num ambiente decente”. O autor ressalta que:

A criança que não atinge o nível de controle das emoções exigido pela sociedade é considerada como “doente”, “anormal”, “criminosa”, ou simplesmente “insuportável”, do ponto de vista de uma determinada casta ou classe e, em consequência, excluída da vida da mesma. Na verdade, do ponto de vista psicológico, os termos “doente”, “anormal”, “criminosa” e “insuportável” não têm, dentro de certos limites, outro significado. O Modo como são compreendidos varia de acordo com os modelos historicamente mutáveis da formação de afetos. (ELIAS,2011, p. 140).

Em referência à questão que indaga sobre o gosto pelas competições nas categorias Kunitê e Kata, N.C.M.F. respondeu positivamente para as duas categorias. E ressaltou: “gosto de competir; acho que é o que mais me estimula, principalmente os bons resultados. Dedico-me às duas modalidades.” (N.C.M.F. 2018).

O envolvimento com os treinamentos e com as competições de Kunitê e de Kata proporcionam uma série de benefícios aos praticantes, no tocante sua saúde, desenvolvimento psicomotor geral, especialmente da criança e do adolescente, além de manter a musculatura, a força e a velocidade, enfim, o sistema muscular ativo, evitando assim, o aparecimento precoce da velhice durante a vida adulta, da hipotrofia (redução no aumento da fibra muscular) e outros males decorrentes de mau uso do corpo. Nesse contexto, em referência à prática do Karatê, notadamente do Kata, Molari respalda nossas afirmações em sua teoria e ressalta que:

Com a prática dos Kata, de 3 a 5 vezes por semana nas aulas de Karatê, os indivíduos melhoram seus níveis de aptidão física, e sua classificação em relação à atividade física habitual, mudando a sua categoria de inativo para moderadamente ativo, ou para ativo, ou para muito ativo [...]. Dessa forma, cada componente da aptidão física relacionada à saúde pode ser desenvolvido, conforme mencionado,

através da prática dos Kata de 3 a 5 vezes por semana, nas aulas de Karatê [...]. Uma outra perspectiva de saúde que a prática das atividades relacionadas ao Karatê proporciona, em específico o Kata, é a contribuição para a atividade da vida diária em grupo de terceira idade. (MOLARI,2003/2004, p.25).

Com referência às questões relacionadas às obtenção ao desenvolvimento psicomotor da atenção, concentração e aprendizagem na escola; na percepção rápida dos movimentos (reflexos) durante as lutas; nos Kata; no Kunitê; na vida cotidiana nos seus deslocamentos nas ruas, no trânsito, e em outros casos; na sua defesa pessoal, em seu aprimoramento do Zanchin, o estado máximo de alerta nas lutas esportivas, N.C.M.F. nos assegurou positivamente, concordando que esses benefícios são reais em sua vida. E exclamou:

Muito, um grande exemplo é quando entro no tatame para competir, naquele momento é foco total, atenção e determinação, principalmente pela grande responsabilidade de representar o Estado e Brasil. É necessário tudo de si e, para isso é necessário um nível máximo de concentração. (N.C.M.F.2018).

Ratifica-se, o senso de responsabilidade é um dos princípios de ideais filosóficos do Karatê, o Dojokun, conforme menciona N.C.M.F. que sente essa sensação, esse sentimento quando está lutando. Por outro lado, ressalta-se que os outros benefícios como educação como aprendizagem na escola, atenção, acompanhamento rápido dos movimentos, defesa pessoal e o estado de alerta Zanchin, efetivamente são benefícios que os treinos de Kata e de Kunitê proporcionam aos Karatekas.

A flexibilidade do corpo ajuda na velocidade dos gestos, dos movimentos, na resposta imediata dos músculos ao menor sinal do comando cerebral, o tônus muscular, tanto como atacante quanto como defensor, e contribui na desenvoltura para que o Karateka acompanhe os movimentos em sintonia com o olhar e com a defesa, ou o olhar em sintonia com o ataque, isto é, a habilidade visomotora.

Nesse contexto, Molari (2003/2004) em sua teoria nos que para se realizar um golpe de chute como o ura-mawashi-gueri exige-se bastante eficiência, flexibilidade, equilíbrio, habilidade visomotora ou oculomanual e autocontrole do praticante de Karatê.

O que Molari se refere em sua teoria, ocorre na prática do Karatê, notadamente nos treinamentos preparatórios e nas competições esportivas. E, ainda, em relação a outros benefícios proporcionados pela prática do Karatê, em especial o treinamento dos Kata, tanto para a criança quanto para os adultos, ajuda no desenvolvimento da coordenação motora global.

Nesse contexto, Molari (2003) nos assegura que “as evidências científicas relatam que o desenvolvimento da aptidão física aumenta a longevidade, afastando os fatores de risco como a hipertensão, a obesidade e o sedentarismo, gerando saúde a uma maior qualidade de

vida”. O autor afirma que a prática regular dos Kata de Karatê nos proporciona benefícios diversos e ressalta

Com a prática dos Kata, de 3 a 5 vezes por semana nas aulas de Karatê, os indivíduos melhoram seus níveis de aptidão física, e sua classificação em relação à atividade física habitual, mudando a sua categoria de inativo para moderadamente ativo, ou para ativo, ou para muito ativo [...]. Dessa forma, cada componente da aptidão física relacionada à saúde pode ser desenvolvido, conforme mencionado, através da prática dos Kata de 3 a 5 vezes por semana, nas aulas de Karatê [...]. Uma outra perspectiva de saúde que a prática das atividades relacionadas ao Karatê proporciona, em específico o Kata, é a contribuição para a atividade da vida diária em grupo de terceira idade. (MOLARI,2003/2004, p.25).

Em relação às mudanças auto-observáveis após minimamente três anos de prática do Karatê, N.C.M.F. disse que, nesse ínterim melhorou o relacionamento com sua família aumentou seu grupo de amigos, melhorou sua relação com seus professores na escola, na igreja, na academia, com seus vizinhos, em suas notas escolares. Também ressaltou:

Pois adquirimos disciplina, aprendemos a nos comunicar de forma mais saudável, respeitosa e articulada. Consegui ter mais foco nos meus objetivos e nas aulas. Me tornei uma pessoa aberta aos meus objetivos e automaticamente meu círculo de amizade, com colegas de treino e praticantes da arte. (N.C.M.F,2018).

Reperidamente N.C.M.F. aborda em sua fala o princípio respeito, do Dojokun. Ressaltou sempre que adquiriu mais foco, ou seja, melhorou sua concentração nas aulas em geral e no seu relacionamento com a família, aumentou seu círculo de amizade pessoal e em grupo. Melhorou também seu comportamento. Ressalta-se que N.C.M.F. tem competência para assim declarar, face aos seus cinco anos de experiência face à sua dedicação aos treinamentos e participação nas competições, como vencedoras na maioria das vezes.

Aquela questão se complementa com esta, quando N.C.M.F. confirma positivamente que a prática do Karatê proporciona benefícios como melhoria e aumento dos grupos de amizade, contribui para a concentração geral nos estudos, no esporte, nos afazeres em geral; no seu comportamento e conscientização para cumprir as regras, as normas, as leis; na formação de seu caráter, compostura; na saúde de seu corpo e de sua mente saudáveis, gerando mais disposição para estudar, trabalhar, fazer exercício físico, ajudar aos seus pais nos afazeres de casa; a evitar brigas na rua, na escola; ajudar no desenvolvimento de seu crescimento e preparo físico; e a você a ter uma noite de sono mais tranquila nos descansos noturnos.

Além de sua confirmação, N.C.M.F. em sua contribuição também fez questão de exclamar: “O Karatê de forma geral ajuda em diversos aspectos, por impor uma relação de respeito entre os envolvidos, disciplina nos treinos, autocontrole nas lutas devido às regras

imporem isso e exigirem um caráter sério, e honesto, e é uma prática esportiva”. N.C.M.F. (2018).

A saúde tem sido uma das questões que mais ressaltadas pelos Karatekas, que por certo os beneficia, até porque eles dependem dela para apresentarem um bom desempenho nos aprendizados, nos treinamentos não apenas na escola de Karatê, mas também na escola formal e, ao treinar constantemente, automaticamente o Karateka a adquire, isso inclui também o desenvolvimento psicomotor, físico com o crescimento da criança e do adolescente, e uma série de outros benefícios, além do seu bem-estar geral. Também gera responsabilidade e mudança de comportamento, com a consciência social de que as normas, as regras devem ser cumpridas.

Os benefícios que o esporte, e nesse particular o Karatê, pode proporcionar ao praticante, como uma das ferramentas para melhoria na qualidade de vida. Conforme nos assegura Almeida (2012), ao se desenvolver programas de atividades físicas, é preciso considerar não somente seus benefícios fisiológicos, mas também buscar atender a outros níveis de exigências do ser humano. Tais níveis dizem respeito à necessidade de relacionamento, bem-estar e autoestima. A prática esportiva se apresenta como uma dessas possibilidades, pois o esporte é um fenômeno social e influencia no relacionamento entre os participantes. O autor resalta também que:

[...] O esporte tornar-se-ia uma estrutura de conciliação do homem nacional com seus limites biológicos. O esporte age, portanto, previamente. Ativa o metabolismo e amplia a capacidade fisiológica para a resistência. Aumenta, inclusive, a capacidade de trabalho e ajuda a evitar a fadiga. Se a exaustão física causada pelo trabalho for combatida antes do aparecimento dos sintomas, o esporte pode tornar-se o grande aliado do homem diante do frenesi do tempo. (ALMEIDA,2012, pp. 108/109).

A prática do Karatê, por exemplo, auxilia na conscientização da necessidade do atleta possuir uma boa saúde e, por conseguinte, no enfrentamento no combate aos hábitos prejudiciais à saúde, proporcionando mudanças comportamentais necessárias para uma harmonização com o novo estilo de vida que o Karateka deve adotar, com os preceitos filosóficos da referida disciplina. Dentre os hábitos prejudiciais à saúde evitados pelo Karatê elencam-se o tabagismo, o alcoolismo, a má alimentação, uso de drogas, dentre outros. E essas práticas, além do próprio exercício físico, contribuem para a formação de um corpo e de uma mente saudáveis.

Nas questões que indagam sobre se as regras, normas de competição, de higiene, respeito, disciplina aplicadas na academia, nas competições que contribuem para a saúde e para a melhoria do comportamento social dos praticantes N.C.M.F. concordou plenamente

com todos os itens, manifestando seu ponto de vista pessoal, quando afirmou “pois, com as regras a serem cumpridas submetem o atleta automaticamente a fazer uma escolha, e a aplicação de punição caso descumprimento das devidas regras que impõe assim, certa responsabilidade.”

A esse respeito, o que se observa nessa relação de poder com a figuração que se manifesta, de um lado, o árbitro ou o Sensei, e de outro, os alunos competidores sujeitos à aplicação das regras e normas de competição, de comportamento, caso as descumpra.

Ademais, com base na teoria de Elias (2011) ratifica-se que há no processo civilizatório uma diversidade de mecanismos, dentre os quais as regras, normas, leis, como instrumentos direcionadores que conduzem o indivíduo a ser um bom cidadão, por exigência social.

A propósito, para consolidar o que as teorias nos ensinam, e ancorado nelas, semelhantemente o Karatê é regido pela Consolidação das Leis do Karatê (CLK), conforme seu atual Capítulo VIII – da ética e da disciplina, ressalta-se que há também uma preocupação com relação aos aspectos comportamentais do indivíduo praticante do Karatê, que fundamentam e norteiam sua conduta.

Essa prática empírica, por conseguinte, dialoga com a teoria eliasiana (2011, pp. 70-71), que trata da história dos costumes, onde vemos que os indivíduos foram se moldando, readequando seus comportamentos em sociedade pela compreensão do que é socialmente entendido como correto, em cumprimento às normas de comportamento em geral.

Para corroborar com essas afirmativas busca-se Geertz (2015, pp. 32/33), quando ressalta que o ser humano é inteiramente dependente de regras, de normas para reger suas condutas. Desta forma o referido autor propõe duas ideias, para alcançar uma imagem mais exata do homem: a 1ª [...] a ideia de que a cultura seja aplicada como um conjunto de mecanismos de controle (planos, receitas, regras, instruções) [...] para governar o comportamento; a 2ª ideia é de que o homem é precisamente o animal desesperadamente dependente de tais mecanismos de controle, extragenéticos, fora da pele, de tais programas culturais.

Em relação aos treinamentos “puxados”, árduos e dolorosos, N.C.M.F. concordou com tais situações e confirma que os treinamentos que se caracterizam dessa forma ajudam o Karateka a conquistar saúde, aumento da velocidade nos movimentos, melhoria técnica pelo tônus muscular e, por conseguinte, é um meio para aumentar o desempenho pessoal e para superar barreiras físicas e psicológicas.

Em seu comentário particular, N.C.M.F. ressaltou que “o ser humano tem a tendência de agir sob pressão e a não saber como lidar nessas condições, o que exige um esforço maior para saber administrar essa situação e transformá-la em algo positivo.”

Nesse aspecto, mais precisamente em relação à exaustão, à dor corporal causada pelos cansativos treinamentos acima abordados, Le Breton (2013), quando se refere à dor consentida da cultura esportiva, resalta que a atividade esportiva não exige apenas uma tecnicidade e uma aptidão particular a resistir ao esforço e ao cansaço, é também uma luta íntima com o sofrimento, com a tentação quase sempre irresistível de relaxar e viver o êxtase provisório do desmoroamento da pista. E resalta mais ainda:

Quando o corpo se torna inimigo de qualquer avanço, o ator aceita sua dor. Além de suas qualidades atléticas particulares, ele aumenta seu rendimento avançando pouco a pouco no insuportável. O adversário a ser ultrapassado ou o recorde a ser batido nomeia o sofrimento a ser atingido e a ser superado no mesmo movimento. Toda atividade física ou esportiva vai além dos esforços habituais envolve uma negociação pessoal com o limiar de dor suportável. Sempre há uma margem a ser conquistada graças ao treinamento, a métodos psicológicos ou à determinação do caráter. A *performance* é um ponto de referência no continente da dor. Ela confronta com uma experiência dos limites. (LE BRETON,2013, p. 207).

Para uma atleta como N.C.M.F., que começou a treinar desde criança, inclusive inserida em outras modalidades esportivas, as facilidades para enfrentar os obstáculos com os treinamentos exaustivos se tornam menores, pela formação e desenvolvimento de sua estrutura muscular, seu tônus muscular.

Nesse contexto, em diálogo com o que nos referimos empiricamente, Columbá (2017) nos resalta em sua teoria que:

Ao longo da primeira infância a criança vai ampliando em número e qualidade os seus esquemas motores ligados aos mais variados tipos de movimentos. Compreendemos a relevância de um olhar para o tônus, pois ele se apresenta como o alicerce de toda a motricidade. Para que um movimento seja bem executado, necessariamente conjuga a ação dos músculos agonistas e antagonistas num jogo refinado de contração e relaxamento para que ele aconעה de forma cada vez mais autônoma, eficaz e estabilizada. (COLUMBÁ,2017, pp. 36/37).

Esse contexto também está relacionado com o *habitus*, com a cultura de movimentos corporais dos indivíduos, que a Educação Física chama da *esquema corporal*. Columbá (2017, p. 38) também nos proporciona sua contribuição teórica nesses aspectos quando afirma “esses aspectos dizem respeito à utilização e conscientização do corpo e que são experienciados de forma muito particular durante a vida, sobretudo (e claro que não somente) pelas oportunidades no campo das atividades corporais”. Ainda, nesse mesmo contexto, o referido autor resalta, em tom de recomendação que:

[...]Torna-se mais premente espaços educativos em que se favoreça esse desenvolvimento psicomotor. Quanto mais experiência que possam desafiar a

criança a ampliar o seu repertório de habilidades motoras, tomando consciência das suas possibilidades e limites corporais na relação consigo e com o outro, estaremos contribuindo na organização e estruturação do seu esquema corporal. [...] Cada vez que a criança ou o adolescente é confrontado com situações problematizadoras em que precise resolver um desafio e planejar uma ação motora, tendo como ponto de partida os recursos já conquistados, estamos ampliando os seus esquemas motores, a sua consciência das possibilidades desse corpo no espaço. (COLUMBÁ,2017, pp. 39/40).

Por outro lado, é sempre importante que os treinamentos sejam coordenados e controlados pelo Sensei ou pelo técnico dos Karatekas, de modo a observar e a funcionar como um termômetro, para saber o momento certo de continuar mais um pouco e/ou de parar temporariamente os treinamentos, conforme nos assegura Wacquant (2002, p. 165), quando ressalta que “persistir com paciência, esperar sua hora sem relaxar, dosar o esforço no tempo, demonstrar suas expectativas e, ao mesmo tempo, ocultar suas emoções [...]”. Essa estratégia técnica de superação do cansaço e da ansiedade, referida aos boxeadores, também é inerente ao praticante de Karatê, tanto para os momentos das lutas esportivas competitivas, quanto para os treinamentos de preparação técnica.

Também, para os exemplos empíricos mencionados, nos respaldamos em Wacquant (2002, p. 166), quando nos alerta para questões relacionadas aos efeitos negativos dos excessos de treinamentos sem o devido acompanhamento de um técnico ou do Sensei, que deve ter a percepção bem definida nos limites que não devem ser ultrapassados, sob pena de consequências negativas. O referido autor ressalta que:

O esgotamento físico resultante de um excesso de exercícios diminui a vivacidade e o tônus no ringue, aumentando as chances de contusão e de uma interrupção prolongada, e, portanto, de uma falta de treino. Uma parada forçada pode, por sua vez, levar a uma retomada muito acelerada, e, daí, um novo excesso. E assim por diante. (WACQUANT,2002, p. 166).

Em relação ao sono diário, após os treinamentos de Karatê, N.C.M.F. nos afirmou que, dentre os benefícios da prática do Karatê encontra-se a disposição tranquila do corpo para adormecer e nos proporcionar uma noite tranquila de sono. Ademais disso, ao despertar no dia seguinte, o corpo encontra-se disposto para novos treinamentos, para realizar tarefas como trabalho, estudos e outras atividades físicas. Ressaltou enfatizando que: “o Karatê é uma atividade física completa que proporciona benefícios físicos, mentais, psicomotores e psicossociais.”

São questões empíricas que ratificam o que a teoria que os diversos autores afirmaram, em relação aos benefícios resultantes da prática do Karatê, notadamente com relação à saúde física e mental de seus adeptos praticantes.

3.5 As principais reflexões dos pais dos Karatekas menores de 18 anos filiados à Federação Amazonense de Karatê (FAK) e suas contribuições durante as entrevistas

Em seu relato, com referência aos motivos que levaram seus filhos a treinar Karatê, o pai de atletas menores, C.A.R.F.J. exclamou que matriculou seus filhos para aprender defesa pessoal em uma associação filiada à Federação Amazonense de Karatê (FAK), na certeza de que nesse local, além das técnicas de lutas esportivas, seus filhos seriam, como efetivamente o são, inseridos também em atividades sociais, recreativas e esportivas. Por oportuno, no entanto, que seus filhos não eram agressivos antes de começar a treinar e agora, com o Karatê, menos ainda, os quais, depois de se habilitarem tecnicamente, passaram a gostar de competir nas categorias Kata e Kunitê, ressaltando que isso se deve à dedicação do Sensei, por isso, eles desenvolveram o gosto pela competição.

Na sua compreensão enquanto pai, C.A.R.F.J. concorda plenamente que o treinamento de Kata contribui para o desenvolvimento das habilidades percepção, acuidade visual, defesa pessoal e aprimoramento do Zanchin.

Também concorda que após três anos de treinamento de seus filhos percebeu que houve mudança com melhoria nos seus comportamentos junto à família, na escola e no clube social a que pertencem. Explicou resumidamente que “a postura e o comportamento de seus filhos são um diferencial que é sempre elogiado”.

Quando indagado sobre em que momento percebeu que os ensinamentos do Karatê influenciaram na mudança de comportamento social de seus filhos, C.A.F.F.J. exclamou: “quando não mais ocorreram com frequência coisas comuns a qualquer criança gritos, bagunça no quarto, até jogar lixo na rua eles são mais moderados ou não fazem mais”.

C.A.R.F.J. ressaltou também que os princípios e ideais filosóficos do Karatê, o Dojokun, as regras de arbitragem aplicados na academia ou nas competições contribuem para a autodisciplina, autocontrole das pulsões agressivas de seus filhos. Ressaltou que “além do Karatê eles praticam outros esportes de contato como o futebol, e por várias vezes presenciei situações em que eles são provocados, mas não reagem em resposta com agressões.”

Esses mesmos princípios e normas contribuíram, portanto, para que “eles possuam um ótimo relacionamento interpessoal até com pessoas mais velhas.”

Como pai, C.A.R.F.J. considera que a prática do Karatê trouxe benefícios para seus principalmente nos campos da saúde, dos estudos, na disposição para colaboração em atividades domésticas. Melhorou no cumprimento dos horários do descanso noturno (sono), no relacionamento social em casa com os pais e com os irmãos. Ressaltou: “meus filhos

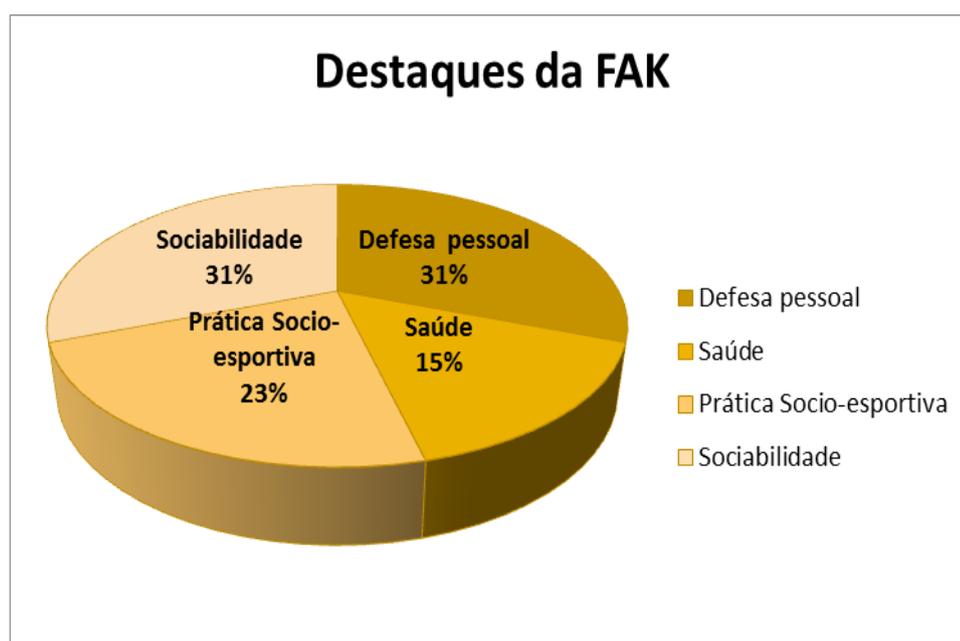
viam para participar de competições durante o ano coletivo. Apesar disso, são ‘alunos méritos acadêmico’, com notas acima de 8 em todas as disciplinas e destaques acadêmicos pelo comportamento.

Ressaltou, por oportuno, que recomendaria outros pais a incentivarem seus filhos a treinar Karatê. E ressaltou com a frase exclamativa: “ao observar os alunos de Karatê, você nota a diferença comportamental! Essa prática, além de contribuir interdisciplinarmente na formação dos jovens também lhes apresenta o conhecimento de outra cultura”.

Tabela -1 Principais motivos que levaram os entrevistados a praticar o Karatê

Categorias/n. de Entrevistados	Motivos que levaram à praticar o Karatê / respostas Principais motivos que levaram a praticar Karatê			
	Defesa pessoal	Saúde	Prática Socio-esportiva	Sociabilidade
Destaques da FAK (4)	4	2	3	4
Karatekas adultos (25)	10	23	6	20
Karatekas menores de idade (5)	5	5	5	5

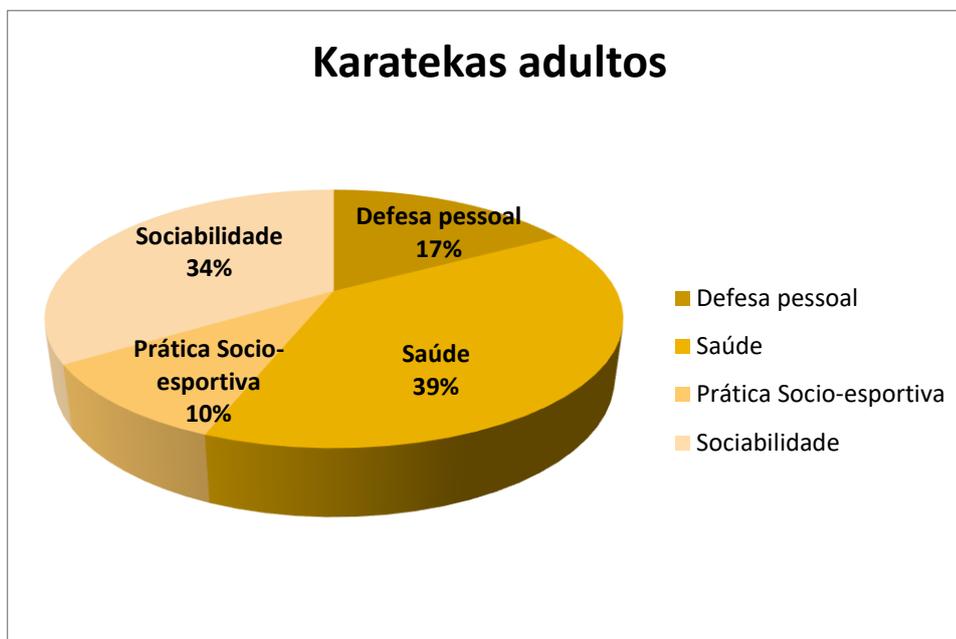
Gráfico 1: Karatekas destaques da FAK



Elaborado pelo autor com base nas entrevistas com os Karatekas

Com a ilustração acima, na categoria destaques, dentre todos os entrevistados pode-se classificar os motivos que levam à prática do Karatê, onde a maioria optou pela defesa pessoal.

Gráfico 2: Karatekas adultos



Com a ilustração acima, na categoria adulto, dentre todos os entrevistados, pode-se classificar os motivos que levam à prática do Karatê, com destaque para a saúde,

Ressalta-se que, além das contribuições que geraram os dados nos gráficos acima em referência ao interesse pela prática do Karatê, semelhantemente também assim o fizeram os Karatekas destaques, os adultos e os menores de idade, elegendo com destaque em suas reflexões, a disciplina, as normas de conduta, os princípios e ideais filosóficos do Karatê, o Dojokun, assim como a mudança de comportamento como principais benefícios proporcionados ao praticante de Karatê.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a realização deste estudo, que teve como base de sustentação teórica principal a teoria do processo civilizador de Norbert Elias, em diálogo com diversos outros teóricos clássicos, ademais de autores locais, juntamente com a pesquisa empírica que investigou a amplitude e a influência do Karatê na vida dos praticantes federados em Manaus, baseado em seus princípios de ideais filosóficos, suas regras e normas de conduta e leis, como importantes mecanismos para moldar comportamentos, com autocontrole e disciplina, para conduzir os Karatekas para o caminho das práticas consideradas socialmente corretas, para convivência pacífica nas suas relações de interdependência, nas novas configurações em sociedade.

Desta forma, elucidamos o que nos propomos com os objetivos geral e específico, evidenciados nas razões da efetiva transformação social com a prática dessa disciplina bem como a melhoria de sua qualidade de vida, tendo a saúde como base, e de sua transformação social. Desta forma, conforme as percepções da maioria dos Karatekas entrevistados - os atores objeto desta pesquisa - compreendemos que a relação da prática da arte marcial Karatê e a cultura da não violência em Manaus consiste, principalmente, na interiorização das normas de conduta, das regras e dos princípios e ideais filosóficos do Karatê, o Dojokun, amplamente disseminado durante os treinamentos nos Dojo, nos ambientes de competições e nas cotidianas convivências sociais dessa categoria. Também, constatamos que essa modalidade proporciona vários benefícios à saúde do corpo do Karateka, auxilia no desenvolvimento das funções cognitivas e psicomotoras, além de proporcionar autoestima, e esses fatores têm sido abraçados como um estilo de vida.

Nas investigações, constatamos ainda que as motivações que levam à prática do Karatê têm como principal razão a busca da saúde do corpo com a prática desta disciplina, o que foi amplamente respaldado em farto diálogo com os exemplos empíricos em diálogos com a teoria no presente trabalho. Registra-se também que os outros motivos evidenciados foram a defesa pessoal, a sociabilidade e a prática socioesportiva.

Nesse contexto, com um olhar retrospectivo, percebemos e ratificamos que houve uma evolução nesse processo contínuo e civilizador, ao visualizarmos desde os remotos tempos em a arte marcial Karatê consistia em treinamentos para as guerras, com objetivos exclusivamente para eliminar seus adversários nos confrontos violentos, fatos estes até então próprios daquela realidade social, mas que, com o passar do tempo, por sua posterior paradoxal transformação social, já no início do século XX, e doravante, quando passa a ter objetivos pacíficos a serviço da educação e da sociedade.

E, no contexto atual, o Karatê enquanto uma prática desportiva transformadora e institucionalizada como esporte olímpica, proporciona diversos benefícios aos Karatekas, notadamente, ratifica-se, os relacionados à saúde do corpo e da mente, desde a juventude até a velhice, gerando qualidade de vida saudável, que por conta disso tem sido adotada como estilo de vida.

Ademais disso, o Karatê é regido por princípios disciplinares e por normas de conduta, que direcionam os seus praticantes às boas maneiras de convivência em sociedade, promove inclusão social e transforma os indivíduos, ressaltando-se mais ainda, nessa atual configuração de relação de interdependência, a oficialização desta modalidade em esporte olímpico, fato este que evidencia o processo civilizatório adentrando e transformando o Karatê e seus adeptos nesse processo evolutivo, que não foi planejado mas que continua seu curso tem tempo para findar.

Ainda, nesse mesmo contexto civilizatório, verificamos, por razões evidenciadas nessa trajetória, que a arte marcial Karatê oferece um horizonte de campo de possibilidades para exploração, enquanto pesquisa científica. Assim, considera-se de primordial importância aprofundar e acompanhar as pesquisas sobre esta modalidade, em instâncias mais avançadas e de forma sistemática, tendo em vista suas potencialidades sociais e esportivas, e seus respectivos resultados poderão ser ampliados em diversas vertentes, a partir dos benefícios até aqui encontrados, e serem empregados em benefício não apenas dos praticantes, mas também da sociedade em geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABRAMOFF, Sergio. **Rejuvenecer: a saúde como prioridade**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

ALMEIDA, Marcos Antonio Bettini de. **Qualidade de vida: definição, conceitos e interfaces com outras áreas de pesquisa**. São Paulo: Escola de Artes, Ciências e Humanidades – EACH/USP, 2012.

ALMEIDA, Maria da Graça Blaya (org). **A violência na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

ÂNDERSON, Perry. **Linhagem do estado absolutista**. Tradução de João Roberto Martins Filho, São Paulo: Brasiliense, 2004.

ANDRÉ, Marli. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

ALMEIDA, Maria da Graça (Org.). **A violência na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

BARAKAT, Mohamad. **Pilares para uma vida saudável**. São Paulo: Pandorga, 2017.

BAÇAL, Selma. **A mobilidade dos desempregados em Manaus**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2010.

BALBINO, F. Agressividade no esporte. In: *Psicologia do esporte: temas emergentes*. Jundiaí: Ápice, 1997.

BALMAN, Zygmunt. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BARBETA, Camila Justino de Oliveira. **Efeitos do Karatê Praticado por Crianças e Adolescentes na Massa Óssea Avaliada pela Ultrassonografia Quantitativa de Falanges**. Campinas/SP: 2015. Dissertação de Mestrado da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, defendida em 2015.

BANDEIRA, Hélio Riche. **Percepção de alunos de karatê sobre a agressividade/violência: aplicações educacionais no ensino de artes marciais**. Porto Alegre/RS, 2006: Dissertação de Mestrado em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, defendida em 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARBOSA, Walmir de Albuquerque. **Lições sobre o cotidiano: a construção teórica para a análise científica do cotidiano**. Manaus: Valer/Fapeam, 2015.

BARROS, João. **Brincadeira e relações interculturais na escola indígena: um estudo de caso na etnia sateré-mawé**. Piracicaba/SP: 2012. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação UNIMEP, defendida em 2012.

BENTO, Jorge Olímpio. **Em nome da educação física e do desporto na escola: legitimação, considerações e orientações pedagógico-didáticas**. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2017.

BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução de Maria J. Alvarez; Sara B. dos Santos; e Telmo M. Baptista. Portugal: Porto Editora, 1994.

BOLETIM DO CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA (CONFED). Ano 20, n. 228, Abril de 2018. Disponível em: <boletim08@ml-veider.listasconfef.org.br>, consultado em 19.04.2018.

BOLETIM DO CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA (CONFED). Ano 20, n. 230, Maio de 2018. Disponível em: <boletim08@ml-veider.listasconfef.org.br>, consultado em 25.05.2018.

BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre sociologia de P. Bourdieu**. Rio de Janeiro/FJ: Vozes, 2003.

BRASILEIRO, Marislei Espíndula. **SUS Saúde Pública no Brasil e a autonomia do enfermeiro**. Goiânia: AB, 2017.

BRUYENE, Paul; HERMAN, Jacques; et al. **Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais**. Editora São Paulo, 1991.

CARPER, Jean. **100 dicas simples para prevenir o Alzheimer**. Tradução de Leila Couceiro. Rio de Janeiro: Sextante, 2015.

CARTAXO, Carlos Alberto. **Jogos de combate : atividades recreativas e psicomotoras : teoria e prática**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE KARATÊ (CBK). Disponível em: <www.karatedobrasil.com/documentos-oficiais>. Acesso em 02 de Outubro de 2017.

CAVICHIOILLI, Fernando. **Lazer e Processo Civilizador: Uma reflexão preliminar em Norbert Elias**. Revista Paranaense de Educação Física. vol. 1, n. 1, Maio, 2000.

COLUMBÁ, Jorge Felipe. **Capoeira e psicomotricidade : brincando e aprendendo a jogar**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2017.

COSTA, Marco Antonio. **Projeto de Pesquisa: entenda e faça**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

CHÁNCHEZ VÁSQUEZ, Adolfo. **Filosofia da prax**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

Da NÓBREGA TP et al. **Compreensões de corpo na educação física: análise de conteúdo das revistas EPS (França) e RBCE (Brasil)**. Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte: Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 38, n. 3, p. 227-234, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbce/v38n3/0101-3289-rbce-38-03-0227.pdf>.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. **Condição Humana**. Rio de Janeiro: DIFEL Difusão Editorial, Ltda., 1985.

_____. **Escritos & Ensaio; 1:Estado, processo, opinião pública**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

_____. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. **Envolvimento e alienação**. Traduzido do inglês por Álvaro de Sá. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. **A solidão dos moribundos, seguido de, envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difusão Editorial Ltda., 1992.

ESTATUTO DO DESARMAMENTO. Ver site: https://pt.wikipedia.org/wiki/Estatuto_do_Desarmamento. Consultado em 01 de Fevereiro de 2018.

FOUCAUT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**, Petrópolis: Vozes, 1987. disponível em catálogo coletivo - coleção biblioteca 2.enado.gov.br.

FUNAKOSHI, Gishin. **Karate-Do Kyohan: o texto mestre**. Tradução Wagner Bull, São Paulo: Cultrix, 2014.

FROST, Tiago e MAZO, Janice. **Repensando a história do Karatê contada no Brasil**: Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 297-312, abr./jun. 2011. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?source=hp&ei=XdJwWriUFYv4wATzn5mQAO&q=Repensando+a+hist%C3%B3ria+do+Karat%C3%AA+contada+no+Brasil>. Acesso em: 30 de Janeiro de 2018.

FUNAKOSHI, Gishin. **Karate-Do Kyohan: o texto mestre**. Tradução Wagner Bull, São Paulo: Cultrix, 2014.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

GUIMARÃES, Glendy. **Aspectos da teoria do cotidiano: Agnes Heller em perspectiva**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

GUIMARÃES, Marcos e Guimarães, Fernando. **O caminho das mãos vazias**. Belo Horizonte – MG: Imprimatur Editora e Gráfica Ltda, 2000.

GONÇALVES, Maria Augusta. **Sentir, pensar, agir – corporeidade e educação**. Campinas/SP: Papyrus, 1994.

BUENO, Fábio. **Grandes Mestres das Artes Marciais**. Bueno Editora, 6ª Edição.SP, 2014.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

HIRANO, Sedi. (Org.). **Pesquisa Social: projeto e planejamento**. São Paulo: EDUSP, 1979.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

HOMMA, Alfredo et al. **Imigração japonesa na Amazônia: contribuição na agricultura e o vínculo com o desenvolvimento regional**. Manaus: Edua, 2011.

INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADAS (IPEA). Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=30253>. Acesso em 02 de Outubro de 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=130260>. Acesso em 02 de Outubro de 2017.

ISSAMU, Yamashiro. **Imigração okinawana no Brasil: 90 anos desde Kasato Maru**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

ITO I.H et al. **Prática de Artes Marciais e Densidade Mineral Óssea em Adolescentes de Ambos os Sexos**. Sociedade de Pediatria de São Paulo: Revista Paulista de Pediatria, v. 34, n. 2, p. 210-215, 2016. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.1016/j.rppede.2015.09.003>>

JOCIMAR, Daolio. **Da cultura do corpo**. Campinas/SP: Papyrus, 2013.

KISHIMOTO, Tizuko. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2011.

Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 38, n. 3, p. 227-234, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbce/v38n3/0101-3289-rbce-38-03-0227.pdf>.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas/SP: Papyrus, 2003.

LE BRETON, David. **Antropologia da dor**. Tradução Iraci D. Poleti. São Paulo: Fap-Unifesp, 2013.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Tradução Fábio dos Santos Creder Lopes. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.

LÜDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LUCENA, Célia T; CAMPOS, Maria S.S.: **Pesquisa em Ciências Sociais: olhares de Maria Isaura Pereira de Queiroz**, São Paulo: CERU, São Paulo, 2008.

MARTINS, J. de Souza, 1938. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**, São Paulo, Contexto, 2008.

MATOS, Gláucio. **Ethos e figurações na hinterlândia amazônica**. Manaus: Editora Valer, 2015.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MILLS, Waight. **Do Artesanato Intelectual. In a imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

MOLARI, Mário. **A contribuição dos katas do karatê na saúde e qualidade de vida de grupos populacionais**. Londrina/PR: UNOPAR Cient., Ciênc. Biol. Saúde, v.5/6, n.1, p.23-27, 2003/2004. Disponível em: <pgsskroton.com.br/seer/index.php/JHealthSci/article/viewFile/1632/1564>. Consultado em 15.05.2018.

NEGREIROS, Maria e BARBOSA, Rita Maria. **Etnocultura física: visão pedagógica curricular da etnia Sateré-Mawé**. Curitiba/PR: CRV, 2012.

NEVES, Eduardo. **História da Amazônia antes do descobrimento**. Manaus: IPHAN, 2005.

OLIVEIRA, Gislene de Campos. **Psicomotricidade: educação e reeducação num enfoque psicopedagógico**. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

OLIVEIRA, José. **Cidades brasileiras: territorialidades, sustentabilidade e demandas sociais**: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

PAIVA, Leandro. **Olhar clínico nas lutas, artes marciais e modalidades de combate**. Manaus: OMP EDITORA, 2015.

PAULA, Geraldo. **Karatê: esporte : tática & estratégia**. São Paulo: IBRASA, 1996.

PEDON, Ivo. **O ensino do karatê por meio de jogos e brincadeiras : uma perspectiva cultural**. Piracicaba/SP: UNIMEP, 2014.

PREFEITURA DE MANAUS (14 jan. 2010). Lei Municipal 1.401/2010 - Cria bairros e consolida a delimitação dos bairros de Manaus. Portal Educação. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/medicina/kata-a-essencia-da-arte/64760>>. Acesso em 2 de Outubro de 2017.

PINTO, Antônio; SOARES, Artemis. **GT5-009 Práticas corporais e sociais em uma comunidade amazônica** in: 4º Encontro de Políticas Públicas para a Pan-Amazônia e Caribe, 2017, Boa Vista RR. Anais do EPPAC 2017 4º Encontro de Políticas Públicas para a Pan-Amazônia e Caribe 4º EPPAC. Manaus.BR: EPPAC, 2017, v.3, p.1-16. Disponível em: [<http://www.eppac.com.br/anais>]

PINTO, Antônio; MATOS, Gláucio. **Karatê: uma arte marcial para disciplina, distanciamento e autocontrole**. Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos, [S.I.], v. 16, n. 2, p. 115-133, dez. 2017. ISSN 2316-4123. Disponível em: <http://www.periodicos.ufam.edu.br/somanlu/article/view/3962>>. Acesso em: 25 jan. 2018.

PINTO, João et al. **Alterações cinemáticas da motivação e presença de alvo – o caso do Gyaku Tsuki**. *Salutis Scientia – Revista de Ciências da Saúde da ESSCVP*, v.1, nov. 2009. Disponível em <www.salutisscientia.esscvp.eu>. Acesso em 19 jun. 2018.

REID, Howard; CROUCHER, Michael. **O Caminho do Guerreiro: o paradoxo das artes marciais**, São Paulo: Editora Cultrix, 1983.

RETONDAR, Jeferson. **Teoria do jogo: a dimensão lúdica da existência humana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

REVISTA DO INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DO AMAZONAS. Fase IV, Ano II, nº 6. Manaus: Editora Grafisa, 2015.

RIBEIRO, Odenei de Souza. **Tradição e modernidade no pensamento de Leandro Tocantins**. Manaus: Editora Valer, 2015.

RODRIGUES, Aroldo. **Psicologia Social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SALDIVA, Paulo. **Vida urbana e saúde**. São Paulo: Contexto, 2018.

SANTOS, V.F. et all. **Benefícios da prática do karatê para crianças de 07 a 11 anos**. Colider/MT: FACIDER Revista Científica, Colider, n. 8, 2006. Disponível em: <seicensucol.edu.br/revista/index.php/facider/issue/view/10/showToc>.

SALVADOR, Ângelo D. **Método e Técnicas de Pesquisa Bibliográfica**, Porto Alegre: Sulina, 1986.

SCHERER, Elenise. **Baixas nas carteiras: desemprego e trabalho precário na Zona Franca de Manaus**. Manaus: EDUA, 2005.

SHINSHUKAN Edição Especial de Aniversário. Santos, SP: Bueno Editora, nº 01, nº 01, 2012.

SHINZATO, Yoshihide. **Kihon da União Shorin-Ryu Karate-Do Brasil**. São Carlos, SP: Suprema, 2004.

SILVA, Marilene Corrêa. **Metamorfose da Amazônia**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1999.

SOARES, Artemis de Araújo. **Ginástica rítmica**. Manaus: Editora Valer, 2017.

SOARES, Artemis (Org.). **Efeitos dos eventos esportivos nas práticas tradicionais**. Manaus: UFAM, 2015.

SOARES, Artemis et. al. (Org.). **Diagnóstico do esporte e lazer na Região Norte brasileira**. Manaus: Edua, 2011.

SOARES, Artemis e TEIXEIRA, Neiza. **O corpo: olhares diversos**. Manaus: EDUA, 2016.

TOMOO, Handa. **O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil**. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1987. Acesso em 27.11.2017, disponível em: www.karatedobrasil.com/confederação

VÁSQUEZ, Adoldo Sánchez. **Filosofia da práxis**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

VIANNA, José. **Karatê: da arte marcial à qualidade de vida**. RJ: UERJ Departamento de Desportos Coletivos (DESCO), 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/228606707_Karate_da_arte_marcial_a_qualidade_de_vida

VIEIRA, Salomon Décio. **A maravilhosa incerteza: pensar, pesquisar e criar**, SP: Martins Fontes, 2000.

WACQUANT, Loïc J.D. **Corpo e alma : notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

YAMASHIRO, José. **História da cultura japonesa**. São Paulo: IBRASA, 1986.

YAZBEK, Maria. **Classes subalternas e assistência social**. São Paulo: Cortez, 2015.

YAMASHIRO, Issamu e SAKIMA, Tatsuo. **A Imigração Okinawana no Brasil (1908-1998)**. São Paulo: Associação Okinawa Kenjin do Brasil, 2000. Disponível em: <http://www.budokan.com.br/historia/okinawa.htm>

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2015.

http://www.google.com.br/seach?dcr=0&ei=RsyFWpyIOMKwg.S6mbvYDw&q=Ryukyu&gs_I=psy-ab.3.0Ill.3

GLOSSÁRIO

Ague: Ascender, subir

Dangai: Grau inferior de Karatê (de faixa branca à marrom)

Dan: Grau superior de faixa preta

Dojo: Área de treinamento; academia

Embuzen: Desenho geométrico de um kata

Gakussei: Aluno

Gueri: Perna, pé

Haiaku: Rápido, ligeiro

Heinin: Homem do povo; camponês; cidadão; plebeu.

Hiki-Ashi: Deslocamento com os pés para frente

Isshi-Soden: Grupo fechado, geralmente pertencente a um clã, uma família.

Kagato: Calcanhar

Kimê: Força de impacto do movimento

Kohai: Novato

Kumitê: Luta, combate esportivo

Mawashi: Circular, giratório

Sempai: Veterano

Sensei: Professor mais experiente e com autoridade

Shiai-Kumitê: Luta com regras

Taissabaki: Esquiva

Ura: Dorso, inverso, outro lado

APÊNDICES

ROTEIRO DE QUESTIONAMENTOS DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM OS PRATICANTES DE KARATÊ (KARATEKAS) COM IDADES IGUAIS OU SUPERIORES A 18 ANOS

Pesquisador: Antônio Lima Pinto

Data:

Público Alvo: Praticantes de Karatê (Karatekas) filiados à Federação Amazonense de Karatê (FAK).

Dados do entrevistado:

Nome do Entrevistado: _____

Contato, tel.: (92) _____

Email: _____

Formação: _____

Profissão: _____

Naturalidade: _____

Estado Civil: _____

Data de nascimento: _____

Data de início da prática do Karatê: _____

Nome da associação: _____

Estilo: _____

Professor: _____

Graduação do professor: _____

QUESTIONÁRIO DA ENTREVISTA

1 - O que o, ou quais fatores o motivaram a tomar a decisão de treinar Karatê? Melhoria e manutenção da saúde pessoal: Sim () Não (); Defesa pessoal: Sim (); Não (); Atividade social, esportiva e recreativa: Sim () Não (). Explique resumidamente sua resposta:

02 - Você se considerava violento, agressivo, tipo “pavio curto” antes de tomar a decisão de começar a treinar Karatê? Sim (); Não (). Em caso positivo, atualmente você ainda se considera assim? Sim (); Não ().

03 - A que ou a quem você atribui essa mudança, ou não, de comportamento? Explique resumidamente sua

resposta: _____

04 - Você, enquanto Karateka gosta de competir, ou não? Caso positivo em qual (is) das categorias: Kata () ou Kunitê (). Em qualquer dos casos, explique resumidamente sua resposta:

05 - Na sua compreensão enquanto Karateka, o Kata (luta imaginária) contribui para o aprimoramento da percepção? Sim (); Não (). Da acuidade visual? Sim (); Não (). Na defesa pessoal? Sim (); Não (). No aprimoramento do Zanchin (estado máximo de alerta do Karateka)? Sim (); Não ().

06 - Após minimamente três anos de prática de Karatê, você entende que houve mudança social em seu comportamento pessoal, melhorias nos seus relacionamentos sociais? Explique resumidamente sua resposta:

07 - Em que momento ou situação você percebeu que os ensinamentos do Karatê influenciaram na mudança de seu comportamento? Ou não houve mudança? Explique resumidamente sua resposta:

08 - Os princípios e ideais filosóficos ensinados no Karatê (Dojokun) e as normas (regras de arbitragem), no Dojo (Academia), nos treinamentos ou na arbitragem durante as competições, contribuíram para sua autodisciplina, seu autocontrole das pulsões agressivas, na melhora de seu relacionamento em convivência social? Sim (); Não (). Explique resumidamente sua resposta:

09 - Esses mesmos princípios e normas do Karatê contribuíram, ou não, para melhoria de seu relacionamento no seu lar, na escola, no trabalho, enfim no cotidiano de suas relações sociais com outras pessoas ou grupos? Explique resumidamente sua resposta:

10 – As lutas esportivas podem ser utilizadas como mecanismo de provável mudança nos comportamentos sociais no enfrentamento contra a violência urbana? E neste caso o Karatê poderia ser utilizado? Sim (); Não ().

- Caso você tenha marcado SIM na resposta anterior, marque com um “X” nas lacunas a seguir, o que proporcionaria essa mudança de comportamento? Os árduos treinamentos?

Sim () Não; (). A aplicação das regras, regulamentos, normas, a rigidez da disciplina, do autocontrole e nos exaustivos treinamentos? Sim (); Não (). As competições? Sim (); Não (). Resumidamente explique sua resposta:

11 – Os treinamentos “puxados”, árduos e dolorosos ajudam o Karateka a conquistar saúde, velocidade nos movimentos, melhoria técnica, superar barreiras físicas e psicológicas?

Sim (); Não (). A aprender, no seu cotidiano, a perseverar, a persistir em busca de seus objetivos? Sim (); Não (). Comente resumidamente sua resposta, se assim o desejar.

12 – Em sua experiência enquanto Karateka, qual a contribuição social que o Karatê pode proporcionar ao seu praticante?

13 – Em sua análise, a prática do Karatê pode proporcionar inclusão social aos seus praticantes? () Sim; () Não. Explique sua resposta de forma resumida.

14 – Como Karateka Graduado, qual sua contribuição para a sociedade amazonense, em especial aos praticantes desta disciplina?

15 – A prática do Karatê proporciona saúde física e mental aos seus praticantes?

Sim (); Não (). Explique sua resposta resumidamente.

16 – O treinamento de Kata pode contribuir para o desenvolvimento das habilidades de coordenação oculomanual ou visomotora (a destreza **manual**, enquanto coordenação motora fina e a **visão, o olhar** acompanhando os gestos, os movimentos - golpes ou defesas - ao mesmo tempo e em sintonia)?

Sim (); Não ().

17 – O treinamento do Kata pode ajudar no desenvolvimento da função psicomotora **dissociação de movimentos** (a ação de executar dois ou mais movimentos, gestos ao mesmo tempo e com funções diferentes)?

Exemplo para melhor compreensão da pergunta: isso ocorre na saída inicial do Kata Pian-Shodan (defesa jodan e chudan – duas funções diferentes) ao mesmo tempo; o Kata Chinto, quando o Karateka executa o movimento duplo de defesa Chudan-Soto Uke (à retaguarda), Guedan-Barai-Uke à frente, apoiado com apenas uma das pernas, enquanto a outra perna levantada executa a função equilíbrio do corpo – portanto, três gestos, movimentos diferentes e com três funções diferentes.

Sim (); (Não) ().

18 – No que se refere à saúde geral do corpo, a prática do Karatê pode proporcionar aptidão física (preparo físico), aumentar a longevidade, afastando os fatores de risco como a hipertensão (problema de tensão do sangue acima do normal sobre a parede dos vasos de um determinado órgão; má circulação sanguínea; pressão alta), a obesidade (excesso de peso) e o sedentarismo (ausência de atividades físicas, desânimo para exercitar-se), gerando saúde e uma maior qualidade de vida?

Sim (); Não ()

19 – Algo mais que queira acrescentar a respeito dos benefícios, ou não, que a prática do Karatê, com seus princípios e normas, proporciona a você?

Manaus/AM,/...../.....

Antônio Lima Pinto
Pesquisador

**ROTEIRO DE QUESTIONAMENTOS DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA
ESPECÍFICO PARA PAIS OU RESPONSÁVEIS POR KARATEKAS MENORES COM
IDADES DE 10 A 17 ANOS**

Pesquisador: Antônio Lima Pinto

Data da entrevista: ____/____/____

Entrevistado: Pai ou Responsável do Praticante de Karatê (Karateka) filiado à Federação Amazonense de Karatê (FAK)

Dados do entrevistado:

Nome do Entrevistado: _____

Endereço: _____

Pai () ou () Responsável? Contato: Telefone: (92) _____

Email: _____

Formação: _____

Profissão: _____

Naturalidade: _____

Estado Civil: _____

Data de nascimento: _____

Data de início da prática do Karatê: _____

Nome da associação: _____

Estilo: _____

Data de

Início: _____

Nome do Professor de seu filho: _____

Graduação do Professor de seu filho: _____

QUESTIONÁRIO DA ENTREVISTA

1 - O que o motivou, ou quais os fatores que o motivaram a levar seu filho (a), ou o menor pelo qual o senhor (a) é responsável, a treinar Karatê? Melhoria e manutenção da saúde pessoal: Sim () Não (); Defesa pessoal: Sim ();

Não (); Atividade social, esportiva e recreativa: Sim () Não (). Explique resumidamente sua resposta, se assim o desejar.

_____ 2 – Seu filho (a) era agressivo antes de tomar a decisão de começar a treinar Karatê? Sim (); Não (). Em caso positivo, atualmente ele (a) ainda é assim? Sim (); Não (). A que ou a quem você atribui essa mudança, ou não de comportamento? Explique resumidamente sua resposta:

03 – Seu filho (a) gosta de competir, ou não? Caso positivo, em qual (is) das categorias: Kata () ou Kunitê () . Caso negativo, qual o motivo? Explique resumidamente sua resposta:_____

04) Na sua compreensão enquanto pai (mãe) ou responsável de um Karateka, o Kata (luta imaginária) contribui para o aprimoramento da percepção de seu filho (a)? Sim (); Não (); De sua acuidade visual? Sim (); Não (); Na sua defesa pessoal? Sim (); Não () Em seu aprimoramento do Zanchin (estado máximo de alerta do Karateka)? Sim (); Não () .

05 - Após minimamente os primeiros três anos de prática de Karatê, você entende que houve mudança no comportamento social de seu filho (a) na família, na escola, no clube, na vizinhança? Sim (); Não (). Explique resumidamente sua resposta:_____

_____06 - Em que momento ou situação você percebeu que os ensinamentos do Karatê influenciaram na mudança do comportamento social de seu filho (a)? Ou não houve mudança? Explique resumidamente sua resposta:_____

_____07) Os princípios e ideais filosóficos ensinados no Karatê (Dojokun) e as normas (regras de arbitragem), no Dojo (Academia), nos treinamentos ou na arbitragem durante as competições, contribuíram para sua autodisciplina, autocontrole das pulsões agressivas de seu filho?

Sim (); Não (). Explique resumidamente sua resposta:_____

08) Esses mesmos princípios e normas contribuíram, ou não, para relacionamento social do seu filho no seu lar, na escola, no cotidiano de suas relações sociais com outras pessoas ou grupos? Explique resumidamente sua resposta:

09) Como pai ou responsável, você entende que a prática do Karatê trouxe para seu filho algum tipo de benefício? Saúde: Sim (); Não (). Estudos: Sim (); Não (); Mais disposição para estudar: Sim (); Não (); Mais disposição para ajudar nos afazeres domésticos: Sim () Não; Melhorou o sono: Sim () Não (); Melhorou no relacionamento social em casa com os pais, os irmãos: Sim () Não (). Cite alguns exemplos, resumidamente.

10) Você recomendaria a outros pais ou responsáveis a matricular seus filhos para treinar Karatê? Explique sua resposta resumidamente.

11) Há algo mais que você, enquanto pai ou responsável por Karateka, gostaria de acrescentar?

Manaus/AM,/...../.....

Antônio Lima Pinto
Pesquisador

ROTEIRO DE QUESTIONAMENTOS DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA
ESPECÍFICO MENORES DE 10 A 17 ANOS DE IDADE

Pesquisador: Antônio Lima Pinto

Data da Entrevista: ___/___/___

Dados do Menor Entrevistado:

Nome: _____

Data de nascimento: ___/___/___

Nome do pai/mãe () ou responsável () pelo menor: _____

Endereço: _____

Telefone: _____

Email: _____

Nome da Associação que Treina: _____

Nome do Professor: _____

Graduação do Professor: _____

Estilo: _____

QUESTIONÁRIO DA ENTREVISTA

1. - O que motivou você a tomar a decisão de treinar Karatê?

Melhoria e manutenção da saúde pessoal: Sim () Não (); Aprender defesa pessoal: Sim () Não (); Para se inserir em atividade social, esportiva e recreativa: Sim () Não ().

Explique resumidamente sua resposta: _____

2. - Antes de treinar Karatê você brigava na rua, no colégio, ou com seus irmãos ou irmãs em casa? Na rua com os colegas vizinhos: Sim (); Não (); Na escola: Sim (); Não (); Em casa com os irmãos/irmãs Sim (); Não (). Nos casos de respostas SIM, atualmente você ainda continua fazendo isso? Sim (); Não (). Explique resumidamente: _____

3. Após aproximadamente três anos de prática contínua de Karatê você percebe que mudou suas atitudes (forma de pensar e de agir), diferentemente de antes de você treinar Karatê? Caso tenha mudado, para melhor ou pior, explique resumidamente a que ou a quem você atribui essa mudança de comportamento? _____

04 – Você gosta de competir? Sim (); Não (). Caso “SIM”, em qual (is) das categorias: Kata () ou Kunitê (). Explique resumidamente sua resposta:

05 - Na sua compreensão, o Karatê o ajuda na sua atenção, concentração e aprendizagem na escola?

Sim (); Não (). Na sua percepção rápida dos movimentos (reflexos) durante a luta, ou na sua vida cotidiana nos seus deslocamentos pelas ruas, no trânsito, e em outros casos?

Sim (); Não (). Na sua defesa pessoal? Sim (); Não (). Em seu aprimoramento do *Zanchin* (estado máximo de alerta) nas lutas esportivas)? Sim (); Não ()

Caso queira, dê exemplos:

06 – Após minimamente os primeiros três anos de prática de Karatê, você entende que houve melhora no seu relacionamento com sua família; aumentou seu grupo de amigos; melhorou sua relação com seus professores na escola, na igreja, na acadêmica, com seus vizinhos; em suas notas escolares? Sim (); Não (). Explique resumidamente sua resposta:

07 – Marque nas lacunas sua resposta sincera: O Karatê proporciona benefícios como melhoria e aumento dos grupos de amizade?: Sim () Não (). Ajuda na concentração geral nos estudos, no esporte, nos afazeres em geral? Sim () Não. Ajuda no seu comportamento e conscientização para cumprir as regras, os regulamentos, as normas, as leis? Sim (); Não (). Ajuda na formação de seu caráter, compostura? Sim (); Não (). Ajuda na saúde de seu corpo e de sua mente, com mais disposição para estudar, trabalhar, fazer exercícios físicos, ajudar os seus pais nos afazeres de casa? Sim (); Não (). Ajuda a você a evitar brigas na rua, na escola? Sim (); Não (). Ajuda no desenvolvimento de seu crescimento e preparo físico? Sim (); Não (). Ajuda a você a ter uma noite de sono mais tranquila? Sim () Não ().

Caso queira, comente resumidamente suas respostas.

08 - As regras, normas de competição, de higiene, respeito, disciplina aplicadas na academia, nas competições ajudam a melhorar o comportamento social dos praticantes de Karatê?

Sim (); Não (). Explique resumidamente sua resposta, se desejar.

09 – Em relação aos treinamentos “puxados”, árduos e dolorosos:

9.1 ajudam o Karateka a conquistar saúde - Sim (); Não ().

9.2 aumenta a velocidade nos movimentos- Sim (); Não ().

9.3 produz melhoria técnica - Sim (); Não ().

9.4 é um meio de superar barreiras físicas e psicológicas? (); Não ().

9.5 Auxiliam a aprender no seu cotidiano, a perseverar e a persistir em busca da conquista de seus objetivos? Sim (); Não ();

Faça comentários resumidamente, se desejar acrescentar em suas respostas.

10- Após os treinamentos de Karatê você tem uma noite de sono tranquilo? Sim () Não ().

11 – Com os treinamentos do Karatê você sente seu corpo mais disposto para realizar tarefas como trabalho, estudo e outras atividades?

Sim () Não ()

12 – O que você poderia acrescentar a respeito dos benefícios, ou não da prática do Karatê?

Manaus/AM,/...../.....

Antônio Lima Pinto
Pesquisador

ANEXOS



Contribuição do Parecer: 2.468.208

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1010940.pdf	11/12/2017 18:16:17		Aceito
TCE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Tce.pdf	11/12/2017 17:57:16	Antonio Lima Pinto	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto.pdf	17/10/2017 22:26:49	ANTONIO LIMA PINTO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projetodetalhado.pdf	17/10/2017 22:21:39	ANTONIO LIMA PINTO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MANAUS, 26 de Dezembro de 2017

Assinado por:
Eliana Maria Pereira da Fonseca
 (Coordenador)

Endereço: Rua Tenente, 495
 Bairro: Adrianópolis
 UF: AM Município: MANAUS
 Telefone: (02)3305-1181 CCF: 09.057-070
 E-mail: cepufam@gmail.com